

**RAYMOND CHANDLER**

**O SONO ETERNO**

Eram mais ou menos onze horas da manhã, aproximadamente na metade do mês de outubro; o sol estava encoberto e a visão clara que eu tinha das colinas era sinal de que uma chuva pesada se aproximava. Eu estava usando meu terno azul-claro, com camisa azul-escuro, gravata e um lenço no bolso superior do paletó, sapatos pretos de sola grossa ao estilo irlandês e meias de lã pretas com bordados azul-escuro perto dos tornozelos. Estava bem vestido, limpo, recém-barbeado e sóbrio, não que me importasse com a opinião das pessoas. Mas era a perfeita imagem de um detetive particular bem-vestido. Afinal, o homem que eu ia visitar valia quatro milhões de dólares.

O salão de entrada da casa dos Sternwood era tão alto que chegava ao segundo andar. Acima das portas de entrada, largas o bastante para dar passagem a uma tropa de elefantes hindus, havia um grande vitral que mostrava um cavaleiro-andante de armadura escura resgatando uma dama amarrada a uma árvore, completamente nua, mas convenientemente coberta por seus longos cabelos. O cavaleiro tinha aberto a viseira de seu elmo para mostrar que era uma pessoa bem-educada e estava se esforçando para desatar os nós que prendiam a donzela à árvore, aparentemente sem muito sucesso. Eu fiquei parado ali e pensei que, se morasse naquela casa, mais cedo ou mais tarde ia tentar subir até o vitral a fim de ajudá-lo. Ele não parecia estar se esforçando tanto como devia.

Havia grandes portas envidraçadas de cima a baixo na parte de trás do saguão e além delas um vasto gramado cor de esmeralda que se estendia até uma garagem pintada de branco, em frente à qual um chofer jovem, esbelto e moreno, com botas pretas e brilhantes, estava polindo um conversível Packard de cor castanho-avermelhada. Além da garagem, havia algumas árvores ornamentais, podadas tão cuidadosamente como o pelo de um cachorro poodle. Um pouco mais adiante, uma grande estufa com o teto abobadado. E depois, mais árvores que se estendiam até o perfil sólido, irregular e confortável das colinas.

Do lado leste do salão de entrada, uma escadaria de azulejos sem corrimão subia até uma galeria com uma balaustrada de ferro trabalhado sobre a qual se abria outro vitral em estilo romântico. Grandes cadeiras duras com assentos arredondados de pelúcia vermelha tinham sido encostadas nos espaços vazios da parede. Davam a impressão de que nunca ninguém havia sentado nelas. No meio da parede do lado oeste, havia uma grande lareira vazia, com uma tela protetora de latão composta por quatro painéis presos por dobradiças; acima da lareira, uma chapa de mármore com um pequeno cupido em cada canto. Acima dela,

uma grande pintura a óleo e, sobre esta, dois galhardetes de cavalaria perfurados por balas ou roídos de traças se cruzavam dentro de uma moldura de vidro. O retrato era uma pose rígida e artificial de um oficial em uniforme de gala, datando mais ou menos da época da guerra contra o México. O oficial ostentava um cavanhaque negro e bem-cuidado, bigodes negros e olhos duros e ardentes que pareciam feitos de carvão, dando-lhe o aspecto de um homem que não valia a pena contrariar. Achei que seria o avô do general Sternwood. Dificilmente poderia ser o próprio general, embora eu tivesse ouvido dizer que ele já estava bastante avançado em idade para controlar duas filhas na perigosa casa dos vinte anos.

Eu ainda estava contemplando os olhos negros e ardentes quando uma porta se abriu sob a escadaria. Não era o mordomo retornando. Era uma garota.

Ela deveria ter uns vinte anos, pequena e delicada, mas com um aspecto resistente. Usava calças esporte azul-pálido, que lhe caíam muito bem. Caminhava como se estivesse flutuando. Seus cabelos eram uma onda fina e delicada de um tom de castanho-dourado, cortados muito mais rentes que a moda da época, em estilo pajem, com a ponta das mechas curvada para dentro. Seus olhos eram cinza-ardósia e me fitaram quase sem expressão. Chegou perto de mim e sorriu entreabrindo os lábios, mostrando dentinhos afiados e predatórios, tão brancos como a membrana que fica por dentro da casca de uma laranja fresca e tão brilhantes que pareciam feitos de porcelana. Eles luziam entre seus lábios finos e esticados demais. Mas seu rosto era descorado e não parecia muito saudável.

— Puxa, como você é alto! — disse ela.

— Olhe, não foi de propósito.

Seus olhos se arregalaram. Ela estava confusa. Estava pensando. Mesmo tendo acabado de conhecer a garota, já dava para ver que, na opinião dela, pensar seria sempre uma coisa muito chata.

— Você é bonito, também — disse ela. — Tenho certeza de que sabe disso.

Como resposta, soltei apenas um grunhido.

— Qual é o seu nome?

— Reilly — disse eu. — Doghouse Reilly

— Mas que nome mais engraçado...

Ela mordeu o lábio e girou um pouco a cabeça, de modo a me olhar pelo canto dos olhos. Depois, baixou os cílios até que quase acariciassem as faces e lentamente os foi erguendo de novo, como uma cortina de teatro. Eu ainda veria esse truque muitas vezes. Ela pensava que ia me fazer rolar no chão com as quatro patinhas no ar.

— Você é lutador profissional? — perguntou ela, depois que se convenceu de que eu não ia cair de quatro.

— Não exatamente. Sou um detetive particular.

— Um... um...

Ela sacudiu a cabeça com raiva e a linda cor do cabelo reluziu na fraca luminosidade do grande salão.

— Você está é se divertindo à minha custa.

— Que nada...

— O quê?

— Corta essa, menina — disse eu. — Você ouviu muito bem o que eu disse.

— Você não disse nada. Só está querendo me provocar.

Ela pôs um polegar na boca e deu uma mordidinha. Era um polegar de um formato muito estranho, fino e estreito como se fosse um dedo a mais, sem nenhuma curva na primeira articulação. Ficou mordendo e chupando o polegar lentamente, girando-o dentro da boca como se fosse uma chupeta de nenê.

— Você é alto mesmo — disse ela. Então deu uma risadinha, como se recordasse de alguma coisa secreta e divertida. Depois girou o corpo lenta e agilmente, sem levantar os pés do chão. Deixou os braços se afrouxarem ao longo do corpo. Começou a se balançar na ponta dos pés e aí inclinou-se para o meu lado. Caiu de costas, diretamente em meus braços. Tive de agarrá-la, caso contrário ia rachar a cabeça contra o assoalho marchetado. Segurei-a por baixo dos braços e no mesmo instante ela afrouxou completamente as pernas. Tive de abraçá-la bem apertado para não deixá-la cair. No momento em que sua cabeça encostou em meu peito, ela a retorceu como se fosse presa em um parafuso e soltou outra risadinha:

— Você é uma gracinha — falou sem parar de rir. — E eu também sou uma gracinha.

Eu não disse nada. E foi bem nesse momento que o mordomo achou conveniente retornar através das portas envidraçadas e me pegou com ela nos braços.

Não pareceu ficar lá muito incomodado. Era um homem alto e magro, com cabelos prateados e uns sessenta anos de idade. Tinha olhos azuis tão distantes quanto pode ser um olhar. Sua pele era lisa e lustrosa e se movia como um homem que tivesse os músculos perfeitamente em forma. Caminhou lentamente pelo assoalho em nossa direção e a moça desgrudou-se de mim com um salto. Correu pelo saguão como um corisco, chegou ao pé da escadaria e subiu por ela como se fosse uma corça. Antes que eu pudesse respirar fundo e soltar de novo a respiração, ela já tinha desaparecido.

O mordomo falou com uma voz sem expressão:

— O general vai vê-lo agora, sr. Marlowe.

Levantei o queixo, que tinha caído quase até encostar no peito, e fiz-lhe um aceno com a cabeça:

— Quem era essa?

— É a srta. Carmen Sternwood, senhor.

— Vocês deviam desmamá-la. Acho que já tem idade.

Ele me olhou com uma expressão muito grave e muito polida e repetiu o que havia dito.

Atravessamos as portas envidraçadas e seguimos por um caminho calçado de lajes lisas e vermelhas que contornava o gramado do lado oposto à garagem. O chofer com cara de menino estava polindo agora um grande sedã negro e cheio de cromados que havia acabado de tirar da garagem. O caminho nos conduziu até o lado da estufa, onde o mordomo abriu uma porta e ficou de lado para me dar passagem. A porta se abria para uma espécie de vestibulo que estava quase tão quente como um forno a fogo lento. Ele entrou depois de mim, fechou a porta externa, abriu uma porta interna e atravessamos essa também. Foi então que ficou quente de verdade. O ar estava espesso, úmido, cheio de vapor, carregado com o cheiro enjoativo de orquídeas tropicais em plena floração. Tanto as paredes como o teto de vidro estavam totalmente embaciados e grossas gotas de umidade pingavam sobre as plantas. A luz tinha uma coloração esverdeada e irreal, como a luz filtrada pelas paredes de um aquário. As plantas enchiam o recinto de ponta a ponta, mais parecendo uma floresta, com folhas carnudas e nojentas e hastes que pareciam dedos de cadáveres recém-lavados. Soltavam um cheiro tão forte quanto álcool fervendo debaixo de um cobertor.

O mordomo fez o melhor que pôde para me ajudar a atravessá-las sem que suas folhas empapadas me batessem no rosto; depois de algum tempo, chegamos a uma clareira no meio do jângal, justamente embaixo da abóbada. Ali, em um espaço recoberto por lajotas sextavadas, tinha sido colocado um velho tapete turco de cor vermelha, e sobre este havia uma cadeira de rodas e, sentado nela, um homem velho, que parecia estar à beira da morte, observava a nossa chegada com um par de olhos negros cujo brilho morrera há muito tempo, mas que ainda possuía a firmeza dos olhos de carvão do retrato pendurado acima da lareira no salão de entrada. O resto de seu rosto era uma máscara de chumbo, os lábios sem sangue, o nariz adunco, as têmporas afundadas e os lóbulos das orelhas voltados para fora que anunciam o começo do fim. Seu longo corpo estreito estava enrolado — com todo aquele calor — em um cobertor de viagem e um roupão de banho de um vermelho desbotado. Suas mãos finas, que mais pareciam garras, estavam dobradas frouxamente sobre o cobertor, mostrando as unhas roxas. Algumas mechas de cabelos brancos e ressecados prendiam-se ao couro cabeludo, como flores silvestres lutando pela vida sobre um penhasco desnudo.

O mordomo parou à frente dele e disse:

— Este é o sr. Marlowe, general.

O velho não se moveu, nem falou, nem ao menos balançou a cabeça em aquiescência. Simplesmente ficou me contemplando com aqueles olhos sem vida. O mordomo empurrou uma cadeira de vime coberta de umidade contra a parte de trás de minhas pernas e eu sentei. Ele pegou meu chapéu com um gesto que revelava muita prática.

Então o velho buscou sua voz do fundo de um poço e disse:

— Conhaque, Norris. Como o senhor prefere?

— De qualquer maneira.

O mordomo afastou-se por entre aquelas plantas abomináveis. Então o general falou de novo, lentamente, utilizando sua força com extremo cuidado, do mesmo modo que uma atriz desempregada usa seu último par de meias boas.

— Pois eu gostava de tomar conhaque com champanhe. Tomava o champanhe tão frio como Valley Forge de madrugada e misturava um terço de conhaque. Pode tirar seu casaco, senhor. Aqui é quente demais para um homem que ainda tenha sangue nas veias.

Levantei-me e tirei o casaco, mas primeiro peguei o lenço e enxuguei o rosto, o pescoço e os pulsos. Nem St. Louis no mês de agosto, bem no meio do verão, conseguiria competir com aquele lugar. Sentei-me de novo, bati nos bolsos automaticamente em busca dos cigarros, mas parei em seguida. O homem percebeu o gesto e mostrou um sorriso desmaiado:

— Pode fumar, senhor. O cheiro do tabaco me agrada.

Acendi o cigarro e soprei uma baforada em sua direção. Ele fungou como um fox-terrier farejando um buraco de rato. O sorriso desmaiado retorceu os cantos de sua boca no escuro das rugas.

— Bonita situação, quando um homem só pode satisfazer seus vícios de segunda mão — disse ele ironicamente. — Você está olhando para tudo o que restou de uma vida que já foi muito alegre; sou um aleijado, com ambas as pernas paralisadas e apenas metade do intestino. Posso comer muito pouco e meu sono é tão leve e tão parecido com estar acordado que é até uma piada dizer que eu durmo. Acho que sobrevivo principalmente absorvendo o calor, como se fosse uma aranhazinha recém-nascida. Essas orquídeas são apenas um pretexto para manter todo esse calor. Você gosta de orquídeas?

— Não particularmente — respondi.

O general semicerrou os olhos:

— São umas coisas nojentas. Sua carne é muito parecida com carne humana. Seu perfume tem a doçura podre de uma prostituta.

Arregalei os olhos e fiquei de boca aberta. O calor macio e úmido nos envolvia como uma mortalha. O velho balançava a cabeça, como se seu pescoço tivesse medo de suportar o peso dela. Então o mordomo voltou através do jângal, empurrando um carrinho de chá, preparou um conhaque com soda para mim, enrolou um guardanapo úmido no balde de cobre que trazia o gelo e retirou-se

discretamente pelo meio das orquídeas. Uma porta se abriu e fechou por trás da selva.

Tomei um golezinho da bebida. O velho ficou me olhando fixamente, lambendo os lábios, movendo o lábio superior devagar contra o outro, tão absorto como se estivesse em um funeral, como um agente funerário lavando as mãos a seco.

— Conte-me alguma coisa a seu respeito, sr. Marlowe. Acho que tenho o direito de pedir-lhe.

— Claro que sim, mas há muito pouca coisa a contar. Tenho trinta e três anos, já estive na faculdade e sei falar inglês corretamente quando é necessário. Só que, na minha profissão, raramente preciso. Trabalhei como investigador para o sr. Wilde, o Promotor Público. O principal investigador dele, um homem chamado Bernie Ohls, me telefonou e disse que o senhor queria falar comigo. Não sou casado, porque não gosto das mulheres dos policiais.

— E é também um pouco cínico — sorriu o velho. — Você não gostava de trabalhar para Wilde?

— Fui despedido. Por insubordinação. Tiro notas muito altas em insubordinação, general.

— Foi o que sempre aconteceu comigo, senhor. Folgo em sabê-lo. O que você sabe sobre minha família?

— Segundo me contaram, o senhor é viúvo e tem duas filhas jovens, as duas bonitas e ambas incontroláveis. Uma delas já foi casada três vezes; a última vez foi com um ex-contrabandista de bebidas conhecido no meio pelo nome de Rusty Regan. Foi só o que escutei, general.

— Alguma coisa lhe pareceu estranha?

— Talvez a parte que se refere a Rusty Regan. Mas eu sempre me dei muito bem com contrabandistas de bebidas.

Ele deu aquele mesmo sorriso fraco e econômico:

— Parece que eu também. Gosto muito de Rusty. Um irlandês grandalhão, nascido em Clonmel, no sul da Irlanda; cabelos crespos, olhos tristes e um sorriso tão largo quanto a Wilshire Avenue. Da primeira vez que o encontrei, pensei que fosse o que você provavelmente acha que ele é, um aventureiro que conseguiu se encher de grana.

— O senhor deve mesmo ter gostado dele — disse eu. — Até pegou o jeito que ele falava.

Ele enfiou as mãos magras e sem sangue por baixo da beirada do cobertor. Apaguei a bagana do cigarro e terminei meu drinque.

— Para mim ele era como um sopro de vida — enquanto durou. Passava horas junto comigo, suando como um porco, bebendo litros de conhaque enquanto me contava histórias sobre a revolução irlandesa. Parece que ele foi oficial no IRA, o Exército Republicano Irlandês. Ele nem sequer entrou



legalmente nos Estados Unidos. O casamento em si era ridículo, naturalmente; e é provável que não tenha durado um mês como um casamento de verdade. Estou contando os segredos da família, sr. Marlowe.

— Continuam a ser segredos — disse eu. — O que foi que aconteceu com ele?

O velho me olhou sem nenhuma expressão.

— Ele foi embora um mês atrás. Abruptamente, sem dizer uma palavra a ninguém. Sem se despedir de mim. Isso me magoou um pouco, mas considerando a educação que ele tinha... Qualquer dia desses ele me manda notícias. Enquanto isso, estou sendo chantageado de novo.

— De novo?

Ele tirou as mãos de baixo do cobertor, mostrando um envelope marrom.

— Eu ia ter muita pena de alguém que tentasse me chantagear enquanto Rusty estava por aqui. Alguns meses antes de ele chegar — digamos nove ou dez meses atrás —, eu paguei a um homem chamado Joe Brody cinco mil dólares para deixar em paz minha filha mais moça, Carmen.

— Ah! — exclamei.

Ele moveu suas sobrancelhas brancas e finas:

— O que isso significa?

— Nada — respondi.

Ele continuou olhando fixamente para mim, com a testa meio franzida. Depois disse:

— Pegue este envelope e examine-o. E pode se servir de mais conhaque.

Retirei o envelope de cima de seus joelhos e sentei-me de novo. Sequei as palmas de minhas mãos e olhei a parte da frente dele. Estava endereçado ao general Guy Sternwood, 3765 Alta Brea Crescent, West Hollywood, Califórnia. O endereço estava escrito a tinta, naquele tipo de letra de forma inclinada que muitos engenheiros usam. Um dos lados do envelope tinha sido cortado. Abri e retirei um cartão marrom e três tiras de papel reforçado. O cartão era de papel de linho, fino e castanho, impresso em ouro. “Sr. Arthur Gwynn Geiger.” Sem endereço. Escrito em uma fonte de tamanho bem pequeno, no canto inferior esquerdo: “Livros Raros e Edições de Luxo”. Virei o cartão. No verso havia de novo aquela letra inclinada: “Prezado Senhor: Embora eu saiba que não posso fazer a cobrança judicial destas promissórias, que, falando francamente, representam dívidas de jogo, imagino que o senhor esteja disposto a honrá-las. Respeitosamente, A. G. Geiger.”

Examinei as tiras de papel branco e resistente. Eram realmente notas promissórias preenchidas a tinta, trazendo diversas datas do princípio do mês anterior, setembro. “Prometo pagar a Arthur Gwynn Geiger ou à sua ordem a importância de mil dólares (\$ 1.000,00), sem juros. Importância recebida por Carmen Sternwood.”

A parte que tinha sido preenchida estava em uma caligrafia esparramada de débil mental, com uma porção de floreios arredondados e círculos no lugar dos pingos sobre a letra *i*. Preparei outro drinque, tomei um gole e guardei as provas.

— Suas conclusões? — quis saber o general.

— Por enquanto, não tenho nenhuma. Quem é este Arthur Gwynn Geiger?

— Não faço a menor ideia.

— O que diz Carmen?

— Nem lhe perguntei. E não pretendo perguntar. Se eu lhe perguntasse, ela simplesmente ia chupar o polegar e se fazer de encabulada.

— Eu a encontrei no saguão — disse eu. — Foi assim que ela se portou comigo... até o momento em que tentou sentar no meu colo.

Não se modificou nada em sua expressão. Suas mãos permaneceram apertadas uma contra a outra, descansando pacificamente na borda do cobertor; o calor, que me fazia sentir como um ensopado à moda da Nova Inglaterra, não parecia nem ao menos aquecê-lo.

— Eu tenho de ser educado? — perguntei. — Ou posso agir com naturalidade?

— Não me pareceu que sofresse de muitas inibições, sr. Marlowe.

— As duas moças costumam sair por aí juntas?

— Acho que não. Eu creio que as duas seguem estradas separadas e levemente divergentes rumo à perdição. Vivian é mimada, exigente, esperta e totalmente impiedosa. Carmen é o tipo da criança malvada que gosta de arrancar as asas de moscas. Nenhuma delas tem mais escrúpulos morais que uma gata. Eu tampouco tenho. Nenhum Sternwood jamais teve. Prossiga.

— Elas são bem educadas, suponho eu. Devem saber o que estão fazendo.

— Vivian frequentou as melhores escolas, com as meninas mais esnobes, depois se matriculou na faculdade. Carmen estudou em meia dúzia de escolas, cada qual mais liberal que a anterior; e quando saiu da última, não sabia mais do que no dia em que ingressou na primeira. Presumo que elas tiveram — e ainda têm — todos os vícios de costume. Se eu pareço um pouco sinistro como pai, sr. Marlowe, é porque me resta tão pouco tempo de vida que não sobra nada para hipocrisias vitorianas.

Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos; então, subitamente, abriu-os de novo:

— Não preciso acrescentar que um homem que se dispõe a ser pai pela primeira vez aos cinquenta e quatro anos merece tomar na cabeça.

Tomei um gole de meu drinque e concordei. Uma veia em sua garganta magra e acinzentada tremia visivelmente, mas tão lentamente que ele parecia não ter mais pulso. Era um velho mais morto do que vivo, mas que ainda acreditava que poderia aguentar os golpes da vida até o fim.

— Quais são as suas conclusões? — ele perguntou de repente.

— Eu pagaria o cara.

— Por quê?

— É uma questão de escolha entre um pouco de dinheiro e uma porção de aborrecimentos. Tem de haver alguma coisa por trás disso. Mas ninguém vai conseguir partir-lhe o coração, se não conseguiram até agora. Seria necessário um monte de chantagistas trabalhando um monte de tempo para lhe tirar uma importância grande o bastante para que lhe fizesse falta.

— Eu tenho orgulho, senhor — disse ele, friamente.

— É com isso que o cara está contando. É a maneira mais fácil de passar a perna nele. O problema é que Geiger poderia cobrar essas notas promissórias, a não ser que o senhor provasse que houve fraude. Em vez de ir ao tribunal, ele lhe mandou as notas de mão beijada, admitindo que eram dívidas de jogo, o que já estabelece uma defesa para o senhor, mesmo que ele tivesse conservado as promissórias em seu poder. Se ele for um vigarista, sabe muito bem como manobrar; mas se ele for um homem honesto que empresta algum dinheiro de vez em quando para aumentar a renda, então merece receber o pagamento. Quem era esse Joe Brody a quem o senhor pagou cinco mil dólares?

— Uma espécie de jogador, nem me lembro direito. Norris é quem deve saber. O meu mordomo.

— Suas filhas têm dinheiro delas mesmas, general?

— Vivian tem, mas não é muito. Carmen ainda é menor de idade, segundo os termos do testamento de sua mãe. Sou eu que dou mesadas generosas às duas.

— Eu posso tirar esse Geiger de suas costas, general — disse eu. — Se é isso que o senhor quer. Seja lá ele quem for e tenha o que tiver. Pode custar-lhe um pouco de dinheiro, além do que vai me pagar. Só que pagar não vai adiantar nada. Fazer a vontade deles é pior. Seu nome vai ficar registrado em sua agenda como um dos otários que pagam.

— Entendo...

Ele moveu os ombros magros e largos dentro do roupão vermelho e desbotado. E falou outra vez:

— Um momento atrás, o senhor disse que era melhor pagar. E agora diz que não vai adiantar nada.

— O que eu quis dizer é que pode sair mais barato e ser mais fácil pagar uma certa importância. Foi só isso.

— Creio que sou um homem bastante impaciente, sr. Marlowe. Quanto é que o senhor cobra?

— Ganho vinte e cinco dólares por dia, mais as despesas — isso quando tenho sorte.

— Está certo. Me parece um preço razoável para remover esse tumor das minhas costas. Vai ser uma operação meio delicada. Espero que o senhor tenha

compreendido isso. Vai causar o mínimo de sofrimento possível ao paciente, não vai? Podem haver diversos tumores para remover, sr. Marlowe.

Terminei meu segundo copo e sequei os lábios e o rosto. O calor não tinha diminuído nem um pouco com todo aquele conhaque dentro de mim. O general ficou parado, piscando e remexendo na beirada do cobertor.

— Posso fazer um trato com esse cara, se eu achar que há alguma possibilidade de que cumpra a palavra?

— Sim. Agora o assunto está em suas mãos. Nunca faço nada pela metade.

— Pode deixar que dou um jeito nele — disse eu. — Ele vai ficar pensando que uma ponte caiu em cima dele.

— Tenho certeza que sim. E agora, se me desculpar, estou cansado.

Ele estendeu a mão e tocou a campainha que ficava no braço da cadeira. Havia um fio ligado a um cabo preto que corria pelo lado das caixas verde-escuras e fundas dentro das quais as orquídeas cresciam e supravam. Fechou os olhos, abriu-os novamente para me lançar um olhar rápido e vivo e então acomodou-se de novo nas almofadas. As pálpebras desceram outra vez e não me deu mais atenção.

Levantei, retirei meu paletó das costas da cadeira de vime ensopada, saí com ele no braço por entre as orquídeas, abri as duas portas, uma após a outra, e parei finalmente lá fora, no ar revigorante de outubro, a fim de respirar um pouco de oxigênio. O chofer que estava em frente à garagem tinha ido embora. O mordomo veio caminhando pelas lajes vermelhas, com passos leves e suaves, suas costas tão eretas como uma tábua de passar roupa. Enfiei meu casaco enquanto o observava.

Ele parou a cerca de meio metro e disse gravemente:

— A sra. Regan gostaria de vê-lo antes que o senhor fosse embora. Quanto a dinheiro, o general me instruiu para lhe fornecer um cheque com qualquer quantia que lhe pareça conveniente.

— Quando foi que ele lhe disse isso?

Ele pareceu confuso por um momento e depois sorriu:

— Ah, entendi, senhor. É claro, o senhor é um detetive. Ele me deu instruções pela maneira com que tocou a campainha.

— É você que preenche os cheques para ele?

— Tenho esse privilégio.

— Acho que você não vai para um túmulo de indigente. Não quero dinheiro nenhum agora, obrigado. O que é que a sra. Regan deseja falar comigo?

Seus olhos azuis me contemplaram com uma franqueza fácil:

— Ela faz uma ideia errada sobre o propósito de sua visita, senhor.

— E quem foi que lhe contou a respeito de minha visita?

— As janelas do seu quarto dão vista para a estufa. Ela viu quando entramos. Fui obrigado a dizer-lhe quem o senhor era.

— Não gostei disso.

Seus olhos azuis se congelaram.

— O senhor está tentando me dizer quais são os meus deveres, senhor?

— Na verdade, não. Mas estou me divertindo muito enquanto tento descobrir quais são.

Olhamos fixamente um para o outro durante um momento. Seus olhos azuis me contemplaram com raiva e ele me virou as costas.

O quarto era grande demais, o forro ficava muito acima de minha cabeça, as portas eram demasiado altas e o tapete branco que ia de parede a parede parecia uma camada de neve recém caída sobre o Lago Arrowhead. Havia espelhos de corpo inteiro e bugigangas de cristal por toda a peça. O mobiliário era de pau-marfim reforçado com cromados e enormes cortinas cor de marfim recobriam o tapete branco, com as pontas chegando a um metro das janelas. O branco fazia o marfim parecer sujo, enquanto o marfim fazia o branco parecer dessangrado. As janelas se abriam para as faldas ensombrecidas das colinas. Em seguida ia chover. Já se sentia a pressão no ar.

Sentei-me na beirada de uma cadeira macia e funda e olhei para a sra. Regan. Valia a pena olhar para ela. Mas era o tipo da mulher que só trazia encrenca. Ela estava reclinada em uma *chaise-longue* de estilo moderno e tinha tirado os chinélinhos, para que eu pudesse olhar-lhe as pernas revestidas pelas mais finas meias de seda. Pelo menos eu tive a impressão de que ela queria que fossem contempladas. Uma estava visível até o joelho e a outra mostrava um pedaço da coxa. Os joelhos tinham covinhas, não eram ossudos nem angulosos. As panturrilhas eram lindas, os tornozelos longos e esguios, capazes de inspirar a linha melódica para um poema sinfônico. Era alta, esbelta, mas parecia forte. Repousava a cabeça contra uma almofada de cetim cor de marfim. Seus cabelos eram negros e grossos, repartidos ao meio; e ela ostentava os mesmos olhos negros e ardentes do retrato que se achava no saguão de entrada. Tinha uma boca bonita e um queixo bem feito. Os lábios pareciam amuados e o inferior era cheio e carnudo.

Tinha um copo de bebida na mão. Tomou um gole e me lançou um olhar franco mas um pouco frio por cima da borda do copo.

— Então você é um detetive particular — declarou ela. — Eu não sabia que vocês existiam realmente fora dos livros. Ou pensava que todos eram homenzinhos sujos que ganhavam a vida espiando pelas fechaduras das portas de hotéis.

Não havia nenhuma resposta que eu pudesse dar e simplesmente deixei o barco correr. Ela depositou o copo sobre o braço plano da espreguiçadeira e tocou o cabelo com uma esmeralda que faiscava em um dedo. Disse lentamente:

— O que achou de papai?

— Gostei dele — respondi.

— Ele gostava de Rusty. Suponho que você saiba quem é Rusty, não sabe?

— Hum-hum.

— Rusty era meio vulgar e grosseiro, mas era muito sincero. E divertia muito meu pai. Rusty não devia ter ido embora do jeito que foi. Papai ficou muito abalado com isso, mesmo que não diga nada. Ou será que disse?

— Ele mencionou alguma coisa a respeito disso.

— O senhor não é muito falador, sr. Marlowe. Mas ele quer encontrá-lo, não quer?

Olhei-a educadamente, enquanto fazia uma pausa. Depois disse:

— Sim e não.

— Mas que tipo de resposta é essa? O senhor acha que pode encontrá-lo?

— Eu nem disse que ia tentar. Por que não entra em contato com o Departamento de Pessoas Desaparecidas? Eles têm a organização necessária para isso. Não é trabalho para um homem sozinho.

— Ora, papai não ia querer envolver a polícia nisso.

Ela me olhou serenamente através do vidro do copo, esvaziou-o e tocou uma campainha. Uma empregada entrou no quarto por uma porta lateral. Era uma mulher de meia-idade, com uma expressão amável no rosto, embora este fosse comprido e amarelado. O nariz era comprido, o queixo quase não existia e tinha grandes olhos úmidos. Parecia um cavalo velho e gentil que tinham deixado a pastar tranquilamente após uma longa vida de serviços prestados. A sra. Regan sacudiu o copo vazio em sua direção e ela preparou outro drinque, entregou-o e saiu da peça, sem dar uma só palavra e sem lançar um olhar em minha direção.

Quando a porta se fechou, a sra. Regan disse:

— Bem, o que o senhor vai fazer para encontrá-lo?

— Como e quando ele deu o fora?

— Papai não lhe disse?

Inclinei a cabeça e lhe dirigi um sorriso de lado. Ela corou. Seus olhos negros e ardentes pareceram zangados.

— Não vejo razão para ficar bancando o sabido — disse asperamente. — E não gosto dos seus modos.

— Eu também não gosto muito dos seus — retorqui. — Não fui eu que pedi para falar-lhe. Foi a senhora que mandou me chamar. Não me importo que fique aí tentando me deslumbrar com esse anel nem que almoce uísque escocês sem me oferecer. Tampouco me importo que fique exibindo suas pernas. São pernas muito bonitas e é um prazer conhecê-las. E tem mais: não dou a mínima se não gosta de minhas maneiras. Sei muito bem que são péssimas. Nas longas noites de inverno eu fico remoendo meus remorsos por ser tão mal-educado. Mas não perca tempo tentando me interrogar.

Ela bateu o copo com tanta força que derramou bebida sobre a almofada cor-de-marfim. Girou as pernas para o chão e levantou-se com os olhos cintilando de raiva e as narinas dilatadas. Abriu a boca e seus dentes luzidios brilharam como um farol. Os nós dos dedos ficaram brancos.

— Ninguém fala assim comigo — disse ela, com uma voz rouca.

Continuei sentado e mostrei-lhe um sorriso largo. Bem devagarinho, ela fechou a boca e olhou para a bebida que havia derramado. Sentou-se na beirada da espreguiçadeira e apoiou o queixo em uma das mãos.

— Meu Deus, você é mesmo um brutamontes simpático e moreno! Eu deveria mandar jogar um Buick em cima de você.

Risquei um fósforo na unha. Pelo menos desta vez ele acendeu. Soltei uma nuvem de fumaça no ar e esperei.

— Detesto homens dominadores — disse ela. — Vocês me dão o maior ódio!

— Do que exatamente está com medo, sra. Regan?

Seus olhos ficaram brancos. E então escureceram, até que pareciam ter somente as pupilas. Suas narinas pareciam ter sido apertadas.

— Não era nada disso que ele queria com você — disse ela, com uma voz forçada, que ainda conservava uns restos da raiva que sentira de mim. — Não era sobre Rusty, era?

— Melhor perguntar a ele mesmo.

Ela explodiu de novo:

— Dê o fora! Vá para o inferno!

Eu me levantei. Ela ordenou com violência:

— Sente-se!

Então eu me sentei, comecei a dar umas pancadinhas com a ponta de um dedo contra a palma da mão e fiquei esperando.

— Por favor — disse ela. — Por favor. Você seria capaz de encontrar Rusty... se papai quisesse que você o encontrasse.

A nova tática também não funcionou. Concordei com um movimento de cabeça e perguntei:

— Quando foi que ele desapareceu?

— Uma tarde no mês passado. Ele simplesmente saiu de carro e não disse nada. Depois eles encontraram o carro em uma garagem particular, não sei bem onde.

— Quem são “eles”?

Aí ela bancou a espartinha. Seu corpo inteiro pareceu afrouxar. Ela sorriu como se tivesse ganho a parada:

— Então, ele não lhe contou nada — com uma voz quase alegre, achando que tinha sido mais esperta do que eu. Talvez tivesse sido mesmo.

— Bem, ele me falou a respeito do sr. Regan. Mas não era por isso que ele queria me ver. Consegui saber o que estava tentando me fazer dizer?

— Estou me lixando para o que você diz.

Eu me levantei de novo:

— Então, vou me arrancar.



Ela não disse nada. Caminhei até as portas brancas e altas demais por onde tinha entrado. Dei uma espiada para trás e vi que ela tinha prendido o lábio inferior entre os dentes e estava mordiscando como um cachorrinho morde a franja de um tapete.

Saí, desci a escada ladrilhada até o salão de entrada e o mordomo surgiu de algum lugar com meu chapéu na mão. Coloquei-o na cabeça enquanto ele me abria a porta.

— Você cometeu um erro — provoquei. — A sra. Regan não queria falar comigo.

Ele inclinou sua cabeça prateada e disse polidamente:

— Sinto muito, senhor. Eu cometo muitos erros — fechando a porta por trás de mim.

Fiquei parado nos degraus tragando a fumaça de meu cigarro, enquanto contemplava uma sucessão de terraços, com canteiros de flores e árvores podadas cuidadosamente, que se estendia até a alta grade de ferro com pontas de lança douradas que cercava a propriedade. Uma estrada cheia de curvas descia por entre os muros que sustentavam os terraplenos até os portões de ferro abertos. Além da grade, a colina descia suavemente por diversos quilômetros. Lá embaixo, bem a distância e quase invisíveis, erguiam-se algumas das torres de madeira dos poços de petróleo de onde os Sternwood tinham extraído seu dinheiro. A maior parte do campo petrolífero era um parque público agora, depois que o general Sternwood tinha mandado limpar o terreno e doar a área para o município. Mas uma pequena parte da jazida ainda estava produzindo em pequenos grupos de poços que bombeavam uns cinco ou seis barris por dia. Os Sternwood, depois de se terem mudado para o alto da colina, não precisavam mais sentir o cheiro da água estagnada nem do petróleo bruto, porém ainda podiam olhar pelas janelas fronteiras da mansão e ver a fonte de sua riqueza. Se eles quisessem olhar. Eu suponho que nem se importassem mais.

Desci de um terraço para outro através de um caminho pavimentado de tijolos, depois segui ao longo da parte interna da grade, atravessei os portões e cheguei ao lugar em que havia estacionado meu carro, embaixo de uma aroeira plantada junto à calçada. Trovões e relâmpagos surgiam por cima das colinas e o céu estava de uma tonalidade roxo-escuro. Ia cair uma tempestade. O ar tinha um gosto úmido, anunciando a chuva. Levantei o teto de meu conversível antes de partir em direção ao centro.

Ela tinha pernas lindas. Ao menos isso eu diria em seu favor. Tanto ela como o pai eram bastante escorregadios. Ele provavelmente só estava me testando; a tarefa que me tinha confiado era trabalho para um advogado, não um detetive. Mesmo que o sr. Arthur Gwynn Geiger, vendedor de livros raros e edições de luxo, fosse realmente um chantagista, ainda era trabalho para um advogado. A

menos que a tarefa fosse muito mais difícil do que me parecia. Examinando a questão rapidamente, achei que seria bastante divertido tentar descobrir.

Dirigi o carro até a Biblioteca Pública de Hollywood e fiz uma pesquisa superficial em um volume de aspecto antiquado cujo título era *Primeiras Edições Famosas*. Depois de meia hora, senti fome e fui almoçar.

O estabelecimento de A. G. Geiger era uma loja de rua no lado norte da avenida perto de Las Palmas. A porta de entrada ficava bem recuada no centro da fachada e as vitrinas apresentavam um friso de cobre, protegidas por dentro com biombo chineses, de modo que não dava para se ver o interior. Havia um monte de lixo oriental exposto nas vitrinas. Na verdade, eu não sabia se tinham valor ou não, porque as únicas antiguidades que eu coleciono são contas atrasadas. A porta de entrada era de vidro laminado, mas tampouco dava para ver muita coisa através dela, porque o interior da loja era muito escuro. Havia uma entrada de edifício de um lado e do outro um estabelecimento rebrilhante que vendia joias a crédito. O joalheiro estava parado na entrada da loja, balançando nos calcanhares e parecendo entediado: um judeu simpático e alto de cabelos brancos, roupas escuras e justas no corpo magro, um diamante de uns nove quilates em sua mão direita. Seus lábios se curvaram em um sorriso de conhecedor que demonstrava um leve desprezo quando entrei na loja de Geiger. Deixei a porta se fechar silenciosamente por trás de mim e caminhei sobre um tapete azul e grosso que cobria o assoalho de parede a parede. Havia cadeiras reclináveis de couro azul separadas por cinzeiros de pedestal. Algumas coleções encadernadas em couro trabalhado estavam dispostas em mesas estreitas e lustradas e mantidas no lugar por meio de suportes. Havia mais livros encadernados dentro de armários de portas de vidro que recobriam as paredes. Era o tipo da mercadoria luxuosa e de bom aspecto que um profissional bem-sucedido compra por metro e depois manda alguém colar seu *ex-libris* nas páginas de rosto. Ao fundo, havia uma divisória de madeira granulada, com uma porta fechada bem ao centro. No canto formado pela repartição e uma das paredes, sentava-se uma mulher por trás de uma pequena escrivaninha, em cima da qual havia um quebra-luz de madeira trabalhada.

Ela levantou-se lentamente e veio balançando os quadris para meu lado, dentro de um vestido preto e justo, cujo tecido não refletia a luz. Tinha pernas longas e caminhava de uma maneira que não combinava muito com livrarias. Tinha cabelos de um tom de louro acinzentado e olhos puxando para verde; usava cílios postiços e o cabelo era ondulado e preso frouxamente atrás das orelhas, nas quais relampejavam imensos brincos negros. Suas unhas estavam pintadas de prateado. Apesar de toda essa apresentação ambiciosa, dava a impressão de morar em uma pensão.

Aproximou-se de mim com uma sexualidade tão evidente que faria um bando de executivos interromperem um almoço de negócios; e inclinou a cabeça

a fim de ajeitar uma mecha rebelde — mas não muito rebelde — de seu cabelo macio e brilhante. Seu sorriso era estudado, mas se ela se esforçasse um pouco, poderia tornar-se até simpático.

— Queria alguma coisa? — inquiriu.

Eu estava usando óculos de sombra com aro de tartaruga. Afinei a voz e acrescentei um pequeno gorjeio de passarinho:

— Por acaso vocês têm um *Ben-Hur* de 1860?

Ela não disse exatamente “hum?”, mas ficou bem confusa. Mostrou um sorriso desolado:

— Uma primeira edição?

— Terceira — disse eu. — Aquela que tem uma errata na página 116.

— Acho que não... pelo menos no momento.

— E um Chevalier Audubon 1840? A edição completa, naturalmente.

— Ah... no momento, não — sua voz parecia um ronronar áspero. Seu sorriso agora se balançava frouxamente nos dentes e sobranceiras, parecendo imaginar onde ia bater quando caísse no chão.

— Mas vocês realmente vendem livros? — indaguei com minha voz de falso bem-educado.

Ela me olhou de cima a baixo. Sem sombra de sorriso. O olhar estava endurecendo. O corpo assumiu uma posição ereta e rígida. Ela fez um gesto com as unhas prateadas, indicando as estantes envidraçadas.

— O que você acha que são? Laranjas? — indagou acidamente.

— Ora, esse tipo de coisa dificilmente me interessa, sabe? Provavelmente nem são coleções, mas duplicatas de livros de gravuras baratas, as coloridas custando dois centavos e as que estão em preto-e-branco valendo só um. A vulgaridade de costume. Não, sinto muito. Não é nisso que estou interessado.

— Percebo — ela tentou prender o sorriso de novo no rosto. Mas estava tão irritada como um político afônico. — Talvez o sr. Geiger... mas ele não se acha no momento.

Seus olhos me estudavam cuidadosamente. Ela entendia tanto de livros raros como eu de administrar um circo de pulgas amestradas.

— Ele vai chegar mais tarde?

— Acho que tão cedo ele não chega.

— Ora, que pena — disse eu. — É uma pena mesmo. Bem, vou me sentar em uma destas cadeiras encantadoras e fumar um cigarro. Não tenho nada mesmo a fazer hoje de tarde. Vou ficar pensando em minhas aulas de trigonometria.

— Sim — disse ela. — Pois não, fique à vontade.

Eu me estiquei em uma das cadeiras reclináveis e acendi um cigarro com o isqueiro redondo e niquelado que estava sobre o cinzeiro de pedestal. Ela permaneceu em pé, mordendo o lábio inferior, com um olhar vagamente

perturbado. Finalmente, fez um aceno com a cabeça, girou lentamente nos calcanhares e voltou para sua pequena escrivaninha no canto. Mas ficou observando por trás da lâmpada. Cruzei os tornozelos e bocejei. Suas unhas prateadas se aproximaram do telefone que estava sobre a escrivaninha, porém não chegaram a tocar nele. Em vez disso, baixaram para o tampo da escrivaninha e começaram a tamborilar.

Houve silêncio por mais ou menos cinco minutos. A porta se abriu e apareceu um fulano alto, com jeito de esfomeado, um nariz enorme e de bengala na mão; ele entrou educadamente, mas forçou a porta a fechar antes que a mola automática fizesse o serviço; marchou até o nicho da escrivaninha e depositou um pacote amarrado com barbante em cima dela. Tirou do bolso uma carteira de couro de foca com os cantos dourados e mostrou alguma coisa à loura. Ela apertou um botão que havia na escrivaninha. O fulano alto foi até a porta que havia na divisória e abriu uma fresta apenas suficiente para lhe dar passagem.

Acabei meu cigarro e acendi outro. Os minutos se arrastavam. As buzinas apitavam e grunhiam na avenida. Um grande ônibus interurbano de cor vermelha passou sacolejando. O semáforo trocou de cor e emitiu um som metálico. A loura se apoiou em um dos cotovelos, colocou a mão em concha sobre os olhos e ficou me observando. A porta da divisória se abriu e o fulano alto de bengala deslizou para fora. Trazia outro pacote amarrado com o mesmo tipo de barbante, no formato de um livro grande. Foi até a escrivaninha e entregou algum dinheiro. Saiu como tinha entrado, pisando com a parte dianteira dos pés, respirando de boca aberta e me lançando um olhar arguto enquanto passava.

Levantei-me, toquei na aba do chapéu à guisa de um cumprimento de despedida para a loura e saí atrás dele. Ele caminhou em direção oeste, balançando sua bengala em um pequeno arco que oscilava por cima de seu sapato direito. Era um cara fácil de seguir. Seu casaco era feito de um tecido berrante mais apropriado para uma manta de cavalo, e tinha ombreiras tão largas que seu pescoço se destacava como um talo de aipo sobre o qual oscilava sua cabeça enquanto ele caminhava. No semáforo da Highland Avenue eu avancei até o lado dele e deixei que me visse. Ele me lançou um olhar casual, que substituiu por uma expressão subitamente desconfiada e rapidamente desviou os olhos. Cruzamos a Highland Avenue assim que apareceu a luz verde e caminhamos ao longo de outro quarteirão. Ele alargou os passos com suas pernas longas e na altura da esquina já tinha uma dianteira de uns vinte metros. Dobrou à direita. Uns trinta metros ladeira acima, ele parou, pendurou a bengala no braço e retirou uma cigarreira de couro de um bolso interno. Colocou um cigarro na boca, deixou cair o fósforo e inclinou-se para erguê-lo da calçada, viu que eu estava parado na esquina observando-o e esticou-se de repente como se alguém lhe tivesse dado um chute no traseiro. Subiu o quarteirão tão depressa que quase

levantou poeira, caminhando com passadas longas e desajeitadas, enquanto cravava a ponta da bengala contra a calçada. Dobrou novamente, agora à esquerda. Tinha uma vantagem de pelo menos meio quarteirão, quando eu cheguei ao ponto em que ele havia dobrado. Ele estava me fazendo bufar. A rua era estreita e recoberta pelos ramos de árvores, limitada por um muro de sustentação de um lado e pelos pátios dianteiros de três conjuntos de chalés de madeira do outro.

Ele tinha sumido. Caminhei para cima e para baixo pela quadra olhando para cá e para lá. No pátio do segundo conjunto de casas avarandadas, eu consegui ver alguma coisa. O pátio trazia uma tabuleta com o nome “The La Baba” e parecia um lugar tranquilo, sombreado por algumas árvores à frente de uma fileira de bangalôs de cada lado. O caminho central era cercado por duas filas de ciprestes italianos, podados de forma a ficarem baixos e rechonchudos, mais ou menos no formato dos potes de azeite da história de Ali Babá e os Quarenta Ladrões. Por trás do terceiro pote vi mover-se a ponta de uma manga de cor espalhafatosa.

Encostei-me contra uma aroeira que crescia à beira do caminho e esperei. O trovão estava ribombando de novo por cima das colinas. Relâmpagos refletiam nas nuvens negras que se acumulavam ao sul. Algumas gotas de chuva caíram sobre a calçada como se fossem os batedores da tropa principal e deixaram manchas da largura de moedas de cinco centavos. O ar tinha ficado tão parado como a atmosfera do viveiro de orquídeas do general Sternwood.

A manga por trás do cipreste apareceu de novo, seguida de um narigão, um único olho e umas madeixas de cabelos cor de areia sem chapéu. O olho me contemplou fixamente. Desapareceu. O outro olho reapareceu do outro lado da árvore, como se fosse um pica-pau. Passaram-se cinco minutos. Ele não suportou a espera. Gente desse tipo é uma pilha de nervos. Ouvi o ruído de um fósforo sendo aceso e depois um assobio. Então um vulto indistinto deslizou pelo gramado até a árvore seguinte. E lá estava ele na calçada, caminhando diretamente para meu lado, balançando a bengala e assobiando. Um assobio trêmulo que parecia ter azedado. Olhei vagamente para o céu escuro. Ele passou a uns três metros de distância e não me lançou um único olhar. Sentia-se seguro. Tinha jogado fora o pacote.

Acompanhei-o com os olhos até que ele sumisse de vista e então segui pelo caminho central de La Baba até chegar ao terceiro cipreste, onde ele havia se escondido. Separei os ramos da árvore. Dito e feito, lá estava o livro embrulhado. Coloquei-o sob o braço e saí. Ninguém gritou reclamando nada.

De volta na avenida, entrei na cabina telefônica de uma farmácia e procurei o número da residência do sr. Arthur Gwynn Geiger. Ele morava em Laverne Terrace, uma ladeira que começava na Laurel Canyon Avenue. Soltei meu níquel na fenda do telefone público e disquei o número da casa dele só por brincadeira. Ninguém respondeu. Fui até as páginas amarelas do guia e descobri duas livrarias a pouca distância do lugar em que eu estava.

A primeira ficava na calçada do lado norte, um amplo andar térreo dedicado a artigos de escritório e papelaria, uma grande massa de livros no mezanino. Não me pareceu ser o lugar certo para o que eu queria. Cruzei a rua e caminhei duas quadras na direção leste até chegar à outra. Esta, sim, parecia o que eu precisava: uma lojinha apertada e estreita, atulhada de livros desde o chão até o teto, com quatro ou cinco fregueses folheando os livros com toda a calma, enquanto deixavam as marcas de seus polegares nas capas novas. Ninguém prestava a menor atenção neles. Caminhei até os fundos da loja, atravessei uma divisória e encontrei uma mulherzinha morena sentada atrás de uma escrivaninha, lendo um livro de Direito.

Abri minha carteira sobre sua escrivaninha e deixei que ela visse o distintivo que estava preso à divisão interna. Ela deu uma olhada, tirou os óculos e recostou-se em sua cadeira. Guardei a carteira no bolso. Ela tinha o rosto de feições delicadas de uma judia inteligente. Fitou-me sem dizer nada. Então, eu disse:

— Pode me fazer um favor? Não é grande coisa.

— Não sei. O que deseja? — disse ela, com uma voz que era ao mesmo tempo macia e rouca.

— Conhece a loja de Geiger, do outro lado da rua, a uns dois quarteirões daqui para o lado do oeste?

— Posso ter passado por ela.

— É uma livraria — disse eu. — Mas não é o seu tipo de livraria. Você sabe muito bem.

Ela apertou um pouco os lábios, mas não disse nada.

— Você conhece Geiger de vista? — indaguei.

— Sinto muito. Não conheço o sr. Geiger.

— Então não poderia me dizer que aspecto ele tem?

Seus lábios se apertaram ainda mais.

— E por que razão eu deveria?

— Razão nenhuma. Se não quiser, não posso obrigá-la.

Ela lançou um olhar através da porta da divisória e recostou-se de novo na cadeira.

— Aquilo que me mostrou era uma estrela de xerife, não era?

— Auxiliar honorário. Não significa nada. Vale um charuto barato.

— Percebo.

Ela estendeu a mão para um maço de cigarros, fez saltar a ponta de um para fora e colocou-o entre os lábios. Alcancei-lhe um fósforo aceso. Ela me agradeceu, reclinou-se de novo no encosto da cadeira e fitou-me através da fumaça. Então disse, cuidadosamente:

— Você quer saber como ele se parece, mas não quer falar com ele?

— Não posso. Ele não está na loja — falei.

— Acho que vai estar daqui a pouco. Afinal de contas, a loja é dele, não é?

— Para falar com franqueza, prefiro esperar um pouco antes de falar com ele.

Ela olhou de novo através da porta aberta. Aí eu disse:

— Você sabe alguma coisa a respeito de livros raros?

— Experimente.

— Você por acaso teria um *Ben-Hur* de 1860, terceira edição, aquela que tem a linha duplicada na página 116?

Ela empurrou para um lado o seu livro de Direito de capa amarela, esticou a mão para um volume grosso que estava em uma das pontas da escrivaninha, folheou-o até encontrar a página que desejava e estudou o texto por alguns momentos:

— Ninguém teria — disse, sem erguer os olhos. — Esse livro não existe.

— Exatamente.

— Mas onde é que o senhor quer chegar?

— A garota que trabalha na loja de Geiger não sabia disso.

Ela ergueu os olhos:

— Estou entendendo. O senhor despertou meu interesse... ainda que um pouco vagamente.

— Sou detetive particular e fui contratado para resolver um caso. Talvez esteja pedindo muito. Mas não pensei que fosse demais.

Ela soprou um anel de fumaça frágil e acinzentado e enfiou seu dedo no centro dele. O anel se desfez em fiapos ainda mais tênues. Falou com uma voz suave e indiferente:

— Julgo que tenha uns quarenta e poucos anos, altura média, gordinho. Deve pesar uns setenta e cinco quilos, mais ou menos. A cara é bochechuda, tem um bigodinho tipo Charlie Chan, pescoço mole e grosso. Dá a impressão de ser todo balofo. Anda bem vestido, mas sem chapéu, pretende ser um conhecedor de antiguidades, mas não sabe nada. Ah, tem mais... o olho esquerdo é de vidro.

— Você devia trabalhar na polícia — disse eu.



Ela colocou o catálogo em uma prateleira aberta que ficava em uma das pontas da escrivaninha e reabriu seu livro de Direito.

— Espero que não — disse ela. E recolocou os óculos.

Agradeci-lhe e sai. A chuva tinha começado. Corri depressa, para não me molhar muito, com o livro embrulhado embaixo do braço. Meu carro estava estacionado em uma rua lateral, apontando na direção da avenida, quase em frente à loja de Geiger. Mas já estava bem molhado quando cheguei lá. Joguei-me dentro do carro, levantei o vidro das duas janelas e sequei o embrulho com o lenço. Depois abri.

É claro que eu já sabia o que era. Um livro pesado, bem-encadernado, muito bem impresso com tipos compostos a mão sobre o melhor papel. Carregado de fotografias artísticas de página inteira. Tanto as fotografias como o texto eram de uma obscenidade indescritível. O livro não era novo. Havia datas carimbadas na primeira contracapa, datas de saída e de retorno. Um livro de aluguel. Uma verdadeira biblioteca de pornografia sofisticada.

Embrulhei o livro outra vez e o tranquei na gaveta que ficava por trás do banco. Uma negociata daquelas, funcionando abertamente em plena avenida, tinha de ter muita proteção, ou da polícia ou de outra parte. Fiquei sentado ali, enquanto me envenenava com fumaça de cigarro, escutando a chuva e pensando sobre o meu problema.

A chuva tinha enchido as sarjetas e recobria as calçadas, respingando até a altura do joelho. Tiras grandalhões, usando capas de chuva que brilhavam como canos de revólveres, estavam se divertindo à grande enquanto carregavam garotas nos braços com o pretexto de ajudá-las a atravessar as poças mais fundas. A chuva martelava forte no teto do carro, que era de lona e começou a vazar. Uma poça de água começou a se formar no assoalho do carro bem no lugar onde estavam meus pés. Era uma chuva forte demais para o começo do outono. Enfiei meu impermeável de estilo militar, forrado e com cinto, e corri até a drogaria mais próxima para comprar um litro de uísque. Voltei para o carro e usei uma quantidade suficiente dele para me manter aquecido e interessado. O meu tempo de estacionamento já tinha sido ultrapassado há muito, mas os tiras estavam muito ocupados carregando garotas e assoprando os apitos para se preocuparem com isso.

Apesar da chuva, ou, quem sabe, por causa dela, os negócios de Geiger estavam correndo bem. Alguns carros muito bons estacionavam em frente e pessoas muito bem-vestidas entravam e saíam com pacotes. Nem todos eram homens.

Ele apareceu mais ou menos pelas quatro horas. Um cupê creme parou em frente à loja e tive uma visão rápida de um rosto gordo e um par de bigodes caídos à Charlie Chan, enquanto ele saía depressa do carro e entrava correndo na loja. Não usava chapéu, mas estava com uma capa de chuva acinturada feita de couro verde. Aquela distância não dava para ver se tinha um olho de vidro. Um rapaz alto e bonito, usando um blusão sem mangas, saiu da loja e guiou o cupê ao redor da esquina, voltando depois a pé, com o cabelo negro e reluzente ensofado de chuva.

Passou mais uma hora. Ficou escuro, e as luzes das lojas, borradas pelas vitrinas embaciadas, iam sendo absorvidas pela escuridão da rua. Os sinos dos bondes tilintavam com raiva. Mais ou menos pelas cinco e quinze, o rapaz alto usando o blusão sem mangas saiu da loja de Geiger com um guarda-chuva e foi buscar o cupê creme. Quando estacionou em frente, Geiger saiu e o rapaz alto segurou o guarda-chuva sobre sua cabeça descoberta. Depois ele o dobrou, sacudiu-o e colocou-o dentro do carro. Correu de volta para a loja. Liguei o motor de meu automóvel.

O cupê desceu a avenida para o lado oeste, o que me obrigou a fazer uma volta à esquerda e arrumar um monte de inimigos, inclusive um motorista de ônibus, que enfiou a cabeça para fora com chuva e tudo para poder me xingar à

vontade. Eu já estava dois quarteirões atrás do cupê antes de conseguir acertar a pista. Minha esperança era a de que Geiger estivesse indo para casa. Consegui avistá-lo duas ou três vezes e então percebi que ele dobrava para o norte, tomando o acesso para Laurel Canyon. No meio da subida, ele virou à esquerda e entrou numa faixa curva de concreto molhado cuja placa dizia Laverne Terrace. Era uma ruazinha estreita, com uma rampa alta de um dos lados, enquanto do outro havia casinhas de madeira construídas abaixo da encosta, de tal modo que seus telhados não ficavam muito acima do nível da rua. As janelas dianteiras ficavam mascaradas por sebes e arbustos. Árvores encharcadas pingavam por toda a vizinhança.

Geiger tinha acendido os faróis, mas eu não. Acelerei e fiz a ultrapassagem em uma curva, enquanto decorava o número de uma das casas e fazia a curva no fim da quadra. Ele já tinha parado. As luzes de seus faróis estavam inclinadas na direção de uma casa pequena com uma sebe quadrada, formada por arbustos de buxo, que havia sido disposta de modo a ocultar completamente a frente da casa. Observei quando saiu da garagem com seu guarda-chuva aberto e depois passou através da cerca viva. Ele não agia como se suspeitasse de que alguém o tivesse seguido. Uma luz foi acesa dentro da casa. Deslizei silenciosamente com o carro até a casa seguinte, que ficava um pouco acima da de Geiger e parecia vazia, sem nenhuma placa na frente. Estacionei, abri um pouco as janelas do conversível, tomei um gole de minha garrafa e permaneci sentado. Não sabia por que estava esperando, mas algo me dizia que deveria esperar. Outro exército de minutos lentos passou se arrastando.

Dois carros subiram a ladeira e desceram do outro lado. Parecia uma rua muito tranquila. A partir das seis horas, um número maior de luzes perfurava a chuva insistente. Já estava completamente escuro. Um carro diminuiu a marcha e parou à frente da casa de Geiger. Os filamentos das luzes de seus faróis foram perdendo o brilho até que se apagaram. A porta se abriu e deu passagem a uma mulher. Era esbelta e baixa, usava um chapéu de flanela grossa e mole e uma capa de chuva transparente. Entrou no labirinto formado pela sebe aparada. Uma campainha soou fracamente, uma luz brilhou mais forte através da chuva, uma porta se fechou; depois, silêncio.

Peguei uma lanterna na bolsa da porta do carro e descí silenciosamente a ladeira para dar uma espiada no carro. Era um Packard conversível, castanho-avermelhado ou marrom-escuro. A janela esquerda estava aberta. Procurei os papéis do carro com a luz da lanterna. O registro mostrava: Carmen Sternwood, 3765 Alta Brea Crescent, West Hollywood. Voltei para meu carro, sentei-me e esperei por muito tempo. A goteira do teto pingava diretamente sobre meus joelhos e meu estômago ardia por causa do uísque. Nenhum outro carro subiu a colina. Nenhuma luz apareceu na casa diante da qual eu estava estacionado. Parecia um bairro muito bom para satisfazer alguns maus hábitos.

Às sete e vinte, um único clarão de luz branca e forte brilhou através das janelas da casa de Geiger, como se fosse um relâmpago coriscando no céu de verão. Enquanto a escuridão devorava novamente o lampejo, soou um grito fino e cristalino, que se perdeu no meio das árvores ensopadas. Eu saí do carro e já estava correndo, antes que os ecos desaparecessem.

Não havia medo naquele grito. Soava mais como um choque meio agradável, com um tom de bebedeira e um toque de pura imbecilidade. Era um som apavorante. Fez-me pensar em homens de guarda-pós brancos, janelas gradeadas e catres estreitos e duros com correias de couro para amarrar pulsos e tornozelos. O esconderijo de Geiger estava completamente silencioso outra vez quando eu cheguei à abertura na sebe e desviei do ângulo que mascarava a porta dianteira. A aldrava era um anel de ferro na boca de um leão. Estendi a mão. Segurei o anel. Nesse mesmo momento, como se alguém estivesse esperando pela deixa, ribombaram três tiros dentro da casa. Escutei um som que poderia ter sido um longo e áspero suspiro. Então o barulho de alguma coisa mole caindo no chão. Depois passos rápidos dentro da casa que se dirigiam para os fundos.

A porta dava para uma rampa estreita, como uma pequena ponte sobre uma vala, que preenchia o espaço entre a casa e a beirada da encosta. Não havia uma varanda, não havia chão sólido, não havia maneira de fazer a volta até os fundos. A porta dos fundos ficava no alto de uma escada de madeira que subia de uma rua estreita como um beco. Percebi isso porque ouvi o barulho de pés descendo os degraus apressadamente. Então, ouvi o rugido súbito de um motor de automóvel sendo ligado. O som perdeu-se rapidamente na distância. Tive a impressão de escutar outro carro fazendo coro ao primeiro, mas não tive certeza. A casa em frente de mim estava tão silenciosa como uma cripta. Não havia pressa alguma. O que estava lá dentro não ia sair.

Passei uma perna por cima da cerca que ficava junto à rampa e me inclinei o mais que pude em direção a uma janela envidraçada de cima a baixo, com cortinas mas sem tela de proteção, e tentei olhar através do espaço entre as cortinas. Vi luz acesa em uma das paredes e a ponta de uma estante de livros. Voltei até a rampa, caminhei até o início dela e entrei um pouco na sebe, então voltei correndo para bater com o ombro fortemente na porta. Foi uma tolice. A única parte de uma casa californiana que não dá para atravessar com um pontapé é justamente a porta da frente. Só consegui machucar o ombro e ficar com raiva. Passei de novo por cima da cerca e dei um chute para abrir a janela, usei meu chapéu como luva e arranquei a maior parte dos fragmentos da vidraça inferior. Logo a seguir, introduzi a mão e abri o ferrolho que prendia a janela ao parapeito. O resto foi fácil. Não havia trinco na parte de cima. O trinco inferior cedeu, entrei e afastei as cortinas de meu rosto.

Havia duas pessoas na sala, mas nenhuma delas deu a menor atenção à maneira como eu entrei, ainda que somente uma delas estivesse morta.

Era uma sala ampla, que ocupava toda a largura da casa. Tinha o teto baixo, com as vigas à mostra e as paredes de reboco pintado de marrom e enfeitadas com faixas verticais de bordados chineses pintadas com gravuras japonesas e chinesas em molduras imitando madeira. Havia estantes baixas cheias de livros e um tapete chinês rosado tão grosso que um rato poderia passar uma semana dentro dele sem ser visto. Havia almofadas espalhadas pelo chão e lenços de seda jogados pelo meio delas, como se a pessoa que morava ali precisasse ter sempre um ao alcance da mão só para agarrar e acariciar. Havia um divã baixo e largo forrado com uma tapeçaria num tom de rosa-antigo. Em cima dela havia um monte de roupas, incluindo roupa íntima de seda lilás. Havia uma grande lâmpada sobre um pedestal de madeira trabalhada, duas outras lâmpadas de pé um pouco menores com quebra-luzes verde-jade e longas borlas. Havia uma escrivaninha negra com gárgulas esculpidas nos cantos e por trás dela uma almofada de cetim amarelo colocada sobre uma cadeira negra envernizada com braços e encosto de madeira trabalhada. A sala continha uma estranha mistura de odores, mas o que predominava no momento parecia ser o resquício pungente de cordite, misturado ao aroma enjoativo de éter.

Em uma espécie de plataforma baixa colocada em uma das extremidades da sala havia uma cadeira alta de madeira de teca, recoberta por um xale com franjas alaranjado, sobre a qual estava sentada a srta. Carmen Sternwood. Ela estava com as costas retas, as mãos pousadas nos braços da cadeira, os joelhos bem unidos, o corpo inteiro ereto e rígido como a estátua de uma deusa egípcia, o queixo perfeitamente centralizado, os dentinhos reluzentes brilhando por trás dos lábios entreabertos. Os olhos estavam arregalados. A cor de ardósia escura da iris parecia ter devorado a pupila. Eram os olhos de uma louca. Aparentemente estava inconsciente, mas não tinha a postura da inconsciência. A impressão que dava era que, dentro de sua mente, ela estava fazendo uma coisa muito importante e muito bem feita. De sua boca saía uma espécie de risinho metálico, que não lhe modificava a expressão e nem ao menos lhe movia os lábios.

Usava um par de longos brincos de jade. Eram lindos brincos, que provavelmente haviam custado uns duzentos dólares. Não estava usando nada mais.

Tinha um corpo muito belo, pequeno, esguio, compacto, firme e de contornos arredondados. A luz da lâmpada, sua pele tinha o brilho discreto de uma pérola. Suas pernas não tinham exatamente a graça vulgar das da sra. Regan, mas eram muito bonitas. Contemplei-a sem embaraço nem luxúria. O

que se achava naquela sala não era uma moça nua. Era apenas uma palerma drogada. Para mim ela seria sempre uma palerma, drogada ou não.

Parei de observá-la e olhei para Geiger. Estava deitado de costas no assoalho, um pouco além da franja do tapete chinês, em frente de um objeto que parecia um totem. Tinha um perfil que parecia o de uma águia e seu olho grande e redondo era a lente de uma câmera. A lente estava apontada para a moça nua na cadeira. Havia uma lâmpada de flash queimada presa ao lado do totem. Geiger usava chinelos chineses, com solas grossas de feltro; suas pernas estavam dentro das calças de um pijama de cetim preto e a parte superior de seu corpo envergava um casaco chinês bordado, cuja frente estava coberta de sangue. Seu olho de vidro brilhava alegremente em minha direção e era agora a coisa mais viva que existia nele. Nenhum dos três tiros que eu escutara parecia ter errado. Ele estava morto da silva.

A lâmpada do flash tinha sido a causa do lampejo súbito que eu tinha visto de fora da casa. O grito ensandecido era a reação da moça nua e drogada quando explodira o clarão. Os três tiros tinham sido a ideia de alguma outra pessoa para modificar o final da cena. Ideia do rapaz que tinha descido os degraus do fundo, batido a porta de um carro e saído a toda a velocidade. Até que seu ponto de vista tinha algum mérito.

Dois copos frágeis com veios dourados pintados ao longo das bordas repousavam sobre uma bandeja laqueada de vermelho que estava sobre uma das extremidades da escrivaninha negra, ao lado de uma jarra bojuda que continha uma espécie de líquido marrom-claro. Retirei a tampa e cheirei. Era um cheiro de éter misturado com alguma outra coisa, possivelmente láudano, que é um derivado do ópio. Eu nunca tinha experimentado a mistura, mas parecia combinar muito bem com a personalidade de Geiger.

Escutei a chuva batendo no teto e nas janelas do lado norte. Não havia mais nenhum som, nem carros, nem sirenes, apenas o barulho da chuva. Fui até o divã, tirei meu impermeável e remexi nas roupas da garota. Havia um vestido de lã grossa verde-escuro, de enfiar pela cabeça, com mangas curtas. Pensei que poderia vesti-la com ele. Decidi ignorar a roupa interior, não por qualquer tipo de delicadeza, mas porque ia ser muito difícil colocar-lhe o sutiã e as calcinhas no estado em que ela se achava. Levei o vestido até a cadeira de teca que estava sobre a plataforma. A srta. Sternwood também cheirava a éter, mesmo a uma distância de alguns metros. Aquele risinho metálico ainda estava saindo de sua boca, enquanto um pouco de baba escorria pelo seu queixo. Dei-lhe uma bofetada em uma das faces. Ela piscou e parou de rir. Dei-lhe uma bofetada do outro lado.

— Vamos — disse eu, num tom alegre. — Seja boazinha. Vamos colocar a roupa.

Ela olhou para mim, porém seus olhos cor de ardósia estavam tão vazios como os buracos de uma máscara. Ela balbuciou “gugutotere!” ou coisa parecida.

Dei-lhe mais alguns tapas. Ela nem se importou. Não consegui tirá-la daquilo. Comecei a colocar o vestido. Ela tampouco deu a mínima. Deixou-me levantar-lhe os braços e abriu bem os dedos das mãos, como se aquilo fosse uma gracinha. Consegui enfiar-lhe as mãos pelas mangas, puxei o vestido pela cabeça até descer pelas costas e forcei-a a ficar em pé. Ela caiu em meus braços, dando risadinhas. Coloquei-a de volta na cadeira e consegui enfiar-lhe as meias e os sapatos.

— Vamos dar um passeio — disse eu. — Vamos dar um lindo passeio.

Comecei a caminhar com ela nos braços, para cá e para lá através da sala. Seus brancos de jade balançavam sem parar e batiam contra meu peito; às vezes, dávamos passos longos, outras vezes, mais curtos, sempre juntos, como dançarinos executando as figuras de uma dança de ritmo lento.

Caminhamos até o corpo de Geiger e voltamos. Fiz com que ela olhasse para o corpo no chão. Ela achou uma gracinha. Começou a rir e tentou falar, mas só conseguiu formar bolhas de saliva. Caminhei com ela até o divã e deitei-a nele. Ela soluçou duas vezes, deu outras risadinhas e adormeceu de repente. Enfiei em meus bolsos as coisas que lhe pertenciam e depois fui até a parte de trás do totem. Como eu imaginara, lá estava uma câmera embutida, mas a chapa do filme tinha sido retirada. Procurei pelo assoalho, pensando que ele poderia ter retirado a chapa antes de ter sido alvejado. Não achei nada. Segurei-lhe a mão fria e mole e rolei seu corpo um pouco para o lado. Nenhuma chapa. Não gostei nada dessa notícia.

Entrei no corredor que ficava por trás da sala de entrada e investiguei o resto da casa. Havia um banheiro à direita junto a uma porta trancada e a cozinha ficava nos fundos. A janela da cozinha tinha sido arrombada. Alguém tinha tirado a tela de proteção e dava para ver as marcas deixadas pelo pé de cabra no parapeito. A porta dos fundos estava destrancada. Deixei-a aberta e fui examinar um quarto que ficava do lado esquerdo do corredor. Era limpo, mas com decoração exagerada e feminina. A cama tinha uma colcha cheia de babados. Havia vidros de perfume sobre o tocador de espelho triplo, junto com um lenço, alguns trocados, escovas em modelo masculino e um chaveiro. No armário, havia roupas de homem, e chinelos masculinos por baixo dos babados da colcha da cama. Era o quarto de Geiger, sem dúvida. Levei o chaveiro comigo de volta para a sala de entrada e examinei a escrivaninha. Havia uma caixa de aço trancada na gaveta mais funda. Lima das chaves serviu na fechadura. Não havia nada dentro, exceto um livro encadernado em couro azul, com um índice e uma porção de coisas escritas em código, na mesma letra de forma inclinada que tinha sido enviada ao general Sternwood. Pus a agenda em meu bolso, limpei a

caixa de aço com meu lenço, para retirar as impressões dos lugares em que eu tinha tocado, guardei de volta e tranquei as gavetas, coloquei as chaves no bolso, desliguei o gás da lareira, vesti o meu impermeável e tentei acordar a srta. Sternwood. Não houve jeito. Enfiei de qualquer maneira o chapéu de feltro em sua cabeça, enrolei-a em seu casaco e carreguei-a para o carro. Voltei, desliguei todas as luzes, fechei a porta da frente, desencavei as chaves do carro de dentro de sua bolsa e liguei o motor do Packard. Descemos a ladeira sem acender os faróis. Levamos dez minutos para chegar a Alta Brea Crescent, e Carmen passou o tempo todo roncando e assoprando éter em meu rosto. Não pude evitar que colocasse a cabeça em meu ombro. Caso contrário, ela cairia direto no meu colo.



Uma luz embaçada brilhava por trás das vidraças de caixilhos de chumbo de uma porta lateral na mansão Sternwood. Estacionei o carro sob a proteção do pórtico de entrada e esvaziei meus bolsos em cima do banco. A garota continuava roncando no outro canto, o chapéu enfiado até o nariz, as mãos frouxas por entre as dobras da capa de chuva. Saí do automóvel e toquei a campainha. Passos lentos foram se aproximando, como se alguém viesse de uma longa e cansativa caminhada. A porta abriu-se e a figura ereta do mordomo de cabelos prateados me contemplou da soleira. A luz que vinha do corredor por trás dele formava um halo em seus cabelos. Ele disse:

— Boa noite, senhor — com a maior polidez, seu olhar se dirigindo sobre meus ombros para o Packard estacionado. Seus olhos retornaram e fitaram os meus.

— A sra. Regan está em casa?

— Não, senhor.

— O general está dormindo, espero?

— Sim. O princípio da noite é a hora em que dorme melhor.

— E a criada da sra. Regan?

— Mathilda? Ela está em casa, senhor.

— Melhor mandá-la descer. A tarefa precisa de um toque feminino. Dê uma espiada no carro e saberá a razão.

Ele deu uma espiada no carro. Depois, retornou.

— Já entendi — disse. — Vou chamar Mathilda.

— Mathilda vai cuidar dela direito — disse eu.

— Todos nós tentamos cuidar direito dela — afirmou o mordomo.

— Acho que vocês já têm bastante prática — retruquei.

Por uma vez, ele não respondeu.

— Bem, boa noite — disse eu. — Vou deixar o assunto em suas mãos.

— Muito bem, senhor. Quer que lhe chame um táxi?

— Certamente que não — respondi. — Para falar a verdade, eu nunca estive aqui. Você é que está vendo coisas.

Então ele sorriu. Fez um sinal de concordância com a cabeça e eu dei a volta, caminhei pela entrada e saí pelo portão.

Foram dez quarteirões, através de ruas curvas e varridas pela chuva, sob o constante gotejar das árvores, passando por janelas iluminadas em casas grandes cercadas por enormes terrenos fantasmagóricos, visões confusas de beirais e cumeeiras, mais janelas iluminadas no alto da colina, remotas e inacessíveis

como casas de bruxas em uma floresta. Desemboquei em um posto de gasolina cintilante de luz desperdiçada, em que um frentista entediado usando um boné branco e um blusão azul-escuro sentava-se encolhido em um banquinho, dentro de uma casinhola de vidro embaçado, lendo um jornal. Quase entrei, mas achei melhor seguir em frente. Era impossível ficar mais molhado do que já estava. Em noites assim, você pode deixar crescer a barba enquanto espera por um táxi. E os choferes de táxi lembram da cara da gente.

Voltei à casa de Geiger depois de mais ou menos meia hora a passo rápido. Não havia ninguém lá nem encontrei nenhum carro na rua, exceto meu próprio automóvel estacionado em frente à casa seguinte. Parecia tão melancólico como um cão perdido. Abri o carro, desencavei minha garrafa de uísque e derramei metade do que restava em minha garganta, depois entrei nele para acender um cigarro. Fumei metade e joguei fora, saí de novo e fui até a casa de Geiger. Destranquei a porta e penetrei na escuridão morna e parada; fiquei um pouco por ali, pingando tranquilamente no chão e escutando a chuva. Estendi a mão para uma lâmpada no escuro e girei o comutador.

A primeira coisa que percebi foi que duas faixas de seda bordada tinham desaparecido da parede. Eu não havia contado quantas eram, mas os espaços se destacavam desnudos e óbvios contra o reboco marrom. Andei mais um pouco e acendi outra lâmpada. Meu olhar caiu sobre o totem. Bem diante dele, sem tocar a beirada do tapete chinês, tinha sido colocado outro tapete sobre o assoalho nu. Não estava lá antes. Naquele lugar estivera o cadáver de Geiger. E agora tinha desaparecido.

Fiquei gelado. Repuxei os lábios contra os dentes e olhei de soslaio para o olho de vidro no totem. Dei uma busca completa na casa outra vez. Tudo estava exatamente como antes. Geiger não estava deitado em sua cama de babados, nem embaixo dela, nem dentro do armário. Não estava na cozinha nem no banheiro. Sobrava a porta trancada no lado direito do corredor. Uma das chaves de Geiger serviu na fechadura. O quarto era interessante, mas Geiger não estava nele. Era interessante porque era muito diferente do quarto de Geiger. Era um quarto bem masculino, austero e sem adornos, com assoalho de madeira lustrada, dois pequenos tapetes com motivos indianos, duas cadeiras de espaldar reto, uma cômoda de madeira escura, em cima da qual havia um conjunto de toalete masculino e duas velas negras em castiçais de bronze de uns trinta centímetros de altura. A cama era estreita, parecia dura e estava coberta com uma colcha de *batik* marrom-avermelhada. Era um quarto frio. Tranquei-o de novo, limpei a maçaneta com meu lenço e retornei para o totem. Ajoelhei-me, inclinei a cabeça com os olhos semicerrados para observar bem o pelo do tapete até a porta da frente. Pareceu-me ver dois sulcos paralelos apontando naquela direção, como se alguém tivesse sido arrastado e os calcanhares tivessem

deixado marcas pelo chão. Quem quer que tivesse arrastado o corpo tinha um bom motivo. Homens mortos são mais pesados que corações partidos.

Não tinha sido a polícia. Eles ainda estariam por ali, divertindo-se com seus pedaços de barbante e giz, suas câmeras, pós para identificar digitais e charutos baratos. Ainda estariam todos ali. Também não fora o assassino. Ele tinha fugido depressa demais para voltar. Devia ter visto a garota. Não podia saber que ela estava dopada demais para vê-lo. Devia ter-se mandado para bem longe. Eu não sabia a resposta, mas por mim tudo bem se alguém preferia que Geiger fosse considerado desaparecido em vez de morto. Só assim eu tinha uma chance de descobrir se podia contar a história deixando Carmen Sternwood de fora. Tranquei tudo de novo, apertei o afogador do carro até que ele retornasse à vida e voltei para casa, em busca de uma ducha, roupas secas e um jantar fora de hora. Depois disso, fiquei sentado no apartamento bebendo ponche quente com uísque, enquanto tentava decifrar o código da agenda azul de Geiger. A única coisa de que eu tinha certeza era que continha uma lista de nomes e endereços, provavelmente dos clientes. Havia mais de quatrocentos. Só isso já dava para um bom negócio, sem contar com a chantagem, que provavelmente era frequente. Qualquer nome da lista poderia ser um assassino em potencial. Eu não invejava o trabalho da polícia quando me decidisse a entregar-lhes a agenda.

Fui para a cama cheio de uísque e de frustração; sonhei com um homem de casaco chinês manchado de sangue, que perseguia uma moça nua com longos brincos de jade, enquanto eu corria atrás deles e tentava bater uma fotografia com uma câmera vazia.

A manhã seguinte estava brilhante, clara e ensolarada. Acordei com um gosto de cabo de guarda-chuva na boca, bebi duas xícaras de café e dei uma olhada nos jornais da manhã. Não encontrei nenhuma referência a Arthur Gwynn Geiger. Estava sacudindo meu terno úmido para desamassá-lo quando tocou o telefone. Era Bernie Ohls, o principal investigador do Promotor Público, o mesmo que tinha indicado meu nome ao general Sternwood.

— Bem, como vai o menino? — foi dizendo à guisa de introdução. Parecia um homem que tinha dormido bem e não devia muito dinheiro.

— Estou de ressaca — respondi.

— Ora, ora — ele deu uma risada distraidamente e então sua voz adquiriu um som que era demasiado casual, uma voz de policial ardiloso. — Já se encontrou com o general Sternwood?

— Hum-hum.

— Fez alguma coisa para ele?

— Choveu demais — eu respondi, para evitar uma resposta direta.

— Uma porção de coisas parece acontecer com aquela família. Um grande Buick que pertence a um deles está tomando banho de mar, perto do cais dos pescadores no Lido.

Apertei o telefone com tanta força que quase rachou. Prendi a respiração.

— Sim — disse Ohls alegremente. — Um lindo Buick sedã novo em folha, todo sujo de areia e água do mar... Ah, já ia me esquecendo. Tem um cara dentro dele.

Soltei a respiração tão lentamente que ficou pendurada em meus lábios. — É Regan? — perguntei.

— Hein? Quem? Ah, você quer dizer o ex-contrabandista de bebidas que a garota mais velha conheceu e com quem se casou? Nunca vi o cara em toda a minha vida. O que ele estaria fazendo lá embaixo?

— Pare de me enrolar. Quem mais ia querer estar lá dentro?

— Não sei, companheiro. Vou dar um pulo lá para ver. Quer ir comigo?

— Claro.

— Então, ande depressa — disse ele. — Vou estar na minha gaiola.

Depois de me barbear, vestir e comer alguma coisa, cheguei ao Fórum em menos de uma hora. Tomei o elevador até o sétimo andar e passei por uma série de escritórios minúsculos que eram usados pelos auxiliares do Promotor Público. A sala de Ohls não era maior do que as outras, mas era só dele. Sobre sua escrivaninha só havia um mata-borrão, um jogo de canetas baratas, seu chapéu e

um de seus pés. Ele era um homem alourado, de estatura média, com sobrelhas retas e quase brancas, olhos tranquilos e dentes bem cuidados. Não chamava a atenção de ninguém quando andava pela rua. Só que eu sabia que ele já tinha matado nove homens — três deles depois de terem sacado primeiro, ou pelo menos pensarem que haviam sacado.

Ele se levantou, colocou no bolso uma lata achatada de cigarrilhas com a marca Entractes, uns charutinhos que pareciam de brinquedo, balançou com os lábios o que já estava em sua boca e observou-me cuidadosamente, com a cabeça jogada para trás.

— Não é Regan — disse. — Já verifiquei. Regan é um cara grande, alto como você e um pouco mais corpulento. Esse é quase um garoto.

Fiquei em silêncio. Não tinha nada a dizer.

— Por que Regan sumiu? — quis saber Ohls. — É nisso que está interessado?

— Acho que não — respondi.

— Quando um traficante de bebidas se casa com uma moça de família rica e dá um adeus sem o menor motivo para uma mulher bonita e dois milhões de dólares perfeitamente legais — bem, até eu fico desconfiado. Acho que você pensou que fosse algum segredo.

— Hã-hã.

— Ok se não quiser se abrir, não fale. Não vamos brigar por isso.

Ele fez a volta à escrivania, apalpando os bolsos com uma das mãos e estendendo a outra para o chapéu.

— Não estou procurando Regan — disse eu.

Ele trancou a porta, descemos para o estacionamento do Fórum e entramos em um pequeno sedã azul. Descemos pelo Sunset Boulevard, usando a sirene de vez em quando para passar pelos sinais fechados. Era uma manhã clara, com um certo frescor no ar, apenas o suficiente para fazer a vida parecer simples e doce, se você não está com muitos problemas na cabeça. Acontece que eu estava.

Eram uns cinquenta quilômetros pela estrada costeira, desde o centro até o cais do Lido e os primeiros quinze quilômetros com um trânsito pesado. Ohls chegou em quarenta e cinco minutos. Paramos em frente de um arco de estuque desbotado, descemos para as tábuas do cais e saímos do carro. O cais era comprido, com uma cerca de tábuas de duas polegadas por quatro, pintadas de branco, que se estendia até o mar desde o arco. Um bolinho de gente se debruçava sobre a cerca, quase na ponta do cais; e um policial de motocicleta estava parado embaixo do arco para impedir que mais pessoas entrassem nele. Havia carros estacionados dos dois lados da estrada, os babacas de ambos os sexos que adoram ver desastres. Ohls mostrou seu distintivo ao policial da motocicleta e andamos pelo cais, no meio de um fedor de peixe que a chuva pesada da noite não havia conseguido dissipar.

— Lá está o carro... na barçaça a motor — disse Ohls, apontando com um de seus charutinhos.

Uma barca preta, de costado baixo, com uma casa de leme igual à de um rebocador, estava ancorada junto às estacas de sustentação do final do cais. Alguma coisa brilhava no sol da manhã sobre o convés, ainda enroscada nas correntes que a haviam trazido do fundo do mar. Um carro grande, preto e cheio de cromados. O braço do guindaste havia sido rebaixado até o nível do convés. Alguns homens estavam em volta do automóvel. Descemos os degraus escorregadios até o convés.

Ohls deu um alô para um policial uniformizado de verde-cáqui e a um investigador em roupas civis. A tripulação da barçaça, composta de três homens, apoiava-se contra a parede da casa do leme enquanto mascava pedaços de fumo. Um deles estava esfregando seu cabelo molhado com uma toalha de banho suja. Devia ter sido o homem que descera ao fundo para amarrar as correntes.

Examinamos o carro. O para-choque dianteiro estava amassado, um dos faróis rebentado, o outro revirado para cima, mas com o vidro inteiro. A caixa do radiador estava meio afundada e a tinta e os niquelados tinham sido arranhados por todo o carro. O estofamento dos bancos estava empapado e escurecido pela água. Os pneus pareciam perfeitos.

O motorista ainda estava caído sobre a direção, sua cabeça em um ângulo estranho com relação aos ombros. Era um rapazinho magro de cabelos escuros e tinha sido até bonito algumas horas antes. Agora seu rosto estava de um branco-azulado, seus olhos tinham um brilho opaco sob as pálpebras abaixadas, e havia areia em sua boca aberta. Do lado esquerdo de sua testa havia uma mancha roxa que se destacava contra a brancura da pele.

Ohls recuou alguns passos, limpou a garganta e encostou um fósforo aceso em seu charutinho.

— Qual é a história?

O homem uniformizado apontou para o bando de curiosos que estava na ponta do cais. Um deles estava remexendo no lugar em que um bom pedaço da amurada branca de moirões de dois-por-quatro tinha sido arrancada. A madeira lascada era amarela e limpa, como um pinheiro recém-cortado.

— Passou por ali. Deve ter batido com muita força. A chuva parou cedo por aqui, por volta das nove da noite. O lado de dentro da madeira quebrada está seco. Portanto, quebrou depois que a chuva parou. O carro caiu em um lugar fundo o bastante para não balançar e escangalhar mais ainda. A maré ainda não estava alta, senão teria sido arrastado para longe; mas também não estava baixa, caso contrário ele teria sido esmagado contra as pilastras. O intervalo entre a maré baixa e a alta foi pelas dez horas. Deve ter afundado pelas nove e meia, mais cedo não foi. Quando o pessoal veio pescar hoje de manhã, viram o carro

logo abaixo da linha da água. Aí mandamos buscar a barça para puxar o carro para fora e encontramos esse fulano dentro.

O detetive à paisana esfregou o bico do sapato contra as tábuas do cais. Ohls me olhou de esguelha enquanto balançava o charutinho na boca, como se fosse um cigarro.

— Bêbado? — ele lançou a pergunta, sem se dirigir a ninguém em particular.

O homem que tinha estado passando a toalha nos cabelos foi até a mureta e pigarreou tão alto que chamou a atenção de todos:

— Estou com areia na boca — falou e depois cuspiu. — Não tanta como o garoto aí, mas engoli um pouco.

O homem uniformizado falou:

— Podia estar bêbado. Correndo sozinho na chuva, só para se mostrar. Bêbado faz cada coisa...

— Bêbado, coisa nenhuma! — disse o detetive à paisana. — O afogador está apertado pela metade e deram uma porretada do lado da cabeça do cara. Pra mim é assassinato.

Ohls olhou para o homem da toalha:

— O que você acha, companheiro?

O homem da toalha pareceu ter ficado envaidecido com a pergunta. Deu um sorriso largo:

— Para mim é suicídio, chefe. Olhe, não é assunto meu, mas já que me pergunta, eu digo que foi suicídio. Primeiro, as marcas dos pneus do cara seguem bem retinho pelo cais. Dá para ver as marcas quase do começo até o fim. Isso quer dizer que foi depois da chuva, como disse o xerife. Depois, ele bateu na cerca com toda a força, caso contrário não atravessava e caía com a capota para cima. Provavelmente tinha capotado duas ou três vezes. Quer dizer, ele vinha a toda e bateu na mureta bem de frente. Ia precisar de mais de metade do afogador. Para mim, ele empurrou o afogador com a mão quando caiu e bateu com a cabeça durante a queda também.

Ohls disse:

— Você tem olhos, meu chapa. Revistaram ele? — perguntou ao auxiliar do delegado. Este olhou para mim, depois para a tripulação encostada na casinhola do leme. — Ok esqueça a pergunta — disse Ohls.

Um baixinho de óculos, com jeito de cansado e trazendo uma maleta preta, desceu os degraus vindo do cais. Descobriu um lugar relativamente limpo no convés e pousou a maleta. Então tirou o chapéu, esfregou a parte de trás do pescoço e lançou um longo olhar ao mar, como se não soubesse onde estava nem o que tinha a fazer.

Ohls falou de novo:

— Esse é o seu freguês, doutor. Mergulhou do cais a noite passada, entre nove e dez horas. É só o que sabemos.

O baixinho olhou aborrecido para o morto. Apalpou-lhe a cabeça, examinou o machucado da têmpora, movimentou a cabeça com as duas mãos, passou os dedos pelas costelas. Levantou uma mão morta e frouxa e olhou as unhas. Soltou a mão e ficou olhando enquanto caía. Deu uns passos para trás, abriu a maleta e retirou um talão de formulários impressos com o cabeçalho D.O.A.<sup>[\*]</sup> e começou a escrever em duplicata, com papel carbono.

— A causa aparente da morte foi o pescoço quebrado — disse, enquanto escrevia. — Isso quer dizer que não vamos achar muita água dentro dele. Isso significa que ele vai começar a endurecer bem depressa, agora que está exposto ao ar. Melhor tirá-lo de dentro do carro antes. Vocês não vão gostar de fazê-lo depois.

Ohls concordou:

— Há quanto tempo está morto, doutor?

— Não faço ideia.

Ohls lhe lançou um olhar penetrante, tirou o charutinho de dentro da boca e desviou a vista para ele:

— É um prazer conhecê-lo, doutor. Um legista que não adivinha a hora da morte nos primeiros cinco minutos me deixa de queixo caído.

O baixinho deu um sorriso amarelo, colocou o talão dentro da maleta e o lápis no bolso do colete:

— Se ele jantou a noite passada, depois eu digo quando morreu — desde que eu saiba a hora em que ele comeu. Mas não vai levar só cinco minutos.

— Como foi que ele machucou a testa? Durante a queda?

O baixinho olhou para o hematoma outra vez.

— Acho que não. Esse golpe foi feito por algum instrumento coberto. Ele teve uma hemorragia subcutânea antes de morrer.

— Um cassetete, quem sabe?

— Muito provavelmente.

O pequeno legista-auxiliar fez um sinal de aquiescência com a cabeça, levantou sua maleta do convés e subiu os degraus até o cais. Uma ambulância estava entrando de ré do outro lado do arco de estuque. Ohls me olhou e disse:

— Vamos embora. Foi uma perda de tempo, não acha?

Voltamos pelo cais e entramos de novo no sedã de Ohls. Ele enfrentou o trânsito da estrada e depois enveredou para a cidade por uma estrada de três pistas lavada pela chuva, passando por colinas arredondadas de areia branco-amarelada, recobertas de musgo cor-de-rosa. Algumas gaivotas giravam sobre o mar e se lançavam em voos rasantes para pegar alguma coisa na água; bem longe, um iate branco dava a impressão de estar pendurado no céu.

Ohls apontou para mim com o queixo e disse:



— Você o reconheceu?

— Claro. O chofer dos Sternwood. Ontem mesmo eu o vi quando dava um polimento nesse mesmo carro.

— Não quero pressioná-lo, Marlowe. Só me diga, seu serviço tinha alguma coisa a ver com ele?

— Não. Eu nem sei o nome dele.

— Owen Taylor. Como é que eu sei? Coisa gozada. Mais ou menos há um ano estivemos com ele em cana, enquadrado na Lei Mann<sup>[\*\*]</sup>. Parece que ele levou a filha de Sternwood, aquela de rabo quente, a mais moça, até Yuma. A irmã foi atrás e os trouxe de volta; depois deu queixa e o cara foi para o congelador. Mas no dia seguinte, ela veio ao escritório do promotor local e o convenceu a ir cantar o promotor federal para livrar a cara do palhaço. Ela declarou que ele pretendia casar com a irmã dela, mas esta não queria saber de casamento. Tudo o que ela queria era tomar umas que outras e cair na farra com o carinha. Aí nós soltamos o pássaro e, por incrível que pareça, eles o receberam de volta no emprego. Um pouco mais tarde, recebemos um relatório de rotina de Washington e ele tinha as digitais registradas em Indiana por uma tentativa de assalto cometida há seis anos. Ele cumpriu a sentença na cadeia local, aliás a mesma de que Dillinger fugiu. Demos a informação aos Sternwood e eles conservaram o cara trabalhando lá mesmo. O que você acha disso tudo?

— Parece ser uma família meio biruta — disse eu. — Eles sabem o que aconteceu a noite passada?

— Não. Vou ter de ir lá agora para dar a notícia.

— Deixe o velho de fora disso, se for possível.

— Por quê?

— Ele já tem problemas suficientes e, além disso, está muito doente.

— Você quer dizer Regan?

Fiz uma careta:

— Eu não sei de nada sobre Regan, já lhe disse. Não estou procurando Regan. Regan não está incomodando ninguém pelo que eu sei.

Ohls murmurou “oh!” e ficou olhando pensativamente para o mar, até um ponto em que o sedã quase saiu da estrada. Durante o resto da viagem até a cidade ele quase não falou. Deixou-me em Hollywood, perto do Teatro Chinês, e virou para oeste, para o lado de Alta Brea Crescent. Almocei no balcão de um barzinho, olhei as páginas de um jornal vespertino e não encontrei nada a respeito de Geiger.

Depois de comer, caminhei para leste ao longo da avenida a fim de dar outra olhada na loja de Geiger.

O joalheiro magro e de olhos negros que vendia a crédito estava parado na entrada da loja, na mesma posição que na tarde anterior. Ele me lançou o mesmo olhar conhecedor quando eu entrei. A loja parecia exatamente a mesma coisa da véspera. A mesma lâmpada brilhava na pequena escrivaninha do canto e a mesma mulher de cabelos louros com um toque de cinza, usando o mesmo vestido preto que parecia feito de camurça, ergueu-se dela e veio em minha direção com o mesmo sorriso falso.

— O senhor...? — começou a falar e parou. Suas unhas prateadas pendiam dos lados do corpo e não paravam de se mexer. Seu sorriso ficou tenso. Não era um sorriso, era uma careta. Só ela que pensava que fosse sorriso.

— Voltei... — disse eu, com uma vozinha afetada, e balancei um cigarro no ar. — O sr. Geiger veio hoje?

— Sinto... Sinto muito. Não... Acho que não veio. O que é mesmo que o senhor queria?

Tirei meus óculos escuros e bati com eles delicadamente na parte interna de meu pulso esquerdo. É difícil pesar uns noventa quilos de músculos e ossos e parecer uma bicha, mas eu estava me esforçando bastante.

— Aquela história sobre comprar primeiras edições era só conversa — murmurei. — Tenho de ser cuidadoso. Eu tenho uma coisa que ele quer. Uma coisa que ele quer há muito tempo.

As unhas prateadas tocaram o cabelo louro sobre uma orelhinha enfeitada com um brinco de azeviche.

— Ora, um vendedor... — disse ela. — Bem, você pode voltar amanhã. Acho que ele estará aqui amanhã.

— Corta essa — falei. — Eu estou no mesmo ramo.

Seus olhos se estreitaram e emitiram um leve brilho esverdeado, como uma lagoa no meio da floresta, coberta pela sombra das árvores. Suas unhas se cravaram nas palmas. Ela me fitou e prendeu a respiração.

— Ele está doente? Eu poderia ir à casa dele — disse eu, afetando impaciência. — Não tenho todo o tempo do mundo.

— Você... ah... você... ah... — sua garganta trancou. Pensei que fosse desmaiar. Seu corpo inteiro tremeu e seu rosto se desfez como uma torta de sorvete numa sauna. Ela recompôs o rosto lentamente, como se estivesse levantando um grande peso, por pura força de vontade. O sorriso voltou, mas ela estava de boca frouxa.

— Não... — ela soltou a respiração. — Não. Ele está fora da cidade. Não ia... adiantar nada ir lá; o senhor pode... voltar... amanhã?

Já tinha aberto a boca para responder alguma coisa, quando a porta da divisória se abriu uns trinta centímetros. O tal rapaz simpático, alto e moreno, que usava uma jaqueta, olhou para fora com o rosto pálido e os lábios apertados, avistou-me e fechou a porta rapidamente de novo, mas não antes que eu visse no chão, por trás dele, uma porção de caixas de madeira forradas de jornal e cheias de livros. Um homem usando um macacão novo estava mexendo nelas. Uma parte do estoque de Geiger estava sendo removida.

Quando a porta se fechou, eu coloquei de novo meus óculos escuros e toquei com a mão no chapéu.

— Amanhã, então. Gostaria de deixar-lhe meu cartão, mas sabe como são essas coisas.

— Si... sim. Eu sei como é que é.

Ela estremeceu de novo e fez um leve ruído de sucção por entre seus lábios brilhantes. Sai da loja e caminhei para oeste ao longo da avenida até a esquina e dobrei para o norte em direção à ruazinha que passava por trás das lojas. Uma caminhonete preta com a carroceria aumentada por quadrados de tela de arame, sem nada escrito nas portas ou dos lados, estava parada logo atrás do estabelecimento de Geiger. O homem de macacão novo estava colocando uma caixa dentro da carroceria. Voltei à avenida e no quarteirão seguinte à loja de Geiger encontrei um táxi estacionado em frente a um hidrante. Um garoto de cara limpa estava lendo uma revista de horror em quadrinhos sentado atrás do volante. Pus a cabeça pela janela e lhe mostrei uma nota de dólar:

— Topa seguir um carro?

Ele me olhou de cima a baixo.

— Você é tira?

— Particular.

— Estou nessa, meu chapa — disse ele, com um sorriso largo. Enfiou a revista por trás do espelho retrovisor enquanto eu entrava no táxi. Demos a volta no quarteirão e estacionamos em frente à ruazinha, ao lado de outro hidrante.

Já havia mais ou menos doze caixas na caminhonete quando o homem de macacão fechou as portas de tela, levantou a tampa traseira, prendeu com os ganchinhos laterais, fez a volta e sentou ao volante.

— Pegue esse — falei ao chofer do táxi.

O homem de macacão ligou o motor, olhou para os dois lados da travessa e seguiu depressa na outra direção. Dobrou à esquerda e saiu da travessa. Fizemos o mesmo. Tive uma visão rápida do veículo quando dobrou à esquerda na Franklin Avenue e disse ao chofer que se aproximasse mais um pouco. Ele não conseguiu ou não quis. Vi a caminhonete a dois quarteirões de distância quando chegamos na Franklin. Continuamos avistando-o quando entrou na rua Vine;

depois, atravessou e seguiu até a Western. Deu para vê-la duas vezes depois que passou pela Western. Havia muito trânsito e o garoto estava ficando muito para trás. Eu já estava dizendo exatamente isso, com palavras bem claras, quando a caminhonete, agora bem distante, dobrou novamente para o norte. Entrou em uma ruazinha chamada Brittany Place. Mas quando chegamos à Brittany Place, a caminhonete tinha desaparecido.

O garoto tentava me acalmar enquanto subíamos a encosta a uns cinco ou seis quilômetros por hora, procurando a caminhonete por trás dos arbustos.

Dois quarteirões mais adiante, Brittany Place virava para leste e desembocava em Randall Place, perto de um gramado em que havia um prédio de apartamentos branco cuja frente dava para a Randall, enquanto a garagem do porão se abria para a Brittany. Estávamos passando a garagem e o garoto me dizia que a caminhonete não podia estar longe, quando eu olhei pelo arco de entrada e avistei o veículo na semiobscuridade, com as portas traseiras abertas de novo.

Fizemos a volta até a frente do prédio de apartamentos e eu desci. Não havia ninguém no saguão, nem ao menos uma mesa telefônica. O que havia era uma escrivaninha de madeira encostada na parede ao lado de um painel de caixas de correspondência pintado de dourado. Olhei os nomes. Um homem chamado Joseph Brody tinha o apartamento 405. Um fulano chamado Joe Brody tinha recebido cinco mil dólares do general Sternwood para parar de brincar com Carmen e encontrar alguma outra garota para suas gracinhas. Podia ser o mesmo Joe Brody. Resolvi pagar para ver.

Contornei a parede interna até encontrar uma escada calçada com tijoletas e o poço do elevador. A parte de cima do elevador estava no mesmo nível do chão do corredor. Havia uma porta ao lado do poço com a placa Garagem. Abri a porta e desci uma escada estreita até o porão. O elevador estava aberto e preso com um calço, enquanto o homem de macacão novo grunhia e ofegava para colocar as caixas pesadas dentro dele. Parei do seu lado, acendi um cigarro e fiquei olhando. Ele não gostou de ser observado.

Depois de algum tempo, eu disse:

— Cuidado com o peso, rapaz. O elevador só foi testado para meia tonelada. Para onde vai esse troço?

— Brody, quatro-zero-cinco — ele resmungou. — É o síndico?

— Sou. Parece uma linda muamba.

Ele me encarou com uns olhos pálidos, o branco muito visível.

— São livros — rosnou. — Uns cinquenta quilos por caixa, no mínimo; quando carrego mais de trinta, fico com dor nas costas.

— Bem, cuidado com o excesso de peso — falei.

Ele entrou no elevador com seis caixas e fechou a porta. Subi os degraus até o saguão, saí para a rua e o táxi me levou para o centro, de volta a meu prédio de

escritórios. Dei ao garoto dinheiro demais e ele me devolveu um cartão de visitas todo amassado; desta vez decidi não jogar dentro da jarra cheia de areia que ficava ao lado do elevador, como era meu costume.

Eu tinha uma sala e meia na parte dos fundos do sétimo andar. A meia-sala era um escritório dividido ao meio para dar espaço para duas salas de recepção. A que era minha trazia meu nome escrito e nada mais. Eu sempre deixava a sala de espera destrancada, caso aparecesse um cliente e este se dispusesse a sentar e esperar por mim.

Desta vez eu tinha um cliente.

Ela usava um conjunto de *tweed* marrom, uma camisa de homem com gravata, sapatos de passeio feitos à mão. Suas meias eram tão finas quanto as da véspera, mas ela não estava mostrando uma parte tão grande das pernas. Seus cabelos negros rebrilhavam sob um chapéu marrom em estilo Robin Hood, que deveria ter custado uns cinquenta dólares, mas dava a impressão de ter sido feito com uma mão só, usando um pedaço de mata-borrão como matéria-prima.

— Bem, finalmente você se levantou — disse ela, franzindo o nariz para o sofá vermelho desbotado, as duas cadeiras semirreclináveis, as cortinas de pano de mosquito que precisavam de uma lavagem e a mesinha central onde estava empilhado um monte de revistas velhas, para dar um toque profissional ao ambiente. — Estava começando a pensar que você trabalhava na cama, como Marcel Proust.

— Quem é esse cara? — pus um cigarro na boca e olhei para ela. Parecia um pouco pálida e tensa, mas era o tipo da garota que funcionava bem sob tensão.

— Um escritor francês especialista em descrever degenerados. Você não deve mesmo saber quem é.

— Ora, ora — disse eu. — Venha, entre no meu *boudoir*<sup>[\*]</sup>.

Ela se levantou e disse:

— Não nos demos muito bem ontem. Talvez eu tenha sido grosseira consigo.

— Nós dois fomos meio grossos — disse eu. Destranquei a porta de comunicação e abri para que ela passasse. Entramos na outra metade da minha suíte, que tinha um tapete vermelho-ferrugem, não muito jovem, cinco arquivos verdes, três dos quais estavam cheios apenas com o clima da Califórnia, um calendário com propaganda comercial, cuja fotografia mostrava as Quints, um conjunto de cinco irmãs pretensamente gêmeas, dançando em um piso azul-celeste com vestidos cor-de-rosa, cabelos castanhos escuros e olhos negros e penetrantes, do tamanho de ameixas gigantes. Havia três cadeiras de imitação de noqueira, a escrivaninha de costume com o mata-borrão de costume, um jogo de canetas, cinzeiro e telefone, além da cadeira giratória de costume, que rangia o tempo todo por trás da escrivaninha.

— Você não dá muita importância à decoração — disse ela, sentando-se à escrivaninha do lado destinado aos clientes.

Fui até a caixa de correspondência e peguei seis envelopes, duas cartas de verdade e quatro propagandas. Coloquei o chapéu em cima do telefone e sentei.

— A Agência Pinkerton também não dá — falei. — Você não ganha muita grana nesta profissão, se for honesto. Quem tem uma fachada bacana está ganhando muito dinheiro... ou pretende usar a fachada como chamariz para ganhar.

— Quer dizer que você é honesto? — perguntou ela enquanto abria a bolsa. Retirou um cigarro de uma cigareira esmaltada de fabricação francesa, acendeu com um isqueiro de bolso e largou a cigareira e o isqueiro dentro da bolsa sem fechá-la.

— Dolorosamente.

— Como foi que entrou neste tipo de negócio nojento?

— Como a senhora casou com um traficante de bebidas?

— Meu Deus, não vamos começar a brigar de novo! Passei a manhã tentando entrar em contato com você. Ligando ora para cá, ora para o seu apartamento.

— A respeito de Owen?

Ela contraiu o rosto subitamente. Falou com uma voz muito suave:

— Pobre Owen. Então você já sabe.

— Um investigador da Promotoria levou-me até o Lido. Achava que eu poderia lhe dar algumas informações. Mas ele sabia muito mais do que eu. Sabia, por exemplo, que Owen pretendia casar com sua irmã...

Ela fumou silenciosamente, enquanto me considerava com olhos negros e firmes.

— Talvez não tivesse sido uma má ideia — disse baixinho. — Ele estava apaixonado por ela. Não há muita paixão verdadeira em nosso meio.

— Ele tinha ficha na polícia.

Ela deu de ombros e disse negligentemente:

— Ele não teve chance de conhecer as pessoas certas. É só isso que uma ficha na polícia significa neste país podre e infestado de crimes.

— Também não precisa exagerar.

Ela tirou a luva direita e mordeu a primeira junta do indicador, enquanto me contemplava com os olhos muito sérios.

— Eu não vim aqui por causa de Owen. Acha que já pode me contar por que meu pai mandou chamá-lo?

— Só com a permissão dele.

— Era alguma coisa a ver com a Carmen?

— Não posso dizer-lhe nem isso.

Terminei de encher o cachimbo e acendi com um fósforo. Ela observou a fumaça por um momento. Então, enfiou a mão na bolsa aberta e retirou um envelope branco e grosso. Jogou-o em minha direção por cima da escrivaninha.

— Seja como for, é melhor dar uma olhada nisso — disse ela.

Levantei o envelope. Estava endereçado à máquina para a sra. Vivian Regan, 3765 Alta Brea Crescent, West Hollywood. Tinha sido entregue por mensageiro especial e o carimbo do correio mostrava 8h35 como o horário da expedição. Abri o envelope e retirei uma fotografia reluzente, formato dez por oito, que era a única coisa ali dentro.

Era Carmen sentada na cadeira alta de madeira de teca sobre a plataforma, de brincos e com a roupa com que viera ao mundo. Seus olhos pareciam ainda mais enlouquecidos do que me lembrava. Nada estava escrito atrás. Coloquei a fotografia de volta no envelope.

— Quanto é que eles querem?

— Cinco mil — pelo negativo e as duplicatas da foto. A transação tem de ser concluída esta noite ou vão vender a chapa a algum tabloide escandaloso.

— Como fizeram a exigência?

— Uma mulher me telefonou, mais ou menos meia hora depois de chegar esta coisa.

— Isso de mandar para um tabloide é conversa mole. Hoje em dia os jurados condenam esse tipo de coisa sem nem se dar ao trabalho de sair do tribunal para a sala de conferência. Deve ter mais alguma coisa.

— Tem de haver mais alguma coisa?

— Tem.

Ela ficou me olhando com os olhos muito grandes e a expressão confusa:

— Pois sabe que tem? A mulher disse que havia uma confusão com a polícia e que se eu não pagasse depressa minha irmã ia pegar cana.

— Melhorou — falei. — Que tipo de confusão?

— Isso eu não sei.

— Onde está Carmen agora?

— Está em casa. Ela adoeceu noite passada. Acho que ainda não levantou.

— Ela saiu ontem à noite?

— Não. Eu não estava em casa, mas os criados disseram que ela não saiu. Eu tinha ido a Las Olindas para jogar na roleta do Cypress Club de Eddie Mars. Perdi até a camisa.

— Então você gosta de roleta. Já era de se esperar.

Ela cruzou as pernas e acendeu outro cigarro.

— Sim, eu gosto de roleta. Todos os Sternwood gostam de jogos de azar, como roleta ou casar com homens que vão embora ou montam em cavalos de corrida aos cinquenta e oito anos, para levar uma queda e ser atropelado pelos cavalos que vinham atrás e ficar aleijado para o resto da vida. Os Sternwood têm dinheiro. Mas só serve para impedir que a gente more embaixo da ponte.

— O que Owen estava fazendo a noite passada com seu carro?

— Ninguém sabe. Ele pegou o carro sem permissão. É verdade que ele tem licença para pegar um carro na sua noite de folga, mas ontem ele estava de



serviço — disse ela, com um meio sorriso que lhe contorceu o canto da boca. — Você acha...?

— Que ele sabia que Carmen havia tirado essa foto nua? E como é que eu vou saber? Não é impossível. A senhora pode conseguir cinco mil dólares em dinheiro imediatamente?

— Só se contar ao papai — ou pedindo emprestado a alguém. Provavelmente posso pedir para Eddie Mars. Ele tem obrigação de ser generoso comigo, Deus sabe quanto já gastei lá.

— É melhor tentar. A senhora pode precisar do dinheiro bem depressa.

Ela se recostou na cadeira e colocou um dos braços por trás do espaldar.

— E se contarmos à polícia?

— É uma ótima ideia. Mas a senhora não vai querer contar.

— Não vou?

— Não. A senhora quer proteger seu pai e sua irmã. Não faz ideia do que a polícia pode descobrir. Talvez encontrem alguma coisa que não possa ser abafada. Embora normalmente eles procurem esconder o que aparece em casos de chantagem.

— Você pode fazer alguma coisa?

— Acho que sim. Mas não vou dizer por que ou como.

— Gosto de você — disse ela de repente. — Você acredita em milagres. Tem alguma coisa para beber aqui no escritório?

Destranquei a gaveta de baixo e retirei uma garrafa e dois copinhos. Enchi os dois e bebemos. Ela fechou a bolsa com um estalo e empurrou a cadeira para trás.

— Vou conseguir os cinco mil mangos — disse ela. — Sou uma boa freguesa de Eddie Mars. E há outra razão pela qual ele deve ser gentil comigo, talvez você não saiba.

Ela me lançou um desses sorrisos que os lábios esquecem antes que atinjam os olhos:

— Sabia que a loura com quem Rusty fugiu é a esposa de Eddie?

Eu não disse nada. Ela me fitou com os lábios apertados e acrescentou:

— Isso não lhe interessa?

— Deveria tornar mais fácil encontrá-lo — se eu estivesse à procura dele. A senhora não acha que ele está metido nesta bagunça toda, acha?

Ela empurrou o copo vazio sobre o tampo da escrivaninha em minha direção:

— Quero outro drinque. Você é o cara mais difícil de se arrancar alguma coisa. Ora, você nem ao menos mexe com as orelhas!

Enchi o copinho.

— A senhora já conseguiu tudo o que queria de mim. Tem quase certeza de que não estou atrás de seu marido.

Ela esvaziou o copo bem depressa. Quase se engasgou, ou pelo menos teve uma boa oportunidade de se engasgar. Soltou a respiração lentamente.

— Rusty não era um vigarista. Se entrasse num esquema, não seria por uma mixaria de cinco mil. Ele andava com quinze mil dólares em notas no bolso para onde quer que fosse. Chamava de dinheiro louco, para qualquer emergência. Ele já carregava esse rolo de notas quando nos casamos e continuava com ele quando me deixou. Não. Rusty não está envolvido em uma chantagemzinha barata.

Ela estendeu a mão e pegou o envelope; depois, levantou-se.

— Vou manter contato — disse eu. — Caso queira me deixar uma mensagem, a telefonista do meu prédio de apartamentos se encarrega.

Caminhamos até a porta. Batendo com o envelope branco contra os nós dos dedos da mão esquerda, ela disse:

— Você ainda acha que não pode me dizer o que o papai...

— Primeiro tenho de perguntar a ele.

Ela retirou a fotografia do envelope e ficou parada olhando para ela por alguns momentos, ainda do lado de dentro da porta.

— Ela tem um corpinho lindo, não tem?

— Hum-hum — concordei.

Ela inclinou-se um pouco em minha direção:

— Você devia ver o meu — disse, com toda a seriedade.

— Pode-se providenciar?

Ela deu uma gargalhada repentina e estridente, enquanto passava pela porta, mas, na metade do caminho, voltou-se para mim e disse:

— Você é a besta com mais sangue-frio que já conheci, Marlowe. Posso chamá-lo de Phil?

— Claro.

— Você pode me chamar de Vivian.

— Muito obrigado, sra. Regan.

— Oh, vá para o inferno, Marlowe! — Ela seguiu seu caminho sem olhar para trás.

Deixei que a porta se fechasse e fiquei parado olhando para minha mão na maçaneta. Senti um calor no rosto. Voltei até a escrivaninha, guardei o uísque, lavei os dois copinhos e guardei na mesma gaveta.

Tirei o chapéu de cima do telefone, fui até a Promotoria e pedi para falar com Bernie Ohls. Ele já tinha voltado para o cubículo que chamavam de escritório.

— Bem, deixei o velho em paz — disse ele. — O mordomo afirmou que ele mesmo ou uma das moças lhe comunicaria a notícia. Este Owen Taylor vivia em um quarto que ficava em cima da garagem e examinei seus pertences. Os pais moram em Dubuque, Iowa. Mandeí um telegrama ao delegado de polícia de lá

para saber o que querem fazer com o corpo. A família Sternwood paga todas as despesas.

— Suicídio? — indaguei.

— Não dá para dizer. Ele não deixou nenhum bilhete. Não tinha licença para pegar o automóvel. Todos estavam em casa a noite passada, exceto a sra. Regan. Ela estava em Las Olindas com um vagabundo chamado Larry Cobb. Já chequei. Conheço um rapaz que trabalha em uma das mesas de jogo.

— Vocês deviam acabar com essa jogatina — disse eu.

— Com toda essa máfia no país? Deixe de ser criança, Marlowe. Sabe, aquela marca de cassetete na cabeça do rapaz me incomoda. Tem certeza de que não pode me ajudar nisso?

Gostei da maneira como formulou a pergunta. Eu podia responder que não sem mentir. Sai do escritório após nos despedirmos, comprei os três vespertinos e tomei um táxi até o estacionamento do Fórum para pegar meu carro. Não havia nada nos jornais sobre Geiger. Dei outra olhada em sua agenda azul, mas o código parecia tão teimoso como tinha sido na véspera.

---

[\*] Sala de estar de senhora. Em francês no original. Usado, naturalmente, por ironia. (N.T.)

As árvores do lado superior de Laverne Terrace mostravam folhas verdes e brilhantes após a chuva. A luz fresca do sol da tarde, podia ver a encosta íngreme da colina e os degraus por onde o assassino tinha corrido após disparar três tiros na escuridão. Havia duas pequenas casas com frente para a rua de baixo. Eles poderiam ter escutado os tiros, mas talvez não tivessem escutado nada.

Não havia atividade em frente à casa de Geiger ou em qualquer outra parte da quadra. Os buxos que formavam a sebe estavam verdes e pacíficos e as telhas do teto ainda úmidas. Passei devagar com o carro pela casa, matutando uma ideia. Eu não tinha olhado na garagem na noite anterior. Já que o corpo de Geiger havia sumido, eu realmente não estava com vontade de encontrá-lo. Seria obrigado a tomar uma providência. Mas se alguém arrastasse o corpo até a garagem, colocasse dentro do próprio carro dele e dirigisse até um dos cento e tantos desfiladeiros desertos que rodeiam Los Angeles, poderia perfeitamente escondê-lo durante dias ou talvez por semanas. Isto supunha duas coisas: que houvesse mais de uma pessoa envolvida e que alguém tivesse a chave de seu carro. O setor de pesquisa seria bem menor, especialmente porque o chaveiro dele estava em meu bolso quando a coisa aconteceu.

Não tive chance de examinar a garagem. Além das portas estarem trancadas a cadeado, alguém estava movendo-se cuidadosamente por trás da cerca viva quando eu me aproximei. Uma mulher com um casaquinho xadrez verde e branco e um chapéuzinho que parecia um botão sobre a cabeleira loura e macia saiu do labirinto e ficou olhando para meu carro com os olhos arregalados, como se não tivesse escutado o barulho do motor ladeira acima. Então virou-se rapidamente e se escondeu. Era Carmen Sternwood, naturalmente.

Subi a rua, estacionei e caminhei de volta. À luz do dia, parecia ser uma coisa perigosa. Atravessei a sebe. Ela estava encostada, dura e silenciosa, contra a porta trancada. Uma das mãos subiu lentamente até a boca e seus dentinhos começaram a mordiscar seu estranho polegar. Seus olhos tinham olheiras arroxeadas e seu rosto estava branco e chupado de nervosismo. Quando viu que era eu, quase me sorriu. Ela disse:

— Alô... — em uma voz fina e quebradiça. — O que... o que...?

A voz foi morrendo aos poucos e ela voltou a mastigar o polegar.

— Lembra-se de mim? — disse eu. — Doghouse Reilly, o homem que cresceu demais. Recorda?

Ela fez que sim com a cabeça e um sorriso rápido e nervoso percorreu seu rosto.

— Vamos entrar — falei. — Eu tenho a chave. Bacana, não é?

— O que... o que...?

Empurrei-a para o lado e enfiei a chave no buraco da porta, abri e empurrei-a para dentro. Fechei a porta e fiquei farejando para ver se o cheiro ainda era o mesmo. O lugar era horrível à luz do dia. O lixo chinês pelas paredes, o tapete, as lâmpadas enfeitadinhas, o mobiliário de teca, a baderna de cores pegajosas, o totem, a jarra de éter e láudano — tudo isto, à luz do dia, parecia repelente e furtivo, como uma festinha de bichas.

A garota e eu ficamos nos encarando. Ela tentou manter um sorriso engraçadinho no rosto, mas suas feições estavam cansadas demais para sustentarem o esforço. Começava e sumia. O sorriso desaparecia como água na areia e a palidez de sua pele apresentava uma textura granulosa e áspera sob a expressão vazia, estúpida e confusa de seu olhar. Lambeu os cantos da boca com uma língua esbranquiçada. Uma menina bonita, mimada e não muito inteligente, que tinha enveredado por um caminho muito mau, de que ninguém estava tentando afastá-la. Os ricos que vão para o inferno. Fico enjoado com eles. Rolei um cigarro entre os dedos, empurrei alguns livros para fora do caminho e me sentei na ponta da escrivaninha preta. Acendi o cigarro, soltei uma baforada e fiquei olhando em silêncio por algum tempo, enquanto ela continuava a maltratar o polegar. Carmen simplesmente ficou parada à minha frente, como uma colegial que fosse mandada ao gabinete do diretor.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, finalmente.

Ela começou a dar uns puxões no casaco e não disse nada.

— O que você lembra da noite passada?

Isto ela respondeu, com um brilho ardiloso surgindo no fundo dos olhos:

— Lembrar de quê? Estive doente a noite passada. Nem saí de casa — sua voz era cautelosa e baixa, vinha do fundo da garganta e mal chegava a meus ouvidos.

— Em casa coisa nenhuma.

Seus olhos se reviraram para cima e para baixo com grande velocidade.

— Antes de ter ido para casa — disse eu. — Antes que eu levasse você para casa. Aqui. Naquela cadeira — apontei. — Em cima daquele xale alaranjado. Você se lembra muito bem.

Subiu um rubor de sua garganta. Mas que surpresa! — ela ainda conseguia ficar corada. Uma nesga do branco dos olhos apareceu por baixo das íris cinzentas congestionadas. Desta vez ela mordeu o polegar pra valer.

— Foi... foi você...? — ela sussurrou.

— Eu mesmo. De quanto você lembra?

— Você é da polícia? — disse ela, com um tom vago na voz.

— Não. Sou amigo de seu pai.

— Você não é da polícia?

— Já disse que não.

Ela soltou um suspiro por entre os dentes: — O que... Que é que você quer...?

— Quem matou Geiger?

Seus ombros estremeceram, mas nada se moveu em seu rosto:

— Quem mais... sabe?

— Sobre Geiger? Não sei. A polícia não sabe de nada, senão já estava acampando aqui. Talvez Joe Brody.

Foi uma punhalada no escuro, mas ela deu um ganido como um cachorrinho:

— Joe Brody! Ele!

Então nós dois fizemos silêncio. Traguei meu cigarro e ela comeu mais um pedaço do polegar.

— Não tente bancar a espertinha, pelo amor de Deus! — insisti. — O melhor é me contar da maneira mais simples. Foi Brody o assassino?

— Assassino de quem?

— Minha Nossa Senhora!... — eu gemi.

Ela ficou com um jeitinho de magoada. Seu queixo caiu uma polegada.

— Sim — disse solenemente. — Foi Joe que matou.

— Por quê?

— Ah, não sei — disse ela, sacudindo a cabeça para persuadir a si mesma de que não sabia.

— Tem andado muito com ele ultimamente?

Suas mãos desceram e formaram dois nozinhos brancos.

— Só de vez em quando. Eu detesto ele.

— Então você sabe onde ele mora?

— Sei.

— E não gosta mais dele?

— Eu o odeio!

— Então você gostaria que ele levasse a culpa.

Sua expressão esvaziou-se de novo. Eu estava indo muito depressa. O diabo é que era difícil não pensar mais depressa que ela.

— Você está disposta a contar à polícia que Joe Brody foi o assassino? — insisti.

Um pânico súbito se alastrou como o fogo por seu rosto.

— Desde que eu consiga abafar a história da foto em que você aparece pelada, naturalmente — acrescentei, em um tom de voz que se destinava a tranquilizá-la.

Ela deu uma risadinha. Senti um mal-estar. Se ela tivesse guinchado, chorado ou até se jogado no chão desmaiada, por mim estaria tudo bem. Mas ela só riu. De repente, a coisa toda parecia muito divertida. Ela tinha tirado um retrato nua como a deusa Ísis, alguém tinha roubado a chapa e alguém tinha

assassinado Geiger bem em frente dela enquanto ela estava mais bêbada que os participantes de uma convenção da Legião Americana e de repente o troço todo era apenas uma linda brincadeira. E riu de novo. Uma gracinha. As risadinhas foram ficando mais altas e ecoaram pelos cantos da sala como se fossem camundongos brincando por trás dos lambris. Ela estava ficando histérica. Escorreguei da escrivaninha, fui chegando perto e lhe dei uma bofetada no rosto.

— A mesma coisa que a noite passada — disse eu, reprovadamente. — Formamos uma dupla muito engraçada, Reilly e Sternwood, dois patetas em busca de um comediante.

As risadas pararam de repente, mas ela não deu mais bola para a bofetada que na véspera. Provavelmente todos os seus namorados acabavam lhe dando uns tapas, mais cedo ou mais tarde. Eu podia perfeitamente entender por quê. Sentei-me de novo no tempo da escrivaninha preta.

— Seu nome não é Reilly — disse ela, com toda a seriedade. — É Philip Marlowe e você é um detetive particular. Viv me contou. Ela me mostrou seu cartão.

Ela passou a mão pela face que eu havia esbofetado. Deu um sorriso, como se fosse agradável estar comigo.

— Bem, você realmente se lembra — disse eu. — E voltou para procurar aquela foto, só que não consegui entrar na casa. Foi ou não foi?

Seu queixo subiu e desceu. Ela se esforçou para dar um bonito sorriso. Estava de olho em mim e pretendia me conquistar. Esperava que eu gritasse “oba!” e dentro de um minuto a convidasse para ir a Yuma comigo.

— A fotografia desapareceu — falei. — Já procurei a noite passada, antes de levá-la para casa. Provavelmente foi Brody que levou. Ou o que você disse sobre Brody não é verdade mesmo?

Ela sacudiu a cabeça com a maior sinceridade.

— Então vai ser muito fácil — disse eu. — Você nem precisa se preocupar mais. Não conte a ninguém que esteve aqui, nem a noite passada, nem hoje; nem mesmo a Vivian. Simplesmente esqueça que esteve aqui. Deixe o assunto nas mãos de Reilly.

— Seu nome não é... — ela começou, e então parou e sacudiu a cabeça vigorosamente para concordar com o que eu tinha dito ou com alguma coisa em que acabara de pensar. Seus olhos se estreitaram, ficaram quase pretos e tão rasos como o esmalte de uma bandeja de cafeteria. Ela tinha tido uma ideia. — Tenho de ir para casa agora — acrescentou, como se estivéssemos simplesmente tomando chá.

— Claro.

Eu não me mexi. Ela me deu outro olhar engraçadinho e saiu em direção à porta da frente. No momento em que pôs a mão na maçaneta, escutamos um carro que chegava. Ela me olhou com uma interrogação nos olhos. Dei de

ombros. O carro parou, exatamente em frente da casa. O terror retorceu-lhe o rosto. Ouviram-se alguns passos e depois a campainha soou. Carmen me olhou por cima do ombro, a mão ainda agarrando a maçaneta da porta, quase se babando de medo. A campainha tocou várias vezes. Então parou. Uma chave roçou contra a porta, Carmen pulou para trás e congelou. A porta se abriu. Um homem entrou por ela rapidamente e parou de súbito, olhando para nós dois em silêncio, muito seguro de si mesmo.



Era um homem cinzento, totalmente cinzento, salvo os sapatos pretos lustrados e dois brilhantes com um reflexo escarlate, que prendiam sua gravata de cetim cinzento e pareciam como os losangos pintados em um tabuleiro de roleta. Sua camisa era cinza e cinza era seu terno duplo de flanela macia muito bem cortada. Ao ver Carmen, ele tirou um chapéu também cinza e seu cabelo por baixo era grisalho e fino como se tivesse sido peneirado em gaze. Suas sobrancelhas cinzentas e grossas tinham aquele aspecto indefinível de um desportista. Tinha um queixo comprido, nariz aquilino, olhos cinza pensativos que pareciam meio puxados, porque as dobras de pele por cima de suas pálpebras superiores desciam sobre os cantos das próprias pálpebras.

Ficou parado ali, muito educadamente, uma das mãos tocando na porta por trás dele, a outra segurando o chapéu cinzento e batendo com ele de leve contra a coxa. Parecia ser um cara durão, mas não era a dureza de um lutador de rua. Mais a dureza de um homem acostumado a andar a cavalo. Só que ele não era cavaleiro coisa nenhuma. Era Eddie Mars.

Fechou a porta às suas costas e colocou a mão no bolso do casaco, do lado que ficava sobreposto ao outro, deixando o polegar para fora, destacado claramente na luz baça da sala. Sorriu para Carmen. Tinha um sorriso fácil e simpático. Ela lambeu os lábios e olhou para ele. O medo desapareceu na mesma hora. Retribuiu-lhe o sorriso.

— Desculpem por entrar sem me anunciar — disse ele. — A campanha não chamou ninguém para atender. O sr. Geiger está por aí?

— Não — respondi. — Nós não sabemos onde ele se encontra. A porta estava entreaberta e entramos.

Ele concordou e tocou seu queixo comprido com a aba do chapéu.

— Vocês são amigos dele, naturalmente?

— Apenas contatos comerciais. Viemos buscar um livro.

— Um livro, é? — disse ele, rápida e alegremente; e, segundo eu pensei, com um ar meio ardiloso, como se soubesse tudo a respeito dos livros de Geiger. Então, olhou para Carmen de novo e deu de ombros. Aproveitei a deixa e caminhei para a porta:

— Acho que vamos embora — falei, segurando o braço dela. Ela estava olhando fixamente para Eddie Mars. Tinha gostado dele.

— Algum recado... caso Geiger retorne? — Eddie Mars indagou com toda a gentileza.

— Não. Não queremos incomodar você.

— Ora, que pena... — disse ele significativamente, como querendo dizer muito mais. Seus olhos cinzentos brilharam e então se endureceram quando eu passei por ele para abrir a porta. Acrescentou casualmente: — A garota pode se mandar. Mas gostaria de uma conversinha com você, soldado.

Soltei o braço dela. Fiquei olhando para ele inexpressivamente.

— Está querendo brincar, não é? — falou amavelmente. — Não perca seu tempo. Tenho dois rapazes sentados no carro lá fora à minha espera. Eles sempre fazem tudo o que eu mando.

Carmen emitiu uma espécie de som a meu lado e enveredou pela porta. Seus passos se perderam rapidamente ao longo da ladeira. Como eu não tinha visto seu carro, deveria estar estacionado mais adiante, para não chamar a atenção. Eu comecei a dizer:

— Ora, que diabo...?

— Oh, corte essa — disse Eddie Mars com um suspiro. — Alguma coisa está errada por aqui. Vou descobrir o que é. Se quiser catar chumbo na barriga, é só se meter no meu caminho.

— Puxa vida — disse eu. — Um cara durão.

— Somente quando é necessário, soldado — falou, sem nem me olhar mais. Estava caminhando pela sala, de cenho franzido, sem me dar a menor atenção. Olhei pela vidraça quebrada da janela da frente. Vi a capota de um carro por cima da sebe. Estava em ponto morto.

Eddie Mars encontrou a jarra roxa e os dois copos com filamento de ouro ao redor das bordas. Farejou um dos copos e depois a jarra. Um sorriso de nojo retorceu-lhe os lábios. Em uma voz sem expressão, ele disse:

— Gigolô asqueroso...

Abriu um livro ou dois, resmungou, fez a volta na escrivaninha e parou em frente ao totem com a objetiva da câmara. Estudou-o por um momento, baixou o olhar para o assoalho em frente, movimentou o tapetinho com a ponta do pé e, então, inclinou-se de repente, o corpo cheio de tensão. Dobrou um joelho cinzento sobre o assoalho. A escrivaninha ocultava parte de seu corpo. Soltou uma exclamação de choque e ergueu-se de novo. Seu braço enfiou-se rápido sob o casaco e uma negra pistola Luger apareceu em sua mão. Ele somente a segurou com seus longos dedos morenos, sem apontar para mim, sem apontar para nada.

— Sangue — disse ele. — Há sangue no chão, embaixo do tapete. Uma boa quantidade de sangue.

— É verdade? — disse eu, com um ar de interesse.

Ele escorregou para a cadeira por trás da escrivaninha e puxou o telefone cor de amora em sua direção, passando a Luger para a esquerda. Olhou de testa franzida para o telefone, encostando uma na outra suas sobrancelhas grisalhas e espessas e fazendo uma ruga funda na pele curtida que ficava por cima do gancho de seu nariz.

— Acho que vou chamar a polícia — falou.

Fui até o tapete que estava no lugar onde jazera o corpo de Geiger e chutei-o para o lado.

— Sangue velho — disse. — Já está seco.

— Mesmo assim, vamos precisar da lei por aqui.

— Por que não? — concordei.

Seus olhos se estreitaram. Todo o verniz tinha saído dele, deixando um cara durão, bem-vestido, mas com uma Luger. Não gostou que eu tivesse concordado com ele.

— Que diabo é você, soldado?

— Marlowe é o nome. Sou um detetive particular.

— Nunca ouvi falar em você. Quem é a garota?

— Cliente. Geiger estava tentando tirar uma casquinha dela com um pouco de chantagem. Viemos para conversar calmamente sobre o assunto. Ele não estava aqui. A porta estava aberta e entramos para esperar. Não lhe disse isso antes?

— Muito conveniente — troçou — que a porta estivesse aberta. Já que você não tinha a chave.

— Sim. E como é que *você* tinha uma?

— Por acaso esse negócio é da sua conta, soldado?

— Pode ser que seja meu negócio também.

Ele sorriu, com os lábios apertados, e colocou o chapéu de volta sobre os cabelos grisalhos:

— E se eu quiser, o seu negócio pode ser da minha conta.

— Você não vai gostar. Rende muito pouco.

— Está bem, espertinho. Esta casa é minha. Geiger é meu inquilino. E agora, o que você diz?

— Que gente mais agradável você conhece...

— Não escolho muito. Tem gente de todo tipo. — Baixou os olhos de relance para a Luger, deu de ombros e guardou-a de volta embaixo do braço. — Tem alguma boa ideia, soldado?

— Tenho uma porção. Alguém atirou em Geiger. Alguém foi alvejado por Geiger e fugiu. Ou foram outros dois sujeitos. Ou Geiger era sacerdote de algum tipo de seita e fazia sacrifícios sangrentos em frente daquele totem. Ou comeu galinha no jantar e gostava de sangrar as galinhas na sala de visitas.

O homem cinzento me olhou de cara feia.

— Desisto — disse eu. — Melhor chamar seus amigos da Delegacia.

— Não entendo — disse ele, bruscamente. — Não entendo qual é o seu jogo.

— Ande logo, chame os tiras. Vai causar uma sensação.

Ele considerou a ideia, sem se mover. Seus lábios se apertaram de novo.

— Também não entendi essa — resmungou por entre os dentes.

— Decerto hoje não é o seu dia. Eu sei quem o senhor é, sr. Mars. Dono do Cypress Club em Las Olindas. Jogatina elegante para gente elegante. A lei local está em seu bolso e tem uma linha quente para Los Angeles. Em outras palavras, proteção. Geiger estava em um negócio que também precisava de muita proteção. Talvez o senhor liberasse um pouco para ele de vez em quando, já que é seu inquilino e coisa e tal.

Sua boca se transformou numa careta dura e esbranquiçada.

— E qual era o negócio de Geiger?

— Estava alugando livros pornográficos.

Ele me encarou seriamente por um longo momento.

— Alguém pegou ele — disse baixinho. — E você faz uma boa ideia do que aconteceu. Ele não apareceu na loja hoje. Ninguém sabe onde está. Ele não atendeu neste telefone. Vim ver o que havia. Encontro sangue no chão, por baixo do tapete. E você está aqui com uma garota.

— A história é meio fraca — disse eu. — Mas talvez você consiga vender se o comprador estiver com boa vontade. Só que você deixou de fora um pequeno detalhe. Alguém levou seus livros para fora da loja hoje mesmo — aqueles livros lindos que ele alugava.

Ele estalou os dedos ruidosamente e disse:

— Eu deveria ter pensado nisso, soldado. Parece que você se mexe bastante. O que acha que aconteceu?

— Eu acho que mataram Geiger. Acho que aquele sangue é dele. E a mudança dos livros para fora da loja estabelece um motivo para esconderem o corpo, pelo menos por um tempinho. Alguém pretende tomar conta do negócio e precisa de tempo para se organizar.

— Não vão conseguir — disse Eddie Mars ferozmente.

— Quem é que diz? Você e mais um par de pistoleiros lá fora em seu carro? A cidade cresceu muito, Eddie. Um monte de gente da pesada se mudou para cá. É o preço do progresso.

— Você fala demais — disse Eddie Mars. Mostrou os dentes e assobiou com força, duas vezes. A porta do carro bateu e o som de passos correndo atravessou a sebe. Mars tirou a Luger do bolso novamente com um lampejo e apontou-a para meu peito: — Abra essa porta.

A maçaneta chocalhou e uma voz chamou. Eu nem me mexi. O cano da Luger parecia a boca do túnel de Second Street, mas eu não me movi. Eu não tinha ainda me acostumado com a ideia de que não era à prova de balas.

— Abra você mesmo, Eddie. Que diabo pensa que é para ficar me dando ordens? Seja bonzinho e eu até posso ajudá-lo.

Ele se ergueu rigidamente, contornou a escrivaninha e foi até a porta. Abriu-a sem tirar os olhos de mim. Dois homens desabaram para dentro da sala,

procurando as armas sob os braços. Um deles era obviamente um ex-pugilista, um rapaz simpático de rosto pálido, com o nariz torto e uma orelha que parecia um bife martelado. O outro era esguio e louro, sem expressão no rosto, os olhos muito juntos e quase sem cor. Eddie Mars disse:

— Vejam se esse pássaro está usando um ferro.

O louro tirou rapidamente um revólver de cano curto e apontou em minha direção. O boxeador deslizou os pés chatos sobre o assoalho e examinou meus bolsos com cuidado. Eu girei para lhe facilitar a tarefa, como uma beldade aborrecida modelando um vestido de noite.

— Nenhuma arma — disse ele, com uma voz gutural.

— Descubram quem ele é.

O pugilista enfiou uma das mãos no bolso interno do meu casaco e saiu com minha carteira. Abriu-a depressa e estudou o conteúdo.

— O nome é Philip Marlowe, Eddie. Mora em um prédio de apartamentos chamado Hobart Arms, na Franklin Avenue. Licença para detetive particular, distintivo de auxiliar do xerife e tudo mais. É um desses seguranças de loja...

Colocou a carteira de volta no meu bolso, deu-me um tapinha de leve no rosto e virou-me as costas.

— Se mandem — disse Eddie Mars.

Os dois pistoleiros voltaram para a rua e fecharam a porta. Escutei o som que faziam ao voltarem para o automóvel. Ligaram o motor e deixaram em ponto morto outra vez.

— Tudo bem. Agora fale — disse Eddie Mars asperamente. O alto de suas sobrancelhas formava ângulos agudos contra sua testa.

— Não estou pronto para entregar o ouro. Matar Geiger para controlar seu negócio seria uma manobra idiota e não tenho certeza de que tenha acontecido assim, mesmo presumindo que ele foi assassinado. Mas tenho certeza de que a pessoa que pegou os livros está sabendo de tudo; e também tenho certeza de que aquela dama loura em sua loja está louca de medo por um motivo ou outro. E tenho um palpite sobre quem pegou os livros.

— Quem?

— Esta é exatamente a parte que não quero entregar. Tenho um cliente, você sabe.

Ele franziu o nariz:

— Aquela...? — e cortou a frase bem depressa.

— Esperava que você conhecesse a garota — disse eu.

— Quem pegou os livros, soldado?

— Não estou preparado para contar isso, Eddie. Por que deveria?

Ele colocou a Luger em cima da escrivaninha e bateu nela com a palma da mão.

— Por causa disto — falou. — Também posso entrar com uns trocados.

— Agora melhorou. Deixe a arma de fora. Sempre consigo escutar o som do dinheiro. De quanto você está falando?

— Para fazer o quê?

— Que é que você quer que eu faça?

Ele bateu com força na mesa.

— Escute, soldado: cada vez que lhe faço uma pergunta, você responde com outra. Assim não chegamos a parte alguma. Quero saber onde está Geiger, por razões particulares. Eu não gostava do negócio dele e nunca lhe dei proteção. Mas acontece que eu sou o dono desta casa. E essa história não me agrada nada. Acredito que esteja fazendo segredo seja lá do que for que sabe sobre essa confusão toda, caso contrário haveria uma tropa de tiras gastando o couro dos sapatos por todo o barraco. Você não tem nada para vender. Acho até que precisa da minha proteção. Assim, vá cuspiando.

Até que ele estava bem perto da verdade, mas eu não ia deixar que soubesse. Acendi um cigarro e assoprei o fósforo, depois joguei na direção do olho de vidro do totem.

— Tem toda a razão — disse eu. — Se alguma coisa aconteceu a Geiger, vou ter de contar à polícia tudo o que sei. Aí entra em domínio público e eu fico sem nada para vender. Deste modo, com sua permissão, vou dar o fora daqui.

Seu rosto ficou lívido por baixo do bronzeado. Por um momento, ele pareceu malvado, rápido e durão. Fez um gesto para segurar o revólver. Acrescentei casualmente:

— A propósito, como está passando a sra. Mars?

Pensei então que tinha levado a brincadeira longe demais. Sua mão fez um movimento espasmódico em direção à arma, os dedos tremendo. Seu rosto ficou tenso, com todos os músculos rígidos.

— Dê o fora — disse com a voz muito macia. — Não dou a mínima para o que você pretende fazer nem para onde você vai. Mas escute um conselho, soldado: deixe-me fora de seus planos, caso contrário vai preferir chamar-se Murphy e morar em Limerick.

— Bem, ao que eu saiba, Limerick fica na Irlanda e não é muito longe de Clonmel — respondi. — Ouvi dizer que você tem um amigo nascido lá.

Ele se debruçou sobre a escrivaninha, o olhar gelado, imóvel. Fui até a porta, abri-a e lancei a vista para ele. Seus olhos tinham me seguido, mas seu corpo magro e cinzento não havia se movido. Enxerguei o ódio em seu rosto. Saí, passei os buxos da sebe, subi a colina até meu carro e entrei. Fiz a volta e guiei até o alto da ladeira. Ninguém atirou em mim. Depois de algumas quadras, dobrei uma esquina, desliguei o motor e fiquei sentado, cuidando a rua atrás de mim pelo retrovisor. Ninguém me seguia. Dirigi de volta para Hollywood.

Faltavam dez para as cinco quando estacionei perto da entrada do saguão do prédio de apartamentos em Randall Place. Algumas janelas já estavam acesas e rádios baliavam no crepúsculo. Subi o elevador automático até o quarto andar e segui por um corredor comprido atapetado de verde e com painéis cor de marfim nas paredes. Uma brisa fresca assoprava pelo corredor vindo da porta de tala aberta que dava para a saída de incêndio.

Havia um pequeno botão de marfim ao lado da porta marcada “405”. Apertei e esperei pelo que me pareceu um bom tempo. Então a porta se abriu uns trinta centímetros sem fazer ruído. Havia alguma coisa sóbria e furtiva na maneira como se abriu. O homem tinha pernas compridas, cintura estreita, ombros retos e olhos castanho-escuros em um rosto bronzeado e sem expressão que há muito tempo havia aprendido a controlar suas expressões. Seu cabelo parecia esfregão de aço e só crescia a partir da metade de sua cabeça, deixando-o com uma testa alta e arredondada que um observador descuidado poderia pensar ser sinal de inteligência. Seus olhos sombrios me inspecionaram de modo impessoal. Seus longos dedos morenos e finos seguravam a beira da porta. Não falou nada. Então eu disse:

— Geiger?

Tanto quanto pude ver, nada mudou na expressão do homem. Colocou um cigarro que estava na mão escondida por trás da porta em seus lábios e tragou delicadamente. Quando soltou a fumaça, esta veio em minha direção em uma baforada preguiçosa e arrogante, por detrás da qual soaram palavras emitidas em uma voz fria e sem pressa, que não tinha mais inflexão que a voz de um crupiê dando as cartas no jogo de faro.

— O que você disse?

— Geiger. Arthur Gwynn Geiger. O cara que aluga livros.

O homem considerou a pergunta sem a menor pressa. Olhou para a ponta de seu cigarro. Sua outra mão, a que tinha estado segurando a porta, desapareceu de minha vista. O aspecto de seu ombro me deu a impressão de que essa mão estava fazendo movimentos.

— Não conheço ninguém com esse nome — disse ele. — Esse camarada mora por aqui?

Sorri e ele não gostou de meu sorriso. Seus olhos adquiriram uma expressão desagradável. Então eu disse:

— Você é Joe Brody?

O rosto moreno endureceu.

— E se for? Qual é a jogada, irmão? Quer alguma coisa ou só está se divertindo?

— Bem, então você é Joe Brody — disse eu. — E você não conhece ninguém chamado Geiger. É uma coisa muito engraçada.

— Ah, é? Quem sabe você tem um senso de humor meio engraçado. Pois leve ele daqui e vá brincar em outro lugar.

Eu me encostei contra a porta e mostrei-lhe um sorriso sonhador:

— Você está com os livros, Joe. Eu estou com a lista dos otários. Melhor termos uma conversa.

Ele não desviou os olhos de meu rosto. Ouvi um ruído fraco na sala que ficava por trás dele, como se um anel de cortina estalasse de leve contra uma vara metálica. Ele olhou de relance para dentro da sala. Abriu a porta mais um pouco.

— Por que não? Já que você pensa que tem alguma coisa... — disse com frieza. Afastou-se da porta para me dar passagem. Entrei na sala.

Era uma peça alegre, com bom mobiliário, mas sem excesso. Janelas envidraçadas na parede dos fundos abriam-se para uma varanda de pedra de onde se via o crepúsculo sobre as colinas. Perto das janelas, na parede oeste, havia uma porta fechada, e perto da porta de entrada, na mesma parede, havia ainda outra porta. Esta última tinha uma cortina de pelúcia que estava fechada e presa a uma vara fina de bronze logo abaixo do umbral.

Sobrava a parede leste, em que não havia portas. Havia um sofá-cama encostado no meio da parede e sentei nele. Brody fechou a porta e caminhou de lado, como um caranguejo, até uma alta escrivaninha de carvalho enfeitada com tachas quadradas e brilhantes. Havia uma caixa de madeira de cedro com dobradiças douradas colocada sobre a tábua de abrir da escrivaninha, que estava rebaixada. Ele levou a caixa até uma espreguiçadeira que estava colocada na metade do caminho entre as outras duas portas e sentou-se. Larguei meu chapéu sobre o sofá-cama e esperei.

— Bem, estou escutando — disse Brody. Ele abriu a caixa, que era uma charuteira, enquanto soltava a ponta do cigarro em um prato que estava a seu lado. Colocou na boca um charuto fino e comprido. — Quer um charuto? — ofereceu enquanto jogava um pelo ar.

Estendi a mão para pegar. Brody tirou um revólver da charuteira e apontou-o para meu nariz. Olhei para a arma. Era um 38 preto modelo Police. No momento, fiquei sem argumentos.

— Bonita, não é? — disse Brody. — Agora, levante-se por um minuto. Avance uns dois metros em minha direção. Pode ir levantando os braços enquanto caminha.

Sua voz era casualmente elaborada, igual à dos durões do cinema. Todos eles ficam falando assim depois de assistir a uns filmes.



— Tsc, tsc — estalei a língua sem me mover. — Tanto revólver pela cidade e tão pouco cérebro. Você é o segundo cara que encontro hoje que parece pensar que um gatilho na mão significa que segurou o mundo pela cola. Largue esse troço e não seja bobo, Joe.

Suas sobranceiras se uniram e ele esticou o queixo em minha direção. Seus olhos tinham uma expressão ameaçadora.

— O nome do outro cara é Eddie Mars — disse eu. — Já ouviu falar nele?

— Não — respondeu Brody, continuando a me apontar o revólver.

— Se ele ficar sabendo onde você esteve ontem na hora da chuva, vai apagar você mais depressa que o encarregado da roleta puxa as fichas.

— E o que eu seria para Eddie Mars? — perguntou Brody friamente. Mas baixou o revólver até a altura do joelho.

— Nem sequer uma lembrança — disse eu.

Ficamos nos encarando. Eu não olhei para a ponta do chinelo preto que aparecia por baixo da cortina de pelúcia recobrando a porta que ficava à minha esquerda.

Brody falou, tranquilamente:

— Não me leve a mal, eu não sou um cara durão, sou apenas cuidadoso. Que inferno, nunca ouvi falar em você. Tanto quanto eu sei, pode ser um assassino de aluguel.

— Você não é tão cuidadoso como pensa — respondi. — Aquela brincadeira com os livros de Geiger foi uma mancada.

Ele respirou fundo lentamente e soltou o ar sem fazer ruído. Depois reclinou-se na cadeira, cruzou as pernas e segurou o Colt sobre o joelho.

— Não pense que não vou usar este berro se for preciso — avisou. — Qual é a sua história?

— Mandei sua amiguinha de chinelos de bico fino sair de trás da cortina. Ela vai ficar cansada de prender a respiração.

Brody chamou-a sem tirar os olhos de meu estômago:

— Venha, Agnes.

A cortina afastou-se e a loura de olhos verdes e cabelo louro-acinzentado que sacudia os quadris na loja de Geiger entrou na sala. Ela me olhou com uma espécie de ódio amassado. Suas narinas estavam contraídas e seus olhos pareciam muito mais escuros. Tinha um jeitinho infeliz.

— Eu sabia muito bem que você ia causar problemas — disse com raiva. — Eu disse a Joe que visse bem onde estava pisando.

— Ele não tem de cuidar onde pisa, mas quem está atrás de suas costas — disse eu.

— Suponho que ache engraçado — disse a loura, com uma voz esganiçada.

— Já foi — repliquei. — Mas provavelmente não é mais.

— Não preciso ouvir suas piadas bestas — avisou Brody. — Sei me cuidar muito bem. Agora acenda a luz para eu poder acertar esse cara, se for necessário.

A loura ligou o interruptor de uma luminária de pedestal grande e quadrado. Mergulhou em uma cadeira ao lado e ficou sentada muito dura, como se a cinta estivesse muito apertada. Coloquei meu charuto na boca e cortei fora a ponta com os dentes. O Colt de Brody demonstrou grande interesse por mim quando tirei os fósforos do bolso para acender o charuto. Provei a fumaça e depois disse:

— A lista de otários que mencionei está em código. Ainda não consegui decifrar, mas há mais ou menos quinhentos nomes. Você tem doze caixas de livros, pelo que eu sei. Deve ter pelo menos quinhentos livros. Deve haver uma porção emprestados, mas digamos que a muamba seja de apenas quinhentos, para sermos cautelosos. Se a lista estiver atualizada e você conseguir conservar, digamos, a metade dos clientes, daria 125 mil locações. Sua namorada conhece bem o negócio. Estou só calculando. Vocês podem alugar por muito pouco, mas não vai ser menos de um dólar por livro. Essa mercadoria custa dinheiro. A um dólar por locação, vocês podem tirar 125 mil e ainda conservar o capital. Isso é suficiente para dar um tiro em alguém.

A loura soltou um grito que parecia um ganido:

— Você está maluco, seu maldito...!

Brody falou entredentes e sem virar para ela, com uma voz que mais parecia um rosnado:

— Cale a boca, pelo amor de Deus! Cale essa boca!

Ela recaiu em uma mistura ultrajada de angústia lenta e fúria controlada. Suas unhas prateadas arranharam os joelhos.

— Esse negócio não é para qualquer vagabundo — disse a Brody, quase afetuosamente. — Precisa de um profissional habilidoso como você, Joe. O cara tem de conquistar a confiança da clientela e ser capaz de conservá-la. Gente que gasta dinheiro em sexo de segunda mão fica mais nervosa que uma solteirona que não consegue encontrar o banheiro. Pessoalmente, eu acho que o ângulo da chantagem é um grande erro. Sou a favor de desistir disso e só alugar ou vender corretamente.

Os olhos castanho-escuros de Brody percorreram meu rosto. Seu Colt ainda parecia faminto por meus órgãos vitais.

— Você é um cara gozado — comentou em uma voz sem timbre. — Quem é o dono deste negócio?

— É *você*. — disse eu. — Ou quase.

A loura emitiu um som engasgado e cravou as unhas em uma das orelhas. Brody não disse nada. Ficou só me olhando.

— O quê? — ganiu a loura. — Você fica sentado aí tentando nos dizer que o sr. Geiger mantinha esse tipo de negócio na rua principal? Você não passa de um

maluco!

Lancei-lhe um olhar malicioso, mas com respeito:

— Mas é claro que digo. Todo mundo sabe disso. Hollywood é o lugar ideal para esse tipo de mutreta. Se uma coisa como essa tem de existir, então todos os policiais com um senso prático preferem que seja abertamente na rua principal. Pela mesma razão que preferem que as casas de luz vermelha fiquem todas no mesmo bairro. É muito mais fácil para controlar o negócio e fechar quando quiserem.

— Meu Deus! — gemeu a loura. — Você vai deixar esse estúpido ficar sentado aí me insultando, Joe? Você está com um revólver na mão e ele só tem um charuto!

— É que eu estou gostando da conversa — disse Brody. — Esse cara tem boas ideias. Feche a latrina e mantenha fechada, senão vou ter de lhe bater com este troço até que ela feche.

Ele gesticulou com a arma de um modo cada vez mais negligente. A loura ficou engasgada e virou o rosto para a parede. Brody olhou para mim e disse astutamente:

— E *como* foi que eu fiquei de dono deste negócio?

— Você deu um tiro em Geiger para ficar com ele. A noite passada, enquanto chovia. Era um tempo ótimo para se dar uns tiros. O problema é que ele não estava sozinho quando foi apagado. Ou você não percebeu, o que parece improvável, ou então se apavorou e deu no pé. Mas você teve coragem bastante para tirar a chapa da câmera dele e arranjou mais coragem para voltar e esconder o cadáver, a fim de ter tempo para esconder os livros antes que a cana soubesse que havia um assassinato para investigar.

— Pois é — disse Brody com desprezo. O Colt balançava sobre seu joelho. Seu rosto moreno estava tão duro como uma máscara de madeira. — Você não tem medo de se arriscar. Mas tem muita sorte que *não fui eu* quem matou Geiger.

— Talvez não — falei alegremente —, mas pode perfeitamente levar a culpa. Você está de encomenda para a acusação.

A voz de Brody murmurou:

— Então você acha que pode me enquadrar?

— Positivamente.

— Mas como?

— Porque tem alguém que vai dizer que foi você. Eu lhe disse que havia uma testemunha. Não banque o ingênuo comigo, Joe.

Ele explodiu, então:

— Aquela maldita piranha de rabo quente! — gritou. — É claro que a maldita ia me acusar! É bem o jeito dela!

Eu me recostei e sorri:

— Ótimo. Achei mesmo que era você quem tinha aquelas fotos dela nua.

Ele não disse nada. A loura também não disse nada. Deixei que mastigassem bem a coisa. O rosto de Brody foi clareando aos poucos, com uma espécie de alívio acinzentado. Colocou o Colt na mesinha lateral ao lado de sua cadeira, mas conservou a mão direita perto dele. Bateu a cinza do charuto em cima do tapete e me contemplou com um olhar que brilhava escondido entre as pálpebras semicerradas.

— Você pensa que eu sou burro — falou.

— Tem a inteligência média de um malandro. Vá buscar as fotografias.

— Mas que fotografias?

— Errou a jogada, Joe — disse eu, sacudindo a cabeça. — Não adianta bancar o inocente. Ou você esteve lá a noite passada, ou consegui as fotos com alguém que esteve. Você sabe que *ela* esteve lá, porque mandou sua namorada ameaçar a sra. Regan com a polícia. A única forma que você poderia saber o suficiente para fazer isso era ter visto o que aconteceu ou pegando a foto sabendo onde e quando foi tirada. Agora, seja razoável e entregue as fotografias.

— Vai ter de me passar uma graninha — disse Brody. Virou um pouco a cabeça para olhar a loura de olhos verdes, cujos olhos não estavam mais verdes e que era apenas superficialmente loura. Estava tão mole como um coelho recém-esfolado.

— E sem grana — disse eu.

Ele fez uma careta amarga:

— Como foi que você me descobriu?

Abri a carteira e deixei-o dar uma olhada em meu distintivo.

— Eu estava investigando Geiger — para um cliente. Estava na campana, em frente à casa, a noite passada durante a chuva. Escutei os tiros. Rebentei uma janela e entrei. Não consegui ver o assassino. Mas vi todo o resto.

— E ficou de boca fechada — zombou Brody.

Guardei minha carteira.

— É, fiquei — admiti. — Até agora. Vai me dar as fotos ou não?

— E o lance dos livros? — indagou Brody. — Essa eu não entendi.

— Segui o transporte desde a loja de Geiger até aqui. E tenho uma testemunha.

— Aquele garoto vagabundo?

— Que garoto?

— O rapazinho que trabalha na loja — disse ele, com uma carranca. — Ele sumiu depois que a caminhonete saiu. Agnes nem ao menos sabe onde ele mora.

— Já me ajudou — disse eu, com um sorriso largo. — Estava um pouco preocupado com esse detalhe. Algum de vocês esteve na casa de Geiger — antes da noite passada?

— Nem ao menos na noite passada — disse Brody firmemente. — Então a cadela diz que fui eu que atirei nele, hein?

— Com as fotos na mão pode ser que eu consiga convencer a dama que ela se enganou. Ela andou bebendo um pouco.

— Ela me odeia — suspirou Brody. — A gente andava de caso e eu dei um chute nela. Claro que me pagaram para isso, mas eu ia me livrar dela mesmo que não me pagassem. É maluca demais para um sujeito simples como eu. — Ele pigarreou: — Vê se me descola uma graninha. Estou na última lona. Agnes e eu temos de nos mudar.

— Do meu cliente não sai um centavo.

— Escute...

— Vá buscar as fotografias, Brody.

— Ah, que inferno! — resmungou. — Você venceu. — Levantou-se, colocou o Colt em seu bolso lateral, enquanto enfiava a mão esquerda no bolso interno do casaco. Estava com a mão a meio caminho, o rosto contorcido de desgosto, quando a campainha da porta soou e continuou tocando sem parar.

Ele não gostou nem um pouquinho disso. Prendeu o lábio inferior com os dentes de cima e suas sobrancelhas dobraram para baixo nos cantos, em um ângulo agudo. Seu rosto inteiro assumiu uma expressão vigilante, ardilosa e má.

A campainha continuou tocando. Eu também não gostei. Se os visitantes fossem Eddie Mars e seus rapazes, podia acabar duro e gelado só por me encontrarem ali. Se fosse a polícia, as únicas coisas que eu tinha para lhes dar eram um sorriso e uma promessa. E se fosse algum dos amigos de Brody — supondo que ele tivesse algum —, poderia ser mais durão do que ele.

A loura não gostou tampouco. Ela se levantou de repente e fez um gesto vago no ar com uma das mãos, como se não soubesse se ia atender à porta ou não. A tensão nervosa deixava-lhe o rosto feio e envelhado.

Brody abriu uma pequena gaveta na escrivaninha, sem parar de olhar para mim, e retirou uma automática com cabo de osso. Estendeu a arma para a loura. Ela deslizou em sua direção e segurou-a, com todo o corpo tremendo.

— Sente do lado dele — disse Brody asperamente. — Fique apontando para a parte de baixo do corpo dele, sem deixar ver da porta que você está armada. Se ele bancar o engraçadinho, faça o que achar melhor. Ainda não nos derrotaram, meu bem.

— Oh, Joe... — gemeu a loura. Veio até onde eu estava e sentou-se a meu lado no sofá-cama, apontando o revólver para a artéria de minha perna. Lançou-me um olhar convulso que não me agradou nada.

A campainha da porta parou de tocar, mas foi seguida por uma série de batidas rápidas e impacientes. Brody pôs a mão no bolso sobre seu revólver, caminhou até a porta e abriu-a com a mão esquerda. Carmen Sternwood empurrou-o de volta para a sala enfiando-lhe um pequeno revólver contra a boca morena e de lábios finos.

Brody recuou, remexendo a boca com um movimento convulsivo e uma expressão de pânico no rosto. Carmen fechou a porta sem olhar para mim ou para Agnes. Mirava Brody cuidadosamente, com a ponta da língua aparecendo por entre os dentes. Brody tirou ambas as mãos dos bolsos e fez alguns gestos para acalmá-la. Suas sobrancelhas se moveram espasmodicamente em uma mistura estranha de curvas e ângulos. Agnes parou de me apontar a arma e a assestou contra Carmen. Levantei minha mão bem depressa e fechei meus dedos sobre a mão dela, de tal modo que o polegar foi direto prender a trava de segurança. Estava travado. Conservei travado. Houve uma curta luta silenciosa, mas nem Brody nem Carmen nos deram a menor atenção. Arranquei a arma

dela. Agnes respirou fundo e tremeu de cima a baixo. O rosto de Carmen parecia ter a pele esticada por cima dos ossos e sua respiração chiava. Disse com uma voz completamente sem timbre:

— Quero minhas fotografias, Joe.

— Claro, menina, claro — Brody engoliu em seco e tentou rir. Falou com uma vozinha fraca, tão parecida com a voz que tinha usado para falar comigo como o motor de uma motoneta em comparação com o ronco de um caminhão de dez toneladas.

— Você matou Arthur Geiger — disse Carmen. — Eu vi. Quero minhas fotografias.

Brody ficou verde.

— Ei, espere um minuto, Carmen — larguei eu.

A loura Agnes voltou à vida de repente. Abaixou a cabeça e enfiou os dentes em minha mão direita. Eu dei um grunhido e afastei a cabeça dela com um safanão.

— Escute, garota — gemeu Brody. — Espere um momento...

A loura cuspiu em minha direção, agarrou minha perna e tentou mordê-la. Bati na cabeça dela com o revólver, sem muita força, e tentei me levantar. Ela escorregou sem largar minhas pernas e enrolou os braços nelas. Cai de volta no sofá-cama. A loura tinha ficado forte com a loucura do amor ou do medo, uma mistura dos dois; ou quem sabe ela fosse forte mesmo.

Brody estendeu a mão para agarrar o revolverzinho que estava tão perto de seu rosto. Não consegui. O revólver fez um ruído como um estalo agudo, mas não muito alto. A bala quebrou o vidro de uma porta envidraçada que estava entreaberta. Brody deu um gemido horrível e caiu no chão, puxando os pés de Carmen e fazendo-a cair também. Ela caiu amontoada e o revolverzinho saiu às voltas pelo chão, indo parar em um canto. Brody ajoelhou-se depressa e tentou enfiar a mão no bolso.

Atingi Agnes na cabeça, desta vez com menos delicadeza do que antes, dei-lhe um chute para largar meus pés e me levantei. Brody virou os olhos em minha direção. Mostrei-lhe a automática. Ele parou imediatamente de enfiar a mão no bolso.

— Jesus Cristo! — ele guinchou. — Não deixe essa maluca me matar!

Comecei a rir. Ri como um idiota, sem controle. A loura Agnes estava sentada no assoalho, com as mãos apoiadas no tapete, sua boca bem aberta e uma mecha de cabelo louro-metálico em frente a seu olho direito. Carmen estava se arrastando de quatro, ainda soltando um chiado pela boca. O metal de seu pequeno revólver continuava reluzindo contra o rodapé perto do canto. Ela se arrastava lenta mas incansavelmente em sua direção.

Balancei o revólver que estava em minha mão para Brody e disse-lhe:

— Fique quieto. Não há perigo.

Passei por cima da moça que engatinhava e agarrei o revólver primeiro. Ela me olhou e começou a soltar as risadinhas de costume. Coloquei a arma dela em meu bolso e dei-lhe umas palmadinhas nas costas:

— Levante daí, meu anjo. Você parece um cachorrinho pequenês.

Fui até onde estava Brody, apertei-lhe a automática contra a cintura e retirei-lhe o Colt do bolso lateral. Agora tinha tomado posse de todos os revólveres apresentados em cena. Enfiei o dele em meu bolso também e estendi-lhe a mão:

— Entregue.

Ele concordou com a cabeça, lambeu os lábios, seus olhos ainda assustados. Tirou um envelope grosso do bolso interno de seu casaco e entregou-me. Havia uma chapa revelada e cinco fotografias em papel lustroso.

— Tem certeza de que são só essas?

Ele fez que sim de novo com a cabeça. Coloquei o envelope em meu próprio bolso interno e me virei. Agnes tinha sentado de volta no sofá-cama e estava ajeitando o cabelo. Seus olhos devoravam Carmen com um destilado verde de ódio. Carmen também já se havia levantado e vinha em minha direção com a mão estendida, ainda rindo e ainda chiando. Havia um pouco de baba nos cantos de sua boca. Seus dentinhos brancos brilhavam perto de seus lábios.

— Posso ficar com elas agora? — ela pediu com um sorriso recatado.

— Vou cuidar delas para você por algum tempo. Agora vá para casa.

— Para casa?

Fui até à porta e olhei para fora. A brisa fresca da noite estava soprando pacificamente pelo corredor. Não havia nenhum vizinho assustado espiando pelas frestas das portas. Um revolverzinho havia disparado e quebrado uma vidraça, mas ruídos como esses não significam muita coisa hoje em dia. Segurei a porta aberta e fiz um sinal com a cabeça para Carmen. Ela veio em minha direção com um sorriso incerto.

— Vá para casa e espere por mim — disse-lhe com uma voz tranquilizadora.

Ela levantou o polegar. Então fez que sim com a cabeça e deslizou para o corredor. Tocou meu rosto com os dedos enquanto passava.

— Você vai tomar conta da Carmen, não vai? — arrulhou.

— Certo.

— Você é uma gracinha.

— Ainda não viu nada — disse eu. — Tenho uma dançarina balinesa tatuada em minha coxa direita.

Seus olhos se arredondaram. Disse:

— Seu sem-vergonha — enquanto sacudia um dedo reprovadoramente. Então sussurrou: — Vai me dar meu revólver?

— Agora não. Depois. Eu levo na sua casa.



Ela me agarrou subitamente pelo pescoço e beijou-me na boca.

— Gosto de você — ela disse. — Carmen gosta muito de você.

Ela correu pelo corredor tão alegre como um passarinho, virou nas escadas para me dar um aceno e desceu correndo por elas.

Voltei para o apartamento de Brody.

Fui até a porta envidraçada que estava entreaberta e olhei para a vidraça pequena que havia sido quebrada na parte superior. A bala do revólver de Carmen tinha esmagado o vidro como se fosse uma paulada. Não tinha feito um buraco redondo. O buraquinho estava no reboco, onde um olhar aguçado o descobriria facilmente. Puxei as cortinas sobre a vidraça quebrada e retirei o revólver de Carmen de meu bolso. Era um Banker's Special calibre 22, que usava cartuchos de ponta furada. O cabo era de madrepérola e havia uma chapinha de prata redonda na coronha com a gravação: "Para Carmen, de Owen". Ela fazia todos de palhaços.

Coloquei o revólver de novo em meu bolso, sentei-me perto de Brody e olhei para seus olhos castanhos e desanimados. Passou-se um minuto. A loura ajeitava o rosto com a ajuda de um espelho de bolso. Brody sacudia um cigarro nervosamente. De súbito, falou:

— Está satisfeito agora?

— Por enquanto. Por que você tentou chantagear a sra. Regan em vez do velho?

— Já sangrei o velho. Uns seis ou sete meses atrás. Achei que desta vez ele ia ficar zangado e contaria à polícia.

— E por que razão você pensou que a sra. Regan não ia lhe contar?

Ele considerou a pergunta com algum cuidado, fumando seu cigarro e com os olhos em meu rosto. Finalmente, ele disse:

— Até que ponto você conhece ela?

— Só encontrei duas vezes. Você deve conhecê-la muito melhor para se arriscar a pedir-lhe dinheiro pela fotografia.

— Ela apronta umas quantas por aí. Achei que talvez ela tivesse um ou dois pontos fracos e não queria que o velho soubesse. Achei que ela pudesse descolar cinco mil mangos facilmente.

— Como explicação, está meio fraco — disse eu. — Mas passa por essa vez. Você está mesmo quebrado, hein?

— Faz um mês que estou sacudindo dois níqueis no bolso, para ver se dão cria.

— Como é que você ganha a vida?

— Seguros. Faço trabalhos avulsos para o escritório de Puss Walgreen, no edifício Fulwider, esquina da Western com a Santa Mônica.

— Quando você começa a falar, abre tudo. Os livros estão aqui em seu apartamento?

Ele trincou os dentes e fez um gesto com uma das mãos morenas. Sua confiança estava crescendo aos poucos.

— Raios, é claro que não. Num depósito.

— Você mandou um homem trazer os livros para cá e então contratou uma companhia de armazenagem para vir buscá-los logo em seguida?

— Claro. Eu não ia querer que fossem buscar diretamente na loja do Geiger, não acha?

— Você é esperto — disse eu, com admiração. — Tem alguma coisa incriminadora no barraco agora?

Ele pareceu preocupado de novo. Sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Melhor assim — disse eu. Olhei para Agnes. Ela tinha acabado de arrumar o rosto e estava olhando para a parede com os olhos vazios, quase sem escutar. Seu rosto tinha aquela sonolência induzida pela tensão e pelo choque, depois que passa o primeiro impacto.

Brody piscou meio desconfiado:

— Bem, e agora?

— Como foi que você conseguiu as fotografias?

— Olhe — disse ele, de cara fechada. — Você já conseguiu o que queria e bem baratinho também. Fez um trabalho bonito e limpo. Agora vá vender para seu patrão. Eu estou limpo. Não sei nada sobre foto nenhuma, não é, Agnes?

A loura olhou para ele com uma avaliação vaga, mas nada lisonjeira.

— Um cara meio esperto — disse ela, e suspirou como se estivesse cansada. — É só o que eu consigo. Nunca arranjo um cara que seja esperto mesmo, de verdade. Nem uma vez.

— Machuquei muito sua cabeça? — perguntei, com um sorriso largo.

— Não me machucou mais que todos os outros homens que conheci.

Voltei o olhar para Brody. Estava apertando o cigarro entre os dedos, com uma espécie de tique nervoso. Sua mão parecia estar tremendo um pouco. Seu rosto moreno e sem expressão ainda estava calmo.

— Vamos ter de combinar uma história para contarmos a mesma coisa — sugeri. — Por exemplo, Carmen nunca esteve aqui. Isto é muito importante. Ela nem esteve aqui. Vocês só tiveram uma visão.

— Hum! — disse Brody, meio rosnando. — Se é o que você quer, companheiro, desde que... — levantou a mão, com a palma para cima, juntou os dedos e esfregou gentilmente o polegar contra o indicador e o médio.

— Vamos ver — concordei. — Pode haver uma pequena gratificação. Mas não fique contando com receber milhares. Tudo bem, como você conseguiu a fotografia?

— Um cara me entregou.

— Hã-hã. Um cara que passou por você na rua. Você não pode identificá-lo. Nunca viu o cara antes.

— Caiu do bolso dele — disse Brody, bocejando com um sorriso cínico.

— Hã-hã. Tem um alibi para a noite passada? Vai precisar, para sustentar o seu blefe.

— Claro. Não sei daqui a noite toda. Agnes estava comigo. Ok, Agnes?

— Estou começando a sentir pena de você de novo — falei.

Seus olhos se alargaram e sua boca se afrouxou, com o cigarro pendurado no lábio inferior.

— Você pensa que é muito esperto, mas não passa de uma maldita besta — disse eu. — Mesmo que não vá acabar na câmara de gás em San Quentin, vai passar uma longa temporada solitária e monótona em uma cela.

Seu cigarro estremeceu e largou cinza em seu colete.

— Está pensando no seu grau de esperteza? — indaguei.

— Vá embora — ele rosnou subitamente. — Se arranque. Este papo está longo demais. Dê o fora.

— Tudo bem. — Levantei-me, fui até a escrivaninha alta de carvalho, tirei as duas armas de meu bolso e coloquei-as lado a lado sobre o mata-borrão, de modo que os canos ficassem exatamente paralelos. Peguei meu chapéu, que havia caído no chão ao lado do sofá-cama, e fui até a porta.

— Ei! — gritou Brody, numa voz que mais parecia um ganido.

Virei para o lado dele e esperei. Seu cigarro estava pulando como uma marionete dançando nos cordéis. Ele perguntou:

— Está tudo bem, não está?

— Mas é claro. O país é uma democracia, não é? Se você não quiser ficar fora da cadeia, não precisa. Quer dizer, se você for cidadão americano. Você é?

Ele ficou parado ali, me encarando, enquanto o cigarro tremia em sua mão. A loura Agnes girou a cabeça lentamente e ficou me olhando do mesmo jeito. Seus olhares continham quase exatamente a mesma mistura de esperteza, dúvida e cólera frustrada. Agnes levantou subitamente as unhas prateadas e arrancou um fio de cabelo, que depois rebentou entre os dedos, em repentina amargura. Então Brody falou com uma voz tensa:

— Você não vai falar com os tiras, irmão. Não se estiver trabalhando para os Sternwood. Sei um monte de troços sobre a família. Consegui as fotografias e conseguiu que a gente cale a boca. Agora vá vender a coisa para seu patrão.

— Você vai ter de tomar uma decisão — disse eu. — Primeiro, me manda embora. Quando eu estava saindo, você berrou e eu parei; agora, vou sair de novo. Você quer mesmo que eu vá?

— Você não pode me acusar de nada! — gritou Brody.

— Só de dois assassinatos. Isso é mixaria nas rodas que você frequenta.

Ele deve ter pulado só uns dois ou três centímetros, mas pareceu quase dois palmos. As escleróticas brancas se destacavam ao redor da íris cor de tabaco de seus olhos. A pele castanha de sua cara pegou um tom esverdeado à luz das

lâmpadas. A loura Agnes soltou um uivo baixo como um animal e enterrou sua cabeça em uma almofada que ficava na ponta do sofá-cama. Fiquei admirando a longa linha de suas coxas. Brody molhou os lábios lentamente e disse:

— Sente-se, companheiro. Pode ser que eu tenha mais alguma coisa para lhe contar. O que significa aquela piada sobre os dois assassinatos?

Eu me inclinei contra o marco da porta.

— Onde você estava a noite passada, por volta das sete e meia, Joe?

Sua boca se curvou como se estivesse amuado e ficou olhando para o assoalho:

— Eu estava vigiando um cara, um cara que tinha um bom negócio no qual achei que precisasse de um sócio. Geiger. De vez em quando eu dava uma espiada nele para ver se tinha ligações com gente da pesada. Achei que tivesse amigos, senão não ia deixar a loja funcionando assim abertamente. Mas se tem, os amigos não vão a sua casa. Só entram mulheres.

— Você não vigiou o tempo suficiente — observei. — Mas prossiga.

— Eu estava lá a noite passada, na rua que fica por baixo da casa de Geiger. Estava chovendo muito e fiquei encerrado no meu cupê sem conseguir ver nada. Havia um carro em frente da casa de Geiger e outro carro um pouco acima na ladeira. Foi por isso que eu fiquei na rua de baixo. Tinha um Buick grande estacionado na mesma rua e depois de algum tempo eu cheguei até lá e dei uma espiada. Estava registrado em nome de Vivian Regan. Não aconteceu nada e aí eu me arranquei. Isso foi tudo.

Ele sacudiu o cigarro. Seus olhos subiam e desciam pelo meu rosto.

— Até pode ser — disse eu. — Sabe onde está agora aquele Buick?

— E como quer que eu saiba?

— Está na garagem do escritório do Xerife. Esta madrugada ele foi erguido para fora de quatro metros de água junto ao cais dos pescadores no Lido. Havia um homem morto dentro dele. Tinha levado um golpe de cassetete na testa, o carro desabou do cais e o afogador manual estava emperrado.

Brody estava ofegando. Um de seus pés batia sem cessar no chão.

— Jesus, cara, você não pode me enquadrar nisso — falou com uma voz grossa.

— E por que não? Esse Buick estava estacionado nos fundos da casa de Geiger, segundo você diz. Bem, não foi a sra. Regan que saiu com ele. Foi o chofer, um rapaz chamado Owen Taylor, que andava com o carro. Ele foi até a casa de Geiger para discutir com ele, porque Owen Taylor tinha um fraco por Carmen e não gostava do tipo de brincadeira que Geiger estava fazendo com ela. Ele entrou pelos fundos com um pé de cabra e um revólver e pegou Geiger tirando uma foto de Carmen sem roupa. Assim, seu revólver disparou... como às vezes acontece, Geiger caiu morto e Owen fugiu, mas primeiro pegou o negativo

da foto que Geiger tinha acabado de tirar. Assim, você correu atrás dele e tomou-lhe a fotografia. De que outro jeito você teria conseguido?

— Sim — disse Brody, lambendo os lábios. — Mas isso não quer dizer que fui eu que dei a porrada nele. Eu escutei os tiros e vi o assassino saindo aos pulos pela escada dos fundos, entrando no Buick e fugindo. Fui atrás dele. Ele foi até o fundo do desfiladeiro e dobrou para oeste no Sunset Boulevard. Depois de Beverly Hills, ele derrapou para fora da estrada e teve de parar e aí eu me cheguei e banquei o tira. Ele tinha um revólver, mas pouca coragem, e eu dei uma batida na cabeça dele. Aí eu revistei-lhe as roupas, fiquei sabendo quem era e peguei a chapa, só por curiosidade. Estava tentando entender a história enquanto a chuva me molhava o pescoço, quando ele se acordou de repente e me derrubou para fora do carro. Quando levantei ele já tinha sumido estrada abaixo. Foi a última vez em que o vi.

— E como é que você sabe que ele atirou em Geiger? — perguntei zangado.

— Achei que fosse — disse Brody, dando de ombros.

— Mas posso estar enganado. Quando eu mandei revelar a chapa e vi o que havia nela, tive quase certeza. Assim, achei que era uma boa ocasião para retirar os livros dele, dar um toquezinho nos Sternwood para conseguir um dinheiro para a viagem e me mandar por uns tempos.

— Isso parece razoável — concordei. — Talvez você não tenha mesmo matado ninguém. Onde você escondeu o corpo de Geiger?

Suas sobancelhas saltaram para cima. Então, ele riu:

— Nã-nã-nã-nã. Corte essa. Pensa que eu ia ser otário o bastante para ir até lá, esconder o presunto na maior calma, sabendo que um par de carros da policia podia chegar a qualquer momento? Nunquinhas.

— Alguém escondeu o corpo — disse eu.

Brody deu de ombros. O sorriso permaneceu em seu rosto. Ele não acreditava em mim. E enquanto ele continuava a não acreditar, a campainha da porta começou de novo a tocar. Brody ergueu-se rapidamente, com uma dureza no olhar. Olhou de relance para suas armas sobre a escrivaninha.

— Pois não é que ela voltou...? — ele rosnou.

— Se for ela, não tem mais o revólver — confortei-o. — Você não tem mais nenhum amigo?

— Só mais um — ele continuou a rosnar. — Estou cansado desta brincadeira.

Ele marchou até a escrivaninha e pegou o Colt. Manteve-o abaixado a seu lado e foi até a porta. Colocou a mão esquerda na maçaneta, retorceu-a, abriu a porta uns trinta centímetros e debruçou-se pela abertura, com o revólver firme contra a coxa. Uma voz disse:

— Brody?

Brody disse alguma coisa que não escutei. Os dois tiros rápidos soaram abafados. O revólver devia ter sido apertado firmemente contra seu corpo. Ele caiu para a frente contra a porta e o peso de seu corpo a fez fechar-se com um estrondo. Ele foi deslizando pela madeira até o assoalho. Seus pés empurraram o tapete para trás. Sua mão esquerda soltou a maçaneta e o braço bateu no chão com uma pancada surda. Sua cabeça ficou apertada contra a porta. Não se moveu mais. O Colt permaneceu firme em sua mão direita.

Pulei através da sala e rolei meu corpo o suficiente para abrir a porta e me dar passagem. Uma mulher estava espiando por uma porta que ficava quase em frente. Seu rosto estava cheio de medo e ela apontou para o corredor com uma mão que mais parecia uma garra.

Corri pelo corredor e escutei o ruído de passos pesados que desciam os degraus cobertos de ladrilhos e descí também atrás do som. No térreo, a porta da frente estava se fechando tranquilamente, enquanto pés soavam correndo na calçada. Cheguei à porta antes que se fechasse, abri-a num repelão e me joguei para fora.

Uma figura alta e sem chapéu, usando uma jaqueta de couro sem mangas, estava correndo diagonalmente pela rua, por entre os carros estacionados. O vulto virou-se e saiu fogo da mão dele. Duas marteladas pesadas atingiram a parede de estuque bem a meu lado. A figura continuou a correr, desviou-se de dois automóveis e desapareceu.

Um homem surgiu a meu lado e gritou:

— O que aconteceu?

— É um tiroteio — respondi.

— Jesus! — Ele correu para dentro do prédio de apartamentos.

Caminhei rapidamente pela calçada até meu carro, entrei e liguei o motor. Retirei o carro de onde estava e guiei ladeira abaixo, sem me apressar muito. Nenhum outro carro ligou o motor do outro lado da rua. Pensei escutar passos, mas não tinha certeza. Desci quadra e meia pela ladeira, fiz o retorno e comecei a subir de novo. Ouvi fracamente o som de um assobio baixo na calçada. Então passos. Larguei o carro em fila dupla, deslizei entre dois carros e prossegui agachado. Tirei o pequeno revólver de Carmen de meu bolso.

O som dos passos foi ficando mais forte e o assobio prosseguiu alegremente. Em um momento, apareceu a jaqueta. Passei entre dois carros e disse:

— Tem fogo, amigo?

O rapaz girou em minha direção e sua mão direita subiu bem depressa para dentro da jaqueta. Seus olhos brilhavam úmidos à luz das lâmpadas redondas dos postes de iluminação. Olhos escuros e úmidos, no formato de amêndoas, um rosto pálido e bonito, com cabelo preto e ondulado que estava começando a rarear na testa em duas entradas. Um rapaz realmente muito bonito, o rapaz que trabalhava na loja de Geiger.

Ele ficou parado ali, contemplando-me silenciosamente, sua mão direita junto à abertura da jaqueta, mas ainda do lado de fora. Mantive o revólverzinho frouxamente a meu lado.

— Você deve ter gostado muito daquele veado — disse eu.

— Vá tomar no... — disse o rapaz em voz baixa, preso entre os carros estacionados e o muro de um metro e meio que ficava no lado de dentro da calçada.

Uma sirene gemeu a distância subindo a longa ladeira. A cabeça do rapaz virou-se subitamente na direção do som. Cheguei mais perto e apertei o revólver contra seu blusão.

— Prefere eu ou a polícia? — perguntei-lhe.

Sua cabeça rodou um pouco para o lado como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

— Quem é você? — rosnou.

— Um amigo de Geiger.

— Me deixa em paz, seu filho da...

— Este revólver é pequeno, garoto. Se eu lhe der um tiro no umbigo, você não morre, mas vai levar três meses até sarar o bastante para andar. Mas você acaba ficando bom. O suficiente para entrar naquela linda câmara de gás novinha que tem em San Quentin.

— Vá tomar no... — disse ele. — Sua mão moveu-se dentro do blusão. Aumentei a pressão em seu estômago. Ele soltou um longo suspiro baixo, afastou a mão da abertura do blusão sem mangas e deixou que ela pendesse frouxa a seu lado. Seus ombros largos afrouxaram.

— O que você quer? — murmurou.

Enfiei a mão dentro do blusão e retirei uma automática.

— Entre em meu carro, rapaz.

Ele passou por mim e então o empurrei por trás. Ele entrou no carro.

— No volante, garoto. Você dirige.

Ele deslizou para o volante e entrei no carro a seu lado. Aí falei:

— Deixe o carro-patrolha subir a ladeira. Eles vão pensar que fomos embora quando escutam a sirene. Então você manobra, descemos a colina e vamos para casa.

Guardei o revólver de Carmen e apertei a automática contra as costelas do rapaz. Olhei para trás pelas janelas. O uivo da sirene estava agora muito alto. Duas luzes vermelhas apareceram e depois começaram a aumentar no meio da rua. Ficaram cada vez maiores, se fundiram em uma e o carro passou depressa com uma feroz cacofonia de sons.

— Vamos — falei.

O garoto fez a manobra e começamos a descer a colina.

— Vamos para casa — disse eu. — Vamos para Laverne Terrace.



Seus lábios macios tremeram. Ele dobrou a oeste na Franklin Avenue.

— Você é meio retardado, rapaz. Como é seu nome?

— Carol Lundgren — disse ele, com uma voz sem vida. — Você atirou no cara errado, Carol. Não foi Joe Brody que matou seu veado.

Ele me disse quatro palavras e continuou a dirigir.

A lua minguante brilhava através de um halo de nevoeiro por entre os altos galhos dos eucaliptos que cresciam em Laverne Terrace. Um rádio soava alto em uma casa que ficava lá embaixo da ladeira. O rapaz estacionou o carro em frente à cerca viva da casa de Geiger, desligou o motor e ficou sentado olhando direito para a frente com as duas mãos ao volante. Nenhuma luz brilhava através da sebe de Geiger.

— Alguém em casa, filho? — perguntei.

— Você deve saber.

— E como é que eu vou saber?

— Vá tomar no...

— É assim que as pessoas arranjam dentaduras postiças.

Ele me mostrou os dentes verdadeiros em um sorriso apertado. Então abriu a porta do carro com um pontapé e saiu. Fui às pressas atrás dele. Ele estava parado com os punhos contra os quadris, olhando silenciosamente para a casa por cima da sebe.

— Tudo bem — disse eu. — Você tem uma chave. Vamos entrar.

— Quem foi que disse que eu tenho chave?

— Não fique brincando comigo, filho. A bicha lhe deu uma. Você tem um lindo quartinho limpo lá dentro, muito masculino. Ele despachava você e trancava o quarto cada vez que tinha companhia feminina. Era como César, o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos. Pensa que eu não reconheço gente como você e ele?

Eu ainda estava com sua automática mais ou menos apontada para ele, mas mesmo assim ele me mandou o braço. Atingiu-me direto no queixo. Dei um passo para trás com a rapidez suficiente para não cair, mas recebi a maior parte do impulso do soco. Ele pretendia que fosse um soco forte, mas esses frescos não têm ferro nos ossos, por mais fortes que pareçam. Joguei a arma aos pés do garoto e disse:

— Talvez você precise disto.

Ele se atirou para agarrar a arma como um relâmpago. Não havia nada lento em seus movimentos. Afundi o punho do lado de seu pescoço. Ele caiu de lado, esticando as mãos como garras para alcançar a automática, mas não conseguiu. Eu peguei a arma primeiro e joguei dentro do carro. O rapaz veio de quatro em minha direção, a boca arreganhada e os olhos muito abertos. Tossiu e sacudiu a cabeça.

— Você não quer brigar — disse eu. — Você é muito mais leve que eu.

Mas ele queria brigar. Atirou-se em minha direção como um avião salta de uma catapulta, tentando agarrar meus joelhos para me derrubar. Dei um passo para o lado, estendi a mão para seu pescoço e prendi firmemente com uma chave de braço. Ele esfregou as mãos com força no chão para obter apoio e conseguiu dobrar os pés por baixo de seu corpo, o suficiente para usar suas mãos em mim no lugar onde dói mais. Retorci o corpo dele e o ergui um pouco mais alto. Segurei meu pulso direito com a mão esquerda e girei meu quadril direito em sua direção, apoiando-o contra ele. Por um momento foi uma questão de peso. Parecíamos estar pendurados ali, no luar e no nevoeiro, duas criaturas grotescas cujos pés esfregavam a rua e cujas respirações ofegavam com o esforço.

Prendi meu antebraço direito contra sua faringe e apliquei toda a força de ambos os braços contra sua garganta. Seus pés começaram uma dança frenética e logo ele não estava ofegando mais. Estava preso em um torno de ferro. Seu pé esquerdo escorregou para um lado e o joelho afrouxou. Apertei por mais meio minuto. Ele afrouxou em meus braços, um peso enorme que eu quase não conseguia segurar. Então soltei. Ele se estatelou a meus pés, desmaiado. Fui até o carro e trouxe um par de algemas que guardava no porta-luvas, retorci seus punhos por trás dele e prendi as algemas. Levantei-o pelas axilas e consegui arrastá-lo para trás da cerca viva, em um lugar em que não poderia ser visto da rua. Voltei ao carro e dirigi uns cem metros lombada acima, desliguei o motor e tranquei as portas.

Ele ainda estava desmaiado quando retornei. Destranquei a porta da casa, arrastei-o para dentro e fechei a porta. Ele estava começando a ofegar de novo. Acendi uma lâmpada. Seus olhos piscaram, depois se abriram e focalizaram lentamente em mim.

Eu me inclinei sobre ele, tendo o cuidado de ficar fora do alcance de seus joelhos, e disse:

— Agora fique quieto, ou vai levar outra dose, só que desta vez mais forte. Fique quieto e prenda a respiração. Prenda até não poder mais e então diga a si mesmo que tem de respirar, que seu rosto está azul, que seus olhos estão saltando das órbitas e que você tem de respirar agora mesmo. Só que você está sentado na cadeira de uma linda câmara de gás bem limpinha em San Quentin e no momento em que você inspirar o ar, apesar de estar lutando com toda a sua alma para não inspirá-lo, não vai ser ar que você respira, mas vapores de cianeto. É isso que eles chamam agora de execução humanitária em nosso estado.

— Vá tomar no... — ele repetiu, com um suspiro baixinho e magoado.

— Você vai se declarar culpado, irmão, não pense por um momento que não vai. E você vai dizer exatamente o que a gente quer que diga e não vai dizer nada que a gente não queira que você diga.

— Vá tomar no...

— Diga isso de novo e ponho um travesseiro por baixo de sua cabeça, bem onde está o nariz.

Sua boca se retorceu. Deixei-o deitado no chão, de barriga para baixo, com os pulsos algemados às costas e as bochechas apertadas contra o tapete, com um brilho animal no único olho que estava visível. Liguei outra lâmpada e passei para o corredor que ficava por trás da sala de visitas. O quarto de Geiger não parecia ter sido tocado. Abri a porta do quarto que ficava do outro lado do corredor e que agora não estava trancada. Uma luz fraca bruxuleava na sala e havia um perfume de sândalo. Dois cones de cinza de incenso estavam lado a lado em uma pequena bandeja de bronze sobre a cômoda. A luz provinha de duas longas velas pretas nos castiçais de trinta centímetros de altura. Estavam colocadas no assento de cadeiras de espaldar reto, uma disposta de cada lado da cama.

Geiger estava deitado nela. As duas faixas de tapeçaria chinesa que estavam faltando na sala formavam uma cruz de Santo André sobre a porção central de seu corpo, escondendo as manchas de sangue no peito de seu casaco chinês. Abaixo da cruz, suas pernas vestidas com calças de pijama negras estavam rígidas e esticadas. Usava chinelos de solas grossas de feltro branco. Acima da cruz, seus braços estavam cruzados à altura dos pulsos e suas mãos tinham sido colocadas abertas contra os ombros, as palmas para baixo, os dedos unidos e bem esticados. Sua boca estava fechada e seu bigode à Charlie Chan parecia tão irreal quanto uma peruca. Seu nariz largo estava afilado e branco. Seus olhos estavam quase fechados, mas não inteiramente. O leve brilho de seu olho de vidro refletia a luz e parecia estar piscando para mim.

Eu não o toquei. Não cheguei muito perto dele. Ele estaria frio como gelo e duro como uma tábua.

As chamas das velas pretas se sacudiram com as lufadas de ar que entravam pela porta aberta. Gotas de cera preta escorriam pelos lados. O ar do quarto parecia venenoso e irreal. Saí e fechei a porta novamente, voltando para a sala de visitas. O rapaz não havia se movido. Parei um instante, procurando escutar alguma sirene. Era só uma questão de tempo que Agnes levaria para falar e do que ela diria. Se falasse sobre Geiger, a polícia estaria ali a qualquer minuto. Mas ela podia não falar durante horas. Ela podia até mesmo ter escapado.

Olhei para o rapaz:

— Quer levantar-se, filho?

Ele fechou o olho que estava visível e fingiu estar dormindo. Fui até a escrivaninha, apanhei o telefone cor de amora e disquei o número do escritório de Ohls. Ele tinha ido para casa às seis da tarde. Disquei o número de sua casa. Ele atendeu.

— Fala Marlowe — disse eu. — Seus rapazes encontraram um revólver com Owen Taylor hoje de manhã?

Pude ouvir quando ele pigarreou e depois escutei quando ele tentava ocultar a surpresa que havia em sua voz.

— Esse assunto é exclusivo da polícia — disse ele.

— Se acharam, tinha três cartuchos vazios.

— Mas que diabo, como é que você sabe disso? — perguntou Ohls em voz baixa.

— Venha até o número 7244 de Laverne Terrace, uma travessa que sai da Laurel Canyon Avenue. Chegue aqui que eu lhe mostro onde estão as balas que foram disparadas.

— Assim, sem mais nem menos, é?

— Assim, sem mais nem menos.

— Olhe para fora da janela e você me verá chegando — disse Ohls. — Já estou dobrando a esquina. Bem que eu achei que você estava escondendo alguma coisa.

— Escondendo não é bem o termo — respondi.

Ohls ficou olhando para o rapaz. Ele estava sentado no sofá, encostado na parede. Ohls observava-o silenciosamente, suas sobrancelhas pálidas arredondadas e com os pelos espetados como as escovinhas para limpar verduras que os vendedores dão de brinde para alguém que faz uma compra. Ele perguntou ao rapaz:

— Você admite que matou Brody?

O rapaz disse suas quatro palavras favoritas com uma voz abafada. Ohls suspirou e me olhou. Eu disse:

— Ele não precisa admitir nada. Estou com a arma dele.

— Queria que Jesus Cristo me desse um dólar — disse Ohls — cada vez que me dizem isso. Qual é a graça?

— Não pretendia que fosse engraçado — disse eu.

— Ainda bem que não — disse Ohls. Virou-se para o lado. — Telefonei para Wilde. Vamos até lá falar com ele e levar este malandro. Ele vai no meu carro e você dirige o seu mais atrás para o caso de ele inventar de me dar um chute na cara.

— O que você achou do que está no quarto?

— Achei lindo — disse Ohls. — Estou quase contente por aquele rapaz, o Taylor, ter caído do cais. Odiaria ajudar a enviá-lo para o corredor da morte só porque despachou aquele cafajeste.

Retornei ao quartinho e apaguei as velas negras, que ficaram fumegando. Quanto voltei à sala de visitas, Ohls tinha feito o rapaz se levantar. Este o encarava ferozmente com um olhar negro e penetrante em um rosto tão duro e tão branco como banha gelada.

— Vamos embora — disse Ohls, e segurou-o pelo braço como se não gostasse de tocar nele. Desliguei as lâmpadas e segui-os para fora da casa. Entramos em nossos carros e segui as sinaleiras duplas do carro de Ohls descendo a longa ladeira curva. Esperava sinceramente que esta fosse a minha última visita a Laverne Terrace.

Taggart Wilde, o promotor público, morava na esquina de Fourth Street com Lafayette Park, em uma casa de madeira pintada de branco, do tamanho de uma garagem de ônibus, com uma grande entrada coberta, construída em arenito vermelho de um dos lados do terreno e um hectare de gramado macio e verdejante na frente. Era uma dessas casas antigas e sólidas que em certa época fora moda colocar em cima de um reboque e transportar inteiras para novos locais à medida que a cidade se estendia para o oeste. Wilde pertencia a uma

antiga família de Los Angeles e provavelmente tinha nascido naquela mesma casa, quando ela se erguia na parte ocidental da Adams Street ou em Figueroa ou em frente ao parque de St. James.

Já havia dois carros estacionados no longo caminho de entrada, um grande seda particular e um carro oficial da polícia, com chofer uniformizado, que fumava encostado no para-lama traseiro enquanto admirava a lua. Ohls estacionou ao lado e falou com ele e o chofer ficou cuidando do rapaz que estava no carro de Ohls.

Subimos até a casa e tocamos a campainha. Um homem de cabelos louros, lisos e brilhantes abriu a porta e nos conduziu através do vestibulo e de uma imensa sala de visitas, cujo assoalho tinha sido rebaixado e estava atulhada de mobiliário escuro e pesado, e depois por um corredor que ficava do outro lado da sala. Bateu em uma porta, entrou e então a manteve aberta para nos dar passagem e ingressamos em um escritório de paredes apaineladas com uma porta envidraçada na parede que ficava mais distante, dando vista para um jardim escuro cheio de árvores misteriosas. Pela porta envidraçada entrava um cheiro de flores e de terra úmida. Havia grandes pinturas a óleo enfumaçadas distribuídas pelas paredes, espreguiçadeiras, livros, um perfume de charuto caro que se misturava ao odor da terra úmida e das flores.

Taggart Wilde estava sentado por trás de uma escrivaninha, um homem rechonchudo de meia-idade, com olhos francos e azuis que conseguiam dar uma impressão de simpatia, embora, de fato, não apresentassem expressão alguma. Havia uma xícara de café preto sobre o tampo da escrivaninha e ele segurava um charuto fino e pintalgado entre os dedos bem-cuidados e manicurados da mão esquerda. Outro homem estava sentado perto do canto da escrivaninha, em uma poltrona de couro azul, um homem de olhos frios e um rosto que parecia ter sido recortado à machadinha, magro como um ancinho e impiedoso como o gerente de uma casa de penhores. Seu rosto limpo e bem-cuidado dava a impressão de ter sido barbeado há menos de uma hora. Usava um terno marrom bem-passado e uma pérola negra no alfinete da gravata. Tinha os dedos longos e nervosos de um homem de raciocínio rápido. Parecia pronto para uma briga.

Ohls puxou uma cadeira, sentou-se e disse, com um sorriso largo:

— Boa noite, Cronjager. Apresento-lhe Philip Marlowe, um detetive particular que se meteu em uma confusão.

Cronjager olhou para mim sem se dar sequer ao trabalho de acenar com a cabeça. Examinou-me como se estivesse observando uma fotografia. Então moveu o queixo uns dois ou três centímetros. Wilde disse:

— Sente-se, Marlowe. Tentarei controlar o capitão Cronjager, mas você sabe como são as coisas. Agora estamos em uma cidade grande.

Sentei-me e acendi um cigarro. Ohls olhou para Cronjager e perguntou:

— O que vocês já conseguiram sobre o crime de Randall Place?

O homem do rosto feito a machado puxou um de seus dedos até que as juntas estalaram. Falou sem levantar o rosto:

— Um presunto com dois chumbos. Dois revólveres que não haviam atirado. Na rua encontramos uma loura que estava tentando ligar um carro que não pertencia a ela. O carro dela estava estacionado bem ao lado, era do mesmo modelo. Ela parecia muito nervosa e aí os rapazes agarraram a dona e ela deu o serviço. Estava no apartamento quando esse cara Brody foi alvejado. Alega que não viu o assassino.

— Só isso? — perguntou Ohls.

Cronjager ergueu levemente as sobrancelhas:

— Ora, só aconteceu há uma hora. O que você esperava? Um filme do assassinato?

— Talvez uma descrição do assassino — disse Ohls.

— Um cara alto usando um blusão de couro sem mangas — se é que dá para se chamar isso de uma descrição.

— Ele está lá fora em meu calhambeque — disse Ohls. — Algemado. Marlowe agarrou o elemento para vocês. Aqui está a arma dele.

Ohls tirou a automática do rapaz de dentro de seu bolso e a colocou em um dos cantos da escrivaninha de Wilde. Cronjager olhou para a arma, mas sem estender a mão para ela. Wilde deu uma risadinha. Estava recostado na cadeira, tirando baforadas de seu charuto decorado com pontinhos, sem o soltar um momento. Ele se inclinou para a frente para tomar um gole de sua xícara de café. Tirou um lenço de seda do bolso superior do casaco de cerimônia que estava usando, tocou de leve os lábios com ele e guardou-o de novo.

— Há mais duas mortes envolvidas nessa história — disse Ohls, beliscando de leve a carne macia da ponta de seu queixo.

Cronjager enrijeceu visivelmente. Seus olhos malevolentes tornaram-se dois pontinhos de aço luminoso. Ohls disse:

— Você ouviu falar de um carro que foi dragado do oceano Pacífico junto ao cais do Lido nesta madrugada com um cara morto dentro dele?

— Não — disse Cronjager, e continuou com a mesma expressão ameaçadora.

— O camarada que estava morto dentro do carro era o chofer de uma família rica — disse Ohls. — A família estava sendo chantageada por causa de uma das filhas. O sr. Wilde recomendou Marlowe à família por meu intermédio. Marlowe estava querendo manter a coisa abafada.

— Adoro tiras particulares que desejam manter assassinatos abafados — rousnou Cronjager. — Você não precisa ficar fazendo esses malditos rodeios.

— Sim — disse Ohls. — Eu não preciso fazer tantos malditos rodeios. Mas não é todo maldito dia que preciso fazer malditos rodeios com um tira da cidade.



Eu passo a maior parte do meu tempo dizendo a vocês onde devem colocar os pés para não quebrarem os malditos tornozelos.

A pele do rosto de Cronjager empalideceu ao redor de seu nariz pontiagudo. Soltou a respiração em um chiado baixo que se ouviu claramente na sala silenciosa. Falou ainda mais baixo:

— Você não tem precisado dizer aos *meus homens* onde pôr o pé, espertinho.

— Isso nós vamos ver — disse Ohls. — Esse chofer de quem estou falando alvejou um cara a noite passada em seu território antes de ir afogar-se no Lido. Um fulano chamado Geiger que tinha um trambique de livros sujos em uma loja bem no centro de Hollywood Boulevard. Geiger estava vivendo com o malandro que está lá fora dentro do meu carro. Eu quero dizer vivendo mesmo com ele, se é que me entende.

Agora Cronjager estava olhando diretamente para ele. Então disse:

— Está me parecendo que essa história vai ser muito suja.

— Segundo minha experiência, a maioria das histórias policiais são — rousnou Ohls, virando-se para mim com as sobranceiras erguidas. — Você está com a bola, Marlowe. Conte a ele.

Contei tudo direitinho.

Quer dizer, deixei duas coisas de fora, sem realmente saber por quê. Deixei de fora a visita de Carmen ao apartamento de Brody e a visita de Eddie Mars ao apartamento de Geiger durante a tarde. Tudo o mais contei justamente como havia acontecido.

Cronjager não tirou os olhos de meu rosto nem por um momento; nenhuma expressão de qualquer natureza cruzou sua fisionomia enquanto eu falava. Quando terminei, ficou calado por um bom tempo. Wilde também permaneceu calado, bebendo seu café nos intervalos das baforadas em seu charuto pintalgado. Ohls ficou olhando para um de seus polegares.

Cronjager reclinou-se de novo lentamente contra o espaldar de sua cadeira, apoiou um tornozelo sobre o joelho e esfregou a articulação do tornozelo com sua mão fina e nervosa. Seu rosto magro apresentava uma expressão áspera e carrancuda. Depois, declarou com uma cortesia mortal:

— Então você não informou à polícia sobre um assassinato que ocorreu a noite passada e depois passou todo o dia bancando o espertinho de tal modo que esse garoto do Geiger tivesse tempo para cometer um segundo assassinato esta noite.

— Em resumo — disse eu. — Eu estava em uma situação muito difícil. Pode ser que eu tenha agido mal, porém queria proteger meu cliente e não tinha a menor razão para supor que o rapaz iria atacar Brody.

— Quem tem de pensar nessas coisas é a polícia, Marlowe. Se a morte de Geiger tivesse sido informada a noite passada, os livros não teriam sido removidos da loja para o apartamento de Brody. O rapaz não teria descoberto a

pista de Brody e não o teria matado. Vamos dizer que Brody estava vivendo em tempo emprestado. Gente dessa laia sempre está. Mas uma vida é uma vida.

— Tem toda a razão — disse eu. — Diga isso aos tiras da próxima vez que eles alvejarem algum ladrãozinho barato que fugiu para dentro de um beco com um estepe roubado.

Wilde estalou violentamente as duas mãos sobre a escrivaninha.

— Agora chega! — disse vigorosamente. — Como é que você tem tanta certeza, Marlowe, de que foi esse rapaz Taylor que deu os tiros em Geiger? Mesmo que o revólver que matou Geiger tenha sido achado junto ao corpo de Taylor no carro afundado, não é uma prova absoluta de que ele seja o assassino. O revólver pode ter sido plantado nele — digamos, por Brody, o verdadeiro assassino.

— Isso é fisicamente possível — admiti —, mas moralmente impossível. Presume coincidências demais e uma série de coisas que estão fora de caráter com relação a Brody e sua garota. Mais ainda, não estão de acordo com o que ele estava tentando fazer. Conversei com Brody por muito tempo. Ele era um vigarista, mas não era um matador. Primeiro, ele tinha dois revólveres, mas não usava nenhum deles. O que ele estava tentando fazer era dar um jeito de entrar no cambalacho de Geiger, que ele naturalmente conhecia bem por causa da garota. Ele disse que estava vigiando Geiger de vez em quando para ver se ele tinha apoio de gente da pesada. Acreditei nele. Supor que ele matou Geiger para ficar com seus livros, depois fugiu com a fotografia que Geiger tinha acabado de tirar de Carmen Sternwood pelada, depois plantou o revólver em Owen Taylor e depois empurrou Taylor para dentro do oceano perto de Lido é, na minha opinião, supor demais. Taylor tinha o motivo, raiva por causa de seus ciúmes, e também teve a oportunidade para matar Geiger. Estava usando um dos carros da família sem permissão. Matou Geiger em frente da moça, coisa que Brody nunca teria feito, mesmo se tivesse vocação para assassino. Na verdade, não posso imaginar ninguém que tivesse puramente um interesse comercial em Geiger e fosse matá-lo por isso. Mas Taylor mataria. A tramoia da fotografia com a moça pelada seria justamente o tipo de coisa que o levaria a fazer isso.

Wilde deu uma risadinha e olhou de esquelha para Cronjager. Este pigarreou e fungou o nariz com força. Wilde perguntou:

— E esse negócio de esconder o corpo? Não vejo razão para isso.

— O rapaz que está no carro não nos disse, mas deve ter sido ele. Brody nem ia se animar a entrar na casa depois de Geiger ser alvejado. O rapaz deve ter chegado em casa enquanto eu saí para levar Carmen em casa. Ele tinha medo da polícia, é claro, sendo o que é; e provavelmente achou uma boa ideia esconder o corpo até que tivesse removido seus pertences da casa. Ele arrastou o corpo para fora pela porta da frente, a julgar pelas marcas no tapete; e muito provavelmente escondeu-o na garagem. Então empacotou todos os seus bagulhos

e levou-os para outra parte. Um pouco mais tarde, em alguma hora da noite, antes que o corpo endurecesse, sentiu remorsos e achou que não tinha tratado seu amigo morto com o devido respeito. Assim, ele retornou e colocou-o em cima da cama. Claro que estou adivinhando tudo isso.

Wilde assentiu com a cabeça:

— Então esta manhã ele foi até a loja como se nada tivesse sucedido e conservou os olhos abertos. Quando Brody começou a retirar os livros, ele descobriu para onde estavam indo e presumiu que a pessoa que estivesse com eles teria matado Geiger justamente para pegá-los. Ele pode até ter sabido mais coisas a respeito de Brody e da garota do que eles suspeitavam. O que você acha, Ohls?

— Vamos descobrir — respondeu Ohls. — Mas isso não resolve os problemas de Cronjager. Ele está aborrecido porque tudo isso aconteceu a noite passada e só agora ele ficou sabendo.

— Acho que posso encontrar alguma forma — disse Cronjager em tom azedo — de dar um jeito nisso também.

Ele me lançou um olhar penetrante e imediatamente desviou a vista. Wilde agitou seu charuto no ar e disse:

— Vamos ver as provas, Marlowe.

Esvaziei meus bolsos e pus a muamba em cima da escrivaninha: as três promissórias e o cartão de Geiger dirigido ao general Sternwood, as fotos de Carmen e a agenda azul com a lista codificada de nomes e endereços. As chaves de Geiger eu já havia passado para Ohls.

Wilde examinou as coisas que lhe dei, tragando delicadamente seu charuto. Ohls acendeu um de seus charutos de brinquedo e assoprou fumaça pacificamente em direção ao forro. Cronjager debruçou-se sobre a escrivaninha e olhou os objetos que eu entregara a Wilde.

Wilde bateu com a ponta do dedo sobre as três notas assinadas por Carmen e disse:

— Acho que essas promissórias eram somente uma experiência. Se o general Sternwood pagasse, seria por medo de alguma coisa pior. Então Geiger poderia ter apertado os parafusos. Você sabe do que ele realmente tinha medo? — indagou, olhando para mim.

Sacudi a cabeça negativamente.

— Você contou a história completa em todos os detalhes relevantes?

— Deixei de fora um ou dois assuntos particulares. Pretendo continuar a deixá-los de fora, sr. Wilde.

Cronjager exclamou:

— Ah! — e bufou com veemência.

— Por quê? — indagou Wilde tranquilamente.

— Porque meu cliente tem direito a esse tipo de proteção, a não ser que tenha de depor perante um tribunal. Tenho licença para trabalhar como detetive particular. Suponho que a palavra “particular” tenha algum significado. A Delegacia de Hollywood tem dois assassinatos para investigar, mas os dois já estão resolvidos. Já tem os dois assassinos. Tem o motivo e o instrumento em cada caso. O ângulo da chantagem tem de ser suprimido, pelo menos no que se refere aos nomes das partes.

— Por quê? — Wilde perguntou de novo.

— Está ok — interrompeu Cronjager secamente. — Temos o maior prazer de aceitar as sugestões de um tira particular tão importante.

— Eu vou lhes mostrar — disse eu. Levantei-me, saí da casa, fui até meu carro e peguei o livro da loja de Geiger que tinha guardado. O chofer uniformizado da polícia estava parado ao lado do carro de Ohls. O rapaz continuava dentro dele, encostado de lado em um canto.

— Ele disse alguma coisa? — perguntei.

— Ele me fez uma sugestão — disse o tira, dando uma cusparada. — Vou deixar passar.

Retornei à casa, pus o livro sobre a escrivanhinha de Wilde e abri o papel que o envolvia. Cronjager estava usando um telefone que ficava na ponta da escrivanhinha. Ele desligou e sentou-se quando eu entrei.

Wilde percorreu as páginas do livro com uma expressão impassível, fechou e empurrou-o na direção de Cronjager. Este o abriu, olhou para uma página ou duas e fechou-o rapidamente. Um par de manchas vermelhas do tamanho de moedas de meio dólar surgiu sobre as maçãs de seu rosto. Eu disse:

— Olhem para as datas carimbadas no verso da contracapa.

Cronjager abriu o livro de novo e olhou para elas.

— E daí?

— Se for necessário — afirmei —, estou disposto a testemunhar sob juramento que este livro veio da loja de Geiger. A loura, Agnes, irá admitir que tipo de negócio era realizado na loja. É óbvio para qualquer pessoa que use os olhos que essa loja é apenas uma fachada para alguma outra coisa. Mas a polícia de Hollywood permitia que operasse, certamente com boas razões. Ouso dizer que o corpo de jurados de um tribunal gostaria de saber que razões são essas.

Wilde mostrou um sorriso largo e disse:

— Os jurados costumam fazer perguntas embaraçosas algumas vezes. É um esforço bastante vão para descobrir por que as cidades são governadas do jeito que são.

Cronjager levantou-se de repente e pôs o chapéu.

— São três contra um — disse asperamente. — Meu serviço são os homicídios. Se esse Geiger tinha uma maracutaia de literatura indecente, não tenho nada a ver com isso. Mas estou pronto a admitir que meu departamento

não tem nada a ganhar se a história for dar nos jornais. O que vocês querem que eu faça?

Wilde olhou para Ohls. Ohls disse calmamente:

— Eu quero lhe entregar um prisioneiro. Vamos lá.

Ele se ergueu. Cronjager lançou-lhe um olhar feroz e saiu da sala em grandes passadas. Ohls foi atrás dele. A porta fechou-se de novo. Wilde tamborilou na escrivaninha com a ponta dos dedos e me encarou com seus olhos francos e azuis.

— Você deve entender o que qualquer tira sente a respeito de encobrir um negócio desses — disse ele. — Você vai ter de prestar depoimento sobre todo o caso — pelo menos para os arquivos. Eu penso que é possível manter os dois homicídios separados e conservar o nome do general Sternwood fora de ambos os casos. Você sabe por que eu não vou lhe dar um puxão de orelhas?

— Não. Na verdade, esperava que me arrancasse as duas.

— Quanto é que você está recebendo por esse caso?

— Vinte e cinco dólares por dia, mais as despesas.

— Isso significa cinquenta dólares e um pouco de gasolina, por enquanto.

— Mais ou menos isso.

Ele inclinou a cabeça para um lado e esfregou as costas de seu dedo mínimo da mão esquerda contra a parte inferior do queixo.

— E por essa quantia, você está disposto a se desentender com metade da força policial deste município?

— Querer, não quero — respondi. — Mas que droga, o que espera que eu faça? Estou cuidando de um caso. Estou vendendo o que tenho a fim de ganhar a vida. A pouca coragem e inteligência que Deus me deu e a disposição de aguentar todo tipo de pressão só para proteger meu cliente. É contra os meus princípios contar tudo o que eu já lhes contei esta noite, sem haver primeiro consultado o general. Quanto ao acobertamento, eu já trabalhei na polícia, como você sabe. Acontecem às dúzias em qualquer cidade grande. Os tiras falam grosso e bancam os ofendidos cada vez que alguém de fora tenta acobertar algum negócio, mas fazem a mesma coisa dia sim, dia não, para fazer um favor a seus amigos ou para agradar qualquer um que possa exercer um pouco de pressão. E eu ainda não acabei. Ainda estou no caso. Faria a mesma coisa de novo se precisasse.

— Desde que Cronjager não retire sua licença — disse Wilde, sorridente. — Você disse que escondeu uma coisa particular ou duas. Que importância tem?

— Ainda estou no caso — redargui, olhando diretamente para seus olhos.

Wilde lançou-me um sorriso. Tinha o sorriso franco e ousado dos irlandeses.

— Deixe-me contar-lhe uma coisa, filho. Meu pai era amigo íntimo do velho Sternwood. Tenho feito tudo que minha posição permite — talvez bastante mais do que isso — para poupar dissabores ao velho. Mas a longo prazo é

impossível. Essas filhas dele mais cedo ou mais tarde vão se meter em alguma coisa que não poderá ser abafada, especialmente aquela diabinha de cabeça loura. Elas não deviam andar por aí à solta. A culpa é do velho mesmo. Acho que ele não entende como é o mundo hoje em dia. Há ainda outra coisa que eu poderia mencionar enquanto falamos de homem para homem e eu não sou obrigado a gritar com você. Aposto um dólar americano contra dez centavos canadenses que o general está com medo de que seu genro, o ex-trafficante de bebidas, esteja metido nesta confusão toda; aposto também que o que ele realmente quer é que você descubra que ele não está. O que me diz disso?

— Pelo que sei de Regan, ele não me parece um chantagista. Ele parecia ter um fraco pelo general e foi embora sem nem se despedir.

Wilde emitiu um som que expressava seu desprezo:

— Nenhum de nós pode julgar até que ponto ele gostava do general. Se ele for do tipo de gente que penso que seja, gostar pode ser muito relativo. O general lhe disse que estava procurando por Regan?

— Ele me disse que gostaria de saber onde ele está e se estava bem. Ele gostava sinceramente de Regan e ficou muito sentido com a maneira como ele sumiu sem lhe dar adeus.

Wilde recostou-se e franziu a testa.

— Sei... — falou com a voz mudada. Sua mão movimentou os objetos que estavam em cima de sua escrivaninha. Afastou a agenda azul de Geiger para um lado e empurrou as outras provas em minha direção. — É melhor que você pegue estas de volta — acrescentou. — Não vou mais precisar delas.

Já eram quase onze quando guardei meu carro e fiz a volta até a frente do prédio de apartamentos Hobart Arms. A porta de vidro laminado era trancada às dez e assim tive de pegar minhas chaves. Lá dentro, no vestibulo quadrado e quase vazio, um homem parado ao lado de uma palmeira baixou um jornal vespertino verde que estava lendo e jogou uma bagana de cigarro dentro do vaso em que a palmeira crescia. Levantou-se, sacudiu o chapéu em minha direção e disse:

— O patrão quer falar com você. Puxa vida, mas como você faz seus amigos esperar, cara!

Permaneci onde estava e olhei para seu nariz achatado e para a orelha que parecia um bife.

— Sobre o quê?

— Que diferença faz? Faça o que estou dizendo e tudo vai dar certo.

Sua mão balançava no ar, perto da casa do botão superior de seu casaco desabotoado.

— Estou com cheiro de polícia — respondi. — Estou cansado demais para conversar, cansado demais para comer, cansado demais até para pensar. Mas se você acha que não estou cansado demais para receber ordens de Eddie Mars, então tente tirar o gatilho do bolso, antes que eu arranque sua orelha boa a tiro.

— Besteira. Você não anda armado — ele me encarou direto nos olhos. Suas sobrancelhas escuras e hirsutas se uniram e os cantos da boca curvaram-se para baixo.

— Da outra vez eu não andava. Não é sempre que ando pelado.

— Tá ok Você ganhou — disse ele, abanando a mão esquerda como se quisesse me acalmar. — Não me mandaram apagar ninguém. Depois ele telefona.

— Quanto mais tarde melhor — resmunguei e fui virando lentamente para vigiá-lo, enquanto ele passava por mim em direção à porta. Ele abriu-a e saiu sem olhar para trás. Dei um sorriso condescendente para minha própria insensatez, caminhei até o elevador e subi para o apartamento. Tirei o revolverzinho de Carmen do meu bolso e dei uma risada. Então limpei-o inteiramente, lubrifiquei, enrolei em um pedaço quadrado de flanela e tranquei em uma gaveta. Preparei um drinque e estava bebendo quando o telefone tocou. Sentei-me ao lado da mesinha onde ele ficava.

— Então hoje você está bancando o durão — disse a voz de Eddie Mars.

— Grande, rápido, duro e cheio de espinhos. Que posso fazer por você?

— A polícia esteve lá... você sabe onde. Me deixou de fora?

— E por que deveria?

— Porque eu trato bem quem me dá uma mão, soldado. Não vale a pena me deixar empenhado.

— Escute com atenção e vai ouvir meus dentes batendo de medo.

Ele riu secamente.

— Me deixou de fora ou não?

— Deixei. Diabos me levem se eu sei por quê. Acho que o troço já estava complicado o bastante sem você na jogada.

— Obrigado, soldado. Quem foi que atirou nele?

— Leia nos jornais amanhã. Pode ser que saia.

— Quero saber agora.

— Você consegue tudo o que quer?

— Não. Por acaso essa é sua resposta, soldado?

— Um cara de quem você nunca ouviu falar atirou nele. Esqueça a história.

— Se está me dizendo a verdade, talvez algum dia eu lhe faça um favor.

— Então desligue e me deixe dormir.

Ele riu outra vez.

— Você está procurando por Rusty Regan, não está?

— Um monte de gente parece estar pensando que estou, mas não é isso que estou fazendo.

— Se estivesse, poderia dar-lhe uma ideia. Dê um pulo para me ver aqui na praia. Na hora que quiser. Vai ser um prazer vê-lo.

— Talvez eu vá.

— Depois te vejo, então — disse ele, e o telefone desligou com um clique; eu continuei sentado, segurando o fone com uma paciência selvagem. Então disquei o número dos Sternwood e escutei tocar quatro ou cinco vezes, até que a voz suave do mordomo atendeu:

— Residência do general Sternwood.

— Fala Marlowe. Lembra de mim? Nós nos conhecemos uns cem anos atrás — ou foi só ontem?

— Sim, sr. Marlowe. Eu me lembro, naturalmente.

— A sra. Regan está em casa?

— Sim, acho que sim. O senhor...

Interrompi, porque mudei de ideia de repente:

— Não. Apenas transmita-lhe a mensagem. Diga-lhe que estou com as fotografias, com todas elas; e que tudo está resolvido.

— Sim... Sim... — a voz pareceu tremer um pouco. — Você tem as fotografias — todas elas — e tudo está resolvido. Sim, senhor. Se me permite, muito obrigado, senhor.

O telefone tocou de novo cinco minutos depois. Tinha acabado de tomar meu drinque e estava começando a achar que poderia comer alguma coisa, já



que tinha esquecido completamente de jantar. Sai do apartamento e deixei o fone tocando. Continuava tocando quando eu voltei. Seguiu tocando a intervalos até meia hora depois da meia-noite. Nessa hora apaguei as luzes, abri as janelas, abafei o fone com um pedaço de papel e fui me deitar. Estava de saco cheio da família Sternwood.

Na manhã seguinte li três jornais matutinos enquanto comia ovos com bacon. Seus relatos do caso estavam tão próximos da verdade como costumam ser as notícias de jornal — a mesma distância que vai de Marte a Saturno. Nenhum dos três estabelecia uma ligação entre Owen Taylor, motorista do Carro do Suicídio no Cais do Lido, com o Homicídio do Chalé Exótico em Laurel Canyon. Nenhum deles mencionava os Sternwood. Ninguém falava de Bernie Ohls ou de mim. Owen Taylor era apenas “o chofer de uma família abastada”. O capitão Cronjager do Departamento de Homicídios de Hollywood recebeu todo o crédito pela solução dos dois assassinatos em seu distrito, que supostamente tinham resultado de uma disputa pelos lucros de uma trama de apostas pelo telefone mantida por um certo Geiger nos fundos de uma livraria na Hollywood Avenue. Brody tinha matado Geiger e Carol Lundgren tinha matado Brody por vingança. A polícia estava mantendo Carol Lundgren sob custódia. Ele tinha confessado. Ele já tinha ficha — provavelmente sua ficha no colégio. A polícia também havia detido uma mulher chamada Agnes Lozelle, secretária de Geiger, na qualidade de testemunha.

Estava tudo muito bem arranjadinho. Dava a impressão de que Geiger tinha sido assassinado a noite passada, que Brody tinha sido morto mais ou menos uma hora depois e que o capitão Cronjager tinha resolvido ambos os homicídios enquanto acendia um cigarro. O suicídio de Taylor apareceu na primeira página da Segunda Seção. Havia uma fotografia do sedã no convés da barcaça a motor, com uma tarja preta sobre a chapa da licença e alguma coisa coberta com um pano jazendo sobre o convés perto da curva da proa. Owen Taylor andava deprimido e mal de saúde. Sua família vivia em Dubuque e seu corpo seria transportado para lá. Não seria aberto inquérito.

O capitão Gregory, do Departamento de Pessoas Desaparecidas, colocou meu cartão sobre o tampo de sua vasta escrivaninha e arrumou-o de tal modo que seus lados estivessem exatamente paralelos com as arestas da mesa. Estudou-o com a cabeça meio de banda, deu um grunhido de concordância, fez meia-volta em sua cadeira giratória e olhou para fora da janela para a cobertura do Fórum, cujas paredes eram protegidas por grades e ficava a meia quadra de distância. Era um homem corpulento, com olhos cansados e os movimentos lentos e deliberados de um vigia noturno. Sua voz era sem expressão, sem timbre e não demonstrava o menor interesse.

— Tira particular, é? — falou sem nem me olhar. Em vez disso, ficou olhando para fora da janela. A fumaça se evolava do forninho enegrecido de seu cachimbo, que era esculpido em raiz de urze branca e estava pendurado em seus caninos superiores. — O que posso fazer por você?

— Estou trabalhando para o general Guy Sternwood, Alta Brea Crescent número 3765, em West Hollywood.

O capitão Gregory deixou sair um pouco de fumaça pelo canto de sua boca, sem remover o cachimbo.

— Está trabalhando em quê?

— Não é exatamente na mesma coisa que vocês, mas estou interessado. Achei que o senhor poderia me ajudar.

— Ajudá-lo em quê?

— O general Sternwood é rico — disse eu. — Também é um velho amigo do pai do Promotor Público. Se ele quer contratar um menino de recados para cumprir suas ordens, isso não desmerece a polícia em nada. É apenas um luxo que ele pode muito bem pagar.

— E por que você pensa que estou fazendo alguma coisa para ele?

Nem respondi. Ele rodou de novo a cadeira giratória, em um movimento pesado e lento, e colocou os pés grandes sobre o linóleo que recobria o assoalho. Seu escritório tinha o cheiro de mofo de anos de rotina. Encarou-me com uma expressão desanimada.

— Não quero fazê-lo perder seu tempo, capitão — disse eu, empurrando a cadeira para trás, mais ou menos uns dez centímetros.

Ele não se moveu. Continuou me fitando com seus olhos desbotados e cheios de cansaço.

— Você conhece o promotor público?

— Conheço. Até já trabalhei para ele. Conheço muito bem Bernie Ohls, seu investigador principal.

O capitão Gregory estendeu a mão para um telefone e murmurou no receptor:

— Ligue para Ohls, no gabinete do promotor público.

Colocou o telefone no gancho e ficou com a mão em cima. Passaram-se alguns momentos. A fumaça subia em volutas de seu cachimbo. Seus olhos tinham uma expressão pesada e estavam tão imóveis quanto a mão. O fone tocou e ele segurou meu cartão com a mão esquerda:

— Ohls?... Al Gregory, falando da Delegacia. Um camarada chamado Philip Marlowe está em meu escritório. Mostrou um cartão que diz ser um investigador particular. Quer que eu lhe dê algumas informações... Sim? Qual é o jeito dele?... Ok, obrigado.

Soltou o telefone, tirou o cachimbo da boca, socou o tabaco com a tampa de latão de um lápis grosso. Agia cuidadosa e solenemente, como se isso fosse tão importante como qualquer outra coisa que tivesse a fazer durante o dia. Recostou-se na cadeira e me olhou mais um pouco.

— O que você quer?

— Uma ideia do ponto em que vocês estão, se é que chegaram em algum lugar.

Ele pensou um pouco.

— Regan? — indagou finalmente.

— É claro.

— Você conhece o cara?

— Nunca o vi mais gordo. Ouvi dizer que ele é um irlandês boa-pinta com trinta e tantos anos, que contrabandeava bebida durante a Lei Seca, que casou com a filha mais velha do general Sternwood e que não se deram muito bem. Também me disseram que ele desapareceu há mais ou menos um mês.

— Sternwood devia estar batendo palmas em vez de contratar um agente particular para remexer no gramado.

— Acontece que o general tinha um fraco muito grande por ele. Coisas que acontecem. O velho está aleijado e solitário. Regan costumava sentar com ele e fazer-lhe companhia.

— O que você pensa que pode fazer que nós já não fizemos?

— Absolutamente nada para encontrar Regan. Mas há uma trama muito misteriosa envolvendo chantagem. Quero ter certeza de que Regan não está metido nisso. Se eu souber onde ele está ou não está, pode me facilitar as coisas.

— Irmão, eu até gostaria de ajudá-lo, só que eu não sei onde ele está. Ele puxou a cortina e sumiu como um mágico, e é só o que sabemos.

— É bastante difícil escapar de sua organização, não é, capitão?

— Na verdade é, mas pode ser feito — por algum tempo.

Ele tocou uma campainha do lado de sua escrivadinha. Uma mulher de meia-idade enfiou a cabeça por uma porta lateral.

— Traga-me a pasta de Terence Regan, Abba.

A porta se fechou. O capitão Gregory e eu ficamos olhando um para o outro no mesmo silêncio pesado. A porta se abriu de novo e a mulher colocou uma pasta verde presa com alças sobre a escrivadinha. O capitão Gregory fez-lhe um sinal para que saísse, colocou óculos de aros de tartaruga sobre seu nariz, onde apareciam algumas veias azuladas, e folheou lentamente os papéis que havia no fichário. Eu peguei um cigarro e fiquei com ele rolando entre meus dedos.

— Ele sumiu no dia 16 de setembro — disse Gregory. — A única coisa importante foi que esse era o dia de folga do chofer e ninguém viu Regan sair com seu carro. Só se sabe que foi de tardezinha. Encontramos o carro quatro dias mais tarde em uma garagem que pertencia a um condomínio de luxo perto de Sunset Towers. Um fulano que trabalhava na garagem telefonou para o departamento de veículos roubados, dizendo que não era de ninguém que morasse lá. O lugar tem o nome imponente de Casa de Oro. Aqui tem um detalhe que lhe contarei daqui a pouco. Não pudemos descobrir nada sobre quem deixou o carro lá. Claro que retiramos todas as digitais que havia, mas não pudemos comparar com as de ninguém que estivesse nos arquivos. O fato de encontrarmos o automóvel naquela garagem não combina com assassinato, mas há uma razão para se suspeitar de alguma trama. Combina com outra coisa que vou contar-lhe daqui a pouco.

— Combina com o fato de que a mulher de Eddie Mars também está na lista dos desaparecidos — interrompi.

Ele pareceu aborrecido.

— Sim. Nós investigamos os inquilinos e verificamos que ela morava lá. E partiu ao mesmo tempo que Regan sumiu, com no máximo dois dias de diferença. Um tipo muito parecido com Regan tinha sido visto com ela, mas não temos uma identificação positiva. Uma das coisas mais gozadas nestes assuntos de polícia é que uma velha pode olhar pela janela e ver um cara correndo e reconhecê-lo seis meses mais tarde na fila de identificação, mas não podemos mostrar uma fotografia nítida aos funcionários de um hotel e conseguir que eles identifiquem um suspeito.

— Acho que esta é uma das qualificações para ser um bom funcionário de hotel — ironizei.

— Pois é. Eddie Mars e sua esposa não viviam juntos, mas se davam bem. Pelo menos é o que Eddie diz. Aqui estão algumas possibilidades. Primeiro, Regan tinha o costume de carregar quinze mil dólares em algum lugar de sua roupa, dia e noite. Dinheiro de verdade, segundo dizem. Não era simplesmente uma nota verdadeira de mil por cima e um monte de troco por baixo. É um bocado de grana, mas este Regan é justamente o tipo que gostaria de andar com

ela e tirar o rolo para fora só para dar uma espiada enquanto estava alguém mais olhando, só para se exibir. Ou quem sabe se ele gostava de andar com o dinheiro e não dava bola para quem visse. Sua esposa declarou que ele nunca tirou um níquel do velho Sternwood, salvo cama e mesa e um Packard 120 que ela mesma lhe presenteou. Veja se isso combina com um ex-contraventor que comia do bom e do melhor.

— Tampouco entendi essa — concordei.

— Bem, aqui temos em nossas mãos um tipo que desaparece com quinze notas de mil no bolso das calças, um dinheiro que todo o mundo sabe que ele carrega. Bem, isso é um bocado de dinheiro. Eu mesmo poderia me mandar se tivesse quinze das grandes, e olhe que tenho dois filhos quase completando os estudos antes de irem para a universidade. Assim, a primeira coisa que eu pensei foi que alguém lhe deu uma porretada para pegar o dinheiro e bateu com força demais, sendo obrigado a carregá-lo para o deserto a fim de plantá-lo no meio dos cactus. Mas essa versão não me agradou muito. Regan andava sempre com um gatilho, tinha muito boa pontaria e não tinha adquirido experiência somente no tempo daqueles contrabandistas de bebidas. Segundo me informaram, ele comandou uma brigada inteira durante a Revolução Irlandesa em 1922 ou seja lá quando foi. Um tipo desses não seria presa fácil para um assaltante. Além disso, o fato de seu carro estar estacionado naquela garagem demonstra que o camarada que o atacou sabia que ele arrastava a asa para a mulher de Eddie Mars, o que era a pura verdade, acho eu. Mas não era uma coisa que qualquer malandro de sinuca ficasse sabendo.

— Tem uma foto? — perguntei.

— Dele tenho; dela não. E outra coisa gozada. Há uma porção de troços gozados neste caso. Olhe aqui.

Ele empurrou uma fotografia lustrosa pelo tampo da escrivaninha e contemplei um rosto irlandês que era mais triste do que alegre e mais reservado do que arrogante. Não era o rosto de um cara durão, mas também não era a face de um homem que pudesse ser dominado por qualquer pessoa. Sobrancelhas escuras e retas com ossos fortes por baixo. Uma testa mais larga que alta, cabelos grossos e escuros que se reuniam em mechas, nariz curto e fino, boca larga. Um queixo de linhas fortes porém pequeno em relação à boca. Toda a fisionomia parecia um pouco tensa, o rosto de um homem que se movia depressa e jogava para valer. Devolvi a fotografia. Eu reconheceria esse rosto se o visse.

O capitão Gregory bateu o cachimbo, encheu de novo e apertou o tabaco com o polegar. Acendeu, deu uma baforada e começou a falar de novo:

— Bem, poderia haver gente que soubesse que ele andava se metendo com a mulher de Eddie Mars. Além do próprio Eddie. Por milagre, *ele* sabia. Mas aparentemente não ligava a mínima. Verificamos com o maior cuidado. É claro

que Eddie não teria mandado matar o tipo só por ciúme. Era uma coisa óbvia demais.

— Depende do grau de esperteza dele — disse eu. — Ele poderia estar tentando um blefe duplo.

O capitão Gregory sacudiu a cabeça:

— Se ele é esperto bastante para ter sucesso naquele cambalacho dele, é esperto demais para fazer isso. Entendo a sua ideia. Ele banca o panaca porque pensa que nós não iríamos esperar que ele bancasse o panaca. Mas do ponto de vista da polícia isso não iria dar certo. Porque nós estaríamos em cima dele o tempo todo e isso iria interferir com a jogatina dele. *Você* poderia pensar que um blefe duplo seria esperteza. Eu também poderia achar. Mas os tiras comuns nem iam pensar nisso. Iam tornar-lhe a vida miserável. Não, essa hipótese eu cortei fora. Se eu estiver errado, prove o contrário e eu comerei a almofada de minha cadeira. Até então vou deixar Eddie de fora. Ciúme não é um bom motivo para esse tipo de caráter. Trapaceiros do nível dele raciocinam como comerciantes. Aprendem a fazer uma série de coisas por ser uma boa política e deixam seus sentimentos pessoais de fora. Não, essa possibilidade eu deixo de fora.

— E o que você deixa dentro?

— A dama e o próprio Regan. Ninguém mais. Ela era loura quando sumiu, mas não deve ser mais. Não encontramos o carro dela, de modo que provavelmente foram nele. Tiveram uma longa vantagem sobre nós — quatorze dias. Se não tivesse aparecido o carro de Regan, é provável que nem nos dessem o caso. É claro que estou acostumado com isso, especialmente quando a família é da classe alta. E também está claro que tudo o que fiz teve de ser sigiloso.

Ele se recostou de novo e ficou batendo nos braços da cadeira com a parte inferior das palmas de suas mãos grandes e pesadas.

— A única coisa que posso fazer neste caso é esperar — disse. — Já andamos distribuindo uns cartazes com a foto para outras repartições, mas ainda é muito cedo para esperar resultados. Segundo sabemos, Regan tinha quinze notas de mil. A garota devia ter alguma coisa, talvez uma porção de pedras de valor. Mas a grana vai acabar mais cedo ou mais tarde. Regan vai descontar um cheque, assinar uma promissória, escrever uma carta. Estarão em outra cidade, usando outros nomes, mas ainda devem ter os mesmos desejos e costumes. Um dia terão de retornar ao sistema financeiro.

— O que a moça fazia antes de casar com Eddie Mars?

— Interpretava canções sentimentais em bares e boates.

— Você não conseguiu nenhuma foto promocional?

— Não. Eddie deve ter algumas, mas não quer nos entregar. Ele quer deixá-la em paz. Não posso obrigá-lo. Ele tem amigos bem situados na cidade, caso contrário aquela maracutaia dele não estaria funcionando abertamente — disse com um rosnado. — Bem, o que eu sei é isso. Serviu para alguma coisa?

— Você nunca vai achar nenhum dos dois — disse eu. — O oceano Pacífico fica bem aqui do lado.

— O que eu falei sobre a almofada de minha cadeira está valendo. Nós vamos encontrá-lo. Pode levar tempo, mas vamos. Pode levar um ano ou dois.

— O general Sternwood pode não viver tanto tempo.

— A gente fez tudo o que podia, irmão. Se ele quiser oferecer uma recompensa e gastar algum dinheiro, podemos obter alguns resultados mais depressa. A cidade não fornece o dinheiro necessário — falou com os grandes olhos me fitando e as sobrancelhas irregulares se moveram. — Você está falando sério sobre Eddie ter jogado os dois no mar?

— Não — eu disse com uma risada. — Estava só brincando. Penso o mesmo que o senhor, capitão. Regan fugiu com uma mulher que representava mais para ele que uma esposa rica com quem não se dava muito bem. Além disso, ela ainda não é rica.

— Você já a encontrou, suponho?

— Já. Seria ótima para um fim de semana, mas ia ser muito cansativo viver com ela.

Ele rosou, eu lhe agradei pelo tempo que havia gasto comigo e pelas informações que me dera e fui embora. Um grande sedã Plymouth cinzento começou a me seguir desde a Prefeitura. Dei-lhe uma chance de me alcançar em uma rua tranquila. Ele recusou a oferta. Então me liberei dele e fui cuidar de minha vida.

Não cheguei nem perto da casa dos Sternwood. Voltei para o escritório e sentei em minha cadeira giratória, onde fiquei pensando e balançando os pés. Um ventinho barulhento soprava nas janelas e a fuligem das caldeiras a óleo do hotel que ficava ao lado entrava junto com a brisa e rolava pelo tampo da escrivaninha como folhas em um terreno baldio. Estava pensando em sair para almoçar e em como a vida era chata; provavelmente continuaria sendo chata se eu tomasse um drinque; e tomar um drinque sozinho àquela hora do dia não seria divertido mesmo. Era o que estava pensando quando Norris me telefonou. Em sua maneira educada e cuidadosa, ele disse que o general Sternwood não estava se sentindo bem e que certos itens publicados nos jornais tinham sido lidos para ele e assim presumia que minha investigação havia sido completada.

— No que se refere a Geiger, sim — disse eu. — Mas você sabe, não fui eu que atirei nele.

— O general não supôs que tivesse atirado, sr. Marlowe.

— O general sabe alguma coisa sobre as fotografias que estavam preocupando a sra. Regan?

— Não, senhor. Absolutamente não.

— Você sabe o que o general me deu?

— Sim, senhor. Três promissórias e um cartão, creio eu.

— Certo. Vou devolvê-las. Quanto às fotografias, acho melhor destruí-las.

— Muito bem, senhor. A sra. Regan tentou ligar para o senhor uma porção de vezes a noite passada.

— Eu tinha saído para tomar um porre — disse eu.

— Sim. Era necessário, senhor, tenho certeza. O general instruiu-me para enviar-lhe um cheque de quinhentos dólares. Essa importância é satisfatória?

— Mais do que generosa — respondi.

— Presumo que podemos considerar o incidente encerrado?

— Sem dúvida. Está encerrado e trancado como um cofre de banco com a fechadura de tempo estragada.

— Obrigado, senhor. Tenho certeza de que todos nós apreciamos sua tarefa. Quando o general estiver se sentindo um pouco melhor — talvez amanhã —, gostará de agradecer-lhe pessoalmente.

— Ótimo — disse eu. — Vou até aí beber um pouco mais do seu conhaque, talvez com champanhe, como ele gosta.

— Garanto que existe alguma convenientemente gelada — disse ele, com quase um toque de ironia na voz.



Fim de papo. Demos até logo e desligamos. O cheiro da cafeteria que ficava ao lado subiu pelas janelas junto com a fuligem, mas não conseguiu me deixar com fome. Assim, eu retirei a garrafa que tinha na gaveta, tomei um drinque e deixei que meu amor-próprio fosse plantar batatas.

Comecei a contar nos dedos. Rusty Regan tinha fugido de um monte de dinheiro e de uma esposa bonita para sair por aí, possivelmente com uma loura que estava mais ou menos casada com um trambiqueiro chamado Eddie Mars. Tinha desaparecido subitamente sem se despedir de ninguém e poderia ter um monte de razões. O general tinha sido orgulhoso demais ou, já que era a primeira entrevista que tinha comigo, tinha sido cauteloso demais para me dizer que a questão estava nas mãos do Departamento de Pessoas Desaparecidas. O pessoal do Departamento não tinha chegado a conclusão nenhuma e provavelmente achava que não valia a pena se incomodar. Regan tinha feito o que queria e o problema era dele. Concordava com o capitão Gregory que era muito improvável que Eddie Mars se envolvesse em um duplo assassinato, só porque outro homem estava dando umas voltinhas com uma loura que nem vivia mais com ele. Talvez ficasse contrariado, mas negócios são negócios, e em Hollywood você tem de andar com a boca fechada para não engolir uma loura. Se houvesse muito dinheiro envolvido, seria outro caso. Mas quinze notas de mil não seriam muito dinheiro para Eddie Mars. Ele não era um malandro de terceira como Brody.

Geiger estava morto e Carmen teria de encontrar algum outro caráter escuso que lhe preparasse umas misturas exóticas de veneno. Achei que não teria a menor dificuldade. Tudo o que tinha a fazer era parar em uma esquina por cinco minutos com um ar de encabulada. Esperava que o próximo trambiqueiro que jogasse um gancho nela a tratasse com um pouco mais de delicadeza, pensando mais no lucro a longo prazo do que em arranjar uma grana rápida.

A sra. Regan conhecia Eddie Mars bem o bastante para lhe pedir dinheiro emprestado. Era natural, se ela jogava na roleta e perdia bastante. Qualquer proprietário de cassino emprestaria um pouco de dinheiro para um cliente que estivesse precisando. Além disso, eles tinham interesses comuns em Regan. Era marido dela e tinha fugido com a esposa de Mars.

Carol Lundgren, o garoto assassino com vocabulário limitado, estaria fora de circulação por muito, muito tempo, mesmo que não o atassem a uma cadeira sobre um balde de ácido. Mas não iam, porque ele ia se declarar culpado para receber uma sentença mais leve e economizar o dinheiro do município. É o que todos fazem quando não podem pagar um bom advogado. Agnes Lozelle estava em custódia como testemunha. Eles nem iam precisar dela, se Carol confessasse; provavelmente iam soltá-la em seguida. Não teriam interesse de trazer às claras o trambique de Geiger, e a única coisa que tinham contra ela era que trabalhara lá.

Sobrava eu. Eu tinha escondido um assassinato e suprimido provas por vinte e quatro horas, mas ainda estava solto e havia um cheque de quinhentos dólares no correio. Se eu fosse bem esperto, tomaria outro drinque e esqueceria toda aquela bagunça.

Obviamente essa era a coisa mais inteligente a fazer. Então eu telefonei a Eddie Mars e disse-lhe que iria a Las Olindas conversar com ele essa noite. Por aí se vê como eu sou esperto.

Cheguei lá mais ou menos às nove horas, sob o luar impiedoso de outubro, que se perdia nas camadas superiores da névoa que subia da praia. O Cypress Club ficava do outro lado da cidade, uma enorme mansão de madeira que já tinha sido a residência de verão de um homem chamado De Cazens e que depois fora um hotel. Agora era um prédio grande e escuro, que por fora tinha um aspecto descuidado, no centro de um bosque espesso de ciprestes de Monterey retorcidos pelo vento. Daí que saía o nome. Tinha enormes varandas com grades de ferro batido, torções por toda a parte, acabamentos de vidro colorido ao redor dos janelões, grandes estábulos vazios na parte de trás e um aspecto geral de decadência nostálgica. Eddie Mars tinha deixado a parte de fora mais ou menos como estava quando comprara o prédio, em vez de reformá-la a fim de parecer um cenário da Metro-Goldwyn-Mayer. Deixei meu caíro em uma rua lateral com postes de arco voltaico e luzes intermitentes e caminhei para a propriedade por uma senda úmida recoberta de cascalho que levava até a entrada principal. Um porteiro, usando um casaco duplo como uniforme de guarda, introduziu-me em um imenso vestibulo escuro e silencioso a partir do qual uma escadaria de carvalho branco se curvava majestosamente para a escuridão do andar superior. Entreguei meu chapéu e sobretudo e esperei, escutando música e vozes confusas por trás de pesadas portas duplas. Pareciam vir de muito longe e não estarem exatamente no mesmo mundo em que se achava o edifício. Então o louro magro e de cara branca que tinha estado com Eddie Mars e o ex-boxeador na casa de Geiger saiu de uma porta que ficava por baixo da escada, lançou-me um sorriso desanimado e me levou com ele por um corredor atapetado até o escritório do patrão.

Era uma sala quadrada, com uma antiga porta-janela que se abria para uma sacada larga e uma lareira de pedra na qual um fogo de tocos de zimbro queimava preguiçosamente. As paredes eram recobertas por lambris de nogueira e logo acima deles havia uma frisa de damasco desbotado. O forro era alto e remoto. E um cheiro frio de maresia entrava pela sacada.

A escrivanhinha escura e fosca de Eddie Mars não combinava bem com a sala, mas, de fato, nenhuma coisa construída depois de 1900 combinaria. Seu tapete tinha um bronzeado do sol da Flórida. Havia um rádio em cima do bar colocado a um canto e um conjunto de chá de porcelana de Sèvres disposto sobre

uma bandeja de cobre ao lado de um samovar. Fiquei imaginando para quem seria tudo aquilo. Havia uma porta no canto com fechadura de tempo.

Eddie Mars me sorriu educadamente, apertou-me a mão e fez um sinal com o queixo em direção ao cofre:

— Sou um alvo perfeito para um assalto da máfia. A única coisa que me salva é esse cofre — disse ele, alegremente. — A polícia local vem todas as manhãs para olhar quando eu abro. Tenho um acordo com eles.

— Você sugeriu que tinha alguma coisa para mim — disse eu. — De que se trata?

— Mas qual é a pressa? Sente-se e tome um drinque primeiro.

— Não tenho pressa alguma. Só que você e eu não temos nada a conversar a não ser sobre negócios.

— Você vai tomar o drinque e vai gostar — disse ele. Preparou dois e colocou o meu ao lado de uma cadeira de couro vermelho, ficando de pé, as pernas cruzadas, encostado à escrivaninha, uma das mãos no bolso lateral de seu smoking azul-profundo, o polegar para fora e a unha brilhando. De smoking ele dava a impressão de ser mais durão que com seu terno de passeio de flanela cinzenta, mas ainda parecia um cavaleiro. Bebemos e nos cumprimentamos com a cabeça.

— Já esteve aqui antes? — quis saber Mars.

— Durante a Lei Seca. Não vejo nenhuma graça em jogar.

— Você não gosta de jogar a dinheiro — sorriu ele. — Mas devia dar uma olhadela hoje. Uma de suas amigas está apostando na roleta. Ouvi dizer que está em maré de sorte. Vivian Regan.

Tomei um golezinho de meu drinque e apanhei um de seus cigarros com monograma.

— Até gostei do jeito que você manejou a situação ontem — disse ele. — Na hora, fiquei aborrecido, mas depois percebi que você tinha toda a razão. Acho que você e eu devemos nos dar bem. Quanto lhe devo?

— Por ter feito o quê?

— Continua cuidadoso, hein? Eu tenho uma ligação com a Delegacia de Polícia, caso contrário não estaria aqui agora. Fico sabendo das coisas logo que acontecem e exatamente como acontecem, não do jeito que saem nos jornais.

Mostrou-me seus dentes grandes e brancos.

— Quanto é que você tem? — perguntei.

— Você não está falando de dinheiro, está?

— Segundo entendi, você ia me dar algumas informações.

— Informações sobre o quê?

— Você tem memória curta. Sobre Regan.

— Ah, sobre isso — disse, com um gesto desinteressado que fez brilhar as unhas sob a luz mortiça provinda de uma daquelas lâmpadas de bronze que

lançava um facho de luz para o teto. — Ouvi dizer que você já tem as informações que posso dar. Mas acho que lhe devo um pagamento. Estou acostumado a pagar quando me tratam bem.

— Eu não dirigi até aqui só para lhe dar um toque. Eu sou pago pelas coisas que faço. Não é muito pelos seus padrões, mas dá para o gasto. Uma regra que costume seguir é a de atender um único cliente de cada vez. Você não apagou Regan, por acaso?

— Não. Você não pensa que eu apaguei, por acaso?

— Não diria que não pudesse.

— Está brincando — disse ele, com uma gargalhada.

Ri também.

— Claro que estou brincando. Nunca encontrei Regan, mas vi sua foto. Você não dispõe de homens capazes de fazer o serviço. E já que estamos falando no assunto, não me mande mais pistoleiros vagabundos para me dar ordens. Eu posso ficar histérico e matar um deles.

Ele olhou para o fogo através de seu copo, colocou-o na ponta da escrivania e secou os lábios com um lenço fino de linho.

— Você fala como um bom jogador — disse ele. — Mas aposto que sabe mesmo jogar. Você não está mesmo interessado em Regan, está?

— Não, profissionalmente não. Ninguém me pediu para me interessar. Mas eu conheço alguém que gostaria de saber onde ele está.

— Ela está se lixando — disse ele.

— Quero dizer o pai dela.

Ele secou os lábios de novo e olhou para o lenço quase como se esperasse encontrar sangue nele. Juntou as sobrancelhas grossas e cinzentas e passou o dedo pelo lado do nariz castigado pelo tempo.

— Geiger estava tentando chantagear o general — disse eu. — O general não me disse, mas acho que tinha um pouco de medo de que Regan estivesse por trás.

— Hã-hã — riu Eddie Mars. — Geiger aplicava esse golpe em todo mundo. Era estritamente ideia dele. Ele obtinha notas promissórias das pessoas, que tinham todo o jeito de serem legais — de fato, eram legais, acho eu, só que ele nunca teria tentado fazer um cobrança judicial. Ele apresentava as promissórias com um belo floreio e ficava de mãos vazias. Se tivesse sorte, a vítima se assustava e ele começava a trabalhar. Se não tivesse sorte, saía da jogada.

— Era um cara esperto — disse eu. — Saía da jogada, não é? Só que desta vez, não saiu. Saiu foi de cena. Como é que *você* sabe disso tudo?

Ele deu de ombros impacientemente.

— Juro por Cristo que preferia não saber a metade das coisas que me contam. Conhecer os negócios dos outros é o pior investimento que um homem

pode fazer em minha linha de trabalho. Mas se você só estava atrás de Geiger, então seu serviço terminou.

— Terminou e já foi pago.

— Lamento escutar isso. Gostaria que o velho Sternwood contratasse um soldado como você na base de um salário permanente, a fim de manter aquelas suas garotas em casa pelo menos algumas noites por semana.

— Por quê?

— Porque só causam encrenca — sua boca descaiu amuada. — Veja a morena. É uma dor no meu pescoço cada vez que vem aqui. Se ela perde, continua apostando mesmo assim, e eu acabo com um punhado de vales que ninguém quer comprar por preço algum. Ela não tem dinheiro nenhum exceto uma mesada, e o que está no testamento do velho é segredo. E quando ela ganha, leva meu dinheiro todo para casa.

— Mas você recebe de volta na noite seguinte — respondi.

— Recebo de volta só uma parte. Mas a longo prazo, quem perde sou eu.

Ele me contemplou com uma expressão sincera, como se isso tivesse alguma importância para mim. Imaginei por que ele achava necessário me contar. Bocejei e acabei meu drinque.

— Vou dar uma olhada no barraco — falei.

— Faça o favor — ele apontou para uma porta ao lado da porta do cofre de segurança. — Essa porta dá para trás das mesas.

— Prefiro entrar pela mesma porta que os otários.

— Tá ok. Como quiser. Somos amigos, não somos, soldado?

— Claro — eu me levantei e apertamos as mãos.

— Talvez eu possa lhe prestar um favor de verdade algum dia — disse ele.

— Desta vez, você já escutou tudo de Gregory.

— Então você também comprou um pedaço dele.

— Ora, não é bem assim. Somos apenas amigos.

Encarei-o por um momento e depois voltei para a porta por onde havia entrado. Olhei para ele de novo depois que a tinha aberto.

— Não foi você que mandou me seguir por um sedã Plymouth cinzento, foi?

Seus olhos se arregalaram de surpresa. Pareceu meio incomodado.

— Raios me partam, claro que não! Por que deveria?

— Não faça a menor ideia — falei e saí. Pensei que sua surpresa parecia genuína o bastante para que eu acreditasse. Achei até que ele tinha ficado um pouco preocupado. Não pude pensar em nenhuma razão para isso.

Eram mais ou menos dez e meia quando a pequena orquestra de mexicanos usando faixas amarelas na cintura se cansou de tocar uma rumba estilizada e em surdina que ninguém estava mesmo pretendendo dançar. O tocador de maracas esfregou as pontas dos dedos como se estivessem lhe doendo e colocou um cigarro na boca quase que com o mesmo movimento. Os outros quatro, como se tivessem ensaiado, curvaram-se simultaneamente e estenderam as mãos para copos que estavam por baixo das cadeiras e bebericaram, estalando os beiços e arregalando os olhos. Agiam de modo aparecer que estavam bebendo tequila. Provavelmente era água mineral. O fingimento foi tão inútil quanto a música. Ninguém estava olhando para eles.

Antigamente a sala tinha sido usada como salão de baile. Eddie Mars tinha feito somente as modificações necessárias para seu negócio. Nenhum brilho de cromados, nenhuma iluminação indireta por trás de cornijas angulosas, nenhum espelho de moldura trabalhada, nem cadeiras com estofamentos de cores espalhafatosas e tubos de metal reluzente, nada do circo pseudomodernista da típica armadilha noturna hollywoodiana. A luz descia de pesados candelabros de cristal e os painéis de damasco rosa das paredes ainda ostentavam a mesma cor rosada, se bem que um pouco desbotada pelo tempo e escurecida pela poeira. A cor combinava com o assoalho de parquê, do qual somente um pequeno espaço liso como vidro aparecia em frente ao estrado da pequena orquestra mexicana. O resto estava coberto por um pesado tapete cor-de-rosa antigo, que deveria ter custado uma nota preta. O parquê era formado por tacos de uma dúzia de espécies de madeira dura, desde teca birmanesa, passando por meia dúzia de tons de carvalho e uma madeira avermelhada que parecia mogno, até madeira de lilás silvestre das serras da Califórnia, que era dura e pálida, todos assentados em padrões elaborados, tão intrincados como as linhas que marcam o trânsito sobre o asfalto da cidade.

Ainda era uma sala linda, só que agora abrigava mesas de roleta em vez das danças compassadas de outrora. Havia três mesas próximas à parede dos fundos. Eram unidas por uma grade baixa de bronze que formava uma cerca protetora ao redor dos crupiês. As três mesas estavam em funcionamento, mas a maior parte dos clientes se amontoava ao redor da mesa do centro. Eu podia ver os cabelos negros de Vivian Regan debruçados sobre ela, mesmo do outro lado da sala em que eu me apoiava contra o balcão do bar, girando lentamente um copinho de Bacardi sobre o tampo de mogno.

O atendente do bar se debruçava sobre o balcão a meu lado para observar melhor o amontoado de gente bem-vestida que se acotovelava na mesa central.

— Hoje ela está tirando o couro deles pra valer — disse ele. — Aquela morena alta.

— Quem é ela?

— Não sei o nome. Mas ela sempre vem aqui.

— Duvido que você não saiba o nome dela.

— Eu só trabalho aqui, moço — disse ele, sem qualquer animosidade. — E ela está sozinha também. O gajo que estava com ela caiu de bêbado. Levaram ele para o carro.

— Deixe que eu levo ela para casa — disse eu.

— Quando o inferno esfriar. Bem, eu lhe desejo sorte de qualquer jeito. Quer que eu ponha um pouco de água nesse Bacardi ou gosta dele forte como está?

— Se eu tenho de tomar esse troço, espero pelo menos que seja forte.

— Pois olhe, eu preferia tomar remédio para crupe — disse ele.

A multidão deu passagem para dois homens de smoking e pude ver a nuca e os ombros nus de Vivian através da abertura. Ela usava um vestido muito decotado, feito de veludo verde fosco. Parecia elegante demais para a ocasião. A multidão se fechou, escondendo seu corpo, deixando de fora somente a cabeça negra. Os dois homens atravessaram a sala e se debruçaram no bar, pedindo uísque escocês com soda. Um deles estava com o rosto vermelho e parecia excitado. Estava enxugando o rosto com um lenço de bordas pretas. As duas listras de cetim que desciam pelos lados de suas calças eram largas como rastros de pneus.

— Rapaz, nunca vi uma sorte assim — disse ele, com uma voz trêmula. — Ganhou oito vezes e empatou duas, uma atrás da outra, sempre jogando no vermelho. Isso é que é roleta, rapaz, isso é que é roleta!

— Chega a me dar comichão nos dedos — disse o outro. — Ela está apostando uns mil dólares de cada vez. E não perde nunca.

Eles afundaram o bico nos drinques, engoliram rapidamente e voltaram.

— Esses carinhas pensam que são espertos — disse o atendente do bar com sua fala arrastada. — Mil dólares por aposta, grande coisa! Uma vez, em Havana, eu vi um velho com cara de cavalo...

O barulho aumentou na mesa do centro e uma voz educada de sotaque estrangeiro ergueu-se acima dele, dizendo:

— Por favor, tenha paciência um momento, madame. A banca não pode cobrir sua aposta. O sr. Mars virá até aqui em um instante.

Deixei meu Bacardi e atravessei a sala, com os pés afundando no tapete. A pequena orquestra começou a tocar um tango bastante alto. Ninguém estava dançando nem pretendia dançar. Passei por algumas poucas pessoas em trajés de

cerimônia, vestidos de noite com todos os acessórios, roupas esportivas e ternos de passeio, até chegar à mesa de roleta que ficava à esquerda. Estava mortinha da silva. Ninguém estava jogando nela. Dois crupiês estavam parados atrás, com as cabeças juntas, como se estivessem conversando, enquanto olhavam de esguelha para a outra mesa. Um deles movia o rodo sem parar, para a frente e para trás, sobre o tabuleiro vazio. Os dois estavam olhando para Vivian Regan.

Suas longas pestanas tremiam e seu rosto era de uma palidez irreal. Estava na mesa central, exatamente em frente à roleta. Havia uma pilha desordenada de dinheiro e fichas em frente dela. Dava a impressão de ser muito dinheiro. Ela respondeu ao crupiê com uma voz arrastada, fria, insolente e cheia de irritação:

— Mas que tipo de cassino de meia-tigela é este? Gostaria de saber! Ande logo, faça rodar essa roda, almofadinha. Quero jogar mais uma vez e quero apostar tudo. Quando a gente perde, vocês arrastam o dinheiro bem depressa com esses rodos, mas quando é hora de pagar, vocês começam a gemer!...

O crupiê sorriu fria e educadamente, um sorriso que já tinha brilhado sobre milhares de mal-educados e milhões de tolos. Era alto e moreno e suas maneiras desinteressadas eram impecáveis. Ele disse gravemente:

— A banca não pode cobrir sua aposta, madame. A senhora tem mais de dezesseis mil dólares à sua frente.

— O dinheiro é de vocês — zombou a garota. — Você não quer de volta?

Um homem ao lado dela tentou dizer-lhe alguma coisa. Ela virou-se rapidamente e cuspiu-lhe algumas palavras, fazendo-o desaparecer em meio à multidão com o rosto vermelho. Uma porta abriu-se entre os painéis do lado de trás do recinto fechado pela grade de bronze. Eddie Mars passou pela porta com um sorriso fixo e indiferente, as mãos enfiadas nos bolsos de seu smoking, ambas as unhas dos polegares brilhando. Ele parecia gostar dessa pose. Caminhou por trás dos crupiês e parou na quina da mesa central. Falou com uma calma preguiçosa, mas de forma menos educada que o crupiê:

— Há algum problema, sra. Regan?

Ela virou o rosto para ele como se fosse pular-lhe em cima. Vi a curva de sua face endurecer, como se estivesse em uma tensão interna insuportável. Ela não respondeu. Eddie Mars disse gravemente:

— Se não vai jogar mais, a senhora deve permitir-me que envie alguém para acompanhá-la até em casa.

A garota enrubescou. As maçãs do rosto se salientaram muito brancas em seu rosto vermelho. Então soltou um riso desafinado. Disse amargamente:

— Uma jogada mais, Eddie. Tudo que tenho no vermelho. Gosto do vermelho. É a cor do sangue.

Eddie Mars sorriu fracamente, depois concordou com a cabeça e enfiou a mão em seu bolso interno. Tirou uma grande carteira de couro de foca com os cantos dourados e jogou-a descuidadamente sobre a mesa até o crupiê.



— Cubra sua aposta arredondando para milhares — disse ele. — Desde que ninguém tenha objeção que esta volta da roleta seja somente para a dama.

Ninguém objetou. Vivian Regan debruçou-se e empurrou todos os seus ganhos selvagememente com as duas mãos para o grande losango vermelho no tabuleiro.

O crupiê debruçou-se sobre a mesa sem pressa. Contou o dinheiro dela e armou em pilhas cuidadosas tanto as notas como as fichas. Deixou apenas algumas notas avulsas em uma pilha pequena e empurrou o resto para fora do tabuleiro com seu rodo. Abriu a carteira de Eddie Mars e retirou dois pacotes finos de notas de mil dólares. Abriu um deles, contou seis notas e acrescentou-as ao pacote que não fora aberto, colocou as quatro notas avulsas de volta na carteira e deixou-a de lado tão descuidadamente como se fosse uma caixa de fósforos. Eddie Mars nem tocou na carteira. Ninguém se movia, exceto o crupiê. Ele girou a roleta com a mão esquerda e, com um gesto casual do pulso, fez a bola de marfim rodopiar sobre a parte superior da roda. Então, retirou as mãos e cruzou os braços.

Os lábios de Vivian se separaram lentamente até que seus dentes refletissem a luz e brilhassem como facas. A bola saltitou preguiçosamente, descendo aos poucos a inclinação da roda, e bateu nas arestas de cromo que ficavam sobre os números. Após o que pareceu um longo intervalo e então subitamente com um estalo seco, a bola imobilizou-se. A roleta foi rodando cada vez mais devagar, carregando a bola ao redor... O crupiê não descruzou os braços até que a roda tivesse cessado inteiramente de revolver.

— Vermelho ganha — disse ele, formalmente e sem demonstrar interesse. A pequena bola de marfim estava parada no Vermelho 25, o terceiro número a partir do Zero Zero. Vivian Regan lançou a cabeça para trás e deu uma gargalhada triunfante.

O crupiê levantou o rodo e lentamente empurrou a pilha de notas de mil dólares através do tabuleiro, reuniu-a à aposta e empurrou tudo devagar para fora do campo de jogo.

Eddie Mars sorriu, colocou a carteira de volta no bolso, virou nos calcanhares e saiu da sala pela porta que ficava entre os painéis.

Uma dúzia de pessoas soltou a respiração ao mesmo tempo e saiu às pressas para o bar. Eu saí junto com elas e cheguei ao outro lado da sala antes que Vivian reunisse seus ganhos e se afastasse da mesa. Entrei no grande vestibulo tranquilo, peguei meu chapéu e meu sobretudo com a chapeleira, deixei um quarto de dólar em sua bandeja e saí para a varanda. O porteiro surgiu a meu lado e disse:

— Posso pegar seu carro, senhor?

— Vou só dar uma caminhada — respondi.

As grades de ferro trabalhado que demarcavam os lados da varanda estavam úmidas de nevoeiro. A neblina também pingava dos galhos dos ciprestes

de Monterey, cuja sombra ia desaparecendo a distância, na direção dos penhascos que ficavam acima do oceano. Mal dava para ver uns quatro metros em qualquer direção. Desci os degraus da varanda e fiquei andando sem rumo por entre as árvores, seguindo depois um caminho indistinto até escutar o ruído das ondas, que lambiam a neblina e se quebravam contra os penhascos. Não havia um ponto de luz. Dava para ver uma dúzia de árvores claramente de cada vez, uma outra dúzia mais além indistintamente e depois mais nada, exceto a bruma. Virei para a esquerda e fui caminhando na direção do caminho de cascalho que conduzia aos estábulos por trás da casa, que eles usavam como estacionamento. Quando consegui divisar a silhueta da casa, parei. Um pouquinho à minha frente tinha escutado um homem tossindo.

Meus passos não faziam som sobre o gramado úmido e macio. O homem tossiu de novo, depois abafou a tosse com um lenço ou a manga. Enquanto se ocupava nisso, movi-me para mais perto dele. Então o divisei como um vulto vago próximo ao caminho. Alguma coisa fez com que eu parasse por trás de uma árvore e me agachasse. O homem virou a cabeça. Seu rosto devia parecer uma mancha branca quando o voltou em minha direção. Mas não parecia. Ele estava usando uma máscara.

Fiquei esperando por trás da árvore.

Passos leves de mulher desceram pelo caminho invisível enquanto o homem que estava à minha frente avançava um pouco e dava a impressão de apoiar-se na neblina. Primeiro eu não conseguia ver a mulher, mas a seguir percebi seu vulto indistintamente. O porte arrogante de sua cabeça parecia familiar. O homem avançou rapidamente em sua direção. As duas figuras se uniram por entre as brumas e pareceram fazer parte delas. Por um momento, houve um silêncio mortal. Então o homem falou:

— Estou com um revólver, senhora. Fique bem quietinha. O som vai longe no nevoeiro. Basta me entregar a bolsa.

A moça não emitiu um som. Avancei um passo. De repente, pude ver as gotas de névoa acumuladas na beira do chapéu do homem. A garota estava imóvel. Então sua respiração começou a emitir um som, como se fosse uma lixa sendo esfregada contra uma madeira macia.

— Dê um grito — disse o homem — e eu corto você em duas.

Ela não gritou. Nem se moveu. O homem fez um movimento e soltou um risinho seco:

— É melhor que seja assim mesmo — disse ele. Uma trava estalou e depois um ruído confuso. O homem se voltou e caminhou em direção à minha árvore. Depois de dar três ou quatro passos, soltou outro risinho. O som despertou uma memória. Peguei meu cachimbo do bolso e segurei como se fosse uma arma. Falei baixinho:

— Oi, Lanny.

O homem estacou como se tivesse morrido em pé e começou a erguer a mão. Eu falei:

— Não. Uma vez eu já lhe disse para nunca apontar um revólver para mim. Você está sob a minha mira.

Nada se moveu. A garota parada mais atrás ficou imóvel. Eu não me mexi. Lanny tampouco.

— Solte a bolsa entre seus pés, menino. Devagar e sempre.

Ele se inclinou. Pulei para a frente e cheguei até onde ele estava enquanto ainda se inclinava. Endireitou-se de novo bem junto de mim, respirando fundo. Suas mãos estavam vazias.

— Agora me diga que eu vou me arrepender dessa — falei eu. Encostei-me nele e retirei o revólver do bolso de seu sobretudo. — Alguém está sempre me dando um revólver — contei-lhe. — Estou tão carregado que caminho todo torto. Dê o fora.

Nossas respirações se uniram e misturaram, nossos olhos eram como os de dois gatos sobre um muro. Dei um passo para trás.

— Agora siga o seu caminho, Lanny. Não vamos brigar por isso. Você não fala nada e eu também não falo nada. Tá ok?

— Ok — disse ele, com uma voz rouca.

A névoa engoliu-o. O som fraco de seus passos transformou-se em nada. Segurei a bolsa, enfiei a mão dentro dela e caminhei pela trilha. Ela ainda estava parada no mesmo lugar, um casaco de pele cinzenta apertado contra a garganta por uma mão desenluvada em que um anel brilhava fracamente. Ela não usava chapéu. Seu cabelo escuro dividido ao meio era parte da escuridão da noite. Seus olhos também.

— Bom trabalho, Marlowe. Agora você é meu guarda-costas? — falou com um tom áspero na voz.

— Parece que sim. Aqui está sua bolsa.

Ela segurou e eu disse:

— Está de carro?

Ela riu:

— Eu vim com um homem. O que você está fazendo aqui?

— Eddie Mars queria me ver.

— Não sabia que você o conhecia. Por quê?

— Não faz mal que lhe conte. Ele pensou que eu estivesse procurando uma certa pessoa que ele pensava que tivesse fugido com sua esposa.

— E você está?

— Não.

— Então o que veio fazer aqui?

— Para descobrir por que ele pensava que eu estava procurando uma certa pessoa que ele achava ter fugido com a mulher dele.

— Você descobriu?

— Não.

— Você larga informações como um locutor de rádio — disse ela. — Suponho que não seja de minha conta — mesmo que o homem fosse meu marido. Pensei que você não estava interessado nisso.

— As pessoas continuam a tentar me envolver.

Ela trincou os dentes de irritação. O incidente com o homem da máscara e revólver não parecia tê-la impressionado nem um pouquinho.

— Bem, leve-me até a garagem. Tenho de procurar o meu acompanhante.

Caminhamos ao longo do caminho que levava aos fundos, dobramos uma esquina do prédio e vimos luzes à frente; dobramos mais uma esquina e chegamos ao pátio fronteiro aos estábulos, iluminado brilhantemente por dois holofotes. Ainda estava pavimentado com tijolos que iam descendo gradativamente para uma grade de escoamento, colocada bem no meio do pátio.

Os carros brilhavam de umidade e um homem usando um guarda-pó marrom levantou-se de um banquinho e veio em nossa direção.

— Meu namorado ainda está inconsciente? — perguntou-lhe Vivian desinteressadamente.

— Temo que esteja, senhorita. Coloquei uma manta grossa em cima dele e fechei as janelas. Está ok, acho eu. Só está descansando.

Fomos até um grande Cadillac e o homem de guarda-pó abriu a porta de trás. No largo banco traseiro, meio encolhido e coberto até o queixo com uma manta xadrez, um homem estava deitado, roncando com a boca aberta. Era um homem louro e grande no qual cabia uma boa quantidade de bebida.

— Apresento-lhe o sr. Larry Cobb — disse Vivian. — Sr. Cobb, este é o sr. Marlowe.

Eu dei um grunhido.

— O sr. Cobb era meu acompanhante. Que belo acompanhante é o sr. Cobb!... Tão prestativo. Você deveria vê-lo quando está sóbrio. *Eu* deveria vê-lo quando está sóbrio. Acho que alguém já o viu sóbrio. Quer dizer, para registrar para a posteridade. Poderia tornar-se uma parte da história, esse breve e brilhante momento, logo enterrado na noite dos tempos. Mas jamais seria esquecido. O momento em que Larry Cobb esteve sóbrio.

— Pois é — disse eu.

— Eu até mesmo pensei em casar com ele — disse em uma voz tensa e aguda, como se o choque do assalto só agora estivesse se manifestando. — Pensei nas horas vagas, quando não tinha nada mais agradável para pensar. Todos nós temos esses acessos. Ele tem montes de dinheiro, sabe? Um iate, uma casa em Long Island, uma casa em Newport, uma casa nas Bermudas, provavelmente tem casas atiradas aqui e ali por todo o mundo. O único problema é uma boa garrafa de uísque escocês. E para o sr. Cobb uma garrafa de scotch nunca está muito longe.

— Tá ok — disse eu. — Ele tem chofer para levá-lo em casa?

— Não diga “tá ok”. É vulgar — falou, com as sobrancelhas formando um arco. O homem de guarda-pó estava mordendo seu lábio inferior com força. — Oh, sem a menor dúvida, ele tem um pelotão completo de choferes. Eles provavelmente fazem ordem-unida em frente à garagem todas as manhãs, com os botões dos uniformes brilhando, os alamares cintilando, as luvas brancas e imaculadas. Parecidos com um bando de cadetes de West Point.

— Que inferno, então onde está o maldito chofer? — resmunguei.

— Ele mesmo veio guiando hoje — disse o homem de guarda-pó, quase como se estivesse pedindo desculpas. — Posso telefonar para a casa dele e pedir que alguém venha buscá-lo.

Vivian girou nos calcanhares e lançou-lhe um sorriso tão brilhante como se ele tivesse lhe presenteado uma tiara de diamantes.

— Mas que lindo! O senhor faria isso mesmo? Eu realmente não gostaria que o sr. Cobb morresse assim — de boca aberta e tudo. Alguém poderia pensar que ele morreu de sede...

O homem do guarda-pó respondeu ingenuamente:

— Não se cheirassem a boca dele, senhorita.

Ela abriu a bolsa e retirou um punhado de notas, que entregou ao homem:

— Tenho certeza de que vai cuidar bem dele.

— Jesus Cristo! — disse o homem, de olhos esbugalhados. — Claro que vou, senhorita.

— O nome é Regan — disse ela, docemente. — Sra. Regan. Provavelmente vai me ver outras vezes. Não trabalha aqui há muito tempo, não é?

— Não, senhora — respondeu, enquanto suas mãos manobravam freneticamente com o punhado de dinheiro.

— Você vai gostar muito daqui — disse ela. Segurou-me o braço. — Vou aceitar a sua carona, Marlowe.

— Estacionei meu carro lá longe, na rua.

— Não tem a menor importância, Marlowe. Adoro dar um passeio na neblina. A gente encontra uns tipos tão interessantes!

— Mas que droga! — reclamei.

Ela se firmou em meu braço e começou a tremer. Agarrou-me com força até chegarmos ao carro. Quando o alcançamos, já havia parado de tremer. Dirigi por uma alameda curva e arborizada que ficava por trás da mansão. A alameda abria-se no De Cazens Boulevard, a artéria principal de Las Olindas. Passamos sob as antigas lâmpadas de arco voltaico, ainda tremeluzindo; após algum tempo, chegamos a uma área construída, edifícios, lojas que pareciam mortas, um posto de gasolina com uma luz acesa sobre um sino; e, finalmente, havia uma drogaria ainda aberta.

— Melhor você tomar um drinque — disse eu.

Ela moveu o queixo em concordância, um ponto pálido no canto do assento dianteiro. Fiz uma diagonal para a calçada e estacionei.

— Um pouco de café preto com um “lacinho” de uísque lhe faria bem — disse eu.

— A esta altura, eu poderia me emborrachar como dois marinheiros e adorar.

Segurei a porta aberta para ela, que saiu roçando-se em mim, esfregando minha bochecha com seu cabelo. Entramos na *drugstore*. Comprei um litro de uísque no balcão das bebidas e levei comigo até os banquinhos da lancheria, colocando sobre o tampo de mármore rachado.

— Dois cafés — pedi. — Pretos, fortes e da safra deste ano.

— Vocês não podem tomar bebida alcoólica aqui — disse o balconista. Ele usava um avental desbotado, seu cabelo estava rareando, tinha olhos

relativamente honestos e um queixo pequeno que nunca batera na parede à frente do rosto.

Vivian Regan procurou em sua bolsa um maço de cigarros, bateu e fez sair para fora a ponta de dois, como um homem faria. Estendeu o maço para mim.

— É contra a lei tomar bebidas alcoólicas na loja — insistiu o balconista.

Acendi os cigarros e não lhe prestei a menor atenção. Ele encheu duas xícaras de café de uma cafeteira de níquel manchado que estava presa à parede e colocou-as à nossa frente. Olhou para a garrafa de uísque, resmungou baixinho e disse, com uma voz cansada:

— Tá ok, eu fico cuidando a rua enquanto você serve.

Ele foi até a vitrina larga e ficou parado ali, de costas para nós e com as orelhas abanando.

— Estou com o coração na boca — ironizei. Destapei a garrafa de uísque e coloquei um pouco nas xícaras de café. — A polícia desta cidadezinha é terrível. Durante a Lei Seca, Eddie Mars tinha uma casa noturna lá onde é agora o cassino e eles tinham dois homens de uniforme no vestibulo todas as noites — para garantir que os fregueses não traziam bebida com eles, em vez de comprar a da casa.

O balconista virou-se subitamente e caminhou para trás do balcão, dirigindo-se para o pequeno guichê de vidro da seção de remédios vendidos sob receita médica.

Bebemos lentamente nosso café com uísque. Olhei para o rosto de Vivian refletido no espelho que ficava por trás da cafeteira. Estava tenso, pálido, lindo e com uma expressão selvagem. Seus lábios estavam vermelhos e pareciam ásperos.

— Você tem olhos pecaminosos — comentei. — O que Eddie Mars tem contra você?

Ela olhou para meu reflexo no espelho:

— Arranquei um bocado de grana dele hoje na roleta — começando com cinco notas de mil que ele me havia emprestado ontem e não precisei usar.

— Isso pode tê-lo deixado irritado. Você acha que foi ele que mandou aquele gorila atrás de você?

— O que é um gorila?

— É um cara mau.

— Você é um gorila?

— Claro — dei uma gargalhada. — Mas a diferença é que aquele gorila está do lado errado da cerca.

— Muitas vezes eu penso se existe um lado errado.

— Estamos saindo do assunto. O que Eddie Mars tem contra você?

— Está indagando se ele sabe de alguma coisa que pode usar contra mim?

— Sim.

Ela encurvou o lábio superior.

— Procure ser mais engraçado, Marlowe, por favor. Muito mais engraçado.

— E o general, como vai? Não tenho intenção de ser engraçado.

— Não está muito bem. Nem se levantou hoje. Você podia ao menos parar de me interrogar.

— Lembro-me de uma ocasião em que pensei o mesmo a seu respeito. Até que ponto o general está a par?

— Ele provavelmente sabe de tudo.

— Norris lhe contaria?

— Não. Wilde, o promotor público. Foi visitá-lo. Você queimou as fotografias?

— Claro. Você se preocupa com sua irmãzinha, não é verdade? Pelo menos de vez em quando.

— Acho que ela é a única pessoa com quem realmente me preocupo. Eu me preocupo um pouco com papai, preferia esconder certas coisas dele.

— Ele não tem muitas ilusões — disse eu. — Mas suponho que ainda tenha seu orgulho.

— Somos o sangue dele. E isso que é pior — ela me fitou através do espelho com olhos profundos e distantes. — Eu não quero que ele morra desprezando seu próprio sangue. Sempre foi um sangue rebelde, mas nem sempre foi um sangue podre.

— E agora é?

— Acho que você pensa que é.

— O seu não é. Você está só representando.

Ela baixou os olhos. Tomei mais um golinho de café e acendi mais cigarros para nós.

— Então você atira em pessoas — disse ela baixinho. — Você é um matador.

— Quem, eu? De onde tirou essa ideia?

— Os jornais e a polícia arranjaram a história toda. Mas eu não acredito em tudo que leio.

— Então você pensa que eu apaguei Geiger. Ou Brody. Ou os dois.

Ela não respondeu nada.

— Eu não precisei — disse eu. — Até poderia, acho eu; e não me aconteceria nada. Nenhum dos dois teria hesitado em me mandar chumbo.

— Então você tem coração de matador, como todos os tiras.

— Oh, droga!

— Um desses homens morenos, tranquilos e mortais que não tem mais sentimentos que um açougueiro quando abate um animal. Percebi da primeira vez que o vi.



— Você tem um monte de amigos marginais, o suficiente para saber a diferença.

— São todos um moleirão comparados com você.

— Obrigado, senhora. Você também não é nenhum pãozinho doce.

— Vamos sair desta cidadezinha podre.

Paguei a conta, coloquei a garrafa de uísque em meu bolso e saímos. O balconista ainda não gostava de mim.

Saímos de Las Olindas atravessando uma série de cidadezinhas úmidas construídas à beira-mar, com casebres erguidos na areia perto do rugido da arrebentação e casas maiores erguidas nos outeiros que ficavam um pouco mais para trás. A luz amarelada de uma janela brilhava aqui e ali, mas a maioria das casas se achava às escuras. Um cheiro de algas podres subia da água e se misturava ao nevoeiro. Os pneus cantavam no asfalto molhado do caminho. O mundo era um vazio coberto de umidade.

Estávamos perto de Del Rey quando ela falou pela primeira vez desde que saíramos da drogaria. Sua voz trazia um som abafado, como se alguma coisa estivesse latejando por trás dela.

— Vá até o clube da praia em Del Rey. Quero olhar a água. Dobre na próxima esquina à esquerda.

Havia uma luz amarela piscando na intersecção. Virei o carro e deslizei por uma ladeira com uma rocha alta de um dos lados, trilhos do bonde interurbano à direita e então, muito longe, o brilho das luzes do cais e o clarão das luzes da cidade refletido na névoa do céu. Para aquele lado, o nevoeiro já tinha quase se dissipado. A estrada atravessava os trilhos no trecho em que eles se viravam para correr ao longo do barranco e então percorria uma faixa pavimentada da estrada costeira, passando por uma praia ampla e vazia. Havia carros estacionados ao longo das calçadas, virados para o mar e com as luzes apagadas. As lâmpadas do clube brilhavam a algumas centenas de metros.

Freei o carro contra a calçada, apaguei os faróis e fiquei sentado com as mãos no volante. Sob o nevoeiro mais fino a ressaca se retorcia e espumava, quase sem produzir som, como um pensamento que estivesse procurando formar-se nos limites da consciência.

— Chegue mais perto — disse ela, com uma voz quase rouca.

Saí de trás do volante e deslizei para a parte central do banco dianteiro. Ela girou o corpo um pouco para o outro lado, como se quisesse olhar pela janela. Então caiu de costas em meus braços, sem emitir um som. Sua cabeça por um triz não bateu no volante. Seus olhos estavam fechados e o rosto indistinto. Então os olhos se abriram e piscaram, seu brilho visível no meio da escuridão.

— Aperte-me bem, seu bruto — disse ela.

Coloquei meus braços ao redor de seu corpo, primeiro frouxamente. Seu cabelo arranhava meu rosto. Apertei o abraço e puxei-a para meu lado. Trouxe-

lhe a face lentamente até a minha. Suas pestanas batiam rapidamente, como asas de mariposas.

Dei-lhe um beijo rápido, colando os lábios. Então um beijo longo, lento e firme. Seus lábios se abriram sob os meus. Seu corpo começou a tremer em meus braços.

— Assassino — disse ela, bem baixinho, sua respiração entrando em minha boca.

Apertei-a contra mim até que o tremor de seu corpo quase fez tremer o meu. Continuei a beijá-la. Depois de um longo tempo, ela moveu a boca para trás o suficiente para indagar:

— Onde você mora?

— No prédio Hobart Arms. Franklin Avenue, perto de Kenmore.

— Nunca fui lá.

— Quer ir?

— Sim — disse ela, em um sussurro.

— O que Eddie Mars tem contra você?

Seu corpo endureceu em meus braços e sua respiração souu áspera. Puxou a cabeça pra trás, até que seus olhos muito abertos me fitassem, com o branco aparecendo.

— Então é assim? — disse ela, a voz baixa e sem timbre.

— É assim que é. Beijar é muito gostoso, mas seu pai não me contratou para dormir com você.

— Seu filho de uma cadela... — disse ela, calmamente e sem se mover.

Ri na cara dela.

— Não pense que sou um pingente de gelo — falei. — Não sou cego nem pateta. Tenho o sangue tão quente como qualquer outro cara. Você é fácil de conquistar... fácil demais. O que Eddie Mars tem contra você?

— Se você perguntar isso de novo, eu grito!

— Pode gritar.

Ela se afastou com um repelão e sentou muito ereta, no canto oposto do assento, o mais longe possível de mim.

— Alguns homens foram mortos por fazer coisinhas assim, Marlowe.

— Homens foram mortos praticamente por qualquer coisa. Da primeira vez em que nos encontramos, eu lhe disse que era um detetive. Enfie essa informação em sua cabecinha linda. É o meu trabalho, senhora. Eu não brinco de polícia e ladrão.

Ela remexeu em sua bolsa, tirou um lençinho e o mordeu, com o rosto oculto pelos cabelos. Escutei o som que o lenço fazia se rasgando. Ela foi arrancando pedaços dele com os dentes, lentamente, um após o outro.

— Por que você pensa que ele tem alguma coisa contra mim? — murmurou ela, com a voz abafada pelo lenço.

— Ele deixou que você ganhasse um monte de dinheiro e depois mandou um valentão para pegar tudo de volta. Você não demonstrou mais que uma leve surpresa. Você nem ao menos me agradeceu por ter salvo o dinheiro. Acho que a coisa inteira estava arranjada. Se eu quisesse bancar o vaidoso, acharia que a coisa foi feita pelo menos em parte para que eu assistisse.

— Você acha que ele ganha ou perde quando quer.

— Claro. Tomando em conta o valor das apostas, deve ganhar quatro vezes em cinco.

— Preciso dizer que estou com nojo de você, sr. Detetive?

— Você não me deve nada. Seu pai já me pagou.

Ela jogou o lençinho esfarrapado pela janela do carro.

— Você tem mesmo jeito com as mulheres...

— Gostei de beijá-la.

— Pode até ser, mas manteve plenamente o controle. Fiquei muito envaidecida. Devo dar-lhe parabéns ou apresento minhas congratulações a papai?

— Eu gostei de beijar você.

Sua voz ficou arrastada e gélida.

— Leve-me daqui, por gentileza. Tenho certeza absoluta de que prefiro estar em casa.

— Não vamos gostar um do outro como irmão e irmã?

— Se eu tivesse uma navalha, cortaria sua garganta. Só para ver a cor do que saía.

— Sangue de lagarta — disse eu.

Liguei o carro, fiz o retorno e dirigi de novo sobre os trilhos do interurbano até a estrada principal, depois fui até o centro e daí para West Hollywood. Ela não deu uma só palavra. Praticamente não se moveu em todo o caminho de volta. Atravessei os portões, subi pelo caminho rebaixado e fui até a garagem coberta da casa grande. Ela abriu a porta do carro violentamente e saiu antes que eu tivesse parado. Nem aí ela falou. Fiquei olhando para as costas dela enquanto se apoiava contra a porta, depois de tocar a campainha. A porta se abriu e Norris lançou um olhar para fora. Ela passou por ele com um empurrão e desapareceu rapidamente. A porta se fechou com um estrondo e eu fiquei ali parado, olhando para ela.

Dei a volta pelo caminho de acesso e fui para casa.

Desta vez o vestibulo do prédio de apartamentos estava vazio. Nenhum pistoleiro esperando perto da palmeira que crescia no vaso para me dar ordens. Tomei o elevador automático até meu andar e caminhei ao longo do corredor, escutando um som de rádio abafado por trás de uma porta. Precisava de um drinque e estava com pressa. Não liguei a luz quando entrei. Fui diretamente para a pequena cozinha embutida e, depois de três ou quatro passos, parei de repente. Alguma coisa estava errada. Alguma coisa no ar, um perfume. As persianas tinham sido corridas nas janelas e a luz da rua entrava pelos lados, iluminando fracamente a peça. Parei e escutei. O cheiro que havia no ar era mesmo perfume, um perfume pesado e enjoativo.

Não havia som, absolutamente nenhum som. Então meus olhos se ajustaram mais à escuridão e vi que havia alguma coisa no chão à minha frente que não deveria estar ali. Recuei, estendi a mão para o comutador na parede e liguei a luz com um movimento do polegar.

A cama embutida tinha sido baixada da parede. Alguma coisa nela soltou uma risadinha. Uma cabeça loura estava apertada contra meu travesseiro. Dois braços nus se curvavam para cima e as mãos foram trançadas em cima da cabeça. Carmen Sternwood estava deitada de costas em minha cama, soltando risadinhas. As ondas castanho-douradas de seus cabelos espalhavam-se ao redor do travesseiro como se tivessem sido dispostas cuidadosa e artificialmente. Seus olhos ardósia me contemplavam e tinham o efeito de costume, parecendo olhar ao longo de um cano de arma. Ela sorriu. Seus dentinhos pontiagudos reluziram.

— Sou uma gracinha, não sou?

— Parece uma moça filipina na noite de sábado.

Fui até uma lâmpada de pé e liguei o interruptor, voltei para desligar as luzes do teto e cruzei de novo a sala até o tabuleiro de xadrez que estava montado sobre uma mesa de jogar cartas. Havia um problema armado no tabuleiro que deveria ser resolvido em seis lances. Eu não conseguia resolvê-lo, como uma porção de meus outros problemas. Baixei a mão e movi um cavalo. Depois tirei o chapéu e o sobretudo e joguei-os em algum lugar. Todo esse tempo as risadinhas baixas continuavam a vir da cama, aquele som que me fazia pensar em ratos andando por trás dos lambris de uma casa antiga.

— Aposto que você não adivinha como eu entrei.

Desencavei um cigarro. Lancei-lhe um olhar desanimado.

— Aposto que posso. Você entrou pela fechadura, como Peter Pan.

— Quem é ele?

— Oh, um cara que jogava sinuca comigo.

Ela deu mais uma risadinha.

— Você é uma gracinha, sabe?

Comecei a dizer:

— E o truque do polegar?... — Mas ela foi mais rápida que eu. Não precisei lembrá-la. Ela tirou a mão direita de trás de sua cabeça e começou a chupar o polegar, enquanto me olhava com uns olhos muito redondos e desavergonhados.

— Estou sem roupa nenhuma — disse ela, depois que me viu fumar com o olhar fixo nela por alguns instantes.

— Meu Deus — disse eu —, estava quase me lembrando disso. Estava procurando a ideia, quase consegui pegar, quando você falou. Daqui a um minuto eu ia dizer: “Você está nua em pelo”. Eu sempre uso as galochas quando vou para a cama, para o caso de me acordar com remorso de alguma coisa e ter de fugir de minha consciência.

— Você é uma gracinha — ela sacudiu um pouco a cabeça, como uma gatinha. Então tirou a mão esquerda de baixo da cabeça e segurou as cobertas, fez uma pausa dramática e lançou-as para o lado. Estava nua em pelo mesmo. Ficou deitada na cama à luz da lâmpada, tão nua e resplandecente como uma pérola. As garotas Sternwood tinham tirado a noite para me seduzir.

Tirei uma felpa de tabaco do canto de meu lábio inferior.

— Você é muito bonita — disse eu. — Mas eu já vi tudo antes. Lembra-se? Eu sou o cara que está sempre encontrando você sem roupa.

Ela riu mais um pouco e cobriu-se de novo.

— Bem, *como foi* que você entrou? — perguntei.

— O síndico me deixou entrar. Mostrei a ele seu cartão. Eu roubei da Vivian. Eu disse a ele que você tinha me dito para vir aqui e esperar por você. Eu fui... eu fui misteriosa — disse ela, com o rosto brilhando de satisfação.

— Esperteza — disse eu. — Síndicos são assim mesmo. Agora que eu sei como você entrou, diga-me como é que vai sair.

— Mas eu não vou — disse ela com mais risadinhas. — Vou ficar por uma porção de tempo. Gostei daqui. Você é uma gracinha.

— Escute — apontei meu cigarro para ela. — Não me obrigue a vesti-la de novo. Estou cansado. Aprecio muito o que está me oferecendo. Só que é muito mais do que posso aceitar. Doghouse Reilly nunca ia se aproveitar de uma companheira. Eu sou seu amigo. Não vou agir mal com você — por mais que você queira. Você e eu temos de continuar sendo amigos e deste jeito não vai dar certo. Agora, você quer se vestir como uma garotinha bem-educada?

Ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Escute — eu continuei. — Você não gosta realmente de mim. Você está simplesmente mostrando como é arteira. Mas não precisa mostrar para mim. Eu já sei. Sou o cara que a encontrou...

— Apague a luz — disse ela, com mais uma risadinha. Joguei meu cigarro no chão e pisei em cima. Peguei um lenço e sequei as palmas de minhas mãos. Tentei mais uma vez:

— Não é por causa dos vizinhos. Eles realmente não se importam muito. Há uma porção de donas à solta em um edifício de apartamentos e mais uma, menos uma não vai fazer balançar o prédio. É uma questão de orgulho profissional. Você sabe o que é orgulho profissional? Eu estou trabalhando para seu pai. Ele é um homem doente, muito frágil e indefeso. Ele confia em mim e espera que eu não faça nenhuma besteira. Quer fazer o favor de se vestir agora, Carmen?

— Seu nome não é Doghouse Reilly — retorquiu. — É Philip Marlowe. Você não conseguiu me enganar.

Olhei para o tabuleiro de xadrez. O lance do cavalo estava errado. Coloquei de volta no lugar em que estava antes. Cavalos não significam nada neste jogo. Não é um jogo para cavalos.

Olhei para ela de novo. Estava quieta agora, seu rosto pálido contra o travesseiro, seus olhos grandes e escuros e tão vazios como barris de recolher a água da chuva em época de seca. Uma de suas mãozinhas de cinco dedos e sem polegar brincava sem parar com a ponta das cobertas. Havia um vago brilho de dúvida que começava a surgir em algum lugar dentro dela. Ela ainda nem tinha percebido que estava duvidando. É tão difícil para as mulheres — mesmo as direitas — perceber que seus corpos não são irresistíveis...

— Vou até a cozinha preparar um drinque. Quer um?

— Hum-hum. — Olhos escuros, silenciosos e confusos me encararam solenemente, com a dúvida crescendo cada vez mais e se arrastando para o olhar sem fazer ruído, como um gato seguindo um filhote de melro no capim alto.

— Se você estiver vestida quando eu voltar, ganha o drinque. Está certo?

Seus dentes se separaram e um chiado baixo saiu de sua boca. Ela não me respondeu. Fui até a *kitchenette* e peguei um pouco de uísque escocês e água mineral e preparei dois *highballs*. Eu não tinha alguma coisa realmente excitante para beber, como nitroglicerina ou bafo de tigre destilado. Ela não se havia movido quando retornei com os copos. Mas o chiado tinha parado. Seus olhos estavam de novo sem expressão. Seus lábios começaram a me sorrir. Então ela se sentou subitamente e jogou as cobertas para o lado, enquanto estendia a mão.

— Me dá.

— Quando você estiver vestida. Não *até* que você esteja vestida.

Coloquei os dois copos na mesa de jogo, sentei-me e acendi outro cigarro.

— Ande logo. Não vou espiar.

Fiquei olhando para o lado. Então escutei de novo o sibilo, muito súbito e agudo. Assustei-me e olhei para ela de novo. Ela estava sentada ali, nua, apoiada nas mãos, sua boca um pouco aberta, seu rosto branco como osso raspado. O

som sibilante saía de sua boca como se tivesse vida própria. Havia alguma coisa por trás de seus olhos, mesmo inexpressivos como estavam, que eu nunca tinha visto nos olhos de uma mulher.

Então seus lábios se moveram lenta e cuidadosamente, como se fossem lábios artificiais e tivessem de ser manipulados por molas e cordéis.

Ela me xingou com um nome bem feio.

Não me importei. Não tinha a menor importância o que ela pudesse me chamar, nem qualquer outra pessoa. Mas esta era a peça em que eu morava. Era a coisa mais parecida com um lar que eu tinha. Tudo que era meu estava ali dentro, tudo que tinha alguma associação ou memória para mim, todo o meu passado, tudo o que assumisse o papel de uma família. Não era muito: alguns livros, quadros, rádio, o jogo de xadrez, cartas antigas, coisas assim. Não era nada. Mas eram todas as minhas lembranças.

Não podia suportar que ela permanecesse em meu quarto um minuto mais. O que ela me chamou apenas deixou mais claro. Falei, com todo o cuidado:

— Vou lhe dar três minutos para se vestir e sair daqui. Se não tiver saído até então, vou jogá-la fora à força. Bem do jeito que você está, totalmente nua. Depois eu jogo suas roupas no corredor. Agora, comece.

Seus dentes bateram uns contra os outros e o ruído sibilante era agudo e animal. Ela pôs os pés no chão e estendeu as mãos para suas roupas que estavam em uma cadeira do lado da cama. Ela se vestiu. Fiquei olhando. Vestiu-se com dedos duros e desajeitados – para uma mulher –, mas mesmo assim se vestiu depressa. Estava pronta em pouco mais de dois minutos. Marquei o tempo no relógio.

Ela ficou parada ao lado da cama, segurando uma bolsa verde apertada contra um casaco de gola de pele. Usava um chapeuzinho verde e atrevido atravessado na cabeça. Ficou parada por mais um momento, sem parar de chiar, seu rosto ainda branco como osso raspado, seus olhos ainda vazios de inteligência, mas cheios da mesma expressão selvagem. Então, ela caminhou rapidamente até a porta, abriu-a e saiu sem falar nem olhar para trás. Escutei o ruído do elevador sendo ligado e descendo pelo poço.

Caminhei até as janelas, levantei as venezianas e abri bem as folhas. O ar da noite entrou mansamente, com uma espécie de doçura viciada que ainda lembrava os canos de escapamento dos automóveis e a sujeira das ruas da cidade. Estendi a mão para meu drinque e bebi devagar. A porta do edifício se fechou por baixo de meus pés. Ouvi passos estalando na calçada silenciosa. Um carro ligou o motor não muito longe. Correu para dentro da noite com um ruído áspero de mudança malfeita. Voltei para a cama e olhei para ela. A marca de sua cabeça ainda estava no travesseiro, o contorno de seu pequeno corpo corrupto ainda nos lençóis.

Larguei o copo vazio e desmanchei a cama violentamente.

Estava chovendo de novo na manhã seguinte, uma chuva cinzenta e enviesada, como uma cortina de contas de cristal que tivesse sido afastada sem grande cuidado. Levantei-me cansado e com preguiça e fiquei olhando para fora das janelas, o gosto escuro e áspero das garotas Sternwood ainda em minha boca. Estava tão vazio de vida como os bolsos de um espantalho. Fui até a *kitchenette* e tomei duas xícaras de café preto. Você pode sentir ressaca de outras coisas além do álcool. Eu estava com ressaca de mulher. Mulheres me davam nojo.

Fiz a barba, tomei um banho, vesti-me e peguei minha capa de chuva; então desci e olhei pela porta da frente. Do outro lado da rua, mais ou menos a uns cem metros, estava estacionado um sedã Plymouth cinzento. Era o mesmo que tinha tentado me seguir no dia anterior, o mesmo carro que havia mencionado a Eddie Mars. Talvez houvesse um tira dentro dele, se um tira tivesse tempo suficiente e quisesse desperdiçá-lo atrás de mim. Ou então era outro detetive bancando o espertinho, tentando obter umas informações sobre o caso de um colega para ver se conseguia tirar uma casquinha. Ou poderia ser o Bispo das Bermudas desaprovando minha vida noturna.

Voltei para dentro do edifício e tirei meu conversível de dentro da garagem, passando pelo Plymouth cinzento. Havia um homenzinho dentro dele, sozinho. Ele começou a me seguir. Guiava melhor na chuva. Ficou perto o suficiente para que eu não pudesse dobrar uma esquina de repente e sair da outra rua antes que ele pudesse entrar atrás de mim; e permaneceu longe o bastante para que outros carros ficassem entre nós a maior parte do tempo. Dirigi até a avenida e parei no estacionamento perto do prédio do meu escritório; saí do carro com a gola de minha capa de chuva levantada e a aba do chapéu virada para baixo, enquanto a chuva batia gelada contra a parte de meu rosto que ainda estava exposta. O Plymouth estava do outro lado da rua, estacionado frente a um hidrante. Caminhei até a esquina e cruzei com a luz verde e retornei, rente ao meio-fio e os carros estacionados. O Plymouth não tinha se movido. Ninguém saiu de dentro dele. Estendi a mão de repente e abri a porta do lado que ficava para a calçada.

Um homem pequeno e de olhos brilhantes estava encolhido atrás da direção. Fiquei parado, olhando para ele, a chuva batendo em minhas costas. Seus olhos piscaram em meio à fumaça de um cigarro. Suas mãos bateram nervosamente no volante estreito.

— Por que você não se decide? — indaguei.

Ele engoliu em seco e o cigarro tremeu em seus lábios.

— Acho que não conheço o senhor — disse ele, com uma vozinha apertada.



— O nome é Marlowe. Sou o cara que você anda tentando seguir há dois dias.

— Não estou seguindo ninguém, doutor.

— Este calhambeque está. Talvez você não possa controlá-lo. Mas tudo bem. Agora eu vou comer alguma coisa na cafeteria do outro lado da rua, suco de laranja, bacon com ovos, torrada, mel, três ou quatro taças de café e um palito. Depois vou subir para meu escritório, que fica no sétimo andar do edifício que está bem à sua frente, do outro lado da rua. Se existe alguma coisa que o esteja preocupando muito, dê um pulinho lá e vamos conversar sobre o assunto. Vou estar lubrificando minha metralhadora.

Deixei-o piscando e fui embora. Vinte minutos depois, tinha aberto as janelas para arejar o escritório e tirar o cheiro de Soirée d'Amour que a arrumadeira tinha deixado, ao mesmo tempo que abria um envelope áspero e grosso, endereçado à mão em uma letra angulosa, caprichada e fora de moda. O envelope continha um pequeno bilhete formal e um grande cheque em papel malva, no valor de quinhentos dólares, pagável a Philip Marlowe e assinado Guy de Brisay Sternwood p/p Vincent Norris. Isso me alegrou a manhã. Estava preenchendo uma ficha de depósito quando a campainha me disse que alguém tinha entrado em minha minúscula saleta de recepção. Era o homenzinho do Plymouth.

— Ótimo — disse eu. — Entre e tire seu sobretudo.

Ele deslizou por mim cuidadosamente, enquanto eu segurava a porta aberta, tão cuidadosamente como se receasse que eu lhe desse um pontapé em seu traseiro minúsculo. Sentamos e ficamos olhando um para o outro através da escrivaninha. Ele era mesmo muito pequeno. Não devia chegar a um metro e sessenta e pesava menos que o polegar de um açougueiro. Tinha olhos apertados e brilhantes que tentavam dar a impressão de dureza, mas pareciam tão duros como ostras servidas na concha. Usava um terno cinza-escuro de peito duplo, largo demais nos ombros e com uma lapela também grande demais. Sobre o terno, aberto, um sobretudo de tweed irlandês, com umas partes bem gastas. Uma porção grande do lenço de pescoço saía para fora das lapelas cruzadas, cheia de gotas de chuva.

— Talvez você me conheça — disse ele. — Sou Harry Jones.

Eu disse que não o conhecia. Empurrei uma cigarreira achatada em sua direção. Seus dedos manicurados e pequenos apanharam um cigarro como uma truta morde a isca. Ele acendeu com o isqueiro que estava em cima da escrivaninha e sacudiu a mão vagamente.

— Já fiz de tudo — disse ele. — Conheço a turma toda. Costumava contrabandar um pouco de bebida que era fabricada em Hueneme Point. Um cambalacho difícil, irmão. Eu ia no carro de escolta com um revólver no colo e um maço de dinheiro nos bolsos tão grosso que ia entupir a entrada do carvão se

tentassem fazer passar por ela. Muitas vezes tivemos de pagar a polícia quatro vezes antes de chegar a Beverly Hills. Uma tarefa muito difícil.

— Terrível — disse eu.

Ele inclinou-se contra o assento da cadeira e assoprou fumaça em direção ao teto por um cantinho apertado de sua boquinha apertada.

— Pode ser que você não acredite em mim — disse ele.

— Pode ser que não — falei eu. — E pode ser que sim. E também pode ser que eu não queira me dar ao trabalho de decidir. E o que esta introdução tem a ver comigo?

— Nada — disse ele, acremente.

— Faz dois dias que você me segue — disse eu. — Que nem um camarada que está a fim de uma garota e na última hora perde a coragem. Talvez você venda seguros. Talvez você conheça um camarada chamado Joe Brody. É uma porção de talvezes, mas em meu negócio sempre surge uma porção.

Seus olhos se arregalaram e seu lábio inferior quase caiu no colo.

— Cristo, como é que você sabe disso? — falou bruscamente.

— Sou paranormal. Resolva logo o que quer comigo e desembuche. Não tenho o dia todo.

O brilho de seus olhos quase desapareceu quando as pálpebras se estreitaram subitamente. Silêncio. A chuva batia forte no telhado liso e coberto de asfalto do vestibulo do edificio Mansion House logo abaixo de minhas janelas. Seus olhos se abriram um pouco, brilharam de novo e sua voz parecia pensativa.

— É, estava tentando entrar em contato com você — disse ele. — Tenho uma coisa para vender. Baratinho, só duzentos dólares. Como é que você me ligou a Joe?

Abri uma carta e li. Oferecia-me um curso por correspondência de seis meses sobre datiloscopia, identificação de impressões digitais, com um desconto especial para profissionais. Joguei na cesta do lixo e olhei para o homenzinho de novo.

— Não se preocupe. Eu estava só adivinhando. Você não é tira. Você não pertence à organização de Eddie Mars. Perguntei-lhe a noite passada. Só restavam mesmo os amigos de Joe Brody para demonstrar tanto interesse em mim.

— Jesus — disse ele, e lambeu o lábio inferior. Seu rosto tinha ficado branco como papel quando mencionei Eddie Mars. Sua boca se abriu e seu cigarro ficou pendurado no canto dela por um passe de mágica, quase como se tivesse crescido no lugar. — Ah, você está me gozando — disse finalmente, com um sorriso de mesa de operações.

— Tudo bem. Estou de gozação — falei, enquanto abria outra carta. Esta queria enviar-me um boletim informativo diário, direto de Washington, com as

mais recentes informações confidenciais. — Suponho que Agnes esteja solta — acrescentei.

— Sim. Foi ela que me mandou. Está interessado?

— Bem... ela é louca.

— Droga. Você soltou uma piada aquela noite enquanto esteve lá — a noite em que Joe empacotou. Alguma coisa sobre Brody dever saber alguma coisa importante sobre os Sternwood, caso contrário não se arriscaria a mandar aquela foto.

— Hã-hã. Então ele sabia. O que era?

— É isso que pretendo vender por duzentos mangos.

Joguei mais um pouco de cartas inúteis na cesta de lixo e acendi um novo cigarro.

— Temos de sair da cidade — disse ele. — Agnes é uma moça direita. Você não pode pegá-la por causa daquela história. Hoje em dia não é fácil uma moça direita se virar.

— Ela é grande demais para você — disse eu. — Vai rolar por cima de você na cama e sufocá-lo.

— Essa foi uma piada suja, companheiro — disse ele, com alguma coisa tão próxima de dignidade que fiquei olhando para ele.

— Tem toda a razão — admiti. — Tenho andado em más companhias ultimamente. Vamos cortar o papo furado e ir direto ao assunto. O que você tem para trocar pelo dinheiro?

— Você vai pagar?

— Vou pagar por quê?

— Se ajudar você a encontrar Rusty Regan.

— Eu não estou procurando Rusty Regan.

— É o que você diz. Quer ouvir ou não?

— Vá em frente e cante. Eu pago pelo que puder usar. No meio em que vivo, duzentos dólares compram um monte de informações.

— Eddie Mars mandou apagar Regan — disse ele, calmamente; e reclinou-se contra o espaldar da cadeira, como se tivesse acabado de ser eleito vice-presidente.

Fiz um gesto em direção à porta.

— Nem vou discutir com você. Não vou desperdiçar oxigênio. Dê o fora, tampinha.

Ele se inclinou contra a escrivaninha, linhas brancas nos cantos da boca. Amassou o toco do cigarro cuidadosamente, umas quantas vezes, sem olhar para ele. Detrás de uma porta interna veio o ruído de uma máquina de escrever, estalando as teclas monotonamente, indo até a campainha, depois trocando de linha e recomeçando tudo, linha após linha.

— Não estou brincando — disse ele.

— Se arranque. Não me incomode. Tenho mais o que fazer.

— Não, não tem — disse ele ferozmente. — Não vai ser tão fácil se livrar de mim. Vim aqui para vender umas informações e vou dizer tudo o que tenho. Eu conheci Rusty. Não posso dizer que fôssemos amigos, mas conheci bem o bastante para dizer “Como vai?”, e aí ele respondia ou não, conforme a veneta. Mas era um cara legal. Sempre gostei dele. Tinha uma queda por uma cantora chamada Mona Grant. Então ela mudou o sobrenome para Mars. Rusty ficou de saco cheio e casou com uma dona rica que andava em todas as baiucas, como se não pudesse dormir bem em casa. Você sabe muito bem quem ela é, alta, morena, mais bonita que um cavalo vencedor do Derby, mas justamente o tipo que dá um bocado de trabalho a um cara. Tinha os nervos à flor da pele. Rusty não se dava bem com ela. Mas, Jesus Cristo, o velho dela era cheio da grana e ele se dava muito bem com isso, não é mesmo? Pois é o que você pensa. Regan era um pássaro meio amalucado. Enxergava longe. Mantinha a vista sobre o próximo vale todo o tempo. Estava sempre à frente do lugar que você imaginava. Acho que ele não dava a mínima para o dinheiro do velho. Isso, vindo de mim, irmão, é um tremendo elogio.

O homenzinho não era tão burro no final das contas. Um vigarista de meia-tigela não seria capaz de pensar em tais coisas, quanto mais articular tudo em palavras.

— Então ele fugiu — interrompi.

— Talvez ele tenha até planejado fugir. Com aquela pequena chamada Mona. Ela não estava mais vivendo com Eddie Mars, não gostava das maracutaiaas dele. Especialmente das colaterais, como chantagem, roubo de carros, esconderijos para foragidos da polícia da costa leste e assim por diante. A conversa que anda por aí é que Regan disse a Eddie uma noite, na frente de todo mundo, que se ele misturasse Mona com qualquer jogada criminoso, ia ter de se entender com ele.

— A maior parte disso é de conhecimento público, Harry — disse eu. — Não pode esperar que eu pague por isso.

— Estou chegando à parte que você não conhece. De repente, Regan sumiu. Costumava vê-lo todas as tardes no Vardi's, bebendo uísque irlandês e olhando para a parede. Ele não andava muito falador. Às vezes, ele apostava comigo; era para isso que eu ia lá, para recolher apostas para Puss Walgreen.

— Imagine só: eu pensava que ele vendia seguros...

— É o que diz na porta. Se você pisar em cima dele, pode ser que lhe venda uma apólice. Bem, a partir da metade de setembro, eu parei de ver Regan. Não percebi em seguida. Você sabe como são essas coisas: um cara está lá e depois não está mais e você não vê nada até que alguma coisa chame a sua atenção. O que me fez pensar foi que ouvi um cara, rindo, dizer que a mulher de Eddie Mars tinha sumido com Rusty Regan e que Mars estava se comportando como se fosse

o padrinho, sem parecer nem um pouco aborrecido. Aí eu contei para Joe Brody e Brody era esperto.

— Esperto coisa nenhuma — disse eu.

— Podia não ser esperto como um tira, mas era esperto mesmo assim. Ele estava atrás de grana. Ele começou a imaginar como é que conseguiria descobrir os dois pombinhos. Talvez pudesse mamar dos dois lados — tirar uma grana de Eddie Mars e outra da mulher de Regan. Joe sabia um pouco a respeito da família.

— Cinco mil mangos — disse eu. — Foi o que arrancou deles uns tempos atrás.

— Ah, foi? — Harry Jones pareceu um tanto surpreso. — Agnes devia ter me contado isso. As mulheres são assim mesmo. Sempre escondendo alguma coisa. Bem, Joe e eu olhamos os jornais e não lemos nada, assim concluímos que o velho Sternwood tinha posto um cobertor em cima. Então, um dia desses, vi Lash Canino no Vardi's. Conhece?

Sacudi a cabeça.

— Esse é que é um cara durão. Os outros só pensam que são. Ele faz uns trabalhos para Eddie Mars quando ele precisa de alguma coisa — resolve uns problemas. Empacota um cara enquanto toma dois drinques. Quando Mars não precisa dele, ele nem chega perto. E também não fica em Los Angeles. Bem, podia ser alguma coisa ou não ser nada. Pode ser que eles saibam onde Regan se encontra, e Mars está simplesmente com um sorriso nos lábios, esperando a chance para dar o bote. E também pode ser alguma coisa completamente diferente. Seja como for, contei a Joe e ele começou a seguir Canino. Ele sabe mesmo seguir alguém. Eu não sou lá essas coisas. Estou entregando esta de graça. Não vou cobrar. Pois Joe persegue Canino até o barraco dos Sternwood, Canino estaciona fora da propriedade até que um carro pára ao lado dele com uma pequena dentro. Eles conversam por algum tempo e Joe imagina que a pequena entrega alguma coisa a Canino, provavelmente grana. A pequena dá o fora. É a mulher de Regan. Tá ok, ela conhece Canino e Canino conhece Mars. Assim, Joe imagina que Canino sabe alguma coisa a respeito de Regan e está tentando tirar uma casquinha. Canino some e aí Joe não consegue mais segui-lo. Fim do Primeiro ato.

— Que jeito tem esse Canino?

— Baixo, corpulento, cabelos castanhos, olhos castanhos, sempre usa um terno marrom e um chapéu também marrom. Até a capa de chuva é de couro marrom. Dirige um cupê marrom. Tudo é marrom para o sr. Canino.

— Vamos para o Segundo ato — disse eu.

— Sem um pouco de grana, não conto mais nada.

— Eu não acho que o que você possa contar valha duzentos mangos. A sra. Regan casou com um ex-trafficante de bebidas, que ela conheceu no submundo.

Ela conhecia uma porção de gente desse tipo. Ela conhece Eddie Mars muito bem. Se ela achasse que alguma coisa tinha acontecido com Regan, iria diretamente pedir a ajuda de Eddie e Canino poderia ser o homem que Eddie escolheria para resolver o problema. Isso é tudo que você tem?

— Você daria os duzentos para saber onde está a mulher de Eddie? — disse o baixinho calmamente.

Agora ele tinha toda a minha atenção. Quase quebrei os braços da cadeira com a força que fiz ao me apoiar neles.

— Mesmo que ela esteja sozinha? — acrescentou Harry Jones em um tom macio e bastante sinistro. — Mesmo que ela nunca tenha fugido com Regan e esteja sendo guardada agora em um esconderijo que fica a uns sessenta quilômetros de Los Angeles? A ideia é fazer a polícia continuar pensando que ela desapareceu com ele. Você pagaria duzentos mangos por isso, detetive?

Lambi os lábios. Estavam com um gosto seco e salgado.

— Acho que pagaria — concordei. — Onde está ela?

— Foi Agnes que a encontrou — disse ele, muito carrancudo. — Foi uma questão de pura sorte. Viu quando estava passeando de carro e seguiu-a até o lugar em que está morando. Agnes vai contar-lhe que lugar é esse — depois que tiver o dinheiro na mão.

Fiz uma carranca pior que a dele.

— Você poderia contar aos tiras sem receber nada, Harry. Eles têm um pessoal da pesada lá na Central. Se eles o matarem na tentativa, ainda têm Agnes para interrogar.

— Deixe que eles tentem — falou ele. — Não sou assim tão frágil.

— Agnes deve ter alguma coisa que eu não notei.

— Ela é uma vigarista, detetive. Eu também sou vigarista. Todos somos vigaristas. Vendemos uns aos outros por um níquel. Pois tudo bem. Veja se consegue me obrigar. — Estendeu a mão para outro de meus cigarros, colocou-o facilmente entre os lábios e acendeu-o com um fósforo, do jeito que eu mesmo faço, riscando duas vezes na unha do polegar sem conseguir nada e então esfregando na sola do sapato. Deu umas baforadas parelhas e ficou me encarando, um carinho engraçado bancando o durão, que eu podia usar como bola e converter uma cesta. Um baixinho vivendo em um mundo de gente grande. Havia alguma coisa nele que eu gostava. — Estou jogando limpo — disse firmemente. — Entrei aqui falando em duzentos dólares. O preço ainda é o mesmo. Eu vim pensando em lhe dizer pegue ou largue, numa conversa de homem para homem. Agora você está me ameaçando com os tiras. Devia ter vergonha.

— Eu lhe darei os duzentos — por essa informação. Primeiro tenho de ir ao banco pegar o dinheiro.

Ele se levantou, aquiesceu com a cabeça e apertou seu sobretudo gasto de tweed irlandês ao redor do peito.

— Está ok. Depois que escurecer é melhor mesmo. É um negócio meio perigoso — desafiar caras como Eddie Mars. Mas a gente tem que comer. O negócio das apostas tem andado meio parado ultimamente. Acho que a turma lá de cima disse a Puss Walgreen para se arrancar. Suponhamos que você vá lá no edifício. Fulwider Building, esquina da Western com Santa Mônica, 428, pela parte dos fundos. Você traz o dinheiro e eu o levo até onde está Agnes.

— Você mesmo não pode me contar? Já conheço Agnes.

— Prometi a ela — falou com simplicidade. Abotoou o sobretudo, ajeitou o chapéu em um ângulo elegante, moveu de novo a cabeça em concordância e caminhou até a porta. Saiu. Seus passos ecoaram pelo corredor.

Fui até o banco, depusitei meus quinhentos dólares e retirei duzentos em dinheiro vivo. Subi de novo para o escritório e fiquei sentado em minha cadeira pensando em Harry Jones e sua história. Parecia um pouco certinha demais. Tinha a simplicidade austera da ficção, em vez da trama emaranhada dos fatos reais. O capitão Gregory devia ter sido capaz de encontrar Mona Mars, se ela estava tão próxima à sua ronda. Supondo-se, naturalmente, que ele tivesse tentado.

Pensei sobre isso a maior parte do dia. Ninguém veio ao escritório. Ninguém me telefonou. Continuou a chover.

Às sete, a chuva tinha parado para respirar. As sarjetas ainda estavam inundadas. Na Santa Monica Avenue a água estava no mesmo nível da calçada e uma camada fina cobria o meio-fio. Um policia de trânsito, coberto de borracha negra e reluzente das botas ao chapéu, espadanava através da rua inundada, vindo da proteção de um toldo empapado. Os calcanhares de minhas galochas escorregaram pela calçada até que eu entrei no vestibulo estreito do Edificio Fulwider. Uma única luz de espera brilhava ao longe, além de um elevador de porta aberta, que já fora pintado de dourado. Havia uma escarradeira manchada sobre um capacho de borracha mastigada, mostrando ao redor o efeito da má pontaria dos usuários. Uma dentadura postiça estava pendurada na parede cor de mostarda como uma caixa de fusíveis na entrada de um prédio. Sacudi a chuva de meu chapéu e olhei para o painel com os nomes dos residentes que ficava ao lado da dentadura. Números com nomes e números sem nomes. Uma porção de vagas ou então inquilinos que preferiam permanecer anônimos. Dentistas que prometiam tratamento sem dor, agências de detetives trambiqueiros, pequenas empresas doentes que tinham se arrastado até ali para morrer, escolas por correspondência, que lhe ensinariam como se tornar um funcionário de estrada de ferro ou um radiotécnico ou um escritor de cinema — se os inspetores postais não acabassem antes com a trama. Um edificio nojento. Um edificio em que o cheiro de guimbas secas seria o odor mais limpo.

Um velho cochilava no elevador, em um banquinho desengonçado, sobre uma almofada rebentada. Sua boca estava aberta, as veias de suas têmporas brilhavam na luz fraca. Usava um casaco azul como uniforme, que assentava tão bem nele como uma baia em um cavalo. Embaixo usava calças cinzentas com barras puídas, meias brancas de algodão e sapatos de couro preto, um dos quais estava rasgado sobre um joanete. Ele dormia miseravelmente sobre o mochinho, esperando um cliente. Passei por ele em silêncio, o ar clandestino do prédio me dando o tom, encontrei a porta da escada de incêndio e abri. As escadas não eram varridas há pelo menos um mês. Alguns vagabundos tinham dormido nelas, comido nelas, deixado cascas de pão e fragmentos de jornal manchado de graxa, fósforos apagados e até uma carteira estripada feita de imitação de couro. Em um canto obscuro, perto da parede rabiscada, um anel abaulado de borracha pálida tinha caído e ninguém o perturbava. Um prédio de alta qualidade.

Sai no quarto andar fungando por ar fresco. O corredor tinha uma cópia da escarradeira suja sobre o capacho mastigado, as mesmas paredes cor de mostarda, os mesmos sinais de decadência. Segui pelo corredor e dobrei uma



esquina. O nome “L. D. Walgreen — Seguros” aparecia em uma porta de vidro escurecido com jato de areia, em uma segunda porta de madeira escura e depois em uma terceira, atrás da qual havia uma luz. Uma das portas de verniz escuro dizia “Entrada”.

Uma bandeirola de vidro estava aberta acima da porta iluminada. Pela abertura escutei a voz aguda de passarinho de Harry Jones falar, dizendo:

— Canino? Sim, já nos encontramos por aí. Claro.

Congelei. Outra voz falou. Era uma voz macia como um ronronar pesado, parecida com o barulho que faz um pequeno dinamo por trás de uma parede de tijolos. A voz disse:

— Achei que me reconheceria — havia uma nota vagamente sinistra na voz.

As pernas de uma cadeira foram arrastadas sobre o linóleo, soaram passos, a bandeirola acima de minha cabeça foi fechada com um guincho. Uma sombra foi desaparecendo aos poucos por trás do vidro jateado.

Voltei para a primeira das três portas marcada com o nome Walgreen. Experimentei cuidadosamente. Estava trancada. Movia-se em um marco frouxo, uma porta velha, colocada ali há muitos anos, feita de madeira ainda meio verde que agora tinha empenado. Peguei minha carteira e tirei de dentro dela a camada grossa e dura de celuloide que recobria minha licença de motorista. Uma ferramenta de arrombador que a lei tinha esquecido de proibir. Coloquei as luvas, inclinei-me silenciosa e carinhosamente contra a porta e empurrei a maçaneta com força na direção oposta ao batente. Enfiei a chapa de celuloide na fenda larga e procurei a mola da fechadura. Houve um estalo seco, como um pequeno pingente de gelo se partindo. Fiquei totalmente imóvel, como um peixe dormindo preguiçosamente em uma lagoa. Nada aconteceu lá dentro. Girei a maçaneta e empurrei a porta para o interior escuro. Fechei-a por trás de mim tão cuidadosamente como a havia aberto.

Um retalho de luz de uma janela sem cortina me encarava, cortado pelo ângulo de uma escrivaninha. Sobre esta, uma máquina de escrever coberta pela capa tomou forma, depois o trinco de metal de uma porta de comunicação. Esta estava destrancada. Passei para o segundo dos três escritórios. A chuva chocalhou subitamente contra a janela fechada. Protegido pelo barulho, atravessai a sala. Um feixe estreito de luz espalhava-se como um leque por uma abertura de uns dois ou três centímetros por baixo da porta que dava para o escritório iluminado. Tudo muito conveniente. Caminhei como um gato sobre a lareira, aproximei-me do lado da porta em que ficavam as dobradiças e olhei pela fenda. Não vi nada, só luz contra o ângulo da madeira.

A fala macia estava agora dizendo em um tom muito agradável:

— É claro que um cara pode ficar sentado na bunda e estragar tudo que o outro cara fez, se souber direito o que houve. Aí você foi dar o serviço para esse

abelhudo. Bem, esse foi seu erro. Eddie não gostou nem um pouquinho. O abelhudo disse a Eddie que um carinho em um Plymouth cinzento estava seguindo ele. Eddie naturalmente quer saber quem é e por quê, percebe?

Harry Jones soltou um riso amarelo:

— E o que ele tem a ver com isso?

— Essa atitude não leva você a lugar nenhum.

— Você sabe por que eu fui ver o “abelhudo”. Já lhe contei. Foi por causa da pequena de Joe Brody. Ela tem de sumir e está se cagando nas calças. Ela acha que o detetive pode lhe arranjar alguma grana. Eu é que não tenho.

A voz macia disse gentilmente:

— Grana por quê? Que eu saiba, abelhudos não ficam por aí distribuindo dinheiro para todo malandro que vai pedir.

— Ele podia conseguir. Ele conhece gente rica — Harry Jones riu, desta vez um risinho corajoso.

— Não meta a mão comigo, baixinho — a voz macia tinha agora um tom áspero, como areia na caixa de mudanças.

— Ok, ok Você sabe a história sobre como empacotaram Brody. Aquele guri maluco foi mesmo quem matou, mas na noite em que a coisa aconteceu, o tal de Marlowe estava ali mesmo na sala.

— Todo mundo sabe disso, tampinha. Ele mesmo contou para a polícia.

— Tá certo, mas aqui está o que você não sabe. Brody estava tentando vender uma fotografia da filha mais moça do velho Sternwood nua em pelo. Marlowe descobriu que era ele. Enquanto eles estavam discutindo sobre o assunto, a pequena entrou com um gatilho na mão. Ela deu um tiro em Brody, só que errou e a bala estilhaçou uma janela. Só que o detetive não contou aos tiras essa parte. Nem Agnes tampouco. Ela acha que pode conseguir dinheiro para a viagem com isso.

— Isso não tem nada a ver com Eddie?

— Me mostre como.

— Onde é que está essa Agnes?

— Nada feito.

— Você vai me dizer, baixinho. Ou aqui ou na sala dos fundos onde os rapazes praticam tiro ao alvo.

— Ela é minha pequena agora, Canino. Não vou meter minha pequena em confusão nenhuma por causa de ninguém.

Seguiu-se um silêncio. Escutei a chuva chicoteando as janelas. O cheiro de fumaça de cigarro passou pela fresta da porta. Tive vontade de tossir. Mordi meu lenço com força. A voz macia falou, ainda gentilmente:

— Pelo que ouvi dizer, essa dona loura fazia parte da fachada de Geiger. Vou ter uma conversinha com Eddie. Quanto você está pedindo ao abelhudo?

— Duzentos bagos.

— Conseguiu?

Harry Jones riu de novo:

— Vou encontrá-lo de novo amanhã. Tenho esperança.

— Onde está Agnes?

— Escute...

— Cadê essa tal de Agnes?

Silêncio.

— Dê uma olhada nisto aqui, baixinho.

Não me movi. Não estava usando um revólver. Não precisava olhar pela fresta da porta para saber que a falinha macia estava convidando Harry Jones a olhar para um revólver. Mas eu não achava que Canino pretendesse fazer qualquer coisa com o revólver além de mostrar que tinha um. Esperei.

— Estou olhando — disse Harry Jones, sua voz tão apertada que mal conseguia passar por entre os dentes. — E não estou vendo nada que não tenha visto antes. Vamos lá, atire e veja o que vai conseguir com isso.

— O que você vai ganhar é um paletó de madeira, baixinho.

Silêncio.

— Onde está essa maldita Agnes?

— Tudo bem — suspirou Harry Jones. Falou com uma voz cansada. — Ela está em um prédio de apartamentos no número 28 de Court Street, na zona de Bunker Hill. Apartamento 301. Acho que acabei amarelando. Por que deveria arriscar a pele por causa de uma mulher?

— Não há a menor razão. Você é um cara sensato. Agora você e eu vamos juntos até lá para ter uma conversinha com ela. Tudo o que eu quero saber é se ela está escondendo o ouro de você, rapaz. Se for como você me contou, está bacana. Vocês podem morder o abelhudo e ir embora. Somos amigos de novo?

— Somos — disse Harry Jones. — Somos amigos, Canino.

— Ótimo. Vamos molhar o bico. Tem um copo? — A voz macia era agora mais falsa que as pestanas de uma lanterninha de cinema e tão escorregadia como uma semente de melancia. Ouvi abrirem uma gaveta. Alguma coisa bateu em madeira. Uma cadeira rangeu. Um som de alguma coisa se arrastando pelo chão.

— Esse troço é de primeira — disse a voz macia. Depois um som de engolir. — Traças na sua pele de arminho, como dizem as damas...

Harry Jones disse baixinho:

— Ao nosso sucesso.

Seguiu-se uma tosse súbita. Depois um violento som de arcadas de vômito. Então um baque leve no chão, como se um copo de vidro grosso tivesse caído. Meus dedos se enroscaram na capa de chuva.

A voz macia disse gentilmente:

— Você não ficou doente só com um drinquezinho, ficou, camarada?

Harry Jones não respondeu. Sua respiração ofegou por alguns momentos. Então um silêncio espesso formou-se ao redor dele. Depois uma cadeira se arrastou no chão.

— Até logo, baixinho — disse o sr. Canino.

Passos, um estalo, o feixe de luz morreu a meus pés, uma porta se abriu e fechou quase sem ruído. Os passos se perderam a distância, movendo-se com calma e segurança.

Movi-me rapidamente do meu lado da porta, escancarei-a e olhei para a escuridão apenas interrompida pela luz fraca que entrava por uma janela. O canto de uma escrivaninha reluzia fracamente. Um vulto encolhido tomou forma em uma cadeira por trás da escrivaninha. No ar abafado, havia um cheiro pesado e enjoativo, quase um perfume. Fui até a porta do corredor e escutei. Ouvei o barulho distante do elevador descendo.

Encontrei o comutador da luz. A luz brilhou em uma campânula de vidro empoeirado pendurada do teto por três correntes de latão. Harry Jones fitou-me através da escrivaninha, seus olhos arregalados, seu rosto gelado em um espasmo petrificado, a pele de uma coloração azulada. Sua cabeça morena e pequena estava dobrada para um lado. Mas continuava sentado ereto contra o espaldar da cadeira.

A sineta de um bonde soou a uma distância quase infinita. O som chegou depois de ricochetear em inúmeras paredes. Uma garrafa marrom de meio litro de uísque estava sobre a mesa, sem a tampa. O copo de Harry Jones reluzia contra um dos rodízios dos pés da escrivaninha. O segundo copo tinha desaparecido.

Respirei levemente, sem encher os pulmões, e inclinei-me sobre a garrafa. Por trás do cheiro levemente chamuscado de uísque, recendia um outro odor, muito fracamente, o odor de amêndoas amargas. Ao morrer, Harry Jones tinha vomitado em seu sobretudo. Então era cianureto.

Caminhei a seu redor cuidadosamente e levantei um guia telefônico preso por uma corrente a um gancho cravado no marco da janela. Deixei o guia cair de novo no lugar em que estava e puxei o telefone à maior distância possível do cadáver do homenzinho. Disquei informações. A voz anônima respondeu.

— Pode me dar o número do telefone do apartamento 301 no número 28 de Court Street?

— Um momento, por favor — a voz chegava com um odor de amêndoas amargas. Silêncio. — O número é Wentworth dois-cinco-dois-oito. O nome do prédio é Glendower Apartments.

Agradei à voz e disquei o número. A campainha tocou três vezes e então a linha se abriu. Um rádio berrou através do fio e alguém baixou o volume. Uma voz masculina e segura de si disse alô.

— Agnes está aí?

— Não tem Agnes nenhuma aqui, cara. Que número você chamou?

— Wentworth dois-cinco-dois-oito.

— Número certo, garota errada. Que coisa mais triste... — a voz gargalhou.

Desliguei e estendi a mão de novo para o guia telefônico, onde procurei Glendower Apartments. Disquei o número do síndico. Diante de meus olhos havia uma visão confusa de sr. Canino dirigindo velozmente através da chuva para outro encontro com a morte.

— Glendower Apartments. Fala o sr. Schiff.

— Aqui fala Wallis, Departamento de Identificação Policial. Existe uma moça chamada Agnes Lozelle registrada nesse prédio?

— Quem você disse que é?

Repeti o que dissera antes.

— Se você me der seu número, eu...

— Pare de fazer teatro — disse eu, bruscamente. — Estou com pressa. A tal moça está registrada aí ou não?

— Não. Não está. — A voz parecia dura e seca como um biscoito comprido do tipo canelinha.

— Há uma loura alta de olhos verdes registrada na espelunca?

— Escute aqui, este é um lugar de respeito, não é nenhuma...

— Ora, corte essa, *corte essa!* — gritei com voz de policial impaciente e mandão. — Você quer que eu mande o departamento de costumes dar uma sacudida geral na bairrada? Estou sabendo tudo a respeito desses prédios aí de Bunker Hill, meu senhor. Especialmente esses como o seu, que se dão ao trabalho de instalar telefone próprio em cada apartamento.

— Ei, vamos com calma, policial! Eu coopero. Há uma ou duas louras por aqui, é claro. Onde é que não tem? Mas eu não presto muita atenção nos olhos delas. Essa que você quer está sozinha?

— Está sozinha ou então com um cara baixinho de menos de um metro e sessenta, pesando uns cinquenta quilos, olhos negros e brilhantes, um terno cinza-escuro de peito duplo e um sobretudo de tweed irlandês. Chapéu cinzento. Minha informação é que se encontram no apartamento 301, mas liguei para lá e não obtive resposta.

— Ah, lá ela não está mesmo. Há dois vendedores de automóveis usados morando faz tempo no três-zero-um.

— Obrigado. Vou até aí.

— Vai agir com discrição, não vai? Venha direto ao meu apartamento, está bem?

— Muito agradecido, sr. Schiff — desliguei.

Limpei o suor de meu rosto. Caminhei até o lado oposto do escritório, parei com o rosto perto da parede e fiquei dando tapas nela com a mão. Fiz a volta

lentamente e olhei através da sala para o pequeno Harry Jones, sentado em sua cadeira com um esgar no rosto.

— Bem, você conseguiu enganar o cara, Harry — disse eu, em voz alta, uma voz que soou estranha a meus próprios ouvidos. — Você mentiu e bebeu seu cianureto como um cavalheiro. Morreu como um rato envenenado, Harry, mas para mim, nunca foi um rato.

Tive de revistá-lo. Foi um trabalho nojento. Seus bolsos não forneceram nenhuma pista sobre Agnes, absolutamente nada que me servisse. Eu não esperava conseguir nada mesmo, mas tinha de ter certeza. O sr. Canino poderia voltar. O sr. Canino seria o tipo de cavalheiro autoconfiante que não teria o menor escrúpulo em retornar à cena de seu crime.

Desliguei a luz e comecei a abrir a porta. A campainha do telefone tocou, um som estridente que fazia ressoar o rodapé da parede. Escutei com os músculos do queixo transformados em um nó de tensão dolorida. Então fechei a porta, acendi de novo as luzes, atravessei a sala e atendi.

— Sim?

Era uma voz de mulher. Era a voz dela.

— Harry está por aí?

— Vai demorar um pouco, Agnes.

Ela esperou um pouco, tentando entender. Então disse lentamente:

— Quem está falando?

— Marlowe. O cara que só põe você em fria.

— Onde está ele? — perguntou bruscamente.

— Eu vim aqui para lhe entregar duzentos mangos em troca de uma certa informação. A oferta continua de pé. Eu tenho o dinheiro comigo. Onde você está?

— Ele não lhe disse?

— Não.

— Talvez seja melhor perguntar a ele. Onde ele está?

— Não posso perguntar a ele. Conhece um homem chamado Canino?

Ela engoliu em seco e o som chegou tão claramente como se ela estivesse parada ao meu lado.

— Você quer os duzentos mangos ou não? — indaguei eu.

— Eu... Eu quero muito até, mister.

— Tudo bem então. Diga-me aonde devo levar.

— Eu... eu... — sua voz foi sumindo e então retornou com um assomo de pânico. — Onde está Harry?

— Amarelou e caiu fora. Encontre-me em algum lugar — qualquer lugar estou com a grana.

— Eu não acredito em você — a respeito de Harry. É uma armadilha.

— Oh, droga! Se eu quisesse, já teria empacotado Harry há muito tempo. Não há motivo nenhum para armar uma armadilha. Canino descobriu que Harry ia estar por aqui. Harry soube e se mandou antes que ele chegasse. Eu quero fazer a coisa com sossego, você não quer confusão. Harry quer mais sossego do que todos — Harry já tinha sossego. Ninguém mais poderia tirá-lo dele. — Você não acha que eu sou capanga de Eddie Mars, acha, anjo?

— N... não, acho que isso não. Não, isso não. Vamos marcar um encontro para daqui a meia hora. Ao lado de Bullocks Wilshire, na entrada leste do estacionamento.

— Certo — disse eu.

Soltei o fone no gancho. O odor de amêndoas amargas encheu de novo minhas narinas, misturado ao cheiro azedo do vômito. O homenzinho morto continuava sentado e silencioso em sua cadeira, além do medo e além da mudança.

Saí do escritório. Nada se movia no corredor imundo. Nenhuma das portas de vidro jateado mostrava alguma luz. Desci as escadas de incêndio até o segundo andar e de lá olhei pelo poço do elevador para o teto iluminado da cabine do elevador. Apertei o botão. Lentamente ele se pôs em movimento. Corri de novo escadas abaixo. O elevador estava acima de minha cabeça quando caminhei para fora do edifício.

Estava chovendo forte de novo. Caminhei pela chuva com as gotas pesadas a me bater no rosto. Quando uma delas tocou em minha língua, percebi que estava de boca aberta, e pela dor que sentia dos lados das mandíbulas, não somente aberta, como até escancarada. Era como se imitasse o ricto de morte gravado sobre a face de Harry Jones.

— Dê-me o dinheiro!

O som do motor do Plymouth cinzento vibrava sob sua voz e a chuva batia mais acima. A luz violeta no alto da torre esverdeada do edifício Bullocks Wilshire estava muito acima de nós, serena e isolada da cidade empapada e escura. Sua mão vestida de uma luva negra estendeu-se para fora do carro e pus as notas dentro dela. Ela se inclinou para contá-las sob a luz fraca do painel do carro. Ouvi os estalidos de uma bolsa se abrindo e fechando. Ela soltou a respiração que havia prendido e deixou-a morrer em seus lábios. Inclinou-se em minha direção:

— Estou me arrancando, tira. Já estou a caminho. Este é o meu bilhete de ida e Deus sabe como eu estava precisando. O que aconteceu com Harry?

— Já lhe disse que ele se mandou. Canino descobriu onde ele estava. Esqueça Harry. Já paguei e agora quero minha informação.

— Já vai receber. Joe e eu estávamos dando um passeio de carro na Foothill Avenue no domingo retrasado. Era fim de tarde, as luzes da rua estavam se acendendo e recomeçava a confusão de carros da hora do pique. Passamos por um cupê marrom e vi a garota que estava dirigindo. Havia um homem ao lado dela, baixo e moreno. A garota era loura. Eu já havia visto aquela tipa antes. Era a mulher do Eddie Mars. O cara era Canino. Depois de vê-los a primeira vez, você jamais esqueceria de qualquer um dos dois. Joe começou a seguir o carro indo pela frente dele, você sabe, cuidando pelo espelho retrovisor. Ele sabia fazer isso muito bem. Canino era o cão de guarda dela e tinham saído para ela tomar um pouco de ar fresco. Mais ou menos quilômetro e meio a leste de Realito, há uma estrada secundária que vira em direção à serra. Para o sul é zona de laranjais, mas para o norte o terreno é tão vazio como o quintal do inferno, e exatamente no ponto em que começam as colinas, há uma fábrica de cianureto onde eles fabricam aqueles troços para fumigar as lavouras. Logo do lado da estrada há uma pequena garagem onde pintam carros administrada por um tipo chamado Art Huck Desmanche de carros roubados, provavelmente. Há uma casa de madeira logo depois; além da casa não tem nada, só o pé da serra, uns afloramentos de pedra e a fábrica de agrotóxicos daí a uns três quilômetros. Esse é o lugar onde ela está escondida. Eles entraram nessa estrada e Joe fez o retorno e vimos o carro marrom saindo da estrada no lugar da casa de madeira. Ficamos sentados lá por meia hora olhando os carros que passavam. Ninguém saiu da casa. Quando já estava bem escuro, Joe saiu do carro e foi a pé devagarinho até



lá para dar uma olhada. Ele disse que havia luzes acesas na casa e um rádio tocando e apenas um carro na frente, o mesmo cupê marrom. Aí fomos embora.

Ela parou de falar e de repente escutei o chiar dos pneus no asfalto da Wilshire Avenue. Então eu insisti:

— Eles podem ter trocado de acomodações desde esse dia, mas isso é tudo que você tem para vender. Não se esqueceu de nada? Tem certeza de que era ela?

— Já lhe disse, depois de ter conhecido essa zinha, você nunca mais confunde com nenhuma outra. Adeus, tira, me deseje boa sorte. Fiz um péssimo negócio.

— Péssimo negócio coisíssima nenhuma! — disse eu, enquanto atravessava a rua até meu próprio carro.

O Plymouth cinzento arrancou, reuniu velocidade e lançou-se em direção a Sunset Place. O som de seu motor morreu e com ele a loura Agnes foi riscada da lousa definitivamente, pelo menos em relação a mim. Três homens mortos, Geiger, Brody e Harry Jones, e a mulher saía passeando na chuva com os meus duzentos dólares na bolsa e nem sequer um hematoma. Apertei o arranque de pedal e segui para comer no centro. Fiz um bom jantar. Sessenta e cinco quilômetros na chuva é uma boa estirada e eu ainda pretendia fazer uma viagem de ida e volta.

Dirigi para o norte através do rio até Pasadena; atravessei Pasadena e quase imediatamente estava no meio dos laranjais. A chuva caía violenta como uma cortina branca e sólida frente a meus faróis. O limpador de para-brisa mal conseguia manter o vidro limpo o bastante para se enxergar. Mas nem mesmo aquela escuridão encharcada conseguia esconder as linhas perfeitas dos renques de laranjeiras que corriam incessantemente para trás de mim como postes telegráficos perdidos na noite.

Os carros passavam com chiados rascantes e ondas de borrifos de água suja. A estrada encurvou-se através de uma cidadezinha que parecia conter só fábricas de processamento de laranjas e depósitos, com ramais da estrada de ferro esfregando-se contra eles. Os pomares começaram a rarear e se espalharam para o sul enquanto a estrada subia e esfriava, porque logo ao norte as primeiras colinas negras pareciam se agachar mais perto para dar o bote, dando passagem ao sopro feroz do vento que lhes chicoteava os flancos. Então foram brotando fracamente do escuro duas luzes de vapor amarelo de sódio, colocadas bem alto sobre a estrada e um sinal luminoso de néon surgiu no meio delas, dizendo “Bem-vindo a Realito”.

A estrada se transformou em uma larga rua principal de onde cresciam casas de madeira, distribuindo-se a distância pelas ruas secundárias, grandes gramados entre elas, então um súbito aglomerado de lojas, as luzes de uma drogaria por trás de vitrinas de vidro embaciado, um bolo de carros que parecia

um enxame de moscas à frente do cinema, um banco pintado ou construído de algum material escuro na esquina, com um relógio se projetando sobre a calçada e um grupo de pessoas paradas na chuva olhando para seus janelões de vidro grosso semelhantes a vitrinas, como se apresentassem algum tipo de espetáculo. Segui em frente e os campos vazios se fecharam ao meu redor.

O destino assumiu o comando do espetáculo a partir daí. Além de Realito, mais ou menos um quilômetro e meio, a estrada fez uma curva, a chuva me perturbou a visão e passei perto demais do acostamento. Meu pneu dianteiro direito explodiu com um chiado de raiva. Antes que eu pudesse parar, o pneu traseiro da direita rebentou também em solidariedade. Parei o carro à força, metade no pavimento da estrada, metade no acostamento, saí e examinei com uma lanterna. Tinha dois pneus furados e apenas um estepe. A cabeça chata de um cravo de aço galvanizado me fitava como um olho brilhante encravado no pneumático dianteiro.

A extremidade do pavimento estava coberta deles. Alguém tinha varrido a maior parte para o acostamento, mas não o suficiente.

Desliguei a lanterna e fiquei parado respirando chuva e olhando para uma luz amarela que brilhava no fim de uma estradinha. Parecia vir de uma claraboia. A claraboia poderia ser de uma garagem e a garagem poderia pertencer a um homem chamado Art Huck; e quem sabe havia uma casa de madeira logo atrás dela. Enfiei o queixo no colarinho e pus-me a caminhar em direção à luz e então voltei para retirar os documentos do carro que eu trazia presos à barra da direção e coloquei-os no bolso. Inclinei-me ainda mais baixo, sob a barra da direção. Por trás de uma aba com um contrapeso, que ficava exatamente embaixo de minha perna direita quando me sentava no carro, havia um compartimento secreto. Tinha dois revólveres guardados ali. Um pertencia ao capanga de Eddie Mars, aquele rapazote chamado Lanny, enquanto o outro era meu mesmo. Peguei o que era de Lanny. Provavelmente tinha muito mais prática do que o meu. Enfiei em um bolso interno com o cano para baixo e retomei a subida da estrada lateral.

A garagem ficava a uns noventa metros da estrada. Uma parede lateral sem janelas ficava virada diretamente para quem passasse. Apontei a lanterna rapidamente: “Art Huck — Consertos e Pintura de Carros”. Comecei a rir e então lembrei do rosto de Harry Jones e parei imediatamente. As portas da garagem estavam fechadas, mas havia um feixe de luz correndo por baixo delas, formando uma coluna de solo iluminado onde as duas folhas se encontravam. Segui em frente. A casa de madeira estava lá, sem dúvida, as duas janelas da frente iluminadas, mas com as persianas de correr descidas. Fora construída bem longe da estrada, por trás de um grupo esparsos de árvores. Havia um carro no caminho de cascalho que levava à porta da frente. Formava um vulto escuro e

indistinto, mas seria provavelmente um cupê marrom e pertenceria ao sr. Canino. Estava parado ali pacificamente em frente do alpendre estreito de madeira.

Ele a deixava tirar o carro de vez em quando para dar uma volta e sentava-se a seu lado, provavelmente com um revólver à mão. A moça que Rusty Regan deveria ter desposado, que Eddie Mars não conseguira conservar, ou seja, a garota que não tinha fugido com Regan. O sr. Canino era um cara muito bonzinho.

Arrastei os pés pela lama até voltar à garagem e bati na porta de madeira com o cabo da lanterna. Houve um instante de silêncio túrgido, pesado como o trovão. A luz se apagou. Fiquei parado ali rindo e lambendo a chuva que caía em meus lábios. Bati na marca que havia no meio da porta. Sorri para o círculo branco. Era ali mesmo que eu queria estar. Uma voz falou através da porta, uma voz muito aborrecida:

— O que é que você quer?

— Abra de uma vez. Tenho dois pneus furados na estrada e só um sobressalente. Preciso de sua ajuda.

— Sinto, moço. Já fechamos. Realito fica a um quilômetro e meio em direção oeste. Melhor tentar a sorte por lá.

Não gostei nada disso. Dei um chute pesado na porta. E continuei chutando. Outra voz se fez ouvir, uma voz macia, como um pequeno dínamo por trás da parede. Gostei de ouvir essa voz. Ela disse:

— Temos um espartinho. Abra logo, Art.

Um ferrolho ranguu e metade da porta se curvou para dentro. Minha lanterna brilhou brevemente revelando um rosto esquelético. Então alguma coisa reluzente desceu de algum lugar e arrancou-me a lanterna da mão. Uma arma estava apontada para mim. Ajoelhei-me no lugar em que a lanterna ainda brilhava no chão molhado e apanhei-a. A voz zangada falou:

— Apague essa lanterna, palhaço. Senão, você se machuca.

Desliguei a lanterna e me levantei. A luz foi acesa dentro da garagem, delineando um homem alto de macacão. Ele foi recuando da porta aberta, mantendo um revólver apontado para mim.

— Entre logo e feche a porta, estranho. Vamos ver o que dá para fazer.

Entrei e fechei a porta por trás de mim. Olhei para o homem esquelético, mas não para o outro homem, que permanecia silencioso e oculto nas sombras, perto de uma bancada de ferramentas. O ar dentro da garagem estava doce e sinistro com o cheiro de tinta de piroxilina quente.

— O que você tem na cabeça? — falou o homem magérrimo em tom de repreensão. — Um banco foi assaltado em Realito ao meio-dia.

— Perdão — disse eu, lembrando o bolo de pessoas que avistara olhando para o banco, paradas na chuva. — Não fui eu que assaltei. Sou estranho por estas bandas.

— Bem, o certo é que houve um assalto — disse ele, com seu jeito aborrecido. — Alguns dizem que foi uma dupla de rapazotes e estão fazendo o cerco aqui pelas colinas.

— Linda noite para brincar de esconder — disse eu. — Suponho que foram eles que jogaram na estrada aqueles cravos de cabeça chata. Peguei alguns nos meus pneus. Pensei que fosse você que estivesse com falta de negócios.

— Por acaso você já levou um soco no focinho? — perguntou o esquelético, e depois fez silêncio.

— Não de um cara pesando tão pouco como você.

A voz macia que vinha das sombras disse:

— Corte as ameaças, Art. Esse cara está empenhado. Você é dono de uma oficina ou não é?

— Obrigado — disse eu, ainda sem olhar para ele.

— Tudo bem, tudo bem — grunhiu o homem de macacão. Guardou a arma em uma espécie de bolso que tinha na perna do macacão e mordeu uma das juntas dos dedos, enquanto me encarava com muita má vontade. O cheiro da tinta de piroxilina era tão enjoativo como éter. Em um dos cantos da garagem, embaixo de uma lâmpada presa por um fio móvel, havia um sedã grande e novo com uma pistola de tinta sobre o para-lama.

Somente agora olhei para o homem que estava junto da bancada. Era baixote, mas corpulento e de ombros fortes. Tinha uma expressão fria e frios olhos escuros. Usava uma capa de chuva de couro marrom presa por um cinto, que estava pesadamente pespontada de chuva. Seu chapéu marrom estava inclinado para trás da cabeça em um ângulo atrevido. Ele apoiava as costas contra a bancada de trabalho e me olhava sem pressa, sem interesse, como se estivesse olhando para um pedaço de carne congelada. Talvez fosse isso que ele achava que as pessoas eram.

Movimentou seu olhar escuro para cima e para baixo lentamente e então ficou olhando para as unhas, uma por uma, erguendo-as contra a luz e examinando-as com todo o cuidado, bem do jeito que os filmes de Hollywood ensinavam a fazer. Falou sem tirar o cigarro da boca.

— Logo dois pneus furados, hein? Já foi um azar. Eles tinham varrido as tachas, não varreram?

— Eu derrapei um pouco na curva e passei pelo acostamento.

— Estranho na cidade, diz você?

— Estou só de passagem. A caminho de Los Angeles. A que distância fica?

— Uns sessenta e cinco quilômetros. Mas parece mais longe com este tempo. De onde, estranho?

— Santa Rosa.

— Pegou o caminho mais comprido, hein? Tahoe e Lone Pine?

— Não passei por Tahoe. Vim por Reno e Carson City.

— Mesmo assim, um caminho comprido. — Um sorriso vago curvou-lhe os lábios.

— Não há lei contra, há? — perguntei-lhe.

— Ahn? Não, claro que não. Acho que você pensa que somos muito curiosos. É por causa desse assalto lá embaixo. Pegue um macaco e vá buscar os pneus dele, Art.

— Estou ocupado — resmungou o magricela. — Tenho serviço para fazer. Tenho de pintar esse carro todo à pistola. E está chovendo, talvez tenha notado.

O homem de roupa cinzenta disse agradavelmente:

— Está úmido demais para uma pintura à pistola adequada, Art. Vamos lá, se mexa.

— São os dois do lado direito, o da frente e o de trás. Você pode usar o estepe para trocar um dos furados e conserta só o outro, se está tão ocupado.

— Leve os dois macacos, Art — disse o homem de marrom.

— Agora, escute...! — Art começou a falar em tom de ameaça.

O homem de marrom moveu os olhos, fixando-os em Art com um olhar tranquilo e discreto e baixou-os de novo, quase como se estivesse envergonhado. Não disse uma palavra. Mas Art balançou como se tivesse sido atingido por uma lufada de vento. Caminhou apressadamente até um canto e colocou uma capa de borracha sobre o macacão e um chapéu de vaqueiro na cabeça. Agarrou uma chave de cruz e um macaco manual e foi rodando um macaco hidráulico porta a fora.

Saiu silenciosamente, deixando a porta escancarada. A chuva começou a molhar o chão da oficina. O homem de terno marrom caminhou lentamente e fechou a porta; depois caminhou, ainda lentamente, para sua posição anterior, de pé junto à bancada, apoiando os quadris exatamente no mesmo ponto em que tinham estado. Eu poderia tê-lo atacado nesse momento. Estávamos sozinhos. Ele nem ao menos sabia quem eu era. Ele me olhou de relance e jogou a bagana do cigarro no chão de cimento, pisando em cima dela sem olhar para baixo.

— Aposto que você aceita um drinque — disse ele. — Assim fica molhado por dentro e emparelha as coisas.

Estendeu a mão para uma garrafa que estava por trás dele, sobre a bancada de ferramentas, colocou-a perto da beirada e pôs dois copos ao lado dela. Derramou uma dose grande em cada copo e estendeu-me um. Fui caminhando até ele feito um boneco de mola e agarrei o copo. A memória da chuva estava ainda fria no meu rosto. O cheiro de tinta quente drogava o ar estagnado da garagem.

— Esse Art — disse o homem de marrom — é como todos os mecânicos. Sempre ocupado com um trabalho que deveria ter feito na semana passada. Está viajando a negócios?

Cheirei meu drinque delicadamente. O cheiro estava certo. Observei-o beber um pouco do seu antes de engolir o meu. Rolei o gole ao redor da língua. Não havia cianureto. Esvaziei o copinho, coloquei ao lado do seu e afastei-me.

— Em parte — disse. Caminhei para o sedã meio-pintado com o grande revólver metálico usado para esguichar a tinta ainda colocado sobre o para-lama. A chuva caía com força sobre o telhado achatado da garagem. Art estava lá fora na chuva, praguejando.

O homem de marrom olhou na direção do carro grande.

— No início era só o painel — ele disse casualmente, sua voz ainda mais macia com o drinque. — Mas o cara tinha dinheiro e seu chofer precisava de uns cobres. Você sabe como é a tramaioa.

— Só existe outra mais antiga — disse eu. Sentia os lábios secos. Não queria falar. Acendi um cigarro. Só queria que arrumassem meus pneus. Os minutos passavam na ponta dos pés. O homem de marrom e eu éramos somente dois estranhos que se haviam encontrado por acaso, olhando um para o outro sobre o cadáver de um homenzinho chamado Harry Jones. Ainda bem que o homem de marrom ainda não sabia disso.

Pés esmagaram o cascalho do lado de fora e a porta foi aberta. A luz atingiu grossos lápis de chuva, transformando-os em fios de prata. Art veio empurrando dois pneus furados e enlameados com a maior má vontade, fechou a porta com um pontapé e deixou um dos pneus cair de lado. Olhou-me com uma expressão feroz:

— Você sabe mesmo escolher os lugares para se pôr um macaco — rosnou.

O homem de marrom riu-se e tirou um cilindro de moedas de cinco centavos do bolso, começando a jogá-lo para o alto a fim de apanhá-lo com a palma da mão.

— Não resmungue tanto — disse secamente. — Vá consertar os pneus furados.

— Estou consertando, não estou?

— Bem, não precisa cantar uma ladainha enquanto conserta, precisa?

— Está bem! — Art arrancou sua capa de borracha e o chapéu de vaqueiro e jogou-os em qualquer lugar. Levantou um dos pneus em um esticador e afrouxou a parte externa com violência. Retirou a câmara e colocou o remendo de borracha a frio em dois segundos. Ainda carrancudo, caminhou até a parede e pegou uma mangueira, colocou ar suficiente dentro da câmara para lhe dar consistência e largou a mangueira de repente, fazendo o bico bater contra a parede caiada de branco.

Fiquei parado olhando o rolo de moedas dançar na mão de Canino. O momento de maior intensidade para mim já havia passado. Virei a cabeça e observei o mecânico magérrimo ao meu lado atirar a câmara endurecida pelo ar para cima e apanhá-la de novo com as mãos bem separadas, uma de cada lado

da câmara. Examinou-a com cara de bravo, lançou um olhar para um grande tanque galvanizado cheio de água suja que ficava a um canto e grunhiu.

Eles deviam ter ensaiado aquele tipo de coisa com toda a calma. Não vi nenhum sinal, não percebi qualquer olhar significativo, nenhum gesto que pudesse ter alguma importância fora do comum. O magrelo tinha a câmara endurecida bem alto no ar e olhava atentamente, como se só estivesse procurando por algum buraco meio invisível. De repente, ele meio girou o corpo, deu um passo longo e rápido e jogou a câmara por cima de minha cabeça e ombros, em um golpe certo.

Pulou para trás de mim e agarrou-se firmemente à câmara. Seu peso puxou-a através de meu peito, prendendo a parte superior de meus braços rigidamente contra meus flancos. Eu podia mover as mãos, mas não havia forma de atingir o revólver que estava em meu bolso.

O homem de marrom veio quase dançando em minha direção através do piso. Sua mão estava firme no rolo de moedas. Chegou até mim sem emitir um som e sem mudar de expressão. Inclinei-me para a frente e tentei levantar os pés de Art do chão.

O punho que carregava o tubo pesado passou por entre minhas mãos espalmadas como uma pedra atravessa a poeira. Tive um espantoso momento de choque em que as luzes dançaram e o mundo visível saiu de foco, mas ainda estava ali. Ele me bateu de novo. Não havia mais sensação em minha cabeça. A luz brilhante ficou ainda mais brilhante. Não havia mais nada senão uma luz dura, branca e dolorosa. Então veio a escuridão, dentro da qual alguma coisa vermelha se retorcia como uma bactéria sob a lente do microscópio. Então não havia mais nada, nem brilhante, nem se retorcendo, somente a escuridão e o vazio e um vento impetuoso e o fragor da queda de grandes árvores.

Tive a impressão de que havia uma mulher e de que ela estava sentada perto de uma lâmpada. Era justamente o lugar em que deveria ficar, muito bem iluminada. Outra luz brilhava forte contra minha cara, assim fechei os olhos de novo e tentei olhar para a mulher através das pestanas. Seu cabelo era tão platinado que brilhava como uma fruteira de prata. Usava um vestido tricotado verde com uma gola branca e larga dobrada em direção aos ombros. Tinha uma bolsa lustrosa e cheia de ângulos colocada a seus pés. Estava fumando e um copo alto e pálido contendo um fluido cor de âmbar estava colocado próximo a seu cotovelo.

Movi a cabeça um pouco, experimentalmente. Doía, mas não mais do que eu esperava. Eu estava amarrado como um peru pronto para o forno. Meus pulsos estavam presos às minhas costas por algemas e uma corda passava por eles e ia até os tornozelos e depois seguia para uma das extremidades do sofá-cama marrom no qual eu estava estirado. A corda desaparecia de minha vista do outro lado do sofá-cama. Movi-me o suficiente para ter certeza de que a ponta estava amarrada a alguma coisa. Parei estes movimentos furtivos, abri meus olhos de novo e disse: “Alô!”.

A mulher retirou seu olhar de onde estava pousado, em algum pico montanhoso perdido na distância. Seu queixo pequeno mas firme girou lentamente. Seus olhos tinham o azul dos lagos montanheses. Acima de nós a chuva ainda tamborilava no telhado, mas o som agora era remoto, como se a chuva pertencesse a algumas outras pessoas.

— Como você se sente? — disse com uma voz suave e prateada como os seus cabelos. Tinha a ressonância de minúsculos guizos, que tilintavam como as campainhas de uma casa de bonecas. Achei que estava pensando uma tolice assim que o pensamento se formou em minha cabeça.

— Ah, estou ótimo! — respondi. — Só que alguém teve tempo de construir um posto de gasolina em cima de meu queixo.

— E o que esperava, sr. Marlowe — um ramo de orquídeas?

— Só um caixão de pinho sem nenhum enfeite — disse eu. — Não precisa ter alças de bronze ou de prata. E não espalhem minhas cinzas sobre o Pacífico azul. Prefiro mesmo os vermes. Você sabia que os vermes são hermafroditas, têm os dois sexos, o que permite a qualquer verme amar qualquer outro verme?

— Você ainda está um pouco tonto — disse ela, com um olhar grave.

— Você se importa de mudar a direção dessa luz?



Ela se levantou e foi para trás do sofá-cama. A luz foi apagada. A obscuridade era uma bênção.

— Não me parece que você seja assim tão perigoso — disse ela. Era mais alta do que baixa, mas não era do tipo espanador-da-lua. Era esguia, mas não chegava a ser pele e ossos. Retornou para a cadeira em que estivera sentada antes.

— Então você sabe meu nome?

— Você dormiu bastante tempo. Mais do que suficiente para examinarem seus bolsos. A única coisa que eles não fizeram foi embalsamá-lo. Portanto, você é um detetive.

— É só isso que eles têm contra mim?

Ela ficou calada. A fumaça subia quase invisível de seu cigarro. Ela moveu a mão, afastando-a para longe. Sua mão era pequena e bem formada, não parecia uma ferramenta de jardim ossuda, como se vê em tantas mulheres hoje em dia.

— Que horas são? — perguntei.

Ela olhou de soslaio para o pulso, além da espiral de fumaça, no extremo do alcance da luminosidade austera do abajur.

— Dez e dezessete. Tem um encontro marcado com alguém?

— Não ficaria surpreso. Esta é a casa que fica ao lado da garagem de Art Huck?

— Sim.

— O que os rapazes estão fazendo? Aproveitando que a terra está mole para abrir um túmulo?

— Eles tiveram de ir a algum lugar.

— Quer dizer que deixaram você aqui sozinha comigo?

Sua cabeça voltou-se lentamente de novo. Ela sorriu.

— Mas você não parece perigoso.

— Pensei que eles a mantinham prisioneira.

Isso não pareceu espantá-la muito. Pareceu até diverti-la um pouco.

— O que o fez pensar assim?

— Eu sei quem você é.

Seus olhos tão azuis cintilaram tão fortemente, que quase deu para ver a amplitude de seu olhar, como o rastro que uma espada deixa no ar quando é brandida e fulgura na luz. Seus lábios se apertaram. Mas sua voz não mudou.

— Nesse caso, temo que você tenha arranjado uma bela duma encrenca. E eu, que odeio assassinos...

— E você é a mulher de Eddie Mars? Mas que vergonha!

Ela não gostou disso. Lançou-me um olhar cheio de raiva. Eu dei um sorriso largo:

— A não ser que você possa destrancar estes braceletes, o que, aliás, aconselho-a a não fazer, bem que poderia me dar um golinho desse drinque que está negligenciando.

Ela me trouxe o copo prontamente. Bolhas erguiam-se desde o fundo como esperanças falsas. Ela inclinou-se sobre mim. Sua respiração era tão delicada quanto os olhos de um filhote de corça. Bebi um trago do copo. Ela retirou-o de minha boca e ficou olhando enquanto um pouco do líquido escorria pelo meu pescoço abaixo.

Debruçou-se de novo sobre mim. O sangue começou a mover-se dentro de minhas veias novamente, como um possível inquilino examinando uma casa.

— Seu rosto parece um capacho todo pisoteado — disse ela.

— Aproveite enquanto pode. Mesmo como está, não vai durar muito tempo.

Ela girou a cabeça subitamente e escutou. Por um instante, sua face tornou-se muito pálida. Os sons eram apenas o resultado da chuva escorrendo pelas paredes. Ela caminhou de volta até o outro lado da sala, ficou parada de lado para mim e debruçou-se para a frente um pouco, olhando firme para o chão.

— Por que você veio se meter aqui e enfiou o pescoço na armadilha? — disse ela, bem baixinho. — Eddie não lhe estava fazendo mal algum. Você sabia perfeitamente bem que, se eu não tivesse me escondido por aqui, a polícia teria tido certeza de que Eddie matou Rusty Regan.

— E ele matou mesmo — afirmei.

Ela não se moveu e não mudou de posição sequer uma polegada. Sua respiração transformou-se em um som áspero e rápido. Olhei ao redor da sala. Duas portas, ambas na mesma parede, uma delas semiaberta. Um tapete quadriculado de vermelho e castanho, cortinas azuis nas janelas, papel de parede mostrando alegres pinheiros verdes. O aspecto da mobília dava a impressão de que tinha sido adquirida em um desses lugares que mandam colar anúncios nas costas dos bancos de ônibus. Alegre, mas cheia de resistência.

Ela falou baixinho:

— Não foi Eddie. Eddie não fez nada a ele. Há meses que não vejo mais Rusty. Eddie não é esse tipo de homem.

— Você abandonou sua cama e sua mesa. Estava vivendo sozinha. Pessoas no lugar em que você morava identificaram uma fotografia de Regan.

— Isso é mentira — disse ela, friamente.

Tentei me lembrar se o capitão Gregory tinha dito isso ou não. Minha cabeça estava confusa demais. Já não tinha mais certeza.

— Além disso, não é da sua conta — ela acrescentou.

— A coisa inteira é da minha conta. Sou contratado para descobrir coisas, lembra?

— Eddie não é esse tipo de homem.

— Oh, você gosta de trambiqueiros.

— Enquanto as pessoas quiserem jogar, haverá lugares em que poderão fazê-lo.

— Isso é pura racionalização, uma forma de aliviar sua consciência. Uma vez que se saia um pouco do âmbito da lei, você está inteiramente de fora. Você acha que ele é “apenas” um jogador. Eu digo que ele é um pornógrafo, um chantagista, um traficante de carros roubados, assassino por controle remoto e subornador de tiras corruptos. Ele é qualquer coisa que lhe pareça que vá dar lucro, atira onde quer que veja uma cabeça de repolho. Não tente me passar uma história sobre trambiqueiros de bom coração. As duas coisas simplesmente não combinam.

— Ele não é um assassino! — suas narinas se inflaram.

— Pessoalmente, não. Ele tem Canino para fazer o trabalho sujo por ele. Canino matou um homem esta noite, um camaradinho inofensivo que estava tentando fazer um favor a outra pessoa. Eu quase testemunhei o assassinato.

Ela soltou um riso cheio de cansaço.

— Tudo bem — rosnei. — Então não me acredite. Se Eddie é um cara assim tão bom, eu gostaria de ter uma conversa com ele, sem que Canino ande por perto. Você sabe o que Canino vai me fazer — arrancar meus dentes a pancadas e depois me chutar no estômago porque não estou falando direito.

Ela virou a cabeça para trás e ficou ali parada, pensativa e absorvida enquanto raciocinava.

— Pensava que cabelo platinado havia saído de moda — disse eu, somente para manter o som dentro da sala, para não ter de ficar cuidando os sons que acabariam vindo lá de fora.

— É uma peruca, seu bobo. Estou usando enquanto meu cabelo cresce.

Ela ergueu as mãos e arrancou a peruca. Seu próprio cabelo tinha sido cortado rente à cabeça, como um corte de menino. Colocou a peruca de volta.

— Quem fez isso com você?

Ela pareceu surpresa.

— Eu mesma mandei cortar. Por quê?

— A questão é essa. Por quê?

— Ora, para mostrar a Eddie que eu estava disposta a fazer o que ele queria que eu fizesse: esconder-me em algum lugar. Que ele não precisaria me manter guardada. Eu não iria prejudicá-lo de maneira alguma. Eu o amo.

— Minha nossa! — gemi. — E você me mantém aqui, na mesma sala que você!...

Ela começou a girar a palma da mão e a olhar para ela. Então, abruptamente, saiu da sala. Voltou com uma faca de cozinha. Debruçou-se e começou a cortar a corda.

— É Canino que tem as chaves das algemas — ela falou, ofegando. — Não posso fazer nada para tirá-las.

Deu um passo para trás, ainda respirando de forma opressiva. Ela havia cortado todos os nós da corda.

— Você é uma parada — disse ela. — Brincando sem parar — e na situação em que está!

— Pensei que Eddie não fosse um assassino.

Ela virou-se rapidamente e voltou à sua cadeira, junto à lâmpada, sentou-se e colocou o rosto entre as mãos. Balancei os pés até chegarem ao chão e levantei-me. Cambaleei pela sala, com as pernas duras. O nervo que percorria o lado esquerdo de meu rosto estava pulando com o apoio de todas as suas ramificações. Dei um passo. Descobri que ainda sabia caminhar. Podia até correr, se precisasse.

— Acho que você quer que eu fuja — disse calmamente.

Ela concordou sem levantar a cabeça.

— É melhor que venha comigo. Se é que pretende continuar vivendo.

— Não perca tempo. Ele estará de volta a qualquer momento.

— Acenda um cigarro para mim.

Eu estava em pé frente à cadeira, tocando-lhe os joelhos. Ela se ergueu de repente, em um único movimento. Nossos olhos estavam a poucos centímetros de distância.

— Alô, Peruca de Prata — eu disse baixinho.

Ela deu um passo para trás, rodeando a cadeira, e agarrou um maço de cigarros de cima da mesa com um gesto rápido. Enfiou a ponta de um dedo, puxou um cigarro para fora e empurrou-o com violência em minha boca. Sua mão estava tremendo. Ela acendeu um pequeno isqueiro encapado de couro verde e segurou a chama crepitante contra a ponta do cigarro. Traguei a fumaça, contemplando seus olhos azuis como a água de um lago de montanha. Enquanto ela ainda estava próxima, falei:

— Um passarinho chamado Harry Jones me conduziu a você. Um passarinho que vivia aos pulinhos, entrando e saindo de bares para conseguir apostas em troca das migalhas que o patrão lhe dava. E que também escutava certas informações. Este passarinho arranjou uma ideia para driblar Canino. De uma forma ou de outra ele e sua amiga descobriram onde você estava. Ele veio me vender a informação porque sabia — como ele sabia é uma longa história — que eu estava trabalhando para o general Sternwood. Peguei a informação, mas Canino pegou o passarinho. Ele é um passarinho morto agora, com as penas desarranjadas e o pescoço torto e uma pérola de sangue no bico. Foi Canino que o matou. Mas Eddie Mars não faria isso, faria, Peruca de Prata? Ele nunca matou ninguém. Só contrata capangas para fazer o serviço.

— Dê o fora! — disse ela, grosseiramente. — Dê o fora daqui depressa!

Sua mão apertou o isqueiro verde no ar à minha frente. Os dedos estavam tensos. As juntas estavam tão brancas como a neve.

— Mas Canino não sabe que eu sei disso — prossegui. — Sobre o passarinho. Tudo que ele sabe é que ando bisbilhotando.

Então ela riu. Soltou um riso quase convulsivo que a sacudia como o vento sacode uma árvore. Pensei ouvir uma nota de espanto nesse riso, não exatamente de surpresa, mas como se uma nova ideia tivesse sido acrescentada de repente a outra já bem conhecida, e as duas não se encaixassem. Aí achei que estava tirando conclusões demais a partir de uma única risada.

— É muito engraçado — disse ela, ofegante. — Muito engraçado mesmo, porque, você sabe — eu ainda o amo. Mulheres... — e ela começou a rir de novo.

Escutei com atenção o barulho que vinha de fora, minha cabeça latejando. Nada ainda, só a chuva.

— Vamos embora — disse eu. — Depressa!

Ela recuou dois passos, com uma expressão dura e decidida.

— Vá embora você! Dê o fora! Você pode caminhar até Realito. Você pode se salvar — e ficar de boca fechada, por uma hora ou duas ao menos. Está me devendo isso.

— Vamos! — disse eu. — Tem um revólver, Peruca de Prata?

— Você sabe que eu não vou. Você sabe disso. Por favor, por favor, dê o fora daqui depressa!

Caminhei até bem perto dela, quase encostando meu corpo ao seu.

— Você pretende ficar aqui depois de me soltar? Esperar que aquele assassino sem piedade retorne para lhe dizer que está arrependida? Um homem que mata como quem esmaga uma mosca. Que se importa até menos... Não, você vai comigo, Peruca de Prata.

— Não.

— Suponhamos — disse eu, com uma vozinha fraca — que o seu lindo marido *matou mesmo Regan*. Ou suponhamos que Canino matou, sem que Eddie soubesse. Vamos apenas supor. Quanto tempo *you've ia viver*, depois de me soltar?

— Eu não tenho medo de Canino. Ainda sou a mulher do patrão dele.

— Eddie pode parecer durão, mas por dentro é um mingau — rosnei. — Canino pode bater nele com uma colher de chá. Ia fazer dele o que o gato fez com o canário. É uma porcaria de mingau, estou lhe dizendo! A única forma de uma garota como você se interessar por um malandro como ele é quando, no fundo, sabe que ele é feito de mingau.

— Saia daqui! — ela quase me cuspiu.

— Ok — Dei-lhe as costas e passei pela porta meio aberta até um corredor escuro. Então ela correu atrás de mim, avançou até a porta da frente e abriu-a para que eu passasse. Ela lançou os olhos pela escuridão úmida e escutou. Então, empurrou-me para a frente.

— Adeus — disse num sussurro. — Boa sorte em tudo, menos em uma coisa. Eddie não matou Rusty Regan. Você vai descobrir que ele está vivo e passando bem em algum lugar, quando ele quiser ser encontrado.

Debrucei-me sobre ela e apertei-a contra a parede com meu corpo. Forcei minha boca contra seu rosto. Fiquei falando com ela assim.

— Não há pressa. Tudo isto foi arranjado de antemão, ensaiado nos mínimos detalhes, calculado até as frações de segundo. Igual a um programa de rádio. Não há pressa alguma. Agora me beije, Peruca de Prata.

Sua face sob minha boca estava fria como gelo. Ela levantou as mãos, segurou-me a cabeça e beijou-me com força nos lábios. Seus lábios também estavam frios como gelo.

Saí pela porta e ela fechou-se por trás de mim, sem o menor som, e a chuva entrou de lado e molhou-me embaixo do alpendre, menos fria do que seus lábios.

A garagem ao lado estava escura. Cruzei o caminho de cascalho e um trecho de gramado empapado. Pequenos riachos de água da chuva corriam pela estrada, a água gorgolejava por uma vala lateral do outro lado da estrada. Estava sem chapéu. Deveria ter caído na garagem. Canino não tinha se dado ao trabalho de devolvê-lo. Provavelmente achava que eu não ia mais precisar de chapéu. Imaginei-o ao volante do carro, sozinho, retornando triunfante através da chuva, tendo deixado o magríssimo e zangadíssimo Art em algum lugar seguro, juntamente com o sedã, que provavelmente era roubado. Ela amava Eddie Mars e estava se escondendo a fim de protegê-lo. Assim, ele a encontraria quando retornasse, imperturbavelmente sentada ao lado do abajur e do coquetel intocado, comigo ainda amarrado ao sofá-cama. Ele carregaria suas roupas e objetos para o automóvel e examinaria a casa cuidadosamente a fim de garantir que nada de incriminador fosse deixado para trás. Depois, ele lhe diria que fosse esperar no carro. Ela não haveria de escutar um tiro. Um cassetete tem a mesma eficiência, se for usado bem de perto. Ele lhe diria que tinha me deixado amarrado e que depois de um certo tempo eu acabaria me soltando. Ele realmente ia acreditar que ela fosse estúpida a esse ponto. Um belo caráter, sr. Canino.

A capa de chuva estava aberta na frente e eu não podia abotoá-la algemado. As abas batiam contra minhas coxas como as asas de um pássaro grande mas cansado. Cheguei até a estrada. Os carros passavam por mim como grandes jatos d'água iluminados pelos faróis. O ruído rascante de seus pneus morria rapidamente. Encontrei meu conversível no lugar em que o havia deixado, ambos os pneus consertados e montados, de modo que poderia ser guiado para longe, se fosse necessário.

Eles pensaram em tudo. Entrei no automóvel e inclinei-me de lado sob a direção, levantei com grande dificuldade a aba de couro que cobria o esconderijo secreto. Peguei o outro revólver, enfie-o sob meu casaco e retornei. O mundo era pequeno, apertado, negro. Um mundo particular onde vivíamos somente Canino e eu.

Na metade do caminho de volta, os faróis quase me pegaram. Desviaram-se rapidamente da estrada e eu deslizei pela beirada para dentro da valeta meio cheia d'água e fiquei estirado ali respirando água. O carro passou ronronando por mim sem diminuir a marcha. Ergui a cabeça, escutei o raspar dos pneus contra o cascalho no momento em que saiu da estrada principal e entrou no caminho que levava à casa e à garagem. O motor morreu, as luzes se apagaram, uma porta

bateu. Não ouvi o baralho da porta da casa se fechando, mas uma franja de luz esticou-se através do renque de árvores, como se um postigo tivesse sido retirado de uma janela ou como se a luz tivesse sido acesa no abrande.

Voltei até o ponto em que o capim estava encharcado e chapinhei até atravessá-lo. O carro estava estacionado entre eu e a casa, o revólver estava bem preso do meu lado, empurrado o mais à frente que meu braço direito podia, sem deslocar o braço esquerdo para fora da junta do ombro. O carro estava escuro, vazio e quente. A água borbulhava alegremente no radiador. Olhei para dentro pela porta. As chaves pendiam do painel. Canino estava completamente seguro de si. Rodeei o carro e caminhei cuidadosamente através do cascalho até a janela, onde parei para escutar. Não podia escutar nenhuma voz, nenhum som além do ploft-ploft rápido que faziam as gotas de chuva quando atingiam periodicamente os joelhos de metal que prendiam a parte inferior das calças.

Continuei a escutar. Nenhuma voz se elevava, tudo permanecia muito tranquilo e refinado. Ele estaria ronronando para ela com aquela falhinha macia e ela estaria respondendo que tinha deixado que eu fosse embora de propósito e que eu havia prometido deixar que eles fugissem. Ele não iria acreditar em mim, como eu não acreditaria nele. Assim, ele não ia continuar naquela casa por muito mais tempo. Ele ia pôr o pé na estrada e levá-la consigo. Tudo o que eu tinha a fazer era esperar que ele saísse.

Mas eu não podia esperar. Passei o revólver para minha mão esquerda e me agachei a fim de agarrar um punhado de cascalho. Joguei-o contra a tela da janela. Foi um esforço muito fraco, com as mãos juntas naquela posição. Só uma porção muito pequena atingiu o vidro por cima da tela, mas mesmo o chacoalhar daquele pouco foi como uma represa rebentando.

Corri de volta para o carro e subi na plataforma que ficava atrás. A casa tinha ficado completamente às escuras. Essa foi a única reação. Encolhi-me sem descer da plataforma e esperei. Nenhum resultado. Canino era esperto demais.

Endireitei-me de novo e entrei de costas no carro. De costas para o painel, remexi até encontrar a chave de ignição e girei-a com esforço. Estiquei o pé para o arranque de pedal, só que nesse modelo o arranque tinha de estar também no painel. Encontrei-o finalmente, empurrei com força e o motor auxiliar do arranque funcionou. O motor principal estava quente e pegou em seguida. Ronronou baixinho e contente. Saí do carro de novo e agachei-me junto às rodas traseiras.

Estava tremendo agora, mas eu sabia que Canino não ia gostar daquele último efeito especial. Precisava demais daquele carro. Uma janela escurecida começou a descer lentamente, polegada a polegada, somente alguns reflexos de luz nos vidros mostravam que estava se movendo. Uma chama brotou dela abruptamente, com o rugido misturado de três tiros rápidos. O vidro estalou no cupê. Soltei um grito de agonia. O grito transformou-se em um gemido que era



quase um uivo, depois virou um gargarejo sufocado, como se eu estivesse engolindo sangue. Deixei o gargarejo morrer de repente, em um estertor súbito. Uma obra de arte. Até eu gostei. Canino deve ter gostado muito mais, porque ouvi quando ele riu. Foi um riso largo, uma gargalhada estentórea, completamente diversa do ronronar que dominava sua voz enquanto falava.

Então silêncio por algum tempo, exceto pela chuva e pelo motor do carro que pulsava tranquilamente. Depois a porta da casa abriu-se muito lentamente, uma escuridão mais profunda dentro da noite escura. Uma figura apareceu nela, movendo-se cautelosamente, alguma coisa branca à altura do pescoço. Era a gola dela. Ela saiu do alpendre, caminhando com o corpo duro, como se fosse feita de madeira. Enxerguei o reflexo pálido de sua peruca prateada. Canino veio agachado metodicamente por trás dela. Era uma pose tão sinistramente mortal que chegava a ser quase risível.

Ela desceu os degraus. Já dava para ver a tensão embranquecendo-lhe a face. Ela pôs-se a caminhar em direção ao carro. Um baluarte de defesa para Canino, caso eu ainda tivesse forças para lhe dar uma cuspidinha no olho. Sua voz veio modulada pela interferência da chuva, dizendo lentamente, numa voz sem timbre:

— Não posso ver nada, Lash. As janelas estão embaciadas.

Ele resmungou alguma coisa e o corpo da moça se sacudiu fortemente para a frente, como se ele tivesse enfiado um revólver em suas costas. Ela avançou de novo e aproximou-se mais ainda do automóvel sem luzes. Agora eu podia vê-lo bem por trás dela, seu chapéu, um lado de seu rosto, a maior parte de um ombro. A moça parou, ficou rígida e gritou. Um lindo grito, fino e lancinante, que me sacudiu como se alguém tivesse me acertado um gancho de esquerda.

— Estou vendo! — ela berrou. — Pela janela. Por trás da direção, Lash!

Desta vez, ele caiu como se fosse um balde cheio de chumbo. Empurrou-a com força para um lado e saltou para a frente com a mão erguida. Mais três jatos de fogo cortaram a escuridão. Mais vidro se estilhaçou. Uma das balas atravessou o carro e foi cravar-se em uma árvore bem a meu lado. Um ricochete assobiou e perdeu-se a distância. Mas o motor continuou a funcionar tranquilamente.

Então ele se abaixou e acocorou-se, silhuetado contra a escuridão, seu rosto um cinza sem forma que parecia estar retornando lentamente depois do clarão dos tiros. Se ele tivesse um revólver na mão, poderia estar vazio. Poderia também não estar. Ele havia disparado seis vezes, mas poderia ter recarregado antes de sair de casa. Na verdade, esperava que sim. Não queria atirar nele se estivesse com o revólver vazio. E também poderia ser uma automática. Então, eu disse:

— Terminou?

Ele girou em minha direção. Talvez tivesse sido mais delicado permitir que ele desse mais um tiro ou dois, bem como teria feito um cavalheiro da velha escola. Mas seu revólver ainda estava erguido e eu não podia esperar mais. Pelo menos não podia esperar o bastante até me tornar um cavalheiro da velha escola. Dei-lhe quatro tiros, o Colt pulando contra minhas costelas. A arma pulou de sua mão como se tivesse sido chutada por alguém. Ele levou ambas as mãos violentamente contra o estômago. Cheguei a ouvir o estalo que fizeram quando bateram no corpo. Foi assim que ele caiu, direto para a frente, com as mãos largas agarrando o próprio corpo. Caiu de cara para baixo no cascalho molhado. E depois disso não emitiu mais nem um som.

Peruca de Prata também não emitiu sequer um som. Permaneceu rígida, com a chuva descendo em círculos sobre ela. Caminhei até onde estava Canino e dei um chute em sua arma, na verdade sem motivo nenhum. Então caminhei de novo até onde a arma havia caído, me dobrei meio de lado até que consegui agarrá-la com uma das mãos. Assim cheguei bem ao lado dela. Ela falou melancolicamente, como se fosse para si própria:

— Eu... Eu tinha medo que você voltasse.

Eu respondi:

— Tínhamos um encontro, não tínhamos? Eu lhe disse que estava tudo combinado.

Comecei a rir feito um lunático.

Então ela se debruçou sobre ele, tocando-o com delicadeza. Depois de algum tempo, levantou-se segurando uma chavezinha pequena presa por uma corrente fina. Disse amargamente:

— Você tinha mesmo de matá-lo?

Parei de rir no mesmo instante, tão rapidamente como havia começado. Ela caminhou para trás de mim e abriu as algemas.

— Sim — falou bem baixinho. — Suponho que sim.

Chegou outro dia e o sol voltou a brilhar.

O capitão Gregory, do Departamento de Pessoas Desaparecidas, lançou um olhar pesado para fora das janelas de seu escritório em direção ao andar superior gradeado do Fórum, que estava branco e limpo após a chuva. Então fez girar majestosamente sua cadeira giratória e bateu o cachimbo contra um polegar cheio de cicatrizes de queimaduras e dignou-se a me lançar um olhar malévolos:

— Então você conseguiu se meter em outra confusão.

— Ah, já ouviu falar?

— Irmão, eu fico aqui o dia todo sentado em minha bunda e até parece que não tenho um cérebro na cabeça. Mas você ficaria surpreso com as coisas que escuto. Acho que matar esse Canino foi um ato meritório, mas, segundo me parece, os rapazes da Homicídios não lhe deram nenhuma medalha.

— Tem havido uma porção de mortes ao redor de mim ultimamente — disse eu. — Mas só desta última vez o responsável era eu.

Ele sorriu pacientemente.

— Quem lhe contou que a mulher escondida lá era a esposa de Eddie Mars?

Contei-lhe toda a história. Ele escutou cuidadosamente e bocejou. Bateu em sua boca guarnecida de dentes de ouro com uma mão que parecia uma bandeja.

— Acho que você pensa que eu deveria tê-la encontrado.

— É uma boa dedução.

— Talvez eu soubesse — disse ele. — Talvez eu achasse que, se Eddie Mars e sua esposa queriam fazer um joguinho desses, seria esperto da minha parte — tão esperto quanto eu consigo ser — deixar que eles pensassem que estavam enganando a todos. E, novamente, pode ser que você pense que eu estava deixando Eddie fazer o que tinha vontade por razões mais pessoais.

Ele levantou sua mão grande e esfregou a ponta do polegar contra as pontas do indicador e do dedo médio.

— Não — disse eu. — Realmente não pensei nisso. Nem na ocasião em que Eddie parecia saber tudo sobre a nossa conversa da véspera.

Ele ergueu as sobrancelhas como se tivesse de fazer um grande esforço somente para arguê-las, como se fosse um truque antigo do qual já perdera a prática. Ficou com a testa inteira franzida, e depois que esta se alisou, estava cheia de linhas brancas, que foram se avermelhando enquanto eu olhava.

— Eu sou um tira — disse ele. — Simplesmente um policial comum como há tantos. Razoavelmente honesto. Tão honesto como você pode esperar que um homem seja em um mundo em que a honestidade está fora de moda. Esta é a

razão principal pela qual lhe pedi que aparecesse por aqui esta manhã. Eu gostaria que você acreditasse nisto. Uma vez que eu sou um dos mocinhos, gosto de saber que o lado da lei venceu e não o dos bandidos. Gostaria de ver trambiqueiros espalhafatosos e bem-vestidos como Eddie Mars estragando os dedos manicurados nas pedreiras de Folsom, juntamente com os pobres malandros de terceira classe nascidos nas favelas que foram capturados em sua primeira travessura e nunca tiveram uma oportunidade decente desde então. É disso que eu gostaria. Mas você e eu já vivemos o bastante para ter esperança de que uma coisa assim aconteça. Não nesta cidade, não em qualquer cidade com a metade do tamanho desta, em qualquer parte destes Estados Unidos amplos, verdes e belos. Simplesmente não é assim que o país funciona.

Eu não disse nada. Ele soltou fumaça pelos cantos da boca com um movimento de recuo súbito da cabeça, olhou para o bocal de seu cachimbo e prosseguiu:

— Mas isso não significa que eu acredite que foi Eddie Mars que empacotou Regan ou que tivesse alguma razão para isso ou mesmo que fosse mandar matá-lo caso tivesse alguma razão. Eu só pensei que talvez ele soubesse alguma coisa sobre o que de fato aconteceu e que talvez, mais cedo ou mais tarde, alguma coisa se arrastasse para a luz. Esconder sua esposa em Realito foi uma coisa infantil, mas é o tipo de infantilidade que um desses macacos espertos pensa que é esperteza. Ele esteve aqui no meu escritório, na noite passada, depois que o promotor público acabou de lidar com ele. Ele admitiu a coisa inteira. Disse que conhecia Canino como sendo um guarda-costas confiável e era para isso que o contratava. Não sabia nada a respeito de suas atividades particulares e nem queria saber. Não conhecia Harry Jones. Não conhecia Joe Brody. Conhecia Geiger, naturalmente, mas garantia não fazer ideia do tipo de negócio que ele administrava. Acho que você já ouviu tudo isso.

— Sim.

— Você se portou com muita esperteza lá em Realito, irmão. Não tentou esconder nada. Hoje em dia nós temos um fichário muito bem catalogado de balas não-identificadas. Algum dia você poderia usar esse revólver de novo. Aí você ia ter de se equilibrar em cima de uma barreira virada.

— Eu banquei o esperto — disse eu, olhando-o com uma expressão maliciosa.

Ele esvaziou seu cachimbo e ficou olhando para o forninho vazio com uma expressão soturna.

— O que foi que aconteceu com a garota? — perguntou sem erguer os olhos.

— Não sei. Ela não foi detida. Prestamos depoimento, três vezes completas, primeiro para Wilde, depois para o escritório do xerife e finalmente para o

Departamento de Homicídios. Ela foi solta. Não a vi mais depois disso. Na verdade, não espero vê-la nunca mais.

— Parece uma moça direita, é o que dizem todos. Não é o tipo de garota que se meta nessas jogadas sujas.

— Parece uma moça direita — repeti.

O capitão Gregory suspirou e despenteou seus cabelos grisalhos, daquela tonalidade que chamam de cor de rato.

— Só mais uma coisa — disse ele, quase gentilmente. — Você parece ser um cara legal, mas joga muito pesado. Se você realmente quer ajudar a família Sternwood, saia da vida deles.

— Acho que tem toda a razão, meu capitão.

— Como você se sente?

— Às mil maravilhas — disse eu. — Passei estirado em diversos tapetes a maior parte da noite, levando uns chutes de quebra. Antes disso, fiquei empapado várias vezes na chuva e ainda apanhei. Estou em perfeitas condições.

— Mas que diabo você esperava, irmão?

— Nada mais que isso... — Levantei-me e dei-lhe um sorriso, depois parti para a porta. Quando eu estava quase lá, ele limpou a garganta de repente e disse com uma voz áspera:

— Estive perdendo meu tempo, não foi? Você ainda acha que pode encontrar Regan.

Girei nos calcanhares e fitei-o diretamente nos olhos:

— Não. Não acho que possa encontrar Regan. Nem sequer vou tentar. Está melhor assim?

Ele moveu a cabeça lentamente, em assentimento. Depois, deu de ombros.

— Nem sei por que raios eu falei isso. Boa sorte, Marlowe. Apareça quando quiser.

— Obrigado, capitão.

Desci as escadas, saí da Prefeitura e retirei meu carro do estacionamento; então guiei para casa até o edifício Hobart Arms. Tirei o sobretudo, deitei-me na cama, fiquei olhando para o teto e escutando os ruídos do trânsito que subiam da rua. Olhei a luz do sol mover-se lentamente através de um canto do teto. Tentei dormir, mas o sono não veio. Levantei-me e tomei um drinque, embora ainda fosse a hora errada do dia, deitei-me de novo. Ainda não conseguia dormir. Meu cérebro tiquetaqueava como um despertador. Sentei-me à beira da cama, enchi um cachimbo e falei em voz alta para mim mesmo:

— O diabo daquele urubu velho sabe de alguma coisa.

O cachimbo estava com um gosto tão amargo como água de barreira. Coloquei de lado e deitei-me de novo. Minha mente deslizou de permeio a vastas ondas de memórias falsas, em que eu parecia fazer a mesma coisa vezes sem conta, ia aos mesmos lugares, encontrava as mesmas pessoas, repetia-lhes as

mesmas palavras, repetia de novo e mais uma vez; e todavia, de cada vez parecia real, como alguma coisa que de fato estivesse acontecendo e ocorrendo pela primeira vez. Eu dirigia depressa ao longo da estrada, com Peruca de Prata no assento lateral do carro, mas sem dizer nada, de tal modo que na hora em que chegávamos a Los Angeles, parecíamos ser novamente completos estranhos. Eu estava saindo do carro frente a uma drogaria que ficava aberta a noite inteira e telefonava a Bernie Ohls, dizendo que tinha matado um homem em Realito e estava a caminho da casa de Wilde com a esposa de Eddie Mars, que era testemunha do assassinato. Depois eu estava guiando o carro com dificuldade através das ruas silenciosas e polidas pela chuva até Lafayette Park e entrava por baixo do grande portão coberto do imenso casarão de madeira de Wilde e as luzes do pórtico já estavam acesas, porque Ohls havia telefonado primeiro avisando de minha chegada. Eu estava no escritório de Wilde e ele se achava por trás de sua escrivaninha usando um robe de motivos florais, uma expressão dura e severa no rosto e um charuto sarapintado que se movia em seus dedos até atingir o sorriso amargo que estava em seus lábios. Ohls estava lá e também um homem magro e grisalho do escritório do Xerife, que parecia muito instruído e falava mais como um professor de economia do que um policial. Eu estava contando a história e eles estavam escutando placidamente, e Peruca de Prata estava sentada a um canto escuro, com as mãos cruzadas no colo, sem olhar para ninguém. Quando o telefone não estava tocando, alguém estava chamando para fora. Havia dois homens do Departamento de Homicídios que me olhavam como se eu fosse algum tipo estranho de besta que tinha escapado de um circo recém-chegado à cidade. Eu estava dirigindo de novo, com um deles a meu lado, até o Fulwider Building. Estávamos lá na saleta onde Harry Jones ainda se sentava na cadeira por trás da escrivaninha, com a mesma dureza retorcida em seu rosto morto e o mesmo cheiro agridoce no ar. Havia um médico legista, muito jovem e corpulento, com cabelos vermelhos crescendo no pescoço. Havia um datiloscopista remexendo por toda parte e eu lhe dizia que não esquecesse a alavanca que movia a bandeirola da porta. (Ele encontrou uma digital do polegar de Canino bem ali, aliás a única digital que o homem de marrom tinha deixado para provar minha história.)

Eu estava de novo em casa de Wilde, assinando um depoimento datilografado que sua secretária tinha preparado na sala ao lado. Então a porta se abriu e entrou Eddie Mars e um sorriso abrupto surgiu em seu rosto quando ele viu Peruca de Prata e lhe disse “Alô, doçura!”, embora ela não lhe respondesse nem olhasse para ele. Eddie Mars parecia descansado e alegre, usando um terno de rua escuro, com uma manta branca e franjada pendurada por cima dos ombros de seu sobretudo de *tweed*. Então eles tinham sumido, todo mundo tinha saído do salão, exceto Wilde e eu mesmo, e Wilde me dizia em uma voz fria e

zangada: “Esta é a última vez, Marlowe. Aproxima que você aprontar, vou jogá-lo para os leões, mesmo que tenha de partir o coração de alguém.”

A coisa continuou assim, vezes sem conta, comigo deitado na cama e olhando para a faixa de luz deslizando pelo canto da parede. Então o telefone tocou e era Norris, o mordomo dos Sternwood, com sua voz inatingível de sempre.

— Sr. Marlowe? Telefonei pra seu escritório sem sucesso, assim tomei a liberdade de contatá-lo em sua própria casa.

— Estive fora a maior parte da noite — respondi. — Nem tive tempo de ir ao escritório.

— Sim, senhor. O general gostaria de vê-lo esta manhã, sr. Marlowe, se lhe for conveniente.

— Daqui a uma meia hora. Como ele está?

— Está de cama, senhor. Mas não está passando muito mal.

— Só quero ver depois que ele falar comigo — disse eu, desligando.

Fiz a barba, troquei de roupa e saí em direção à porta. Então voltei, peguei o revolverzinho de Carmen, com sua coroa de madrepérola, pondo-o dentro de um bolso. A luz do sol estava tão brilhante que parecia dançar. Cheguei à mansão dos Sternwood em vinte minutos e guiei o carro até colocá-lo sob o arco da porta lateral. Eram onze e quinze. Os pássaros pousados nas árvores ornamentais cantavam loucamente após a chuva, os gramados dos terraplenos estavam tão verdes como a bandeira irlandesa e a propriedade inteira parecia ter sido fabricada dez minutos antes. Toquei a campainha. Fazia cinco dias desde que a tocara pela primeira vez. Parecia mais um ano.

Desta vez foi uma criada que abriu a porta e me conduziu através do labirinto de peças amplas, seguindo por um corredor lateral e me abandonando no saguão de entrada, dizendo que o sr. Norris desceria em um momento. O enorme vestibulo parecia não ter mudado em nada. O retrato sobre a lareira tinha os mesmos olhos negros e ardentes e o cavaleiro na janela de vidro colorido ainda não tinha conseguido desatar a donzela desnuda da árvore em que se achava presa.

Depois de alguns minutos, Norris apareceu e também não aparentava a menor mudança. Seus ácidos olhos azuis eram tão remotos como antes, sua pele rosa-acinzentada parecia saudável e descansada e ele se movia como se tivesse vinte anos menos que sua idade real. Era eu que estava sentindo o peso dos anos.

Subimos pela escadaria ladrilhada e viramos na direção oposta ao quarto de Vivian. A cada passo a casa parecia ficar maior e mais silenciosa. Chegamos a uma portalada velha e maciça, que dava a impressão de ter pertencido a uma igreja. Norris abriu-a silenciosamente e olhou para dentro. Então deu um passo para o lado e eu atravessei o que parecia ser uns quatrocentos metros de carpete

até uma imensa cama de dossel, igual àquela em que morreu o rei Henrique VIII da Inglaterra.

O general Sternwood estava sentado na cama, apoiado em uma bateria de travesseiros. Suas mãos exangues estavam cruzadas por cima do lençol. Pareciam acinzentadas contra o branco do tecido. Seus olhos negros ainda estavam cheios do espírito de luta, mas o resto de seu rosto ainda parecia o rosto de um cadáver.

— Sente-se, sr. Marlowe — sua voz parecia cansada e um pouco emperrada.

Puxei uma cadeira para perto dele e sentei-me. Todas as janelas estavam fechadas e trancadas. Mesmo àquela hora do dia, não entrava uma réstia de sol. Havia toldos que cortavam qualquer reverbero que pudesse brotar do céu. O ar tinha o odor levemente adocicado da velhice.

Ele me contemplou silenciosamente por um longo espaço de tempo. Moveu uma das mãos, tal como se fosse para provar a si mesmo que ainda era capaz de movimentá-la. Depois deixou-a cair novamente sobre a outra. Disse em uma voz totalmente sem vida:

— Eu não lhe pedi para procurar meu genro, sr. Marlowe.

— Todavia, era o que o senhor queria.

— Eu não lhe pedi. O senhor presume muitas coisas. Em geral eu peço exatamente o que quero.

Depois dessa, não respondi mais nada.

— O senhor já foi pago — ele prosseguiu friamente. — O dinheiro não tem a menor importância. Somente acredito que o senhor, sem dúvida sem intenção, traiu minha confiança.

Parou de falar e fechou os olhos. Eu disse:

— Era só isso que o senhor queria me dizer?

Ele abriu os olhos de novo, muito lentamente, como se as pálpebras fossem feitas de chumbo.

— Suponho que tenha ficado zangado com essa observação — asseverou.

Sacudi a cabeça.

— O senhor tem uma vantagem sobre mim, general. É uma vantagem que eu não pensaria em tirar-lhe, nem por sonhos. Não é muita coisa, considerando tudo o mais que tem de suportar. O senhor pode dizer qualquer coisa que quiser para mim e eu nem vou pensar em me zangar. Gostaria de me oferecer para devolver-lhe o dinheiro. Pode não ter a menor importância para o senhor. Mas para mim significa alguma coisa.

— E o que significa para o senhor?

— Significa que eu recusei pagamento por uma tarefa insatisfatória. Isso é tudo.

— Você realiza muitas tarefas insatisfatórias?



— Algumas. Todo mundo erra.

— Por que você foi ver o capitão Gregory?

Reclinei-me e passei um braço sobre o encosto da cadeira. Estudei seu rosto. Sua expressão não me disse nada. Eu não sabia a resposta para sua pergunta — nenhuma resposta satisfatória, pelo menos. Então, eu disse:

— Eu estava convencido de que o senhor me entregou aquelas promissórias de Geiger especificamente como um teste e que tinha um certo medo de que Regan estivesse de algum modo envolvido em uma tentativa para chantageá-lo. Na época, eu não sabia nada a respeito de Regan. Foi somente depois que conversei com o capitão Gregory que percebi que, com toda a probabilidade, Regan não era esse tipo de homem.

— O senhor não respondeu a minha pergunta.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Não. Mal comecei a responder sua pergunta. Acho que não quero admitir que agi com base em um palpite. Na manhã em que estive aqui, depois de deixá-lo no orquidário, a sra. Regan mandou me chamar. Parecia ter certeza de que eu tinha sido contratado para procurar o marido dela e aparentemente ela não estava gostando da ideia. Durante a conversa, entretanto, ela soltou a informação de que “eles” tinham encontrado o carro de Regan em uma determinada garagem. “Eles” só podia ser a polícia. Consequentemente, a polícia deveria saber alguma coisa a respeito do assunto. Se eles soubessem, o Departamento de Pessoas Desaparecidas seria o local mais adequado para tratar do caso. Eu não sabia, naturalmente, se o senhor tinha feito a denúncia, ou qualquer outra pessoa; ou se eles simplesmente haviam encontrado o carro porque alguém relatou que estava abandonado em qualquer garagem. Mas acontece que eu conheço bem os tiras: se eles tivessem obtido apenas aquela informação, eles iam conseguir um pouco mais — especialmente porque seu chofer parecia estar fichado na polícia. Eu não sabia quanto mais eles poderiam conseguir. Foi por isso que eu pensei no Departamento de Pessoas Desaparecidas. O que me convenceu foi alguma coisa nas maneiras do sr. Wilde na noite em que tivemos a conferência em sua casa sobre Geiger e companhia. Ficamos sozinhos por um momento e ele me perguntou se o senhor tinha me contado que estava em busca de Regan. Eu disse que o senhor tinha somente dito que gostaria de saber onde ele estava e se estava bem. Wilde repuxou o lábio e me pareceu meio gozado. Eu sabia tão claramente como se ele tivesse posto isso em palavras que, ao dizer “em busca de Regan”, o que ele queria saber era se o senhor tinha acionado a máquina da lei para procurá-lo. Mesmo então eu tentei abordar o capitão Gregory de tal maneira que não lhe dissesse coisa alguma que já não fosse de seu conhecimento prévio.

— E o senhor permitiu ao capitão Gregory ficar pensando que eu o tinha contratado para encontrar Rusty?

— Sim, acho que deixei que ele pensasse isso — depois de ter certeza de que ele já tinha o caso em suas mãos.

Ele fechou os olhos. As pálpebras tremeram um pouco. Ele retomou a palavra com os olhos fechados:

— E o senhor considera ético o seu procedimento?

— Sim, senhor — disse eu. — Considero.

Os olhos se abriram novamente. O negror perfurante que provinha deles era espantoso, por surgir repentinamente daquela face morta.

— Talvez eu não esteja entendendo — disse ele.

— Talvez não. O chefe de um Departamento de Pessoas Desaparecidas não costuma ser um falastrão. Não teria chegado àquela posição se o fosse. Este é um camarada ardiloso e muito esperto que tenta, com bastante sucesso a princípio, dar a impressão de que é um picareta de meia-idade completamente saturado de seu emprego. Olhe, o jogo em que estou não é pega-varetas. Sempre existe um importante elemento de blefe envolvido. Seja lá o que for que eu diga a um tira, ele vai dar um desconto. E para *aquele tira em particular* não ia fazer a menor diferença o que eu dissesse. Quando você contrata um camarada em minha linha de trabalho, não é a mesma coisa que contratar um lavador de janelas e mostrar-lhe oito janelas com a instrução: “Lave essas oito janelas e seu trabalho terminou”. *O senhor* não faz a menor ideia das coisas que eu tenho de fazer para completar a tarefa que me confiou. Eu faço da maneira que eu sei. Faço o melhor que posso para proteger o senhor e posso quebrar algumas regras, mas se as quebrar, vai ser em seu favor. O cliente vem primeiro, a não ser que eu descubra que é um patife disfarçado de bom moço. E mesmo assim, a única coisa que faço é devolver-lhe a tarefa e manter a boca fechada. Afinal de contas, o senhor *não me disse* para não ir ver o capitão Gregory.

— Isso teria sido bastante difícil — disse ele, com um leve sorriso.

— Agora me diga, o que foi que eu fiz de errado? Seu criado Norris pareceu pensar que no momento em que Geiger foi eliminado, o caso estava encerrado. Eu não penso assim. O método de abordagem de Geiger me deixou intrigado e continuo intrigado até agora. Não sou Sherlock Holmes nem Philo Vance. Não espero passar sobre o terreno que a polícia já examinou para ver se encontro uma ponta de caneta quebrada que me ajude a resolver o caso inteiro. Se o senhor pensa que existe alguém trabalhando como detetive particular que seja capaz de fazer isso para ganhar a vida, é que não conhece direito o trabalho dos policiais. Eles não deixariam de perceber uma coisa evidente assim, se é que eles deixam de perceber alguma coisa. Não estou dizendo que eles costumem deixar passar as coisas frequentemente, se deixarem que trabalhem à vontade. Mas quando eles perdem alguma coisa, é algo muito mais vago e intangível, como um homem do calibre de Geiger enviando-lhe sua única evidência de uma dívida e esperando que o senhor pague como um cavalheiro. Logo Geiger, um homem

que vive de um macete escuso, em uma posição vulnerável, protegido por um trambiqueiro e tendo pelo menos alguma proteção negativa de parte da polícia. Por que ele faria isso? Porque ele queria descobrir se havia alguma coisa que o estivesse pressionando. Se houvesse, o senhor pagaria. Se não houvesse, o senhor ignoraria a “solicitação” e esperaria para ver se ele havia de atacar novamente. Mas acontece que realmente havia alguma coisa que pressionava o senhor. Era Regan. O senhor tinha medo de que ele não fosse o que aparentava ser, que ele tinha permanecido em sua casa e sido gentil consigo somente o tempo suficiente para descobrir como o fazer uns joguinhos com sua conta bancária.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas eu o interrompi:

— Mesmo nesse momento não era seu dinheiro que o preocupava. Nem ao menos eram suas filhas. O senhor já mais ou menos as largou de mão. O problema é que o senhor ainda é orgulhoso demais para que o façam de otário — e o senhor realmente gosta de Regan.

Houve um silêncio. Então o general falou placidamente:

— Você fala demais, Marlowe. Devo entender que ainda está tentando resolver esse quebra-cabeças?

— Não. Desisti. Já fui avisado. Os rapazes acham que eu brinco muito pesado. Foi por isso que eu achei que deveria trazer-lhe seu dinheiro de volta. Porque, pelos meus próprios padrões, a tarefa não está completa.

Ele sorriu:

— Vai desistir coisíssima nenhuma. Eu lhe pagarei mais mil dólares para encontrar Rusty. Ele não precisa voltar. Eu nem sequer preciso saber onde é que ele está. Um homem tem o direito de viver sua própria vida. Eu não o culpo por deixar minha filha, nem ao menos por ter partido assim tão abruptamente. Provavelmente foi um impulso súbito. O que eu quero saber é se ele está bem, onde quer que esteja. Quero ouvir isso de seus próprios lábios; e, caso esteja precisando de dinheiro, eu quero dar-lhe tudo o que precisar. Estou sendo claro?

— Sim, general — respondi.

Ele descansou por algum tempo, completamente frouxo sobre a cama, seus olhos fechados pelas pálpebras arroxeadas, sua boca apertada e sem sangue. Ele estava exausto. Estava praticamente acabado. Abriu os olhos de novo e tentou sorrir.

— Acho que me transformei em um bode velho e sentimental — disse ele. — Não tenho mais nada de militar. Eu me apeguei àquele rapaz. Parecia ser uma pessoa limpa. Devo ser um pouco vaidoso a respeito de meu julgamento de um caráter. Encontre-o para mim, Marlowe. Apenas encontre.

— Vou tentar — disse eu. — Mas é melhor que descanse um pouco agora. Eu realmente falo demais.

Levantei-me rapidamente e caminhei pelo amplo assoalho até a saída. Seus olhos estavam fechados de novo antes que eu abrisse a porta. Suas mãos estavam

frouxas e sem força sobre o lençol. Ele parecia mais com um morto do que a maioria dos cadáveres. Fechei a porta silenciosamente e retornei pelo corredor do andar de cima até descer a escadaria.

O mordomo apareceu com meu chapéu. Coloquei-o na cabeça e perguntei:

— O que você acha dele?

— Não está tão fraco quanto parece, senhor.

— Se estivesse, estaria pronto para o enterro. O que esse camarada Regan tinha que entrou tão fundo no coração dele?

O mordomo me encarou, mas mesmo assim com uma estranha falta de expressão:

— Juventude, senhor. E um olhar de soldado.

— Como o seu — observei.

— Se me permite dizer, senhor, um olhar não muito diferente do seu.

— Obrigado. E como estão as damas esta manhã?

Ele deu de ombros educadamente.

— Justamente o que pensei — disse eu, enquanto ele me abria a porta.

Fiquei parado nos degraus da frente observando os panoramas sucessivos de gramados em terraços, árvores bem podadas e canteiros de flores, estendendo o olhar até o alto gradil de metal que ficava no extremo dos jardins. Mais ou menos à metade da distância avistei Carmen, sentada em um banco de pedra, com a cabeça entre as mãos, parecendo sozinha e abandonada.

Desci os degraus de tijolos vermelhos que conduziam de terraço a terraço. Eu já estava bem perto antes que ela me escutasse. Saltou e girou como uma gata. Usava as mesmas calças esporte azul-pálido que tinha usado na primeira vez que a vi. Seu cabelo louro era a mesma onda solta de castanho-dourado. Seu rosto estava muito branco. Pontos vermelhos destacavam-se em suas faces enquanto ela me olhava. Seus olhos estavam da cor da ardósia.

— Aborrecida? — indaguei.

Ela sorriu lentamente, de uma forma muito tímida, então fez que sim com a cabeça, bem depressa. Depois falou em um murmúrio:

— Você não está zangado comigo?

— Pensei que era você que estava zangada comigo.

Ela virou o polegar para cima e disse:

— Eu não.

Mas aí ela deu uma risadinha e eu já não gostei mais dela. Olhei em volta. Havia um alvo pendurado em uma árvore a mais ou menos uns dez metros de distância. Alguns dardos estavam cravados nele. Havia mais três ou quatro no banco de pedra ao lado do lugar em que ela estivera sentada.

— Para gente com tanto dinheiro, parece que você e sua irmã não se divertem muito.

Ela me olhou por baixo das imensas pestanas. Este era o olhar destinado a me fazer cair no chão, rolar de costas e mostrar a barriguinha. Então eu disse:

— Você gosta de jogar dardos?

— Hum-hum.

— Isso me faz recordar de uma coisa.

Olhei de volta para a casa. Caminhei um pouco menos de um metro e coloquei uma árvore entre eu e as janelas. Retirei seu pequeno revólver de cabo de madreperola de meu bolso.

— Trouxe sua artilharia de volta. Limpei bem e recarreguei. Mas escute o meu conselho: não saia por aí atirando nas pessoas de novo, a não ser que melhore sua pontaria. Não vai esquecer?

Seu rosto empalideceu e seu polegar fino caiu. Ela olhou para mim e depois para o revólver que eu ainda estava segurando. Havia uma fascinação em seus olhos.

— Sim — disse ela, movendo firmemente a cabeça em afirmativa. E acrescentou subitamente: — Ensine-me a atirar.

— Ahn?

— Ensine-me a atirar. Eu quero aprender.

— Aqui? Mas é contra a lei.

Ela se aproximou e pegou o revólver, enroscando a palma da mão ao redor da coronha. Então ela o enfiou rapidamente dentro das calças esporte, com um movimento quase furtivo, e olhou ao redor.

— Eu sei onde — disse com uma voz de quem conta um segredo. — Lá embaixo, perto dos poços velhos. Vamos lá, me ensina — disse, apontando para um lugar no sopé da colina.

Olhei para seus olhos azul-ardósia. Estavam tão sem expressão que eu poderia estar olhando para um par de tampinhas de garrafa.

— Tudo bem. Mas deixe que eu levo o revólver até ter certeza de que o lugar é bom.

Ela sorriu e fez beicinho. Então entregou o revólver de volta, com um ar secreto e malicioso, como se estivesse me entregando a chave de seu quarto. Subimos os degraus e fomos até meu carro. Os jardins pareciam desertos. A luz do sol era tão vazia como o sorriso de um gerente de restaurante. Entramos no carro e eu fui dirigindo pela entrada de carros afundada entre os terraplenos até desembocar e sair pelos portões.

— Onde está Vivian? — perguntei.

— Ainda não se levantou — disse ela, com uma risadinha.

Desci a ladeira pelo meio das ruas tranquilas e opulentas, as casas de fachadas lavadas pela chuva, dobrei a leste em direção de La Brea e depois para

o sul. Chegamos ao lugar que ela mencionara em mais ou menos dez minutos.

— Ali — disse ela, inclinando-se para fora da janela e apontando.

Era uma estrada estreita de terra, não muito mais que uma trilha, como a entrada para algum rancho perdido na serra. Uma porteira larga de madeira estava encostada contra o que restava de um tronco de árvore e parecia não ter sido fechada há muitos anos. A estrada era ladeada por altos eucaliptos e percorrida por sulcos fundos. Tinha sido usada por caminhões. Estava vazia e ensolarada agora, mas ainda não fazia poeira. A chuva tinha sido muito forte e caíra há pouco. Segui ao longo dos sulcos e o barulho do trânsito na cidade vizinha foi curiosa e rapidamente enfraquecendo, como se estivéssemos no campo e a cidade ficasse bem longe, perdida em uma terra de sonhos. Então a trave imóvel e suja de petróleo do balancim de uma torre de perfuração de madeira que não era muito alta surgiu por trás de um galho de eucalipto. Apareceu um velho cabo de aço enferrujado que interligava este balancim com meia dúzia de outros. Os balancins estavam imóveis, provavelmente nem balançavam há mais de ano. Os poços não estavam mais produzindo petróleo. Havia uma pilha de canos de ferro, longos e enferrujados, uma plataforma de carga e descarga, uma das pontas da qual havia meio que desabado e pendia torta, e meia dúzia de barris de óleo vazios, empilhados de qualquer jeito. Havia a água estagnada e recoberta de óleo podre de um velho poço de drenagem, que lançava um brilho iridescente à luz do sol.

— Eles vão transformar tudo isto em um parque também? — perguntei.

Ela baixou a ponta do queixo em minha direção e seus olhos brilharam.

— Já é mais do que tempo. O cheiro daquele coletor de óleo é suficiente para envenenar um rebanho de cabras. Foi neste lugar que você pensou?

— Hum-hum. Gosta daqui?

— É lindo.

Estacionei ao lado da plataforma de carregamento. Saímos do carro. Escutei. O murmúrio do trânsito era uma teia de som longínqua, como o zumbido de uma colmeia. O lugar era tão solitário como um cemitério. Mesmo depois da chuva prolongada, os altos eucaliptos ainda pareciam empoeirados. Tudo bem, eucaliptos sempre parecem empoeirados. Um galho quebrado pelo vento havia caído sobre a beirada do poço coletor de resíduos de óleo e as folhas chatas que pareciam feitas de couro dançavam na superfície da água da chuva.

Caminhei ao redor do poço e olhei para dentro da casa das máquinas. Havia algum lixo dentro dela, nada que indicasse atividade recente. Do lado exterior, uma enorme roda denteada feita de madeira estava apoiada em diagonal contra a parede. Parecia realmente um bom lugar.

Voltei ao carro. A garota estava ao lado dele, separando as mechas de cabelo e esticando-as à luz do sol.

— Me dá — disse ela, esticando a mão.

Tirei o revólver do bolso e coloquei sobre sua palma. Inclinei-me e apanhei do chão uma lata enferrujada.

— Vá com calma agora — disse eu. — Está com as cinco câmaras carregadas. Vou até ali adiante colocar esta lata em pé para servir de alvo, dentro daquela abertura quadrada bem no meio daquela roda grande de madeira. Está vendo? — apontei. Ela abaixou a cabeça em concordância, parecia estar se divertindo à grande. — São mais ou menos dez metros. Não comece a atirar até que eu esteja de novo a seu lado. Ok?

— Ok — disse ela, com uma risadinha.

Fiz de novo a volta ao redor do poço e coloquei a lata bem no meio do encaixe da roda denteada. Era um ótimo alvo. Se ela errasse a lata, o que provavelmente aconteceria, tinha uma boa chance de acertar na roda. Esta atacaria perfeitamente uma bala pequena. Só que ela não ia acertar nem a roda.

Retornei para o lado dela rodeando o poço. Quando estava a mais ou menos três metros dela, na beirada do poço, ela me mostrou todos os seus dentinhos aguçados, ergueu o revólver e começou a silvar.

Parei onde estava, a água do poço estagnada e cheirando mal às minhas costas.

— Fique parado onde está, seu filho de uma cadela! — gritou.

O revólver estava apontado para meu peito. Sua mão parecia muito firme. O silvo tornou-se mais alto, transformou-se em um chiado e seu rosto tinha aquele aspecto de osso raspado. Parecia velho e deteriorado, um rosto de animal selvagem, um animal muito feroz.

Soltei uma gargalhada. Comecei a caminhar em sua direção. Vi quando seu dedinho se enroscou no gatilho e ficou com a ponta branca. Estava a mais ou menos um metro e oitenta de distância dela, quando a miserável começou a atirar.

O estampido do revólver foi como uma bofetada seca, incorpórea, apenas um estalo quebradiço à luz do sol. Não saiu nenhuma fumaça. Parei de novo, com um largo sorriso no rosto.

Ela atirou mais três vezes, em rápida sucessão. Acredito que nenhum dos tiros poderia ter errado o alvo. O revólver era de cinco tiros. Ela tinha disparado quatro vezes. Avancei contra ela. Não queria que o último explodisse em meu rosto, e assim, girei para o lado. Ela atirou em mim com todo o cuidado, sem a menor preocupação. Acho que até senti o bafo quente da pólvora. Endireitei o corpo.

— Minha nossa, você é mesmo uma gracinha! — comentei.

A mão que segurava o revólver vazio começou a tremer violentamente. O revólver caiu no chão. Sua boca começou a tremer. Seu rosto inteiro pareceu partir-se em pedaços. Então sua cabeça contorceu-se violentamente na direção



do ombro esquerdo e a baba começou a escorrer de seus lábios. Sua respiração transformou-se em um gemido. Ela começou a balançar em pé.

Agarrei-a antes que caísse. Já estava inconsciente. Abri-lhe os dentes à força com ambas as mãos e enfiei um lenço dobrado entre eles. Precisei usar de toda a minha força. Ergui-a e coloquei-a dentro do carro, então voltei, peguei o revólver e coloquei-o dentro do bolso. Entrei pelo lado do motorista, espirei o corpo por trás do volante, dei marcha a ré e depois manobrei, voltei pelo caminho que me levava até ali ao longo da estrada cheia de sulcos, saí pela porteira escancarada, subi a ladeira e levei-a para casa.

Carmen estava enroscada no canto oposto do banco dianteiro, totalmente imóvel. Já estava na metade do caminho que conduzia à casa quando ela começou a se mover. Então seus olhos se arregalaram de repente, com uma expressão selvagem de terror. Ela sentou-se no banco.

— O que aconteceu? — disse com um meio soluço.

— Nada. Por quê?

— Ah, sim, aconteceu — disse ela, com uma risadinha. — Molhei as calcinhas.

— Isso acontece... — disse eu.

Ela me olhou com um súbito olhar de dúvida doentia e começou a gemer.

A empregada de olhos gentis e cara de cavalo conduziu-me até a sala de estar comprida, cinzenta e branca no andar superior, com as cortinas de marfim embotadas extravagantemente sobre o assoalho e o tapete branco que ia de parede a parede. O *boudoir* de uma estrela de cinema, um lugar de encanto e sedução, mais artificial que uma perna de pau. Quando entrei, também estava vazio. A porta se fechou por trás de mim com a maciez pouco natural de uma porta de quarto de hospital. Uma mesa de café sobre rodinhas estava ao lado de uma *chaise-longue*. A prata do aparelho reluzia. Havia cinzas de cigarro na xícara de café vazia. Sentei-me e esperei.

Um longo tempo pareceu passar antes que a porta se abrisse de novo e Vivian entrasse. Usava um pijama cinza-claro com uma gola de pele branca, num modelo solto e flutuante como o mar que no verão forma espumas na praia de alguma pequena ilha particular.

Ela cruzou por mim em passadas longas e uniformes e sentou-se na beirada da *chaise-longue*. Trazia um cigarro nos lábios, preso ao canto da boca. Dessa vez suas unhas estavam pintadas de um vermelho acobreado desde a ponta até a cutícula, sem mostrar as meias-luas.

— Quer dizer que, tudo considerado, você não passa de um bruto — disse em voz baixa, fitando-me diretamente nos olhos. — Um malvado sem a menor piedade. Você matou um homem à noite passada. Nem tente descobrir como foi que eu soube. Fiquei sabendo. E agora você vem se meter aqui e deixa minha irmã caçula tão apavorada que ela tem um ataque.

Não respondi uma palavra. Ela começou a ficar irrequieta. Levantou-se e foi sentar em uma poltrona, onde recostou a cabeça contra uma almofada branca que estava presa junto à cadeira apoiada à parede. Assoprou no ar uma fumaça cinzenta e pálida que foi subindo lentamente e contemplou enquanto ela flutuava até o teto e se desmanchava em fiapos que por algum tempo eram visíveis contra o ar, mas logo depois se derretiam e desfaziam em nada. Então, muito lentamente, ela baixou o olhar e contemplou-me com uma dureza fria.

— Não consigo entendê-lo — disse ela. — Estou extremamente grata que um de nós tenha conservado a cabeça na noite de anteontem. Já é bastante ruim ter um traficante de bebidas em meu passado. Pelo amor de Deus, por que você não diz alguma coisa?

— Como ela está?

— Oh, está muito bem, suponho eu. Ferrada no sono. Ela sempre dorme depois dos acessos. O que foi que você fez com ela?

— Absolutamente nada. Saí da casa depois de me entrevistar com seu pai e ela estava sentada no jardim. Estava atirando dardos contra um alvo pregado em uma árvore. Fui até lá conversar com ela, porque eu tinha um objeto que lhe pertencia. Um revolverzinho que Owen Taylor lhe deu de presente. Ela levou o brinquedinho até o apartamento de Brody na outra noite, a noite em que ele foi morto. Tive que tirá-lo dela à força. Eu não contei isso à polícia, assim, provavelmente você não sabia de nada a respeito.

Os olhos negros dos Sternwood cresceram e se esvaziaram. Foi a vez dela de não dizer nada.

— Ela ficou muito contente de receber a arminha de volta e me pediu que a ensinasse a atirar com ela e aí queria me mostrar os velhos poços de petróleo que ficam lá no fim do morro, o lugar onde sua família ganhou uma parte de seu dinheiro. Assim, descemos até lá e o lugar era bastante assustador, com todo aquele metal enferrujando e a madeira velha apodrecendo e os poços de petróleo imóveis e silenciosos e o poço de drenagem cheio de água apodrecida e oleosa. Talvez tenha sido isso que a perturbou. Você já deve ter estado lá também. É um tanto fantasmagórico.

— Sim... é, sim — disse ela com uma vozinha meio sufocada.

— Assim, nós fomos até lá e eu coloquei uma lata velha no encaixe de uma roda dentada para servir de alvo. Aí ela teve um chique. A mim me pareceu um pequeno ataque epiléptico.

— Sim — com a mesma voz diminuta. — Ela tem ataques epilépticos de vez em quando. Era só isso que você queria me contar?

— Acho que você ainda não quer me contar o que Eddie Mars tem contra você.

— Ele não tem nada em absoluto. Estou ficando um pouco cansada desta pergunta — disse ela friamente.

— Você conhece um homem chamado Canino?

Ela uniu as belas sobrancelhas negras em um esforço para lembrar.

— Vagamente. Parece que me lembro de ouvir o nome.

— Era o pistoleiro de Eddie Mars. Um cara da pesada, segundo diziam. Acho que era. Se não tivesse tido uma ajuda de uma certa dama era eu que estava no lugar em que ele se acha agora — no necrotério.

— As damas parecem... — ela se interrompeu de repente e sua face empalideceu. — Não posso brincar a respeito disso — falou com simplicidade.

— Eu não estou brincando; e se por acaso pareço estar andando em círculos, é só aparência. Tudo está ligado de uma forma ou de outra — tudo. Geiger e seus truquezinhos e chantagens. Brody e seus retratinhos. Eddie Mars e suas mesinhas de roleta. Canino e a garota com quem Rusty Regan acabou não fugindo. Tudo está ligado e muito bem ligado.

— Acho que não sei nem do que você está falando.

— Pois vamos supor que saiba. Seria alguma coisa muito parecida com isto: Geiger cravou as garras em sua irmã caçula, o que não é muito difícil; conseguiu que ela assinasse algumas promissórias e tentou chantagear seu pai com elas, da forma mais educada possível. Eddie Mars estava por trás de Geiger, dando proteção enquanto o manipulava. Seu pai mandou me chamar em vez de pagar a chantagem. Isto mostrava que ele, pelo menos, não estava com medo de nada. O que Eddie Mars queria saber era isto. Ele tinha alguma coisa contra você e queria descobrir se isso valia para o general também. Se valesse, poderia conseguir um bom dinheiro bem depressa. Se não, teria de esperar até que você recebesse sua parte na fortuna da família; enquanto isso, teria de se satisfazer com qualquer dinheiro avulso que pudesse tirar de você na mesa da roleta. Geiger foi morto por Owen Taylor, que estava apaixonado pela tolinha de sua irmã mais moça e não gostava dos joguinhos que Geiger inventava para brincar com ela. Isso não representava nada para Eddie. O jogo dele era muito mais importante do que Geiger suspeitava ou do que Brody conseguiu adivinhar. Só quem sabia a respeito eram você mesma, Eddie e um cara durão chamado Canino. Seu marido desapareceu e Eddie, sabendo que todo mundo desconfiava de que havia um grande ressentimento entre ele mesmo e Rusty Regan, escondeu sua esposa em Realito e deixou Canino para guardá-la, de tal modo que parecesse que ela tinha fugido com Regan. Ele até mandou colocar o automóvel de Regan na garagem do condomínio onde Mona Mars estava morando. Mas tudo isso parece meio bobo, se for considerado somente uma tentativa para afastar as suspeitas de que Eddie tivesse matado seu marido ou mandado alguém fazer o serviço. Só que, na realidade, não era uma coisa assim tão boba. Ele tinha outro motivo. Estava jogando para ganhar um milhão de dólares ou coisa assim. Ele sabia exatamente onde Regan estava e por que estava lá e não queria que a polícia descobrisse. Ele queria que a polícia tivesse uma boa explicação do desaparecimento, uma explicação que os mantivesse satisfeitos. Por acaso estou aborrecendo a senhora com toda esta conversa?

— Você me cansa — disse ela, com uma voz morta e exausta. — Deus, como você me cansa!

— Sinto muito. Acontece que agora não estou somente me virando por aí, tentando mostrar que sou esperto. Esta manhã seu pai me ofereceu mil dólares para encontrar Regan. Para mim é um bocado de dinheiro, mas não vou conseguir.

Sua boca se escancarou. Subitamente, sua respiração ficou forçada e áspera.

— Dê-me um cigarro — disse ela, com a língua pesada. — Por quê? — a pulsação em sua garganta começou a latejar.

Dei-lhe o cigarro, risquei um fósforo e segurei-o até que ela o acendeu. Ela tragou a fumaça até encher os pulmões e soltou-a em baforadas curtas; então o

cigarro pareceu esquecido entre seus dedos. Ela não tragou mais nenhuma vez.

— Bem, o Departamento de Pessoas Desaparecidas não consegue encontrá-lo — disse eu. — Não é assim tão fácil. O que eles não conseguiram, provavelmente eu também não vou conseguir.

— Oh! — havia um toque de alívio em sua voz.

— Naturalmente, esta é apenas uma das razões. O pessoal do Departamento de Pessoas Desaparecidas acha que ele simplesmente desapareceu de propósito, “puxou a cortina”, como eles dizem. Eles não acham que Eddie Mars tenha liquidado com ele.

— Quem foi que disse que alguém liquidou com ele?

— Calma, calma, estamos chegando lá — disse eu.

Por um breve instante, seu rosto pareceu fazer-se em pedaços, tornar-se somente um conjunto de feições sem formato ou controle. Sua boca parecia o prelúdio de um grito. Mas foi somente por um instante. O sangue dos Sternwood tinha de ser bom para mais alguma coisa além de seus olhos negros e sua falta de juízo.

Levantei-me e tirei o cigarro fumegante dentre seus dedos e esmaguei-o no fundo de um cinzeiro. Então peguei o revolverzinho de Carmen de meu bolso e coloquei-o cuidadosamente, com um cuidado exagerado, sobre seu joelho coberto de cetim branco. Deixei-o equilibrado ali e recuei alguns passos com minha cabeça meio de lado, como um vitrinista que está tentando ver o efeito de uma nova posição da manta ao redor do pescoço de um manequim.

Sentei-me de novo. Ela nem se moveu. Seus olhos foram descendo milímetro após milímetro até pousarem no revólver.

— É inofensivo — disse eu. — Todas as cinco câmaras estão vazias. Ela disparou todas as balas. O alvo fui eu.

A pulsação saltou selvagememente em sua garganta. Sua voz tentou dizer alguma coisa e não conseguiu. Ela engoliu em seco.

— De uma distância de um metro e meio, um metro e oitenta, mais ou menos — continuei. — Ela é uma gracinha, não é? Foi uma pena que eu tivesse carregado o revólver com festim. — Mostrei-lhe um sorriso desagradável. — Sabe como é, eu tive um palpite sobre o que ela poderia fazer, no caso de ter uma oportunidade.

Ela trouxe sua voz de volta do lugar em que se encontrava, percorrendo um longo caminho.

— Você é um homem horrível — disse ela. — Horrível!...

— Sim. E você é a irmã mais velha dela. O que pretende fazer a respeito?

— Você não pode provar uma só palavra.

— Não posso provar o quê?

— Que ela atirou em você. Você mesmo disse que estive lá embaixo entre os poços sozinho com ela. Não pode provar uma palavra do que disse.

— Ora, isso!... Eu nem estava pretendendo tentar. Estava pensando em outra ocasião — quando os cartuchos do revolverzinho tinham balas de verdade.

Seus olhos eram poços de escuridão, muito mais vazios que a escuridão.

— Eu estava pensando era no dia em que Regan desapareceu — disse eu. — No fim da tarde. Quando ele a levou até aqueles poços de petróleo velhos para ensiná-la a atirar e colocou uma lata velha em algum lugar e disse a ela que a alvejasse, enquanto ficava parado perto dela para ver como atirava. Só que ela não atirou na lata. Ela virou o revólver e acertou nele, justamente da maneira como tentou me alvejar hoje — e pela mesma razão.

Ela se moveu um pouco e o revólver deslizou para fora de seu joelho e caiu no chão. Pareceu um dos ruídos mais altos que jamais ouvi. Seus olhos estavam cravados em meu rosto. Sua voz era um sussurro torturado de agonia.

— Carmen!... Deus misericordioso, Carmen!... Porquê?

— Será que eu realmente preciso lhe contar por que foi que ela atirou em mim?

— Sim — seus olhos ainda estavam terríveis. — Sim... acho que você precisa.

— Na noite de anteontem, quando eu finalmente cheguei em casa, ela estava em meu apartamento. Ela tinha enrolado o síndico para que ele a deixasse entrar e esperar por mim. Estava deitada em minha cama — completamente nua. Eu praticamente tive de jogá-la na rua. Acho que talvez Regan tenha feito a mesma coisa com ela. Mas esse tipo de coisa não se faz com Carmen.

Ela esticou os lábios e fez uma tentativa malsucedida de lambê-los. Por um instante, pareceu uma meninazinha assustada. As linhas de suas faces tornaram-se mais fundas e sua mão ergueu-se lentamente como uma mão artificial manejada por fios de arames; seus dedos enroscaram-se devagar, como se estivessem duros, na pele branca da gola do pijama, e puxaram-na com força contra sua garganta. Depois disso, ela somente ficou parada ali, me olhando.

— Dinheiro... — sua voz era um grasnido. — Suponho que você queira dinheiro.

— Quanto dinheiro? — tentei manter o desprezo fora de minha voz.

— Quinze mil dólares?

— Acho que estaria muito bem — fiz um movimento de concordância com a cabeça. — Essa seria a taxa estabelecida. Era isso que ele trazia no bolso quando ela atirou nele. Foi isso que o sr. Canino recebeu para dispor do cadáver, quando você foi pedir o auxílio de Eddie Mars. Mas isso é só um troco comparado com o que Eddie espera receber qualquer dia desses, não é verdade?

— Seu filho de uma cadela! — gritou ela.

— Ah, sou. Sou um cara muito esperto. Não tenho o menor sentimento, o menor escrúpulo neste mundo. Tudo o que tenho é comichão por dinheiro. Sou tão louco por dinheiro, que por vinte e cinco mangos por dia, mais as despesas,

que são principalmente gasolina e uísque, eu fico pensando sozinho, com a pouca inteligência que tenho; arrisco todo o meu futuro, o ódio dos tiras, além de comprar briga com Eddie Mars e seus camaradas. Fico me desviando de balas e levo porretadas e ainda digo muito obrigado. Se tiver algum outro problema, espero que pense em mim. Vou deixar um de meus cartões no caso de aparecer alguma coisa. Faço tudo isso por apenas vinte e cinco dólares por dia — talvez um pouquinho para proteger o resto de orgulho que um velho quebrado e doente ainda tem de seu sangue, para que ele pense que seu sangue não é veneno, e que, embora suas duas garotinhas sejam um pouco sapecas, como muitas garotas decentes são hoje em dia, elas não são pervertidas, nem muito menos assassinas. É isso que me torna um filho de uma cadela. Tudo bem. Não dou a mínima para isso. Pessoas de todos os formatos e tamanhos já me chamaram disso, inclusive sua irmã caçula. Ela me chamou de coisa muito pior, porque eu não quis ir para a cama com ela. Recebi quinhentos dólares de seu pai, mas não foi isso que cobrei, só que ele pode perfeitamente se dar ao luxo de pagar mais do que eu peço. Posso receber mais mil dólares se encontrar o sr. Rusty Regan, se é que ele pode ser encontrado. Agora você me oferece quinze mil. Isso me transformaria em um figurão. Com quinze mil dólares, eu poderia comprar uma casa, um carro novo e quatro ternos. Poderia até tirar umas férias por uns tempos, sem me preocupar em estar perdendo um caso. Mas é muito bom. Por que está me oferecendo o dinheiro? Posso continuar sendo um filho de uma cadela ou devo me transformar em um cavalheiro, como aquele pau d'água que desmaiou no carro na noite de anteontem?

Ela permaneceu tão silenciosa como se fosse feita de pedra.

— Tudo bem — continuei, com uma voz pesada. — Você pode interná-la? Em algum lugar bem longe daqui em que eles saibam como lidar com gente do tipo dela, onde eles mantenham revólveres e facas e estranhas beberagens longe dela? Que inferno, ela pode até ser curada, você sabe. Já fizeram isso antes.

Ela se levantou e caminhou lentamente até as janelas. As cortinas se amontoavam em pesadas dobras de marfim ao lado de seus pés. Ela parou entre as dobras amontoadas e olhou para fora, na direção das tranquilas serras semiobscurecidas. Ela continuou parada, imóvel, quase se mesclando às cortinas. Suas mãos estavam caídas ao lado do corpo. Mãos totalmente imóveis. Ela girou nos calcanhares, atravessou toda a sala e passou por mim cegamente. Depois que ela tinha passado por mim, respirou fundo e falou:

— Ele está dentro do poço de drenagem — ela disse. — Uma coisa horrível e apodrecida. Eu fiz o que você disse. Fiz justamente como você contou. Fui pedir ajuda a Eddie Mars. Ela chegou em casa e me contou o que tinha feito, como uma criança mal-comportada. Ela não é normal. Eu sabia que a polícia ia tirar a história toda dela. Dentro de algum tempo, ela era capaz até de se gabar do que fizera. E se papai soubesse, ele chamaria a polícia no mesmo momento e lhes

contaria a história inteira. E, em algum momento dessa mesma noite, ele morreria. Não me importa tanto o fato de ele morrer — e sim as coisas em que estaria pensando um pouco antes de morrer. Rusty não era um sujeito mau. Eu não o amava. Ele era um cara legal, acho eu. Só que ele não significava nada para mim, fizesse o que fizesse, vivo ou morto, em comparação com a necessidade de evitar que a história chegasse ao conhecimento de papai.

— E aí você deixou que ela continuasse à solta — disse eu. — Que continuasse se metendo em outras confusões.

— Eu estava jogando para conseguir mais tempo. Só isso, queria ganhar tempo. Joguei as cartas erradas, naturalmente. Eu pensei que ela mesma poderia até esquecer a coisa. Ouvi dizer que eles esquecem as coisas que ocorrem durante esses ataques. Pode ser que ela até tenha esquecido. Eu sabia que Eddie Mars ia me sangrar até tirar todo o meu dinheiro, mas nem ligava. Eu precisava de ajuda e as únicas pessoas dispostas a ajudar em um caso desses eram as de sua laia. Houve tempos em que eu mesma mal acreditava no que tinha acontecido. E houve outras ocasiões em que eu precisava me embriagar bem depressa. Não importava a hora do dia. Só tinha de tomar um porre o mais depressa que fosse possível.

— Leve-a para uma instituição — disse eu. — E faça isso o mais depressa que for possível.

Ela ainda estava de costas para mim. Desta vez falou com delicadeza:

— E quanto a você?

— Quanto a mim, nada. Vou embora. Eu lhe dou três dias. Se dentro de três dias você a tiver levado para alguma parte, tudo bem. Se não tiver feito nada, conto a história toda. E não pense, nem por um momento, que não pretendo fazer exatamente isso.

Ela se virou subitamente.

— Não sei o que lhe dizer. Não sei nem como começar.

— Então não diga nada. Tire ela daqui e leve para um lugar onde será vigiada a cada minuto. É uma promessa?

— Eu prometo. E Eddie...

— Esqueça de Eddie. Eu vou visitá-lo depois que tiver descansado um pouco. Deixe que eu sei como dar um jeito em Eddie.

— Ele vai tentar matá-lo.

— É, tentar ele vai. Mas o melhor pistoleiro que ele tinha não conseguiu. Vou ter cuidado com os outros. Norris sabe?

— Ele jamais contará.

— Achei que ele soubesse.

Separei-me rapidamente dela, atravessei a sala, cruzei a porta e segui pela escadaria azulejada até o saguão da casa. Não vi ninguém quando saí. Encontrei meu chapéu sozinho desta vez. Do lado de fora, os jardins brilhantes tinham um



aspecto assombrado, como se pequenos olhos selvagens me estivessem espiando de trás dos arbustos, como se a própria luz do sol tivesse alguma coisa misteriosa e arredia. Entrei em meu carro e desci a colina.

Que importância tem o lugar em que fica seu corpo depois que você está morto? Em uma poça de água suja ou em uma torre de mármore no alto de uma colina verdejante? Você está morto, está dormindo o grande sono, o sono eterno, e não se perturba com coisas assim. Para você, petróleo e água são a mesma coisa que o vento e o ar. Você simplesmente dorme o sono eterno, não se importa com as circunstâncias desagradáveis da maneira como morreu ou onde seu corpo caiu. Eu agora fazia parte das circunstâncias desagradáveis. Fazia parte muito mais do que Rusty Regan fizera.

Mas o velho não precisava saber de nada. Ele podia continuar deitado em sua grande cama de dossel, com suas mãos exangues cruzadas sobre o lençol, esperando. Seu coração era um murmúrio breve e incerto. Seus pensamentos eram da cor das cinzas. E dentro de muito pouco tempo, ele, também, como Rusty Regan, estaria dormindo o sono eterno.

A caminho do centro, parei em um bar e tomei duas doses duplas de uísque escocês. Não me fizeram nenhuma diferença. Só me fizeram pensar na Peruca de Prata, e eu nunca mais tornei a vê-la.